



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Carla Cristina Real Vieira de Andrade

Percursos estudantis de mobilidade acadêmica internacional: um estudo exploratório sobre experiências dos estudantes do Instituto Federal de Alagoas



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Carla Cristina Real Vieira de Andrade

Percursos estudantis de mobilidade acadêmica internacional: um estudo exploratório sobre experiências dos estudantes do Instituto Federal de Alagoas

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Ciências da Educação
Área de especialização em Sociologia da Educação e Políticas Educativas

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor Doutor José Augusto Palhares

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações
CC BY-NC-ND

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me conceder saúde e sabedoria para seguir sempre em frente. A ti, Senhor, toda honra e toda a glória.

Ao professor Doutor José Augusto Palhares, pela oportunidade de tê-lo como orientador deste trabalho, por toda a paciência e sentido prático com que me conduziu para a finalização desta dissertação.

Aos professores do Mestrado em Educação da UMinho: Licínio Lima, Almerindo Afonso, Leonor Torres e Fátima Antunes, que abriram muitas portas para novos conhecimentos.

Aos meus colegas do mestrado, do Brasil e de outros países, pela convivência em grupo, pela chance de aprender sobre diferentes culturas.

À minha família, pelo apoio incondicional em todos os momentos da minha vida.

Ao meu marido, que não imaginava que atravessando a rua eu iria tão longe.

Aos meus filhos, pela compreensão da minha ausência durante toda a caminhada.

À minha amiga e comadre Antonise, pelo incentivo e revisão textual, feita com todo carinho e generosidade.

Aos estudantes do Ifal que colaboraram com minha pesquisa, sempre dispostos a atender às minhas necessidades com tanto carinho e atenção.

Ao Ifal, por me proporcionar, através do convênio com a UMinho, uma realização pessoal.

À UMinho, pela oportunidade de crescimento científico e profissional.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Percursos estudantis de mobilidade acadêmica internacional: um estudo exploratório sobre experiências dos estudantes do Instituto Federal de Alagoas.

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo analisar os percursos estudantis de mobilidade acadêmica internacional de sete alunos do Instituto Federal de Alagoas (Ifal) evidenciando suas experiências no exterior, a fim de constatar a aquisição de um capital simbólico, o capital cultural/conhecimento. O processo de internacionalização está cada vez mais evidente na educação superior. Nos Institutos Federais, embora muito se tenha avançado, é uma lacuna que carece de trabalhos para fortalecer e ampliar as atividades de ensino, pesquisa, extensão e inovação que vão além das fronteiras geográficas e linguísticas, por meio de diferentes formas de se internacionalizar. Diante do contexto da globalização, torna-se necessário entender os desafios que permeiam este processo por meio de políticas públicas que possibilitem as iniciativas de relacionamento com instituições estrangeiras, ampliando a visibilidade e competitividade no âmbito da educação profissional, tecnológica, pública e de qualidade. Assim, ao analisar a trajetória desses alunos, pretende-se entender o desejo de se querer estudar fora do país, os desafios enfrentados antes, durante e depois da viagem. Além disso, perceber os ganhos pessoais, profissionais e acadêmicos que esses alunos trazem ao retornar ao país. Em se tratando de uma mobilidade acadêmica internacional deliberada pela instituição de ensino, há de se levar em conta como é o compartilhamento das experiências trazidas pelos estudantes para que os proveitos não sejam somente pessoais, mas, institucionais, favorecendo todos que compõe o Ifal. A metodologia deste trabalho recorre ao método do estudo de caso, com abordagem qualitativa numa pesquisa exploratória realizada por meio da técnica da entrevista com perguntas semiestruturadas. A análise dos dados recolhidos está estruturada em cinco dimensões, a saber: Acolhimento/adaptação cultural, Ensino, Pontos negativos da mobilidade, Pontos positivos da mobilidade e Cidadania Global. Essas dimensões, alcançadas por meio das respostas dos entrevistados, possibilitaram responder aos objetivos desta dissertação, identificando os motivos pelos quais os alunos querem fazer mobilidade acadêmica internacional, mesmo com várias dificuldades enfrentadas, tendo em vista a troca de experiências e conhecimentos acerca da globalização do mercado de trabalho, bem como a ampliação da capacidade de compreender a diversidade cultural.

Palavras-chave: Globalização. Internacionalização da educação. Mobilidade Acadêmica Internacional.

Student pathways of international academic mobility: an exploratory study on the experiences of students at the Federal Institute of Alagoas.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the student pathways of international academic mobility of seven students at the Federal Institute of Alagoas (Ifal) evidencing their experiences abroad, in order to verify the acquisition of a symbolic capital, the cultural/knowledge capital. The internationalization process is increasingly evident in higher education. In the Federal Institutes, although much has been advanced, it is a gap that lacks work to strengthen and expand teaching, research, extension and innovation activities that go beyond geographic and linguistic borders, through different ways of internationalizing. Given the context of globalization, it is necessary to understand the challenges that permeate this process through public policies that enable relationship initiatives with foreign institutions, increasing visibility and competitiveness in the field of vocational, technological, public and quality education. Thus, in analyzing the trajectory of these students, it is intended to understand the desire to study abroad, the challenges faced before, during and after the trip. In addition, realize the personal, vocational and academic gains that these students bring when they return to the country. When it comes to an international academic mobility deliberated by the educational institution, it is necessary to take into account the sharing of experiences brought by students so that the benefits are not only personal, but institutional, favoring everyone who makes up Ifal. The methodology of this work uses the case study method, with a qualitative approach in an exploratory research carried out through the interview technique with semi-structured questions. The analysis of the collected data is structured in five dimensions, namely: Welcoming/cultural adaptation, Teaching, Mobility's negative points, Mobility's positive points and Global Citizenship. These dimensions, achieved through the interviewees' answers, made it possible to respond to the objectives of this dissertation, identifying the reasons why students want to undertake international academic mobility, despite the various difficulties faced, with a view to exchanging experiences and knowledge about the globalization of labor market, as well as the expansion of the capacity to understand cultural diversity.

Keywords: Globalization. Internationalization of Education. International Academic Mobility.

ÍNDICE GERAL

	Pág.
DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS.....	ii
AGRADECIMENTOS.....	iii
DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE.....	iv
RESUMO.....	v
ABSTRACT.....	vi
ÍNDICE GERAL.....	vii
ÍNDICE DE QUADROS, FIGURAS E GRÁFICOS.....	x
SIGLÁRIO.....	xi
INTRODUÇÃO.....	1
Introdução.....	2
CAPÍTULO I - Globalização, Educação e Políticas Educativas.....	9
1. Apresentação.....	10
1.1 Conceituando globalização.....	10
1.2 Entendendo a Globalização na Educação.....	20
1.3 Entendendo Política Pública e Política Educativa.....	24
CAPÍTULO II – Internacionalização na educação - capacidade de partilha e de aquisição de conhecimento.....	29
2. Apresentação.....	30
2.1 Entendendo a Internacionalização na Educação Superior.....	31
2.2 Internacionalização da Educação Superior no Brasil.....	42
2.3 A internacionalização no contexto dos Institutos Federais.....	47
2.4 A internacionalização no Ifal.....	51
2.4.1 O Ifal e a coordenação de Relações Internacionais.....	51
2.4.2 A mobilidade acadêmica no Ifal.....	53
CAPÍTULO III - Orientações Metodológicas.....	56
3. Apresentação.....	57

3.1 Pertinência da escolha do tema.....	57
3.2 Tipo de Pesquisa.....	58
3.3 Participantes na Pesquisa.....	60
3.4 Coleta de dados.....	61
3.5 Categorias de análise.....	62
3.6 Critérios da análise dos dados.....	63
CAPÍTULO IV - Estudantes do Ifal: vozes e experiências de mobilidade acadêmica.....	66
4. Apresentação.....	67
4.1 Informações da instituição receptora.....	67
4.2 Informações preliminares dos entrevistados.....	68
4.3 Vozes dos entrevistados.....	70
4.3.1 Percepções iniciais sobre a mobilidade acadêmica.....	71
4.3.2 Acolhimento/adaptação cultural.....	75
4.3.3 Ensino.....	78
4.3.4 Pontos Negativos.....	88
4.3.5 Pontos Positivos.....	89
4.3.6 Cidadania Global.....	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
Considerações Finais.....	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	98
Referências bibliográficas.....	99
APÊNDICES.....	107
Apêndice I - Instrumento de Coleta de Dados para a Pesquisa com Perguntas Semiestruturadas.....	108
Apêndice II - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	109
Apêndice III - Termo de Responsabilidade e Compromisso do Pesquisador.....	111
Apêndice IV - Declaração de Isenção de Conflito de Interesse.....	112
Apêndice V - Transcrições das Entrevistas.....	113
Apêndice VI - Categorização das Perguntas.....	176

ANEXOS.....	185
Anexo I - Declaração para autorização da recolha de dados no campo da pesquisa.....	186
Anexo II - Declaração autorizando a realização da pesquisa no Instituto Federal de Alagoas.....	187
Anexo III – Declaração do Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa.....	188
Anexo IV – Declaração autorizando o uso do nome da Instituição.....	192

ÍNDICE DE QUADROS, FIGURAS E GRÁFICOS

Quadros

Quadro 2.1: País de Destino do Bolsista Ciência sem Fronteiras

Quadro 3.1: Categorias, Subcategorias e Perguntas da entrevista

Quadro 4.1: Caracterização dos entrevistados

Quadro 4.2: Quantitativo de Laboratório por *campus*

Quadro 4.3: Laboratórios por *campi* e cursos

Quadro 4.4: Titulação dos docentes efetivos do Ifal

Figuras

Figura 2.1: Formas de internacionalização da educação superior

Figura 2.2: Crescimento de matrículas de estudantes internacionais da educação superior no mundo entre 1998 a 2018.

Figura 2.3: Distribuição de estudantes estrangeiros por região de origem (2018)

Figura 2.4: Bolsas Implementadas pelo CsF de acordo com as regiões do Brasil

Figura 2.5: Internacionalização documentada pela instituição

Figura 2.6: Relação de MOUs com projetos de cooperação assinados

Figura 2.7: Itens de estrutura existente para o setor de internacionalização

Gráficos

Gráfico 4.1: Valor do Euro/Real de janeiro/2018 a julho/2021

SIGLÁRIO

AFS - *American Field Service*, em português, AFS Intercultura Brasil

AGEE - Agenda Globalmente Estruturada para a Educação

BM - Banco Mundial

Brexit - *Britain Exit*, em português, saída do Reino Unido da União Europeia

CAPES - Coordenação de Pessoal de Nível Superior

CEPE - Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão

CEMC - Cultura Educacional Mundial Comum

Conif - Conselho de Reitores dos Institutos Federais

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

COVID - *Corona Virus Disease*, em português, Doença do corona vírus

CRI - Coordenação de Relações Internacionais do Ifal

CsF - Ciência sem Fronteiras

DOU – Diário Oficial da União

ECTS - *European Credit Transfer and Accumulation System*, em português, Sistema Europeu de Transferência e Acumulação de Créditos

EU - *European Union*, em português, União Europeia

FMI – Fundo Monetário Internacional

Forinter - Fórum de Relações Internacionais

GRIAL - Grupo de Relações Internacionais de Alagoas

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IES - Instituição de Ensino Superior

Ifal – Instituto Federal de Alagoas

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

IPB – Instituto Politécnico de Bragança

IPP – Instituto Politécnico de Porto

IQRP - *International Quality Review Process*, em português, Processo de Revisão da Qualidade da Internacionalização

IsF - Idiomas sem Fronteiras

MEC - Ministério da Educação

MEO- My English Online, em português, Meu Inglês Online

MOU - Memorandum of Understanding, em português, Memorando de Entendimento

OCDE - Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Económico

ODS - objetivos do desenvolvimento sustentável

ONU – Organizações das Nações Unidas

PDI - Plano de Desenvolvimento Institucional

PEC-G - Programa Estudantes Convênio de Graduação

PISA *Programme for International Student Assessment*, em português, Programa Internacional da Avaliação do Estudante

PRPPI - Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação

RFEPCT - Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica

SETEC - Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica

SIDA - Síndrome da Imunodeficiência Humana Adquirida

Sinaes - Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior

TOEFL ITP - Test of English as a Foreign Language- Institutional Testing Program, em português Teste de Inglês como uma língua estrangeira- Programa de teste institucional

UNCISAL - Universidade de Ciências da Saúde de Alagoas

Unesco - *The United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*, em português, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UFAL - Universidade Federal de Alagoas

Introdução

Esta dissertação, com o tema: Percursos estudantis de mobilidade acadêmica internacional: um estudo exploratório sobre experiências dos estudantes do Instituto Federal de Alagoas, apresenta a trajetória de sete estudantes, quando fizeram a mobilidade acadêmica em Portugal. O objetivo é constatar, não só o que mudou na vida deles, as percepções que eles têm do ensino, o processo de internacionalização do Ifal, mas, sobretudo, o ganho que esses estudantes tiveram numa experiência estrangeira.

O mestrado, que finaliza com esta dissertação, sendo realizado em uma universidade portuguesa, colaborou para a compreensão do contexto em que esses alunos, participantes desta pesquisa, estavam inseridos durante a mobilidade acadêmica internacional.

Procura-se atender as dimensões macro, meso e micro da internacionalização da educação no Brasil. No nível macro, por meio de análise e entendimento de políticas educativas, com foco na internacionalização propostas pelo governo brasileiro, mediante a implementação de programas como, por exemplo, o Ciência sem Fronteiras; meso, intuindo como as ações de internacionalização implementadas, ou em fase de implementação, afetam a instituição dos estudantes entrevistados; e, micro, compreender as percepções e o impacto na vida desses estudantes que fizeram a mobilidade acadêmica internacional.

Percebe-se o grande interesse por parte dos alunos e das instituições de ensino em adquirir o capital conhecimento através da internacionalização. O mercado profissional está extremamente competitivo e, com isso, surgem novas exigências dos profissionais que precisam desenvolver diferentes competências comunicativas e relacionais, capacidade de compreender e se posicionar diante do mundo, de conviver e acolher as diversidades para atuar e se adaptar em qualquer parte do planeta.

Diante disto, este trabalho se justifica no atual cenário político, econômico e social, considerando que as instituições de ensino precisam atender à demanda deste processo e os resultados poderão ajudar a formular políticas que vislumbrem um maior aproveitamento da mobilidade para a instituição, na qual os estudantes da pesquisa estão inseridos, poder acompanhar a evolução do mundo moderno e, principalmente, entender as consequências e/ou expectativas dos alunos nessa jornada.

Para se analisar esse tema, é necessário um aprofundamento nas transformações sociais que vem ocorrendo no mundo com a globalização, sobretudo no campo cultural e educacional. A educação, na era da globalização, é sustentada como um parâmetro curricular comum. Sem julgar que desta premissa fortalece um modelo de sociedade desigual e excludente, sustentada por um modelo econômico.

O foco deste trabalho é de pesquisar o conhecimento adquirido na mobilidade acadêmica internacional como forma de capital conhecimento e suas nuances nos fatores pessoais, acadêmicos e profissionais. Segundo Bourdieu (2013, p.113), “todo capital, sob qualquer forma que se apresente, exerce uma violência simbólica assim que é reconhecido, ou seja, desconhecido em sua verdade de capital, e impõe-se como autoridade exigindo reconhecimento”. Ainda em Bourdieu (2013), constata-se que capital simbólico consiste em capital, seja ele econômico, cultural e social, em termos de reconhecimento ou de valor social, na medida em que é representado, ou seja, poder atribuído àqueles que obtiveram reconhecimento suficiente para ter condições de impor o reconhecimento. Nesse sentido, o “estudar no exterior” sinaliza que há um ganho de capital reconhecido, que muitos querem obter.

Para compreender a internacionalização na educação, é necessário entender como a globalização influi nas políticas públicas, principalmente, por meio de mecanismos de avaliação pelas instituições internacionais na tentativa de homogeneizar a educação e tratá-la num viés mercadológico. Afonso (2001, p. 37) explica a relação entre mercado e educação, apontando a influência da globalização sobre as políticas de estado. O autor ressalta as pressões competitivas que a educação sofre com estes mecanismos de avaliação pelo mercado e frisa que os estudantes passam a ser vistos como clientes “e subordinando os direitos sociais às lógicas da eficácia e da eficiência”. Morosini (2006) corrobora constatando as avaliações da educação pelos organismos internacionais como uma maneira de intervenção do mercado se sobrepondo à concepção de educação como bem público. A autora depreende que “a universidade adquire um valor máximo e a concepção de liberdade acadêmica, símbolo da intocabilidade do ensino superior, passa a sofrer impacto” (p.112).

Sobrinho (2005) esclarece que a globalização está em todos os lugares, modificando o modo de vida da sociedade, seja alterando conceitos, incentivando a mobilidade ou aumentando a difícil arte de viver em sociedade. Neste sentido, Sobrinho (2005) clarifica que a globalização não é uma internacionalização, “trata-se de um fenômeno muito mais complexo e plurirreferencial” (p. 165). O autor faz uma ligação da globalização com a educação superior, expondo que, com alguma controvérsia, a universidade deve se adequar às transformações de mercado, mas, inegavelmente, o papel fundamental da mesma é de “elaborar uma compreensão ampla e fundamentada relativamente às finalidades e transformações da sociedade” (Sobrinho, 2005, p. 165).

Globalização é um processo de integração entre as regiões do planeta que está sempre em evolução e transformação, devido ao desenvolvimento dos meios tecnológicos de informação e comunicação e de transportes. Entende-se que este processo teve início a partir da expansão marítimo-

comercial europeia e tem evoluído substancialmente com as transformações tecnológicas ocorridas ao longo dos séculos.

A globalização se manifesta nos mais diversos setores da sociedade, como: político, econômico, social e cultural. Alguns autores vêm estudando estas ocorrências na vida das pessoas e afirmam que é um processo sem volta. Bauman (1999) defende que a globalização tanto divide como une, abrindo um fosso cada vez maior entre os países, e corrobora a ideia de ser irreversível. Para Beck (1999), a sociologia passa a ver a vida humana de uma outra forma depois da intensificação da globalização. Beck (1999, p. 31, aspas no original) admite que:

nada que venha a acontecer em nosso planeta será um fenômeno espacialmente delimitado, mas o inverso: que todas as descobertas, triunfos e catástrofes afetam a todo o planeta, e que devemos redirecionar e reorganizar nossas vidas e nossas ações em torno do eixo “global-local”.

Como que profetizando o que tem acontecido com o planeta, em especial nesses últimos anos com a disseminação de um vírus em todos os países, caracterizando uma pandemia, o autor em questão defende que a globalização é um processo complexo em que a dimensão econômica comanda as outras dimensões, relativas à ecologia, à cultura, à política e à sociedade civil, por exemplo.

Empenha-se em explicar a globalização na relação entre: tempo – espaço – informação. Como sugere Bauman (1999), a distância espacial parece estar dizimada com o desenvolvimento dos meios de transporte; o tempo, é relativo à liberdade de movimento e; a informação, é marcada pelo progresso constante dos meios de comunicação. Bauman (1999), destaca:

As distâncias já não importam, ao passo que a ideia de uma fronteira geográfica é cada vez mais difícil de sustentar no “mundo real”. Parece claro de repente que as divisões dos continentes e do globo como um todo foram função das distâncias, outrora impositivamente reais devido aos transportes primitivos e às dificuldades de viagem. [...] a “distância” é um produto social; sua extensão varia dependendo da velocidade com a qual pode ser vencida (e, numa economia monetária, do custo envolvido na produção na produção dessa velocidade). Todos os outros fatores socialmente produzidos de constituição, separação e manutenção de identidades coletivas – como fronteiras estatais ou barreiras culturais – parecem, em retrospectiva, meros efeitos secundários dessa velocidade. (Bauman, 1999, p. 19, aspas no original)

Outro fator que será explorado no decorrer desta dissertação é a desigualdade que a globalização tem causado na sociedade, dividindo classes sociais em ricos e pobres, Norte e Sul, tanto no setor econômico, racial e atualmente, digital. Relacionando a globalização com a educação, Sobrinho (2005, p. 166) comenta:

Desta forma, está feita a divisão internacional entre os que produzem e controlam o uso dos conhecimentos e, na outra ponta, aqueles que não têm meios para produzir conhecimentos e muito menos podem receber seus benefícios. Os que têm o poder do

conhecimento como capital de base também têm o poder de proteger sua posse e seus benefícios, por leis e instâncias que garantem o direito de propriedade e determinam os usos. Têm também a competência de definir quais são os conhecimentos que têm valor - especialmente no sentido de valor de mercado.

No que se refere à internacionalização, recorrem-se à vários autores, nacionais e internacionais, na tentativa de elucidar as questões mais subjacentes ao tema, principalmente apresentando formas distintas de internacionalização que, na realidade, se complementam para trazer bons resultados nas instituições de ensino.

Internacionalização é um conceito complexo e, muitas vezes, está relacionada com mobilidade. Para Knight (2004), o termo internacionalização é usado de maneiras diferentes por países e depende das partes interessadas. Por exemplo, a autora em questão, elenca que internacionalização pode ser compreendida como: mobilidade acadêmica para estudantes e professores, parcerias internacionais, colaboração em pesquisas por instituições internacionais, abertura de filiais em países estrangeiros, comércio no ensino superior, etc. Porém, enfatiza que: “para muitos, significa a inclusão de um conceito internacional, intercultural e/ou dimensão global no currículo e no processo de ensino-aprendizagem”. (Knight, 2004, p. 6, tradução livre da autora)

Com os estudos do tema, entende-se que o desejo de trocar informações entre as universidades estrangeiras se remota há tempo, na ânsia de intercambiar o conhecimento entre os estudantes e professores, a mobilidade se fazia presente. De acordo com Stallivieri (2017a, p. 17), “desde o início, as características cosmopolitas formaram as universidades e estudantes como peregrinos, desenvolvendo seus estudos e obtendo seus diplomas de diferentes instituições no caminho de volta para casa”.

Percebe-se que assim como a globalização, a internacionalização também não acontece de forma homogênea nos países. As autoras, Adriana de Oliveira e Maria Ester de Freitas (2016) trazem um recorte da diferença do processo de internacionalização nos países centrais e periféricos. Elas pontuam que, enquanto nos países centrais, a internacionalização faz parte de uma Política de Estado, efetivada pelas universidades e agências governamentais, nos países periféricos e semiperiféricos há uma dificuldade para a implementação dessas políticas públicas, uma vez que a sociedade clama por outras necessidades mais emergenciais.

Nogueira (2013) corrobora ao afirmar que grande parte dos alunos de países “do sul” fazem mobilidade para países “do norte”, poucos alunos fazem a mobilidade “norte- norte” e pouquíssimos fazem a mobilidade “sul-sul”. Este detalhe chama a atenção porque os alunos que são objetos de estudo desta dissertação, fizeram a mobilidade “sul-norte”, mesmo considerando o alto valor gasto com as despesas e a distância de casa. As explicações de norte e sul serão apresentadas no trabalho.

O resultado, que as autoras citadas até aqui (Nogueira, 2013; Oliveira & Freitas, 2016) é de que os motivos de se buscar o capital simbólico com a mobilidade acadêmica internacional é para aquisição cognitiva, autonomia e enriquecimento pessoal.

O que se pretende, nessa dissertação, é mostrar que a trilha dos alunos de uma classe econômica menos favorecida, que são de uma região do Brasil em que a realidade do ensino superior é diferente da realidade tratada nas pesquisas das autoras citadas logo acima, e onde a mobilidade acadêmica internacional não é uma prática comum, também têm esses mesmos objetivos, delineando o percurso acadêmico dos alunos objeto de estudo.

Em se tratando que a internacionalização da educação superior tem crescido no Brasil nos últimos anos, e que é, inquestionavelmente, um tema que tem gerado discussões nos meios acadêmicos, tendo em vista sua relevância, entender como, o porquê, onde, etc., esse processo acontece, dá-se um respaldo científico, como evidenciam as autoras Oliveira e Freitas (2016, p. 219):

acreditamos que a leitura interpretativa de experiências possibilita um maior aprofundamento sobre o significado e o processo de escolha da mobilidade internacional, o que pode se constituir em potencial subsídio para definição de diretrizes acadêmicas e incentivos para a população universitária.

Um outro ponto que merece destaque para esta dissertação é a posição da instituição de ensino da qual os alunos fazem parte. Nogueira (2013) destaca que as principais iniciativas das escolas que projetam um destaque para a internacionalização são: a) ênfase no ensino de línguas estrangeiras; b) adoção de projetos curriculares bilíngues e; c) promoção de viagens ao exterior. A autora pontua as diversas práticas que as escolas fazem para atender os pais e os alunos para a demanda da internacionalização, o que gera um dinamismo na preparação dos alunos que lá estudam.

Surge, desta forma, mais um motivo para se concluir que a internacionalização constitui um novo capital simbólico, muitas vezes chancelado pela escola, (contrariando o conceito de escola para todos) e legitimando as diferenças de classes sociais.

Com esta premissa, analisa-se, mesmo que indiretamente, o arcabouço da instituição envolvida para ratificar o posicionamento de Alice Nogueira (2013), verificando se a internacionalização faz parte do planejamento estratégico, se as ações trazem ganhos para a instituição e como se dá o processo de internacionalização com toda a sua comunidade, alunos, professores, técnicos administrativos e gestão.

Partindo do objetivo geral dessa dissertação, que consiste em investigar qual impacto a mobilidade acadêmica internacional causa na vida pessoal, acadêmica e profissional desses alunos no regresso ao seu país levando em conta os aspectos sociais, têm-se como objetivos específicos: (i) identificar os

motivos pelos quais os alunos querem fazer mobilidade acadêmica internacional; (ii) identificar as dificuldades enfrentadas pelos alunos durante a mobilidade acadêmica; (iii) descrever como os alunos reinvestem as experiências de mobilidade acadêmica nas suas comunidades após regresso ao seu país.

À vista dos objetivos deste trabalho, algumas hipóteses nortearam o desenvolvimento da investigação, são elas: a) a mobilidade acadêmica influencia positivamente na vida pessoal, acadêmica e profissional dos alunos; e b) a mobilidade atende às necessidades e expectativas dos alunos. Dado o seu interesse sociológico, procura-se, neste trabalho, sempre que possível, fazer uma aproximação à ideia de que a mobilidade internacional tem um ganho no capital cultural dos estudantes. A pertinência desta hipótese permanece apenas latente na abordagem que se fez aos dados, deixando para ulteriores oportunidades investigativas à exploração heurísticas deste postulado.

Diante do exposto, no primeiro capítulo, inicia-se pela globalização, conceituando e apresentando ganhos e prejuízos, identificando os processos de globalização. Passa-se para a globalização na educação, entendendo as nuances de como a educação é abordada pelos países. Encerra-se o capítulo com as políticas públicas, apontando que são fundamentais para a implantação da internacionalização na educação.

No segundo capítulo, discorre-se sobre a internacionalização. Primeiramente, discute-se acerca do conceito de internacionalização e revelam-se as diversas formas de internacionalizar-se. Depois, expõe-se a internacionalização na educação superior no Brasil, apresentando dados e comentando sobre programas nacionais com o intuito de disseminar a internacionalização nas instituições de ensino. Logo após, mostra-se como a internacionalização ocorre nos Institutos Federais, divulgando importantes dados para que se possa entender os desafios enfrentados. Por fim, revela-se como a internacionalização acontece no Instituto Federal de Alagoas, apontando o que se fez e o que se tem feito até os dias atuais para, assim, tratar do objeto de estudo, que é a trajetória dos alunos que fizeram a mobilidade acadêmica internacional.

No terceiro capítulo são mencionados os procedimentos metodológicos que conduzem esta pesquisa. Trata-se de um estudo de caso exploratório, privilegiando a abordagem qualitativa e a técnica de entrevista, com perguntas semiestruturadas, para apreender as vivências e as experiências dos estudantes participantes no estudo.

O quarto capítulo é o desenrolar da pesquisa, consiste na análise e interpretação dos resultados. Descrevem-se as vozes dos entrevistados, tanto dos estudantes objeto de estudo, como de um responsável pela instituição de ensino em questão, a fim de fazer uma triangulação dos fatos, a saber: os dados, as respostas dos estudantes e esclarecimentos da instituição.

Por fim, nas considerações finais, procura-se fechar o trabalho, sem pretensão de se ter esgotado todos os meios para se esclarecer as hipóteses, mas de servir para futuros trabalhos e, contribuir, significativamente, para a ampliação do conhecimento no tocante ao processo de internacionalização no Instituto Federal de Alagoas, fomentando novas reflexões e futuras decisões estratégicas que possam, verdadeiramente, operacionalizar a internacionalização na instituição.

CAPÍTULO I - Globalização, Educação e Políticas Educativas

1. Apresentação

Um dos desafios colocados à sociedade moderna é viver num mundo globalizado, sem perder a essência do local e sem ficar de fora dos benefícios dos avanços tecnológicos. Há de se considerar vantagens e desvantagens, embora dependa do lado de quem analisa.

Os processos de globalização se expandem por todos os países, provocando transformações nos setores econômicos, políticos, culturais e sociais. Desta forma, neste primeiro capítulo trata-se de entender o conceito de globalização na multiplicidade de contextos em que tem sido utilizado, focando no campo educacional, embora a educação esteja imbricada na economia e na política dos países. Para tal, analisa-se alguns autores, sendo alguns controversos sobre a definição, e ainda mais diante, da instabilidade socioeconômica que o mundo se encontra nos tempos atuais.

Percebe-se, também, a necessidade de clarificar, teoricamente, o conceito de políticas públicas e como estas influenciam no objeto de estudo desta dissertação, que é a internacionalização da educação superior para, assim, se chegar ao ponto chave desse trabalho que é analisar os percursos de mobilidade acadêmica internacional de estudantes do Instituto Federal de Alagoas, o qual se dará ao longo desse trabalho.

Portanto, o presente capítulo estrutura-se em três partes. Na primeira, discutem-se o conceito e as características dos processos de globalização, dando ênfase à interação dos povos, por meio do desenvolvimento na área de comunicação, tecnologias de informação e transportes, num processo tido como desigual e injusto, dado às diferenças que estes ocorrem nas diversas partes do mundo. Na segunda parte, analisam-se algumas demandas que estabelecem o processo de globalização no ensino superior com a influência dos setores econômicos, políticos e sociais. E na terceira parte, apresenta-se o entendimento de políticas públicas, mostrando as diretrizes que permearão este estudo.

1.1 Conceituando globalização

Para conceituar o termo globalização, recorre-se a Antony Giddens (2001) que faz uma analogia à grande variedade de produtos do mundo inteiro que se vê num supermercado, reforçando a integração econômica, social, política e cultural entre as diferentes regiões do planeta e a interdependência entre as pessoas. Como refere Bauman (1999, p. 7, aspas no original), “para alguns, ‘globalização’ é o que devemos fazer se quisermos ser felizes; para outros, é a causa da nossa infelicidade. Para todos, porém, ‘globalização’ é o destino irremediável do mundo, um processo irreversível”. Certamente, os autores

estudados neste capítulo não chegam a uma definição exata do termo, uma vez que globalização, para a população e mídia, está ligada à área econômica e deveria satisfazer as áreas social, política e cultural, embora percebe-se que a economia esteja no cerne da questão. Sarfati (2005, p. 318), segundo ele mesmo diz, “sem a pretensão de ser definitiva”, define a globalização como:

o processo no qual as tradicionais barreiras entre os Estados caem, fruto do avanço tecnológico, que possibilita intensa troca de informações entre as pessoas no mundo. Esse fenômeno é observado virtualmente em todos os aspectos das relações humanas, incluindo não somente a economia, como também cultura, meio ambiente, educação, imprensa etc.

A integração dos povos foi possível pelo avanço na área de comunicação, das tecnologias da informação e o desenvolvimento do progresso dos transportes. Ou seja, a difusão da notícia informa as pessoas e o progresso dos transportes encurta distâncias, tornando o mundo global. Cabe aqui a compreensão espaço-tempo que tem significado diferente hoje em dia, em que as grandes distâncias deixaram de ser um obstáculo e a comunicação encurtou o tempo da notícia. Giddens (2001) menciona o “tempo real” e o “espaço virtual” como fatores que contribuem para a globalização; mais ainda, parece prever o momento de pandemia que se vive, atualmente, com o exemplo de duas pessoas em diferentes pontos do mundo, trocando informações simultaneamente.

De acordo com Silva (2017), com a globalização, houve uma redução da distância que é medida pelo tempo. Por exemplo, um quilômetro continua a ter um quilômetro, mas o tempo que se leva para percorrer uma certa distância se reduziu drasticamente. Embora a distância física permaneça, a distância real que as pessoas levam para se deslocar diminuiu bastante. Pode-se dizer ainda que, no caso da informação, já não existe distância alguma, é simultânea. Além disso, já não há mais uma única fonte, a informação é propagada por diferentes olhares. Contudo, o autor relaciona este ato com o fator sociológico e econômico, ou seja, a mobilidade (de pessoas ou de produtos) não é homogênea, nem todas as pessoas possuem recursos financeiros e nem habilidade para obter a informação e, muito menos, para se deslocar. Como resultado, surge um estrato da população que se torna refém deste processo, tornando-se pessoas imobilizadas em seus próprios lugares, enquanto outras pessoas usufruem do fluxo de bens, mercadorias, culturas, educação, promovidos pelo deslocamento entre os países. Como sugere Bauman (1999), a imobilidade, a desinformação ou o que o autor preconiza de informações que mostram o interesse dos mais favorecidos, “ajudam os habitantes locais a permanecerem locais, ao mesmo tempo que permitem aos globais viajar com a consciência limpa” (p. 84). O autor explica que os habitantes do primeiro mundo, a quem ele chama de pessoas com maior poder aquisitivo, vivem no tempo já que o espaço não importa, pois eles conseguem se deslocar facilmente; enquanto os do segundo mundo, a camada da sociedade com menos poder financeiro, vive

no espaço, um espaço resistente que amarra o tempo. Os avanços da sociedade criam uma conscientização da responsabilidade social global entre os indivíduos, trazendo uma noção de “que a responsabilidade social não acaba nas fronteiras nacionais, mas estende-se para lá delas” e a noção de identidade numa perspectiva global diminuindo o controle do estado-nação (Giddens, 2001, p. 56).

Não há um consenso de quando se iniciou esse processo, mas muitos autores acreditam que tenha sido a partir da expansão marítimo-comercial europeia, que vai além da conquista de territórios, quando o sistema capitalista iniciou sua expansão pelo mundo, transformando o mundo num amplo mercado. Como é um processo, está em constante evolução e transformação. A investigadora apoia-se em Sarfati (2005, p. 318) que reforça: “trata-se de um processo, pois, sempre que a tecnologia dá saltos, a tendência de aproximação é acelerada”. Entende-se que o mundo está cada vez mais globalizado, embora essa discussão não tenha fim, em conformidade com Silva (2017, p. 129), “o que está hoje consolidado pode ser amanhã desestruturado”. Recorre-se a Santos (2001a) para o entendimento de que o processo não é linear e nem tão pouco consensual, embora haja consenso no campo hegemônico, o que confirma as características dominantes da globalização. O autor esclarece que o consenso hegemônico se trata do ““consenso neoliberal” ou “Consenso de Washington” [...] que ele foi subscrito pelos Estado centrais do sistema mundial, o futuro da economia mundial, as políticas de desenvolvimento e especificamente o papel do Estado na economia” (p. 33, aspas no original). O autor clarifica que há “conflitos entre grupos sociais, Estados e interesses hegemônicos, por um lado, e grupos sociais, Estados e interesses subalternos, por outro” (p. 33). Ainda segundo Santos (2001a), atualmente, este consenso não tem a mesma força que antes por causa dos conflitos existentes no campo hegemônico e da luta do campo contra-hegemônico. Santos (2001a), adverte que globalização hegemônica é movida pelo capitalismo global, em que países como a Europa, a América do Norte e mais recentemente, o Japão e a China, exercem poder sobre o mundo. De acordo com o autor, um dos aspectos da nova economia mundial está no aparecimento de três grandes capitalismos transnacionais:

o americano, baseado nos EUA e nas relações privilegiadas deste país com o Canadá, o México e a América Latina; o japonês, baseado no Japão e nas suas relações privilegiadas com os quatro pequenos tigres e com o resto da Ásia; e o europeu, baseado na União Europeia e nas relações privilegiadas desta com a Europa de Leste e com o Norte de África. (Santos, 2001a, p. 35)

Pensando de uma maneira otimista, a globalização poderia ser uma interação entre os diferentes países, uma constante troca nas mais diversas áreas, incluindo costumes, hábitos e mercadorias culturais, embora na prática, não é isso que ocorre. De acordo com Silva (2017, p. 128), “a globalização económica tem de facto produzido a maior marginalização do que não tem integrado”. Bauman (1999, p. 8) adverte que “a globalização tanto divide como une; divide enquanto une — e as

causas da divisão são idênticas às que promovem a uniformidade do globo”. A globalização mostra a assimetria entre os países ricos e pobres, entre o Norte e Sul¹, em todas as formas, como econômica, social, política e constatado nos tempos atuais, a digital. Segundo Sobrinho (2005, p. 166, aspas no original), “‘Inferricos’ e ‘infopobres’ também são expressões que definem a dualidade do mundo.”

Há aspectos positivos e negativos na globalização que devem ser considerados. Como em todo processo, há os dois lados da moeda. Dessa forma, quando se vê uma celebração típica americana sendo comemorada no Brasil, por exemplo, pode-se perceber a integração cultural incorporando outros aspectos na cultura do país, um aspecto positivo de conhecimento cultural. Como lado negativo, intui-se que a prática tenta impregnar valores morais e outros princípios que desvalorizem a cultura local, com o objetivo de obedecer a uma ideologia dominante, achando que a cultura de outro país é a melhor, ou a correta. Com isto, fala-se de uma hegemonia em que os países centrais exercem um controle ou uma influência sobre os países semiperiféricos e periféricos. É como se fosse o maior ditando as regras para o menor, o que passa a exigir reflexões na vida da sociedade. Santos (2001a) reforça que no domínio cultural, os fenômenos culturais só são interessantes, quando são rentáveis. Quanto ao desenvolvimento, subdesenvolvimento, países centrais e periféricos, mesmo não sendo o objeto principal deste estudo, recorre-se a Sunkel (2000, p. 529), “que o subdesenvolvimento e o desenvolvimento são duas faces de um processo universal”, e explica as duas polarizações do mundo:

por um lado, a dos países industrializados, avançados, desenvolvidos e centrais e os países subdesenvolvidos, atrasados, pobres, periféricos e dependentes; e por outro, uma polarização, dentro dos países, em espaços, grupos sociais e atividades avançados e modernos, e em espaços, grupos e atividades atrasados, primitivos, marginalizados e dependentes.

Contudo, Giddens (2001) informa que há autores os quais compactuam com essa concepção de que a globalização é “uma forma de ‘imperialismo cultural’, em que os valores, os estilos e as perspectivas ocidentais são divulgados de modo tão agressivo que suprimem as outras culturas nacionais” (p. 64, aspas no original), enquanto outros autores afirmam que a globalização traz diversidades culturais, somando outras culturas com as próprias das comunidades locais. Segundo críticos da globalização, o processo foi construído tendo como base o modelo europeu, considerando que a Europa constitui um conjunto de países com histórico de domínio na economia, na cultura e na política, com isto, impôs as regras frente aos outros países. Porém, Giddens (2006, p. 26) cita o modelo

¹ De acordo com Santos (2008, p. 28), “Por Norte entendo neste texto os países centrais ou desenvolvidos, quer se encontrem no Norte geográfico, quer no Sul geográfico, como sucede com a Austrália e a Nova Zelândia. Por contraposição, o Sul é o conjunto dos países periféricos e semi-periféricos.”

ocidental, “ocidentalização”, ou talvez a “americanização”, devido ao poderio econômico, político e militar dos Estados Unidos.

Giddens (2006) concorda que os países ocidentais exercem grande influência sobre os outros países, mas com a globalização, por se tratar de processo descentralizado, esta hegemonia pode ter um fim. Segundo o autor, os países não-ocidentais podem intervir na cultura e na economia de países ocidentais, citando os exemplos, “a latinização de Los Angeles, a emergência do setor de alta tecnologia de orientação global na Índia ou a venda de programas de televisão brasileiros a Portugal” (Giddens, 2006, p. 27).

Santos (2001) esclarece que entender globalização é uma tarefa complexa e, muitas vezes, mais confunde que esclarece. E é na confusão que se deve prestar atenção aos meios ideológicos e políticos de suas intencionalidades. O autor salienta duas intencionalidades: a primeira, a ambiguidade no determinismo na globalização, o qual esse autor explica que muitos pensam que “a globalização é um processo espontâneo, automático, inelutável e irreversível” que se fortalece para competir com qualquer interferência externa (p. 56). A esta ideia, o autor ressalta ainda que o errado é “transformar as causas da globalização em efeitos da globalização”, mas concorda que a globalização é “um conjunto de decisões políticas identificadas no tempo e na autoria” (p. 56).

Esse mesmo autor salienta que tudo é uma questão política, a adesão dos estados ao Consenso de Washington, a adoção da autonomia ou não por parte dos estados, a desregulamentação da economia, entre outros; na verdade, em se tratando de uma globalização hegemônica, são decisões dos estados nacionais. No entanto, Santos (2001b p. 10) esclarece que “o discurso sobre a globalização é o da história dos vencedores contada pelos próprios. Na verdade, a vitória é aparentemente tão absoluta que os derrotados acabam por desaparecer da cena”.

A segunda intencionalidade, de acordo com Santos (2001b), é a ideia errada de pensar no desaparecimento do Sul. Embora ele concorde com a concepção de Norte/Sul; na qual o Norte é constituído de países industrializados e o Sul, de países fornecedores de matérias-primas, pois ele não acredita que exista um conflito. Santos (2001a) reforça que na década de sessenta, a situação desses países começou a se alterar em relação às teorias da dependência.

A partir da década de oitenta, segundo Santos (2001a), começou a ficar diferente, configurando hoje num mundo “integrado numa economia global onde, perante a multiplicidade de interdependências, deixou de fazer sentido distinguir entre Norte e Sul” e finaliza esta premissa de que nem se configura mais centro, periferia e semiperiferia, informando que a globalização tem um “impacto uniforme em todas as regiões do mundo e em todos os setores” (p. 57).

Neste sentido, Santos (2001a) preconiza que não dá para sustentar esta ideia diante dos números que comprovam a diferença de produtividade e custos salariais entre os países. Confirma a posição de que há grandes diferenças entre países pobres e países ricos, mesmo com a liberalização dos mercados que desestruturou os processos de inclusão e exclusão. A relação entre estes processos é que determina se um país pertence ao Sul, ou ao Norte, ou mesmo ao centro, periferia e semiperiferia. O autor esclarece que países do Sul ou periféricos são países onde a economia se processou pela exclusão. Santos (2001a) pontua que embora as desigualdades entre os países tenham aumentado, perdeu-se a centralidade analítica dos fatos. Para ele, quando alguns autores se referem ao fim do Sul, estão analisando a partir do ponto de vista dos países centrais levando em conta suas realidades.

Diante dos ricos e vastos esclarecimentos sobre globalização feito por Boaventura de Sousa Santos, destaca-se o que ele estabelece de que para ser global, precisa ser local, ou seja, precisa ser acentuadamente local para ser atrativo globalmente (Santos, 2001a). No entanto, Bauman (1999), acrescenta que as pessoas, negócios, comércio, informação estão em dois lados, o da globalização e o da localização, mas não se escolhe o lado, é uma decisão forçada “o que para alguns parece globalização, para outros significa localização; o que para alguns é sinalização de liberdade, para muitos outros é um destino indesejado e cruel” (p. 8). Continuando, o autor reforça que a mobilidade é o valor mais cobiçado porque representa a liberdade de movimento e, nesta lógica, não se pode escolher entre ser global ou ser local, veem-se que as pessoas que têm a chance de ser global, “dão o tom” (Bauman, 1999, p. 8).

Ainda em Santos (2001a, 2001b), percebem-se quatro formas de globalização, o localismo globalizado, que consiste quando um determinado fenômeno local é globalizado com sucesso, como exemplo, destacam-se a língua inglesa como língua franca, o *fast food* americano; e o globalismo localizado, que compreende no impacto específico de práticas e imperativos transnacionais nas condições locais, as quais são desestruturadas e reestruturadas para atender a esses imperativos transnacionais, como exemplo, revela-se o uso turístico de tesouros históricos, o impacto do turismo na alimentação dos mais pobres. Santos (2001a, 2001b) explica que países centrais se especializam em localismos globalizados e países periféricos ficam com globalismos localizados e, os países semiperiféricos, caracterizam-se pelos dois modos e as tensões entre eles. Continuando com as duas formas restantes da globalização que Santos (2001a, 2001b) se refere, revela-se o cosmopolitismo, explicado pela resistência na defesa de interesses comuns, como exemplo, são citadas as organizações não governamentais, federação mundial de sindicatos, entre outros. E, por fim, o patrimônio comum da

humanidade, temas que só fazem sentido enquanto reportados ao globo na sua totalidade. Dentre os exemplos que o autor cita, destacam-se a camada de ozônio, a preservação da Amazônia.

Essas últimas formas de globalização que o autor realça, tiveram um grande desenvolvimento, mas também muitas resistências, especialmente o patrimônio comum da humanidade que tem recebido constantes ataques por parte de países hegemônicos.

Esta dissertação não poderia deixar de mencionar o momento que estamos vivendo, a pandemia de COVID 19. Destaca-se o ponto positivo da globalização, o avanço da ciência proporcionado pela troca de conhecimento, pela difusão de informação e de tecnologia para se chegar a um controle da doença; contudo, observam-se pontos negativos também, o país rico com poder de comprar as vacinas para imunizar a população, enquanto os mais pobres vão ficando para o fim da fila. Comprova-se o poder de barganha que os países com maior conhecimento científico e econômico têm em relação aos outros países, ou seja, a economia capitalista dita as regras do mercado, mesmo que seja para salvar a humanidade. Portanto, depende do lado que esteja para se opinar se é positivo ou negativo o processo de globalização.

Percebe-se que a globalização traz riscos, os quais são imprevisíveis e as consequências incalculáveis. Giddens (2001) ressalta que, antigamente, os riscos eram de natureza externa (terremoto, secas, tempestades); e, hoje em dia, advêm do homem, ou seja, da ação do homem na natureza, o que ele chama de “risco manufacturado” (p. 66). A tomada de decisão pessoal pode impactar em todo o resto, tendo consequências globais, dada a ideia de vivermos num “único mundo” (p. 66).

Em 2000, Boaventura de Sousa Santos publicou um artigo de opinião na revista semanal Visão, que alertava para os riscos de contaminação por mosquitos devido à globalização desenfreada, salientando a dominação e arrogância das classes dominantes sobre os oprimidos e explorados. No artigo, Santos (2000) destaca três ameaças: a SIDA (Síndrome da Imunodeficiência Humana Adquirida), relacionada com um vírus transmitido pelo macaco em humanos; os imigrantes clandestinos, a quem ele se refere à exploração de trabalho; e, por último, a ameaça dos mosquitos transmissores de doença, embora ele tenha se referido ao mosquito que causa a malária, mas se encaixa exatamente com o que estamos vivendo na pandemia da COVID 19. Um vírus que começou na China e se espalhou pelo mundo através das pessoas que circulam entre os países. Santos (2000, s/p), desabafa: “A SIDA, os emigrantes e os mosquitos não são uma perversidade. São a consequência normal de uma globalização perversa”.

A expansão de empresas multinacionais é uma das consequências da globalização. Novamente, há a antinomia entre os riscos, positivos ou negativos, que geram. Positivos, porque uma vez presentes em países estrangeiros, podem estimular o avanço da industrialização neste país e,

aspectos negativos, porque se instalam em países em busca de mão de obra barata, fomentando o serviço análogo à escravidão. Outra consequência da globalização é a formação de blocos econômicos a qual pode ser considerada como um obstáculo à globalização, pois favoreceria somente aos países pertencentes a essa junção, dificultando a troca entre os outros países que estão fora. Posteriormente, constatou-se que a união em blocos tornava os países mais fortes para defender seus interesses.

Um outro ponto para se entender a globalização é a relação de poder e força entre os Estados Nacionais após o final da Guerra Fria, a Nova Ordem Mundial. Silva (2017) corrobora propondo reflexões sobre a constante evolução da estrutura da geoeconomia do mundo. O autor ressalta que a estrutura do sistema, quanto aos aspectos político-ideológicos, deixou de ser bipolar², e passou a ter um novo ordenamento, o multipolar³, por exemplo, o qual não é mais aceitável somente a formação centro-periferia, global-local. Sato (2000) identifica a formação da Nova Ordem Mundial compreendida pelos Estados Unidos, Alemanha e Japão/China, mas entende-se que nos anos 2000 não há uma definição para esta Nova Ordem Mundial. Como sugere Bauman (1999, p. 66, aspas e itálico no original), “em poucas palavras: *ninguém parece estar no controle agora*. Pior ainda — não está claro o que seria, nas circunstâncias atuais, ‘ter o controle’”. No entanto, muitas outras possibilidades de formação⁴ são criadas, e essas formações mudam de posição muito rapidamente, o que é hoje, pode não ser daqui a pouco. Além disso, com a Nova Ordem Mundial, fez-se necessária a reclassificação da posição dos Estados Nacionais. O que antigamente era chamado de países de primeiro mundo (países capitalistas desenvolvidos), de segundo mundo (países socialistas desenvolvidos) e de terceiro mundo (países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento), agora passam a ser países do Norte (desenvolvidos) e países do Sul (subdesenvolvidos⁵). Contudo, esta denominação não se refere à posição de acordo com a linha do equador, uma vez que os critérios para a divisão são econômicos e não geográficos. Santos (2001a) reforça o entendimento ao expor o assunto, referindo-se ao aparecimento, na década de 80, de três blocos: o americano (Estados Unidos e as relações com Canadá, México e América Latina), o japonês (Japão e as relações com países da Ásia) e o europeu (União Europeia e as relações com Leste Europeu e o Norte da África).

² Há uma Teoria da Velha Ordem Mundial, na qual os Estados Unidos duelavam com a União Soviética, (capitalismo X socialismo). (Sato, 2000; Silva, 2017)

³ Pode-se perceber, também, a estrutura da Nova Ordem Mundial, compreendida pelos Estados Unidos, Alemanha e Japão/China, considerando aspectos econômicos. (Sato, 2000)

⁴ Levando em conta o poderio bélico, pode-se afirmar que existe uma unipolaridade e indo mais além, levando em conta os critérios sociais, ambientais, por exemplo, estabelece uma apolaridade, ou seja, não tem um país, ou uma etnia, ou civilização predominante. (Telo, 2011)

⁵ O conceito de subdesenvolvimento, refere-se à estrutura de sistema econômico, predominando o setor primário, a concentração de renda, pouca diferenciação do sistema produtivo e o predomínio do mercado externo sobre o interno. (Cardoso & Faletto, 2010)

Continuando com definições, recorre-se mais uma vez ao texto *“Agir na Globalização - Condições e orientações da ação coletiva”* escrito por Augusto Santos Silva (2017), que pontua a globalização como um processo geopolítico multidimensional, envolvendo, principalmente, os campos econômicos, políticos e sociais em escalas que vão da planetária, internacional, supranacional, transnacional e subnacional, cada qual desenvolvendo relações, processo e estruturas, demarcando as configurações da sociedade. O autor assinala que essas escalas se cruzam na sociedade de tal maneira que se torna comum o entrelaçamento de serviços, produtos e padrões de comportamento entre os países, fazendo que o local se torna global e o global se torna local, não distinguindo o maior do menor e nem do perto para o longe.

Giddens (2001), defende que a globalização não está relacionada somente às mudanças a nível macro (mundial) como telecomunicações, produção e mercado financeiro, mas muito fortemente no nível micro (local) e pessoal, pela internet ou contato pessoal com diferentes culturas. Isto traz um ganho enorme para o crescimento de cada pessoa e a interação com os outros e com o trabalho, rompendo com o pré-estabelecido, pois já não configura mais viver isolados e à mercê das regras fixas, impostas pela sociedade local. De acordo com (Giddens, 2001, p. 61), “a globalização está a obrigar as pessoas a viver de uma forma mais aberta e reflexiva. Isto significa que estamos constantemente a responder ao contexto de mudança à nossa volta e a ajustar-nos a ele”.

Continuam-se ainda, sem esgotar, os recursos para se definir globalização. Recorre-se a Giddens (2006, p. 20), segundo o qual, o termo apareceu nos finais anos 80 e hoje é discutido em toda a parte, mencionado por todos para designar que “agora vivemos num único mundo”. Ainda, segundo o autor, a denominação gera controvérsias entre os pensadores, a quem ele chamou de cépticos e radicais. Os cépticos, Giddens (2006) esclarece que não acreditam na globalização, que para eles isso tudo não passa de uma conversa e que “a economia global não é assim tão diferente da que existia em períodos antecedentes” (p. 20). Já para os radicais, Giddens (2006) assinala que a globalização pode ser sentida em toda a parte e o mercado global está muito mais desenvolvido do que estava em épocas recentes, sendo indiferente às fronteiras nacionais. Além disso, o autor menciona que as nações já não são tão soberanas como antigamente, colocando em xeque a era do Estado-Nação.

Mesmo escolhendo quem está com a razão, para Giddens (2006) são os radicais, o autor declara que diante de tantas transformações e ideias revolucionárias, nem os cépticos e nem os radicais “compreenderam o que é globalização ou quais são as implicações que esta traz na vida de todos” (Giddens, 2006, p. 22). O autor ressalta que a falta de compreensão por parte destes dois grupos é

pensar que globalização é somente um aspecto econômico, deixando de considerar o político, tecnológico e cultural.

Por outro lado, segundo Santos (2017), há autores que defendem a reversão do processo de globalização no mundo. Antes de explicar esta reversão, o que alguns autores, como Solon (2014) e Cunha (2019), chamam de desglobalização, o autor ressalta que a globalização é a intensificação das interações transnacionais. Contudo, ainda segundo o autor, essas interações não são normalmente fomentadas pelo Estado, e, quando são, impõem limites para preservar a sua soberania na regulação social, mas, pelos agentes econômicos e sociais. O autor em pauta considera o termo globalização um tanto obscuro e ambíguo por basicamente 5 pontos. A saber: 1) a percepção do local ou nacional antes de ser global; 2) a incompreensão do termo globalização, pois se é a interação entre os países, não diminuiu a desigualdade entre os povos; 3) menor proteção do estado; 4) processos contraditórios, globalismos localizados e localismos globalizados; 5) processos de globalização contra-hegemônica.

Diante do exposto, Santos (2017, s/p) não concorda com o termo “desglobalização”, que se trata muito mais de novas manifestações da globalização, segundo ele “algumas delas bem perigosas e patológicas”, por serem mais excludentes e capaz de eliminar a democracia. A essas manifestações, o autor destaca: o Brexit, saída do Reino Unido da União Europeia, crescimento de movimentos separatistas na Europa, guerras na Europa. Completando este tema, Santos (2008, p. 50) adverte que “o único modo eficaz e emancipatório de enfrentar a globalização neoliberal é contrapor-lhe uma globalização alternativa, uma globalização contra-hegemônica⁶.”

Para continuar nesse assunto, a autora desta dissertação apoia-se na autora Isabel Ferin Cunha (Cunha, 2019, p. 43-44) que explica a origem do termo desglobalização:

a palavra desglobalização foi utilizada em 2002 pelo economista filipino Walden Bello, antes da crise financeira global de 2008 tornar perceptível as numerosas e profundas fraturas criadas pelo processo de globalização financeira e neocapitalista. A expressão surgiu a partir da análise de dados de instituições internacionais — como o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional, a Organização do Comércio Internacional, o Grupo dos 7 (G7) e dos 20 (G20) — e procurou mostrar como o processo de globalização em curso tinha não só limites, como assimetrias, entre e no interior dos países, geradoras de rupturas e disfunções econômicas e sociais.

Para Cunha (2019), a desglobalização se dá por reconhecer que os processos de globalização promovidos pelos modelos ocidentais, mas especificamente pela Nova Ordem Mundial, que pregavam a utopia de um mundo igualitário, mas o que foi visto foi a “hegemonia dos Estados Unidos e seus aliados”

⁶ Para Boaventura de Sousa Santos, globalização contra-hegemônica é uma globalização emancipatória, algo que seja alternativo à globalização hegemônica (Gandin & Hypolito, 2003).

(p. 44), como esclarece a autora, que acrescenta que este domínio se baseou “na universalização da economia de livre mercado; na exploração desenfreada de recursos naturais e humanos; na luta por recursos energéticos; na concentração de renda e na universalização de um imaginário simbólico e tecnológico ocidentalizado” (Cunha, 2019, p. 44), agora se deparam com outros modelos de governação, de acordo com a autora, “autoritários e populistas” e um mundo com um enorme contraste econômico, com o aumento das desigualdades sociais e da pobreza nos países em desenvolvimento.

Nesse sentido, percebe-se que o mundo vê a necessidade de gerenciar os efeitos incontroláveis que a globalização causou, como o aumento das desigualdades sociais e da pobreza nos países em desenvolvimento, bem como o fracasso da globalização em aproximar os países menos desenvolvido dos países industrializados.

Contudo, como cita Walden Bello, em seu artigo *Globalistion in retreat*, “embora a globalização impulsionada pelas empresas possa estar em baixa, ela não está fora” (Bello, 2008, s/p tradução livre da autora).

1.2 Entendendo a Globalização na Educação

Dale (2004) enfatiza que a globalização incide fortemente sobre a educação, e isto representa uma espécie de governação global, ou seja, a economia é a ferramenta para a regulação e definição das políticas nos níveis internacional e nacional nas mais diversas áreas. Santos (2001a), reconhece que embora a origem da globalização tenha sido na dimensão econômica, é na globalização cultural que ela se manifesta com mais frequência. O autor questiona se o que se chama de globalização não seria mais apropriado chamar de ocidentalização ou americanização, já que a influência na área cultural através do cinema, publicidade, televisão, internet, são ocidentais e mais comumente, norte-americanos.

Há algumas abordagens que estabelecem o processo de globalização na educação. Destacam-se a Cultura Educacional Mundial Comum (CEMC), desenvolvida por John Meyer (e a sua equipe da Universidade de Stanford, nos Estados Unidos), e a Agenda Globalmente Estruturada para a Educação (AGEE) desenvolvida por Roger Dale, amplamente estudadas e citadas nas obras de Dale (2004), Afonso (2001) e Antunes (2004, 2007).

A abordagem CEMC defende a institucionalização de modelos universais com características comuns e padronizadas, referentes aos países dominantes, rejeitando as intervenções nacionais. Os organismos internacionais como a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e o Banco

Mundial (BM) são os principais atores que impõem as regras para a educação (Antunes, 2004). Notam-se que esses organismos colaboram com a tese dos aspectos econômicos e políticos interferindo na educação. Como se refere Santos (2008), a prática intervencionista do Banco Mundial no sentido de o país concentrar seus recursos no ensino primário e secundário e deixar que o mercado global resolva a escassez de recursos nas universidades, sem levar em conta que acaba entregando o desenvolvimento do país para o que o mercado entender que seja melhor.

Ainda segundo Dale (2004), a abordagem de Meyer salienta um “isomorfismo global das categorias curriculares em todo o mundo. Este isomorfismo acontece independentemente das diferenças nacionais ao nível económico, político e cultural” (Dale, 2004, p. 427). Nessa abordagem, Dale evidencia que as políticas nacionais de educação “são em essência pouco mais que interpretações de versões ou guiões que são informados por, e recebem a sua legitimação de, ideologias, valores e culturas de âmbito mundial” (Dale, 2004, p. 429). Em síntese, a CEMC, relaciona a globalização e os processos educacionais por intermédio do currículo estritamente ocidental como se fosse o único modelo.

Já a AGEE, parte do pressuposto de que a globalização está alicerçada em três pilares: econômicos, políticos e sociais, tirando o peso de ser somente econômico. Além disso, vê os agrupamentos de estados, Europa, América e Ásia não só como competidores entre em si, mas numa interação e integração para que o “jogo” possa continuar. Portanto, na AGEE, não é só uma cultura que é dominante e nem é só um país o dono da verdade. Dale destaca que “a abordagem AGEE vê o capitalismo como força causal, conduzida pela procura do lucro”, porém acredita que este não é o único meio, “as ideias e as crenças mudam numa base sobre a qual o capitalismo é capaz de prosperar nas mais diferenciadas culturas normativas” (Dale, 2004, p. 438).

Ainda falando sobre a AGEE, Dale (2004) aponta a importância da política educacional e seus desdobramentos, mesmo reconhecendo como dependente do capitalismo. Dale indaga:

a quem é ensinado o quê, como, por quem e em que circunstâncias?; como, por quem e através de que estruturas, instituições e processos são definidas estas coisas, como é que são governadas, organizadas e geridas?; quais são as consequências sociais e individuais destas estruturas e processos? (Dale, 2004, p. 439).

Tais reflexões trazem ao cerne “como é que aqueles processos são financiados, fornecidos e regulados e como é que estes tipos de formas de governação se relacionam com concepções mais amplas de governação dentro de uma sociedade” (Dale, 2004, p. 439).

Enquanto a CEMC deposita a globalização na educação no setor econômico, a AGEE com seu tripé de importância (política, economia e cultura), vê a educação não somente como um reflexo ou uma consequência econômica, porém a enquadra numa agenda que faz mediações locais e articulações

divergentes e convergentes entre as dinâmicas globais. Outra significativa diferença entre as abordagens está nas questões curriculares. A CEMC defende a homogeneização do currículo partindo de uma matriz mundial, e a AGEE contesta esta padronização e apresenta uma “agenda estruturada” levando em conta as questões nacionais enquadradas na relação com a globalização. Dale defende a AGEE, pressupondo a existência de “[...] forças econômicas operando supra e transnacionalmente para romper, ou ultrapassar, as fronteiras nacionais, ao mesmo tempo em que reconstróem as relações entre as nações” (Dale, 2004, p. 423).

Essas abordagens mostram propostas e medidas para a educação global divergindo da relação entre globalização e educação. Dale (2004) diferencia logo de início os termos: Mundial e Global o que ele chama de “foco extra nacional”. Segundo o referido autor, Mundial dá uma ideia de sociedade composta por estados-nação autônomos, “comunidade internacional”, e Global, supõe-se que “ultrapassam as fronteiras nacionais, ao mesmo tempo que reconstróem as relações entre as nações” (Dale, 2004, p. 426).

Reconhece-se que a globalização incide na educação, e desta maneira, o currículo necessita de uma ressignificação no contexto das tomadas de decisões globalizadas. Para este assunto, nesta dissertação, recorre-se a Pacheco (2009, p. 117), que esclarece que a “globalização reforça a centralidade do currículo como veículo do conhecimento, que passa a ser valorizado como um recurso econômico”. Nesta perspectiva, faz-se necessária a adequação do currículo para que este seja voltado à vertente econômica, considerando a necessidade de se ter mão-de-obra que atenda à demanda da globalização. Ademais, acreditando que o currículo possa ser homogeneizado, ele não perderá a essência de ser nacional, pois cada país tem sua especificidade. Pacheco (2009, p. 126) exemplifica o caso do currículo na Inglaterra e Estados Unidos que tende a ser mais neoconservador, enquanto que em Portugal e Brasil o viés é pela ideologia de mercado. Para Pacheco (2009, p. 129), “nesta nova ordem curricular, o mundo da escola tem de estar ligado ao mundo do trabalho, alfa e ômega da contextualização das competências”.

Muitos países analisam o desenvolvimento da educação através de processos externo de avaliação. Estes processos, como o relatório do PISA (*Programme for International Student Assessment*; em português, Programa Internacional da Avaliação do Estudante), por exemplo, deixa a educação indexada à economia, pois as verbas que financiam as políticas públicas estão atreladas aos resultados. A cada três anos, a OECD (*Organisation for Economic Co-operation and Development*; em português, Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, OCDE) realiza este estudo para fazer um comparativo internacional o qual oferece informações sobre os estudantes na faixa etária dos 15 anos

de idade, que coincide com o término da escolaridade básica obrigatória na maioria dos países, nas disciplinas de leitura, matemática e ciências. Embora o Brasil tenha tido o terceiro maior avanço entre todos os países em 2009, no último relatório, em 2018, os índices estão estagnados desde então, apesar de os investimentos em educação básica terem dobrado no período (Ministério da Educação [MEC], 2019). O Brasil não é membro da OCDE, mas, mesmo assim, participa no PISA. Com os dados mais precisos sobre a educação no Brasil, o Ministério da Educação disponibiliza: “Leitura: OCDE 487, Brasil 413; faixa do Brasil no ranking: 55° e 59°, Matemática: OCDE 489, Brasil 384; faixa do Brasil no ranking: 69° e 72° e Ciências: OCDE 489, Brasil 404; faixa do Brasil no ranking: 64° e 67°” (MEC, 2019).

A OCDE é uma organização formada por países 36 países que busca promover políticas que proporcionem o bem-estar socioeconômico da população no mundo todo, focando nas mudanças econômicas, sociais e ambientais. Entende-se que este modelo de padronização e *ranking* na educação, predominam critérios de eficiência e produtividade, gerando uma regulação supranacional. Afonso (2001) adverte que em face a essa padronização,

As políticas levam o Estado a assumir também, de forma mais explícita, uma função de mediação, de adequação às prioridades externamente definidas ou, mesmo, de promoção das agendas que se circunscrevem a ditames mais ou menos ortodoxos da fase actual de transnacionalização do capitalismo e de globalização hegemónica (p. 24).

Continuando, Afonso (2001) aponta para as pressões exercidas sobre as escolas mediante avaliações externas, inculcando o uso da racionalidade instrumental e de mercado, supervalorizando os resultados, deixando de lado as especificidades de contexto educativo de cada lugar. Com isto, o autor acrescenta a falta de autonomia das escolas e a responsabilização dos atores pelos resultados obtidos. O objetivo do PISA é o de ajudar os países a verificar seus sistemas de ensino, comparando-os globalmente em padrões de qualidade, equidade e eficiência, porém, acaba adentrando no controle, exercendo formas de intervenção na esfera pública. (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira [INEP], s.d.)

Em 2014, acadêmicos de vários países enviaram uma carta, que foi publicada no jornal *The Guardian*, ao diretor do PISA na OCDE, Dr. Andreas Schleicher. Nesta carta (The Guardian, 2004), foram expostos vários questionamentos sobre o PISA, entre eles: a busca desenfreada por testes que medem quantitativamente os resultados; políticas a curto prazo, enquanto em educação leva-se um tempo para obter resultados concretos; ação tendenciosa da OCDE para o setor econômico, deixando de lado o desenvolvimento social que a educação exerce na formação dos alunos; adoção de parcerias público-privada pela OCDE na venda de programas para acompanhamento para os países, quando o resultado não é satisfatório e a transparência destes gastos para a decisão dos países se querem ou não continuar

participando do PISA; e o que os acadêmicos pensam em ser o problema mais sério, a falta de autonomia dos professores nas escolas.

Percebe-se que a desigualdade socioeconômica dos países, fortemente propagada pelos efeitos da globalização, incide profundamente na educação de uma maneira que é necessária a participação mais efetiva da comunidade local e nacional em políticas voltadas à educação para garantir o desenvolvimento almejado. Para tal, o próximo ponto deste capítulo é a compreensão de políticas públicas.

1.3 Entendendo Política Pública e Política Educativa

Como os termos: Política Pública e Política Educativa foram e serão evocados nessa dissertação, compreende-se que esclarecimentos sejam úteis para o entendimento. Política Pública é uma decisão normativa a fim de atender às demandas da população. É de interesse do estado, alinhado ao objetivo de servir aos cidadãos. Já Política Educativa, é voltada para a educação. É um processo de tomada de decisões diretas voltado aos resultados imediatos. (Oliveira, 2010)

A construção de uma política, que conte com o apoio da sociedade, é uma tarefa complexa e contraditória: complexa por causa da diversidade de renda, classe social, capital cultural etc., dos indivíduos, e, contraditória porque quem determina a política é a classe dominante e nem sempre satisfaz aos interesses dos dominados. Além do mais, tem que levar em conta a participação da sociedade, a democracia participativa e o próprio capitalismo que dita as regras de mercado. Em se tratando de políticas sociais, Afonso e Ramos (2007), escrevem:

as políticas sociais podem ser interpretadas como instrumentos de controlo social e formas de legitimação da acção do Estado e dos interesses das classes dominantes, por outro lado, também não deixam de poder ser vistas como estratégias de concretização e expansão de direitos sociais, económicos e culturais. (Afonso & Ramos, 2007 p. 85)

Em relação à construção de política educativa, a discussão gira em torno da cidadania, e esta, por sua vez, da ressignificação da heterogeneidade das culturas e identidades, às quais a escola precisa traduzir em práticas não excludentes. Mainardes (2006), cita a abordagem de Stephen Ball e Richard Bowe sobre o ciclo de políticas como referencial para análise da trajetória das políticas e programas, desde a sua concepção até a prática e seus efeitos, considerando que o processo “é entendido como multifacetado e dialético, necessitando articular as perspectivas macro e micro” (Mainardes, 2006, p. 55).

Segundo o referido autor, Stephen Ball e Richard Bowe propõem uma abordagem cíclica em três contextos: o de influência, o da produção de texto e o da prática; os quais são atemporais e não têm etapas lineares. Mainardes e Marcondes (2009), entrevistaram Stephen Ball que, na oportunidade, defendeu que a abordagem que ele elaborou é um método, enfatizando que não se trata de uma explicação para o significado de políticas educacionais e nem o processo de elaboração, mas de teorizar e conhecer como elas são feitas.

No contexto de influência, Mainardes (2006) escreve que uma política não nasce por acaso, há um conjunto de fatores, acontecimentos, problemas que vão encaminhando para a necessidade de se fazer essa política, levando em conta um conjunto de variáveis (sociais, políticas e econômicas) que de alguma forma se transformarão em uma política educativa. Há, ainda, as influências globais e internacionais que podem ser de forma direta, por disseminação das ideias, ou da chancela de agências internacionais, como a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a Unesco e o Fundo Monetário Internacional (FMI), que impõem regras basicamente econômicas nas políticas.

No contexto da produção de texto, os autores Ball e Bowe, segundo Mainardes, sugerem que o texto não é só um texto escrito, há a produção do discurso. Esta etapa é onde acontece a negociação, devido a pluralidade de todos os envolvidos, “tais textos não são, necessariamente, internamente coerentes e claros, e podem também ser contraditórios” (Mainardes, 2006, p. 52). O autor deixa claro que o texto político é a própria política, podendo estar nas formas de “textos legais oficiais e textos políticos, comentários formais ou informais sobre os textos oficiais, pronunciamentos oficiais, vídeos etc” (p. 52). O autor ainda esclarece que a política não é feita só de texto, sua implementação depende de onde, quem e quando este texto será lido.

Na última etapa, como a própria denominação induz, é a aplicação da política, embora Mainardes (2006) cita que política é recriada, pois está sujeita à interpretação aos diversos interesses e contextos dos atores que estão atuando na prática. Em entrevista a Mainardes e Marcondes (2009), Ball clarifica que este contexto é o “processo de *atuação*, a efetivação da política na prática e através da prática” (Mainardes & Marcondes, 2009, p. 305, *italico no original*), exemplificando a prática da política como uma peça de teatro, que consiste num texto escrito e a interpretação dos atores (em se tratando de políticas educativas são os professores, gestores), ou seja, a atuação dos envolvidos inferem na prática.

Ainda falando dos ciclos de política, Mainardes (2006) apresenta mais dois ciclos defendidos por Ball, o contexto dos resultados ou efeitos e o de estratégias políticas. Embora Ball, em entrevista com Mainardes e Marcondes (2009), ressalte a importância de inclui-los no ciclo da prática e da influência. A

respeito do contexto de resultados ou efeitos, Mainardes (2006) explica que a política precisa ser analisada quanto ao seu impacto e a relação com as desigualdades já existentes, compreendendo o estudo das diferentes facetas e dimensões de uma política, suas implicações e da interação com outras políticas.

No que concerne ao contexto de estratégias políticas voltadas à educação, o autor pontua que se trata de uma avaliação da política, não no sentido de fechar o ciclo, mas na perspectiva de haver melhoramento da política em si, corrigindo as “desigualdades criadas ou reproduzidas pela política investigada”. (Mainardes, 2006, p. 55)

A análise da política educacional faz-se refletir no ganho para a sociedade e rearranjos nas políticas em si para garantir o êxito. Porém, na entrevista com Mainardes e Marcondes (2009), Ball pontua que colocar uma política em prática é extremamente complexo e não é linear, ou seja, o texto e prática não estão na mesma direção. A efetivação da política depende da interpretação dos atores, que trazem suas histórias e experiências para este processo.

Para Antunes (2007), vivemos numa “nova ordem educativa mundial”, sobre este fato, é explicado como a educação é governada, a intervenção de organizações internacionais na educação, instâncias supranacionais definindo regras, a ideia fixa em se ter um modelo global para a educação e a necessidade de a educação responder aos problemas globais. A autora cita o exemplo de como a instância supranacional, a União Europeia, controla “os objetivos, as metas e os procedimentos de controlo”, das entidades e, com isto, impõe os procedimentos e os métodos que darão os resultados (Antunes, 2007, p. 427).

Outras informações importantes são expostas pela autora em foco de como a imposição de regras econômicas são direcionadas à educação, fingindo um consenso de todos e contribuindo para um “trabalho simbólico de proposição e imposição” de formas de atuar politicamente na educação (Antunes, 2007, p. 427). Ainda, segundo Antunes (2007), a OCDE, o Banco Mundial, e até mesmo o Processo de Bolonha ou o Processo de Copenhaga são exemplos de organizações/plataformas que participam deste processo e, por outro lado, na contramão, há iniciativas como a Marcha pela Educação e diversos Fóruns que tentam contrabalancear esta hegemonia, mas são ainda insuficientes.

Corroborando tal entendimento, Antunes (2005) também ratifica o controle por parte das organizações de uma maneira geral e a falta de autonomia dos países em elaborar políticas mais condizentes com a realidade e a necessidade do seu povo. Somando a este entendimento, cita-se Vongalis-Macrow (2009, p. 64) que revisita uma pesquisa feita com políticas educacionais dos anos 90 e as políticas da Unesco, Banco Mundial e OCDE para ilustrar os aspectos comuns e como essas ideias

foram interpretadas pelas agências mencionadas. Além disso, Vongalis-Macrow (2009) faz críticas de como essas agências atuaram no sentido de “reunir uma política que abarcasse uma gama de perspectivas nacionais, a fim de produzir uma estrutura coesa preparada para a globalização da educação, a economia do conhecimento e o comércio de serviços e produtos educacionais” (p. 64). Vongalis-Macrow (2009, p. 64) admite que “a formulação de políticas de educação pode ter caído nas mesmas armadilhas que políticas econômicas e reforma educacional simplificada em um modelo de ajuste estreito”.

Martens, Balzer, Sackhman e Weymann (2004) fornecem informações sobre como as organizações internacionais, devido às suas expertises, exercem influência no conteúdo das políticas de educação dos países por meio de três dimensões de governança: coordenação, formação de opinião e instrumentos. Por coordenação, os autores explicam que as organizações internacionais fornecem os meios para organizar e gerenciam as iniciativas em um determinado campo da política, fazendo propostas e direcionando programas e projetos. No campo de formação de opinião, essas organizações têm a capacidade de levantar novas ideias e influenciar discursos nacionais sobre as questões educacionais, o que fazem através de materiais, como produção de livros, comunicação interna, além de incluir modelos e conceitos que criam e desenvolvem, como esquemas de avaliação e propostas de medidas. E na governança por instrumentos, refere-se a uma forma direta e técnica que abrange a preparação de decisões e acordos internacionais que influenciam as políticas nacionais.

Considera-se oportuno fazer esclarecimentos colhidos nas leituras efetuadas sobre a União Europeia (UE) e a OCDE já que são citadas algumas vezes nesta dissertação. Martens, Balzer, Sackhman e Weymann (2004), indicam que ambas as organizações atuam no campo da educação e exercem papel importante na elaboração de políticas. Para os autores, a UE, mesmo o foco sendo na cooperação econômica, investe no ensino e formação profissional a fim de melhorar a mão de obra da população de seus Estados membros.

Para os autores em questão, a UE, nos anos 90, a atenção era para o reconhecimento de diplomas e o intercâmbio de estudantes; já, nos últimos anos, tem-se envolvido na elaboração de políticas educacionais que estabeleçam um espaço educacional comum europeu. Por sua vez, a OCDE, mesmo não mencionando a educação em seus estatutos, vem fortemente atuando na organização de políticas educacionais por estatísticas de avaliação da educação, em particular, o PISA que mostra como esses estudos comparativos internacionais podem influenciar e moldar os processos de reforma dessas políticas nacionais, tratando a educação como uma mercadoria. Antunes (2005) complementa:

a relevância da educação superior é aferida sobretudo enquanto política econômica e segundo o seu contributo para a economia enquanto, por outro lado, é destacado o seu

putativo caráter de bem privado com fortes retornos materiais para justificar a participação dos indivíduos beneficiários no seu financiamento (Antunes, 2005, p. 173).

Continuando com a UE, na visão de política educacional, o Processo de Bolonha, (Martens, Balzer, Sackhman & Weymann, 2004; Antunes, 2005) embora seja visto como um contributo para facilitar o reconhecimento de diplomas de estudantes entre os países da Europa, muitos países tiveram que adequar suas políticas de educação superior e seus currículos para cumprir os acordos. Com a adequação de currículos, as universidades portuguesas, por exemplo, tiveram que estabelecer a graduação/licenciatura em 3 anos, com isso, os estudantes se sentem incompletos e precisam buscar a pós-graduação (mestrado, doutorado) para se qualificar melhor e, também, pela exigência do mercado. Antunes (2005) complementa a crítica ao Processo de Bolonha à emigração de pessoas diplomadas pela situação econômica em Portugal que não suporta o nível de pessoas altamente qualificadas no país, configurando a fuga de cérebros para os outros países da Europa que comportam esse público.

Como conclusão desta parte, pode-se inferir que o interesse de organismos internacionais em políticas educacionais é exclusivamente relativo ao papel destes como instrumento da política econômica. Sob a égide da dimensão social do crescimento econômico e a preocupação da importância do capital humano é que esses organismos vão impetrando nas políticas nacionais. Vale ressaltar que mesmo os países que não fazem parte do quadro desses organismos, são influenciados por eles.

Como fora exposto até aqui, a globalização afeta a todos, desencadeando mudanças na sociedade, que deve estar em constante avanço social, econômico e cultural. Posto isto, é inevitável que profissionais da educação de diferentes países se interrelacionem, estabelecendo pesquisas conjuntas para o progresso de seus países. Igualmente importante, é o ensino de línguas estrangeiras nas instituições de ensino, afim de propiciar a comunicação transcultural para formar cidadãos globais.

Desta forma, no próximo capítulo, tratar-se-á da internacionalização da educação nas instituições de ensino, sobretudo no Brasil, com mais evidência, uma forma de internacionalização, a mobilidade acadêmica internacional, de sete alunos oriundos do Instituto Federal de Alagoas. Considerando que as instituições de ensino estão inseridas num ambiente globalizado, em que a interdependência é uma realidade, faz-se necessário criar estratégias de internacionalização, para tanto, será apresentado, formas de internacionalização, para que as instituições possam formar profissionais preparados para enfrentar a sociedade globalizada.

CAPÍTULO II - Internacionalização na educação - capacidade de partilha e de aquisição de conhecimento

2. Apresentação

Este capítulo aborda a temática principal deste trabalho: internacionalização na educação e tem como objetivo, conceituar e expor as ações que abrangem esse processo. Entende-se que é importante a discussão dessa temática, visto que é um assunto recorrente nas instituições de ensino, que não se limitam aos limites geográficos, transcendendo fronteiras da sua prática.

Além disso, procurou-se esclarecer os conceitos de globalização e políticas públicas no capítulo anterior para desfazer equívocos entre internacionalização e globalização. Para os autores Altbach e Knight (2007), globalização está na interação política, social e econômica entre países, e internacionalização está diretamente relacionada com políticas, trocas econômicas e culturais e as relações que delas se resultam, podendo ser de cooperação ou concorrência, neste caso, favorecendo a desigualdade existente entre países. Segundo os autores Altbach e Knight (2007, p. 291, tradução livre da autora), “a internacionalização é uma via de mão dupla - os estudantes se deslocam em grande parte do sul ao norte, por exemplo - e atende às necessidades importantes no mundo em desenvolvimento. Mas o Norte controla amplamente o processo”.

Segundo o professor da Universidade de Amsterdão, Hans de Wit (2013), antes dos anos noventa, usava-se o termo “educação internacional”, que era entendido como: estudo no exterior, orientação de estudantes estrangeiros, intercâmbio de estudantes entre universidades. Só mais tarde que o termo começou a ser chamado de “internacionalização da educação superior” com o tratamento que se passou a dar a educação como uma mercadoria, como a instalação de *campi* no exterior e a comercialização do ensino. Neste ponto, o autor faz uma reflexão se o que se chama “internacionalização” não seria apenas uma “educação internacional” nos dias de hoje.

Inicia-se o capítulo com uma discussão sobre o conceito de processos de internacionalização e suas diferentes perspectivas, baseadas em teóricos nacionais e internacionais. Em seguida, apresenta-se a internacionalização com foco na educação superior do Brasil, destacando o programa Ciência sem Fronteiras (CsF), referenciado pela Coordenação de Pessoal de Nível Superior (CAPES), órgão do Ministério da Educação do Brasil. Na sequência, a internacionalização é detalhada no contexto dos Institutos Federais, reconhecendo a importância do Fórum de Relações Internacionais (Forinter) e da Câmara de Relações Internacionais do Conif (Conselho de Reitores dos Institutos Federais) para a condução das ações. Por fim, contextualiza-se o tema no Instituto Federal de Alagoas, detalhando o setor

responsável pela sua internacionalização e dados da mobilidade acadêmica internacional no âmbito de atuação.

2.1 Entendendo a Internacionalização na Educação Superior

A internacionalização na educação é entendida como uma das dimensões do processo de globalização que ocorre no mundo e consiste na disseminação de conhecimentos entre os povos mediante o intercâmbio das realidades locais, das parcerias que contribuam para o entrelaçamento das culturas por meio da educação. Como frisa a Constituição da Unesco em seu preâmbulo:

a educação superior deve fazer prevalecer os valores e ideais de uma cultura de paz, e que há de mobilizar-se a comunidade internacional para este fim. [...] Considerando ainda que a cooperação e intercâmbio internacionais são os caminhos principais para promover o avanço da educação superior em todo o mundo. (Unesco, 1998)

Morosini (2019, p. 13, grifo da autora) revela que “a internacionalização é um meio para concepções mais amplas e densas, ligadas ao bem viver, ao desenvolvimento sustentável e a consecução de uma cidadania global.” Neste sentido, a Unesco, como organismo internacional, busca o desenvolvimento sustentável através dos seus 17 objetivos do desenvolvimento sustentável (ODS) na Agenda Global para 2030 (Organização das Nações Unidas [ONU], 2015). No que compete à educação, o ODS 4, tem como objetivo “assegurar a educação inclusiva e equitativa de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos” (ONU, 2015). O mesmo ODS tem como premissa não só a educação básica, e sim, todos os níveis de educação, oportunizando a participação das pessoas mais vulneráveis.

Em se tratando de definições do termo internacionalização, recorre-se a Knight (2003, tradução livre da autora) que o apresenta como sendo o “processo de integrar uma dimensão internacional, intercultural ou global nos propósitos, funções ou serviços da educação superior” (p. 2).

Já Hudzik (2011, p. 6), aumenta a definição propondo uma “internacionalização abrangente” (*comprehensive internationalization*), que consiste num compromisso que precisa ser firmado por todos que compõem a instituição, desde a gestão, docentes, discentes e apoio acadêmico, moldando o *ethos* e os valores institucionais. Há, ainda, autores que propõem uma internacionalização na educação que vá além da mobilidade acadêmica, como, por exemplo, a “internacionalização em casa” (*internationalization at home*), mencionada por Wachter (2003, p. 6), que se apresenta com a compreensão da internacionalização que foca no ensino e aprendizagem em um ambiente culturalmente diverso, nas atividades extracurriculares e nas relações com grupos locais e étnicos. Aliada a esta

proposta, há a “internacionalização do currículo” (Internationalization of the Curriculum), como se refere Leask (2014, p. 5, tradução livre da autora), “internacionalização do currículo é a incorporação de uma dimensão intercultural no conteúdo do currículo, bem como o ensino, aprendizagem, avaliação e serviços de suporte de um programa de estudo”. Nessas duas últimas propostas de internacionalização, este capítulo da dissertação deter-se-á com mais detalhes por parecerem ofertas de tipos de internacionalização que favorecem um maior número de estudantes e que, ao mesmo tempo, tornam possível garantir aos futuros profissionais uma visão de mundo globalizado e que sejam capazes de fazerem diferença na sociedade.

A respeito da internacionalização em casa, Wachter (2003) esclarece que não se trata de um novo conceito; é, na verdade, uma redescoberta. No artigo, *An Introduction: Internationalisation at Home in Context*, Wachter, (2003) clarifica quatro fases dos processos de internacionalização na Europa, desde meados dos anos 80 até elucidar a internacionalização em casa, um conceito iniciado na Europa, que refletia o desenvolvimento da internacionalização, numa determinada época e particularidades deste continente. Segundo o autor, a primeira fase da internacionalização era chamada por cooperação internacional, representada pela mobilidade dos estudantes. Advertindo que a base era individual, que não havia envolvimento estrutural das instituições vinculadas a esta causa.

Na segunda fase, nos anos 90, a internacionalização foi marcada pela mobilidade também, porém, de forma organizada e numa escala bem maior que antes. Já na terceira fase, por volta de 1995, a mobilidade ainda era o centro das atenções, mas não era mais o princípio e o fim de tudo. A internacionalização curricular ganhou destaque na forma de assuntos internacionais e abordagens comparativas, bem como a institucionalização da internacionalização. O autor em foco destaca o programa Erasmus na Europa como forma de internacionalização entre os países da União Europeia. Na quarta e última fase, o autor salienta a reforma de Bolonha⁷, em que quase 30 países europeus trataram das estruturas do ensino superior, e que, basicamente, a educação passou a ser vista como um mercado mundial, competição e globalização.

Como sugere Wachter (2003), a internacionalização foi avançando. Para ele, na fase 1, é individual; na 2, unidades acadêmicas; na 3, passa para o nível institucional; e, finalmente, na 4, é a nível do sistema. Wachter (2003) encaixa a internacionalização em casa na fase 3, na tentativa de ir da mobilidade acadêmica para a internacionalização do currículo e na institucionalização das instituições

⁷ O Processo de Bolonha tem por objetivo criar um sistema de graus académicos facilmente reconhecíveis e comparáveis, promover a mobilidade dos estudantes, dos professores e dos investigadores, bem como assegurar a elevada qualidade da aprendizagem e da docência. (<https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/?uri=LEGISSUM:c11088>)

de ensino superior, mas explica que o termo em pauta não fez sucesso na época devido à falha no Programa Erasmus e nas limitações de financiamento para a reformulação curricular.

Wachter (2003) adverte que o termo internacionalização em casa não é um conceito rígido, mas é uma tendência que emerge das discussões que foram mencionadas até aqui. Além disso, o autor informa que alguns pesquisadores estão investigando a fundo e que o tema está passando por um processo de desconstrução, resultado de análises de subtemas que estão emergindo.

Quanto à internacionalização do currículo, Leask (2014) escreve que algumas afirmações deste modelo de internacionalização estão vinculadas à formação dos estudantes e, às vezes, como estas afirmações estão conectadas à aprendizagem nas disciplinas através da internacionalização, o termo não fica claro. A autora explica que, em algumas universidades, o foco na internacionalização do currículo é na mobilidade de estudantes estrangeiros, ressaltando que é uma pequena parcela envolvida; em outras, o foco é no ensino da língua inglesa dentro dos programas, mas não fica claro a conexão entre o ensino do inglês e os resultados internacional e intercultural da aprendizagem; em outras instituições de ensino, o foco pode ser no conteúdo ministrado por especialistas internacionais; e, em outras ainda, no aumento da diversidade de alunos na sala de aula e no *campus*, sem, entretanto, deixar claro como esta prática vai internacionalizar a aprendizagem do aluno. Diante dos fatos, Leask (2014) sugere que a internacionalização do currículo, na verdade, se concentra mais nos meios do que nos resultados.

Diante de algumas incompreensões sobre o termo internacionalização do currículo, Leask (2014) mostra a necessidade de ultrapassar as abordagens de internacionalização do currículo pautadas no conteúdo ou experiências e atividades opcionais isoladas que não evidenciam a aprendizagem. Segundo a autora, “o foco da internacionalização do currículo em política e prática é atualmente mais sobre o que os alunos irão experimentar do que no que eles vão aprender e como eles irão demonstrar seu aprendizado” (Leask, 2014, p. 5, tradução livre da autora).

A distinção entre o “produto”, currículo internacionalizado, e o “processo”, internacionalização do currículo, ajuda a entender os fins e os meios. Neste caso, fica claro que um currículo internacionalizado, focado na aprendizagem do aluno é definido por duas características: primeiro, ocorre dentro do contexto das diferentes culturas e práticas das disciplinas e, em segundo, é apoiado por especialistas, caso o corpo docente não tenha conhecimento necessário na área da internacionalização, para a definição desejada de resultados de aprendizagem internacionalizados e assistência a todos os alunos. Esta última característica é a que fará toda a diferença para enfrentar as situações ligadas à internacionalização do currículo das disciplinas e em toda a instituição. Para Leask (2014), “um currículo internacionalizado irá envolver os alunos com pesquisa cultural, linguística e diversidade internacionais,

e, propositalmente, desenvolver suas perspectivas internacionais e interculturais como profissionais e cidadãos globais” (Leask, 2014, p. 6, tradução livre da autora).

À luz desses fatos, De Wit (2011), reconhece que a internacionalização na educação implica numa abordagem mais integral, baseada em processos, visando a qualidade do ensino superior e as competências de estudantes e funcionários. Porém, o autor adverte que há equívocos nestes processos devido às práticas individuais e desarticuladas nas instituições de ensino. De Wit (2011) lista nove equívocos: 1) oferecer disciplinas ministradas em língua inglesa, o que além de professores que não são falantes da língua e o despreparado dos estudantes, tira a importância de outras línguas estrangeiras; 2) ter a mobilidade acadêmica, tanto de recebimento (*incoming*), como de envio (*outgoing*), o foco principal da internacionalização na instituição; 3) acreditar que ofertas de treinamento baseados em conteúdo ou programas, como “negócios internacionais, estudos europeus” (p. 3, tradução livre da autora) sejam sinônimos de internacionalização; 4) pensar que quanto maior for o número de estudantes internacionais, mais internacionalizada é a instituição de ensino; 5) ter poucos estudantes internacionais na instituição também pode dificultar o ambiente de sala internacional e desmotivar os estudantes locais a procurarem programas de língua inglesa, principal corrente da internacionalização, além de gerar tensões na sala de aula como exemplifica o autor em pauta, “as aulas devem ser ministradas em inglês havendo somente um ou dois alunos estrangeiros?” (pp. 4-5); 6) assumir que as competências interculturais e internacionais só serão adquiridas por meio de mobilidade acadêmica ou ensino de inglês, pois os estudantes em mobilidade “podem se isolar e não compartilhar experiências nos países que visitam” (p. 5); 7) supor que “quanto mais acordos com instituições estrangeiras, mais internacionalizada a instituição será” (p. 5); 8) presumir que a internacionalização chega naturalmente nas universidades; 9) compreender que a internacionalização é fim em si mesma, e não um meio para atingir um objetivo. Como se não bastasse esses nove equívocos citados por De Wit (2011), que podem trazer mal-entendidos para desenvolver uma cultura de internacionalização numa instituição, o próprio autor, em outro artigo, acrescenta mais um que se entende que poderia ser considerado o início de todos eles, pois não dá para se chegar a lugar algum se não conhecer o ponto de partida ou o motivo: “você não pode definir o quê, como e o resultado das estratégias de internacionalização sem primeiro ter respondido o 'por quê?’” (De Wit, 2014, aspas no original, tradução livre da autora).

A internacionalização pode ser feita de diversas maneiras, a saber: pesquisa colaborativas entre pesquisadores, programas de cooperação internacional visando a solução de problemas, internacionalização de currículos e, principalmente, através de mobilidade acadêmica, fruto de pesquisa deste trabalho e uma das mais conhecidas formas da internacionalização (Stallivieri, 2017a). Além disso,

Stallivieri (2017b, p. 105) menciona outras formas de mobilidade acadêmica internacional, tais como: “semestre no exterior (exchange program e study abroad), duplo diploma (double degree), programas conjuntos (joint programs), programas de verão (summer programs), programas de curta duração (short term programs), programas de línguas estrangeiras (foreign language programs), atividades isoladas (free activities), estágios acadêmicos (internships), trabalhos voluntários (work programs)”. Todas as formas descritas funcionam como uma troca de saberes, em que a universidade quer mostrar para o mundo o que faz e quer, também, se inteirar com o que as outras universidades estão produzindo cientificamente.

Quanto à mobilidade, como já fora citada acima, se caracteriza em: *outgoing* (quando o estudante vai para uma instituição exterior) e *incoming* (quando a instituição recebe um estudante estrangeiro). Stallivieri (2017b, p. 101) também corrobora trazendo informações sobre este conceito de mobilidade. A autora cita a mobilidade vertical, que além de estar relacionada a questões econômicas, (estudante de países menos favorecidos economicamente se desloca para os países mais ricos) também se relaciona com a duração dos programas, que, neste caso, o estudante, muitas vezes, realiza o curso todo na instituição estrangeira; e a mobilidade horizontal, que se refere à mobilidade em um curto período de tempo e não há tanta disparidade no nível das instituições. Luce, Fagundes e Mediel (2016), reportam-se como mobilidade de grau (quando os estudantes integralizam o curso total no país de destino) e a de crédito (quando os estudantes cursam créditos do seu programa acadêmico no exterior e depois são reconhecidos na sua instituição de origem). No entanto, a mobilidade é um processo que o fruto se colhe a longo prazo, o que justifica ter claro os objetivos que a instituição de ensino deseja alcançar (Luce et al., 2016; Stallivieri, 2017b). A internacionalização, favorecida pelo avanço das tecnologias de comunicação e informação, assim como a facilidade de deslocamento das pessoas, torna o conhecimento global, além de promover a qualificação profissional.

Marília Morosini (2019) remete aos autores citados até aqui, incluindo que a mobilidade acadêmica internacional, “aquela ligada ao sonho do avião!” (p.18), ainda é a forma mais conhecida de internacionalização, mesmo pelos pesquisadores da área da educação. A autora esclarece que a mobilidade é um “fator importante, mas insuficiente para internacionalizar uma universidade” (Morosini, 2019, p. 19), sugerindo que esta modalidade deveria acontecer mais nos setores ligados à pesquisa e não na instituição como um todo.

Sobre as diferentes formas de internacionalização, Morosini (2019) apresenta uma figura que ilustra o que tem se discutido neste trabalho:

Figura 2.1: Formas de internacionalização da educação superior



Fonte: Morosini, (2019)

Sabe-se que a internacionalização da educação não acontece da mesma maneira nos países e, muito menos, com os objetivos idênticos. Muitos destes aspectos se entrelaçam com o processo de globalização. Por isso, antes de entender a internacionalização, foi conveniente para a autora desta dissertação se deter à compreensão do processo de globalização. Segundo Jane Knight (1999, p. 14, tradução livre da autora), “a globalização pode ser vista como o catalisador, enquanto internacionalização é a resposta, embora seja uma resposta de forma proativa” e acrescenta mais tarde como: “internacionalização é mudar o mundo da educação e globalização é mudar o mundo da internacionalização”. (Knight, 2003, p. 3, tradução livre da autora).

Além disso, Knight (1999) menciona que há várias razões e motivações para querer se internacionalizar. Em primeira análise, a autora classifica essas razões em 4 categorias: políticas, econômicas, acadêmicas e cultural/social, mas esclarece que essas categorias não são distintas ou exclusivas e se entrelaçam umas nas outras. As justificativas para a internacionalização é um conjunto complexo de vários níveis de razões dependendo de quem está em pauta, por exemplo, se é um indivíduo, uma instituição ou um país. Ademais, a autora em pauta sugere que, além de saber o porquê (justificativas), deve-se conhecer como (as variadas formas de internacionalização apresentadas neste capítulo), que são as estratégias de integrar a dimensão internacional no ensino, pesquisa e serviço. Essas estratégias referem-se às estratégias do programa, relativas às iniciativas de natureza acadêmica compreendidas no ensino, treinamento, pesquisa, apoio às atividades da instituição no país e no exterior,

e as estratégias organizacionais, alusivas às políticas, procedimentos, e infraestruturas que apoiam a dimensão internacional da universidade (Knight, 1999, p. 23).

Corroborando tal entendimento, Stallivieri (2019) também ratifica que, muito além de conhecer os conceitos, é necessário analisar três fatores determinantes: conjunturais, estruturais e individuais. Em relação às determinantes conjunturais, a autora cita a posição geopolítica que a instituição de ensino superior (IES) está inserida, levando em conta a relação de poder que o Estado tem sobre ela; as políticas governamentais que servem de arcabouço para as políticas de internacionalização de cada instituição de ensino; a reciprocidade na cooperação, que deve ser em equilíbrio de uma maneira horizontal, não vertical; a valorização da cooperação Sul-Sul, que muitas vezes perde grandes oportunidades pela valorização dos países do Norte. Quanto às determinantes estruturais, a autora menciona a disponibilidade de recursos financeiros; estímulo aos pesquisadores da IES a participarem em projeto de cooperação internacional; a existência de um setor específico para apoio às ações da internacionalização para que as iniciativas sejam institucionalizadas, e não individuais. E, para a terceira determinante, individual, a autora deixa claro que, absolutamente, a internacionalização não é individual, embora cada pessoa seja protagonista para o movimento da internacionalização. Com isto, o indivíduo deve ter condições e perfil para tal. Ter o domínio de língua estrangeira, estabelecer contato com pesquisadores estrangeiros, ser engajado em pesquisa internacional, construir parceiras duradouras, são requisitos para este fator determinante para a internacionalização da IES.

Concorda-se com Silva (2017) que toda a base é política, mas há de se considerar, também, que a educação é um meio para romper com a dominação, favorecer a participação dos atores e contribuir para o desenvolvimento de cada estado. Por outro lado, o que se tem visto é uma educação enquadrada como serviço mercantil, com regras de mercado e sujeitas às intervenções de instituições financeiras, as quais, claramente, ditam as regras que melhor lhes convém. Com isto, os estados hegemônicos e as instituições financeiras reduzem a autonomia política e, por conseguinte, a soberania dos estados periféricos e semiperiféricos que ficam reféns de uma regulação que não os favorece.

Destaca-se que esta dissertação não compactua com o conceito de uma internacionalização que favoreça a predominância de uma cultura dominante e nem tão pouco a de homogeneizar a educação, mas traz a concepção de que a internacionalização na educação pode favorecer o contato com outros povos, culturas e o compartilhamento de saberes com um olhar crítico acerca dos rumos da educação.

Um ponto relevante para que a internacionalização na educação aconteça são as políticas públicas voltadas para esta área. Ter ou não ter políticas ou programas para a internacionalização numa

instituição de ensino impacta na sua qualidade. Dada a importância do tema, a Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), por intermédio de seu Instituto para a Gestão do Ensino Superior, elaborou um quadro conceitual para avaliar mudanças organizacionais na instituição, conhecido como Processo de Revisão da Qualidade da Internacionalização (IQRP), que tem por objetivo “chamar a atenção para a importância e complementaridade das várias perspectivas e desenvolver um processo que orienta as instituições na realização de uma avaliação de qualidade e revisão de suas iniciativas específicas de internacionalização” (OCDE, 1999, p. 47, tradução livre da autora).

No livro *Quality and Internationalisation in Higher Education* (OCDE, 1999), foram citadas algumas universidades que fizeram parte do estudo de caso da aplicação do IQRP e todas se manifestaram positivamente pelas contribuições do projeto, porque forneceu percepções valiosas com informações sobre a dimensão internacional da instituição e, como resultado, a instituição pode traçar metas futuras para a internacionalização. No Brasil, esta temática faz parte da avaliação institucional, no âmbito do SINAES (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior) no eixo 2 de avaliação, “Desenvolvimento Institucional da IES”, verificando a coerência do PDI (Plano de Desenvolvimento Institucional) e, no eixo 3, “Políticas Acadêmicas”, na qual avalia as políticas institucionais da instituição, inclusive o atendimento ao discente estrangeiro. (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira [INEP], 2014)

Como fora dito, a internacionalização é um indicador de qualidade da educação superior. Portanto, nesta dissertação mostra-se como as implicações da globalização, internacionalização e políticas públicas interferem na mobilidade acadêmica internacional analisados no percurso dos estudantes que fazem parte desta pesquisa. E, conseqüentemente, como os investimentos na internacionalização tornam-se decisivos para a disseminação do progresso científico. É fato de que é um processo desafiador para professores e gestores de instituições de ensino que possuem a tarefa de promover o conhecimento e desenvolver as habilidades interculturais visando a formação de estudantes aptos para se relacionar em um mundo globalizado. (Stallivieri, 2017a)

Knight (2004), sinaliza como a internacionalização da educação afeta ou é afetada pelas políticas. A autora indica dois níveis: nacional e institucional, e depois destaca que devido à complexidade e abrangência da internacionalização, é requerido um outro nível, o setorial. O nível nacional está relacionado às relações exteriores, imigração, educação, ciência e tecnologia, cultura e história, desenvolvimento social, indústria e comércio, entre outros. O setorial (completando o nível nacional) está relacionado ao propósito da demanda, captação de recurso. E o institucional é onde o processo de internacionalização realmente acontece. Está relacionado à dimensão internacional na missão da

instituição, de uma maneira mais restrita e, de uma forma mais ampla, como a instituição de ensino tem cumprido com seu papel de mantenedora do processo de internacionalização.

É comum a troca de conhecimento em pesquisas nas universidades e, muitas vezes, simplesmente com a troca entre os próprios pesquisadores; porém, no quesito do ensino, especialmente no ensino superior, a internacionalização da educação sofre entraves por causa da regulação do estado. O estado brasileiro regula desde a criação de curso até a revalidação do diploma no término da graduação, ficando os estudantes à mercê de políticas públicas para obter êxito na troca de saberes, quesito maior da internacionalização. Além disso, como entraves à internacionalização no Brasil, há a falta de domínio de uma língua estrangeira, financiamento insuficiente para atividades internacionais, carência de planejamento e execução de programas que visam a mobilidade, entre outros.

Países que podem contar com instituições que promovem a internacionalização têm a perspectiva de um desenvolvimento no ambiente educacional em decorrência de partilhar de novas visões culturais e intelectuais. As instituições internacionalizadas despontam, tanto internacionalmente como regionalmente, pois conseguem socializar problemas e soluções, garantindo uma “educação de qualidade com alianças estratégicas em diferentes áreas do conhecimento” (Stallivieri, 2017a, p. 21).

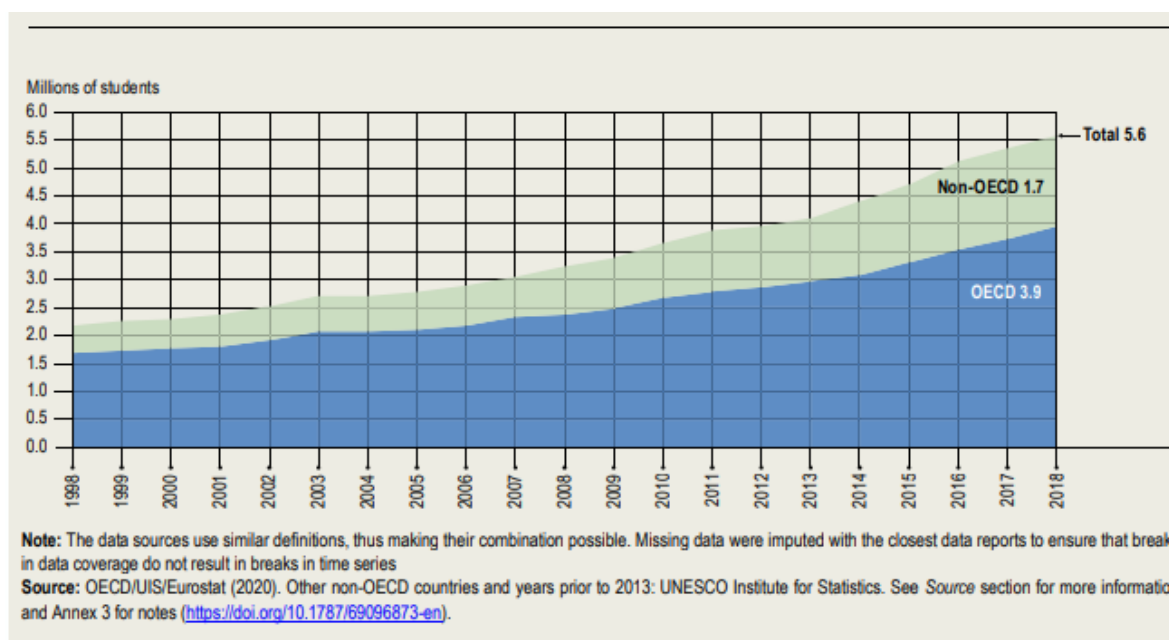
Stallivieri (2017a) esclarece que com essas alianças, o ganho com a internacionalização pode ser através de fundos nacionais e internacionais no ramo de pesquisas conjuntas, estabelece uma comunicação intercultural no ambiente, que torna enriquecido com a diversidade de crenças, línguas, culturas e valores, podendo ser através de inclusão de trabalhos de pesquisadores estrangeiros favorecendo a internacionalização do currículo e, isso é evidente, também, com o benefício individual de cada participante da instituição que é projetado internacionalmente através de suas práticas e, quando tem a oportunidade de uma vivência internacional, ser capaz de ter novas perspectivas, ou ainda quando está se relacionando com estrangeiros dentro da sua unidade (Stallivieri, 2017a). Contudo, a instituição há de considerar suas especificidades, reconhecer suas fraquezas e pontos fortes por meio de um planejamento estratégico, fornecer recursos humanos, estrutural e financeiro, apresentar os motivos para a internacionalização, ter o apoio da comunidade educativa para implementar as políticas de internacionalização em que os papéis dos diferentes atores sejam definidos e convencidos da sua participação para lograr êxito no processo de internacionalização.

De acordo com a OCDE (2020), como pode ser visto na figura 2.2, o número de estudantes internacionais ou estrangeiros⁸ do ensino superior cresceu em média 4,8% ao ano entre 1998 e 2018.

⁸ Segundo a OCDE (2020, p. 235, aspas no original, tradução livre da autora), “estudantes estrangeiros são aqueles que não são cidadãos do país em que estão matriculados e onde os dados são coletados. Embora sejam considerados como internacionalmente móveis, eles

Os países membros da OCDE recebem a maior quantidade de estudantes internacionais, contudo, o aumento tem sido em países que não fazem parte da OCDE.

Figura 2.2: Crescimento de matrículas de estudantes internacionais da educação superior no mundo entre 1998 a 2018.



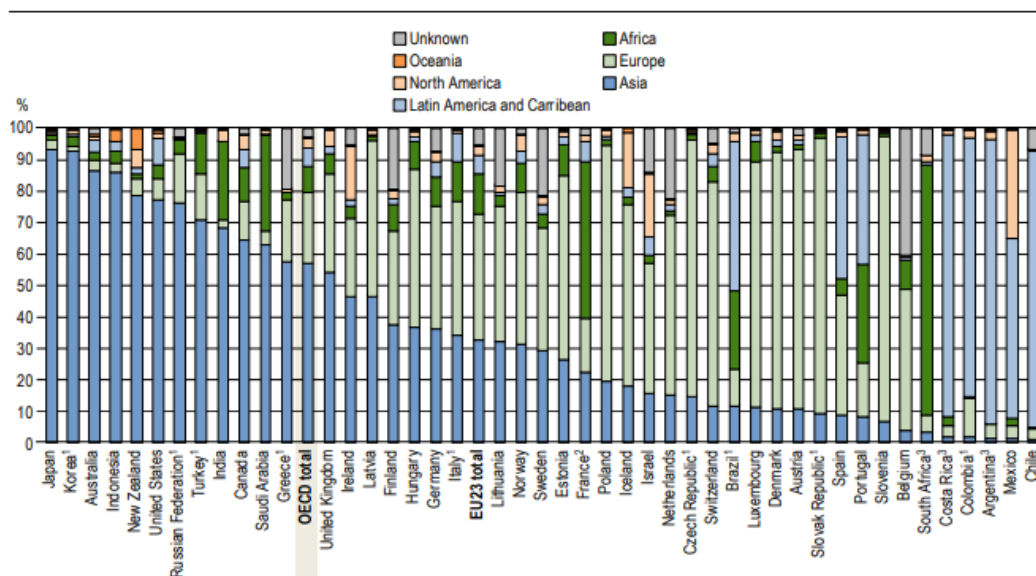
Fonte: OCDE (2020). Recuperado de <https://www.oecd-ilibrary.org/docserver/69096873-en.pdf?expires=1621888816&id=id&accname=guest&checksum=75BDD8362908BD5C2B7A9A315E9C1900>

A OCDE (2020) esclarece que a mobilidade acadêmica é uma importante fonte de renda para os países que recebem estudantes internacionais, pois estes costumam pagar mensalidades/propinas mais altas do que os estudantes nacionais, além de contribuir para a economia local por meio de suas despesas para se manter no país. Um outro ponto levantado é que, possivelmente, estudantes altamente qualificados poderão se integrar a estes países, contribuindo para a elevação do nível econômico e intelectual, o que caracteriza a “fuga de cérebros” (cf. Gomes, Coord., 2015) em relação aos seus países de origem. No entanto, a mobilidade, como já fora comentada anteriormente, pode contribuir para a “absorção de conhecimento, atualização de tecnologia e capacitação em seu país de origem, desde que regressar a casa após os estudos ou manter ligações fortes com os cidadãos nacionais.” (OCDE, 2020, p. 227)

podem ser residentes de longa data ou mesmo ter nascido no país ‘anfitrião’”. Já para os estudantes internacionais, a definição é: “aqueles que deixaram seu país de origem e se mudaram para outro país com o propósito de estudar.”

Um outro fato importante sobre a mobilidade é referente à língua. O inglês é a língua franca e, segundo a OCDE (2020), os países falantes da língua inglesa são os destinos mais procurados pelos estudantes. Os dados mostram que os Estados Unidos são o principal destino entre os países da OCDE para os estudantes internacionais, seguidos pelo Reino Unido, Austrália e Canadá: “os Estados Unidos sozinhos respondem por 18% da participação no mercado global de educação, Austrália e Reino Unido têm 8% da participação no mercado global, enquanto a Alemanha tem 6%” (OCDE, 2020, p. 227). Quanto aos estudantes que fazem mobilidade, a Ásia é o continente com maior número de estudantes matriculados em outros países, totalizando 57% em 2018. Já os alunos europeus, os dados mostram que eles preferem ficar nos países da União Europeia. Os estudantes da América Latina e do Caribe levam em consideração a proximidade geográfica, fazendo a mobilidade para Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica e México, além de preferirem Portugal e Espanha pela questão da língua. (OCDE, 2020, p. 230)

Figura 2.3: Distribuição de estudantes estrangeiros por região de origem (2018)



Fonte: OCDE (2020). Recuperado de <https://www.oecd-ilibrary.org/docserver/974729f4-en.pdf?expires=1621893528&id=id&accname=guest&checksum=04F3094A928E577ED5896F83280682C1>

Em síntese, a internacionalização da educação configura como uma das estratégias de cooperação entre os países, produzindo conhecimentos e disseminando os que são produzidos pelas diversas culturas, promovendo a qualidade de vida a todos. Segundo Stallivieri (2017a), não se trata mais de querer internacionalizar-se, é uma questão de necessidade, “um passo necessário para encorajar o desenvolvimento equilibrado das nações através da educação” (p. 19). O campo educativo

encontra efeitos de ordem econômicas e políticas mundiais. Por um lado, a regulação dominante internacional que sobrepuja a cultura dominante, a padronização dos currículos, dos idiomas e das metodologias; por outro, a formulação e atuação de políticas educativas nacionais que favoreçam a internacionalização de uma forma crítica, definida pelas formas mais adequadas e sem que a instituição perca sua essência.

Filho (2008, p. 110) reforça: “concluo com a esperança de que a internacionalização do ensino superior pode ser um caminho para o desenvolvimento social com justiça e bem-estar em vez de instrumento político e ideológico utilizado para abrir novos mercados econômicos.”

2.2 Internacionalização da Educação Superior no Brasil

No tópico anterior, revelaram-se conceitos, formas e, até mesmo, equívocos do processo de internacionalização. Nesta etapa, desvendar-se-á o contexto da internacionalização nas Instituições de Ensino Superior (IES) no Brasil. A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), é o órgão do Ministério da Educação do Brasil que é responsável pela pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado) em todos os estados do país, e é por meio dele que programas nacionais com vistas à internacionalização são implementados, logo, é o setor que gerencia a internacionalização nas IES, dando respaldo da avaliação desses programas (CAPES, 2011).

A CAPES, em seu Documento de Área da Educação (CAPES, 2019), estimula a internacionalização por incentivo às publicações em livros e periódicos internacionais, mediante resultados de pesquisas de docentes e discentes desenvolvidas no exterior e no Brasil; atuação de professores brasileiros em programas estrangeiros na qualidade de professores visitantes, assim como recebimento de professores estrangeiros em seus cursos; cooperação internacional envolvendo trânsito de estudantes em períodos curtos de mobilidade durante o curso; uso de língua estrangeira na sala de aula e na leitura. Avaliando que esses estímulos sejam essenciais para o desenvolvimento da educação brasileira em seus diferentes níveis.

É comum o recebimento de estudantes estrangeiros nas IES brasileiras, portanto a internacionalização não é um fenômeno novo. O que tem se aperfeiçoado são as políticas públicas estatais e não estatais, e programas que favoreçam a troca de conhecimentos (Carvalho & Araújo, 2020). As IES têm autonomia e cada uma traça as estratégias de internacionalização que melhor atenda às suas necessidades de acordo com suas metas; contudo, devido à falta de estrutura financeira, muitas

recorrem a programas maiores, a nível nacional que possam suprir a carência dessas demandas para a internacionalização.

Dentre os vários programas visando a internacionalização no Brasil, destaca-se o Ciência sem Fronteiras (CsF), criado em 2011, pelo Decreto nº 7.642, de 13 de dezembro de 2011 (Brasil, 2011), promovido pela parceria entre o Ministério da Educação, por meio da CAPES e o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, através do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Em 2017, o programa foi congelado em virtude de corte em gastos públicos e, em 2019, foi revogado pelo Decreto nº 9784, de 7 de maio de 2019 (Brasil, 2019). O programa CsF concedeu 33.697 bolsas, e investiu R\$3.241.161.741⁹.

Com o objetivo de promover a mobilidade acadêmica internacional em áreas prioritárias de conhecimentos para o desenvolvimento do país, a princípio foi bem recebido pela comunidade científica, diante da promessa de recurso para o financiamento, porém, com a alta do dólar no mercado e críticas dos envolvidos, viu-se sua ruína aos poucos. O programa acabou consumindo recursos destinados a outros programas, como afirmou Hernan Chaimovich, presidente do CNPq (Jornal Grupo Gente Nova [GGN], 2017): “o CsF canalizou para formação de estudantes, recursos que fizeram muita falta ao sistema de ciência e tecnologia”.

Outra crítica recebida foi da presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, Helena Nader, “pagamos quantias astronômicas em dólar a universidades estrangeiras sem que se fizesse uma avaliação do impacto desse investimento”, e a pesquisadora complementa: “internacionalizar a ciência requer uma estratégia elaborada e de longo prazo e em nenhum país do mundo se baseia só em mandar alunos de graduação para o exterior” (GGN, 2017).

Outro fator que colaborou para as críticas foi a questão da falta de proficiência em línguas estrangeiras, o que gerou enorme prejuízo, porque além de pagar a bolsa para o estudante, era necessário investir em curso de idiomas fora do país. Knobel (2012), aponta a dificuldade de reunir um contingente de estudantes capacitados e bilíngues para aproveitar a experiência de passar uma temporada numa universidade estrangeira.

Como saída para este entrave, em 2012, o governo criou, através da Portaria Normativa nº 1.466/2012 (Diário Oficial da União, [DOU], 2012, p. 28), o programa Inglês sem Fronteiras, que mais tarde passou a ser Idiomas sem Fronteiras, Portaria Normativa nº30/2016 (DOU, 2016, p. 18), por abranger o ensino de outras línguas estrangeiras. A finalidade do programa é de capacitar, na forma

⁹ Segundo informação obtida pela Fala.BR- Plataforma Integrada de Ouvidoria e Acesso à informação recebida em 01/07/2021 através de e-mail pessoal.

presencial e virtual, estudantes, professores e corpo técnico-administrativo das IES em diferentes idiomas, para ampliar a mobilidade acadêmica internacional, com o intuito de contribuir para a internacionalização (Idiomas sem Fronteiras, 2017).

De acordo com o site do MEC, foram disponibilizadas 713.430 inscrições em teste de proficiência, como o Test of English as a Foreign Language, Institutional Test Program (TOEFL ITP) entre 2016 a 2020, oferta de curso on-line em língua inglesa (MEO- My English Online), com 591.842 inscrições entre 2016 a 2019, oferta de cursos presenciais de idiomas como: Inglês, Espanhol, Francês, Italiano, Alemão e Japonês) totalizando mais de 570 mil vagas entre 2016 a 2019 e a oferta de curso presencial de português para estrangeiros, com mais de 9 mil vagas disponibilizadas entre 2016 a 2019. (MEC, 2020)

Mister se faz reconhecer que esforços foram feitos para mitigar os resultados negativos do CsF. A intenção do programa Ciência sem Fronteiras era poder oferecer treinamento nas melhores instituições e grupos de pesquisas do mundo e tinha dentro os principais objetivos:

a) Investir na formação de pessoal altamente qualificado nas competências e habilidades necessárias para o avanço da sociedade do conhecimento; b) Aumentar a presença de pesquisadores e estudantes de vários níveis em instituições de excelência no exterior; c) Promover a inserção internacional das instituições brasileiras pela abertura de oportunidades semelhantes para cientistas e estudantes estrangeiros; d) Ampliar o conhecimento inovador de pessoal das indústrias tecnológicas; e) Atrair jovens talentos científicos e investigadores altamente qualificados para trabalhar no Brasil. (Ciência sem Fronteiras, 2017)

O programa se dividia entre modalidade de bolsas no exterior e modalidade de bolsas no país. As primeiras estavam subdivididas em graduação, tecnólogo, desenvolvimento tecnológico, doutorado sanduíche, doutorado pleno, pós-doutorado e mestrado profissional e, na segunda, estavam subdivididas em: atração de cientistas para o Brasil, pesquisador visitante especial e bolsa jovens talentos.

Segundo o site do programa (<http://cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/o-programa>), as áreas contempladas foram:

(1) Engenharias e demais áreas tecnológicas, (2) Ciências Exatas e da Terra, (3) Biologia, Ciências Biomédicas e da Saúde, (4) Computação e Tecnologias da Informação, (5) Tecnologia Aeroespacial, (6) Fármacos, (7) Produção Agrícola Sustentável, (8) Petróleo, Gás e Carvão Mineral, (9) Energias Renováveis, (10) Tecnologia Mineral, (11) Biotecnologia, (12) Nanotecnologia e Novos Materiais, (13) Tecnologias de Prevenção e Mitigação de Desastres Naturais, (14) Biodiversidade e Bioprospeção, (15) Ciências do Mar, (16) Indústria Criativa (voltada a produtos e processos para desenvolvimento tecnológico e inovação), (17) Novas Tecnologias de Engenharia Construtiva e (18) Formação de Tecnólogos.

Dentre as bolsas pagas pelo programa, os Estados Unidos foram o país que mais recebeu estudantes brasileiros, seguidos por Reino Unido e Canadá. Nesses três países, a língua predominante

é o Inglês, portanto, logo se percebe a necessidade da aquisição da língua inglesa por meio cursos e testes de proficiência que certifiquem o domínio da língua. De acordo com o portal do programa, até 2017, 45 países foram destino de brasileiros pelo CsF.

Quadro 2.1: País de Destino do Bolsista Ciência sem Fronteiras

País do Destino	Quantidade de bolsas
Estados Unidos	27.909
Reino Unido	10.779
Canadá	7.331
França	7.314
Austrália	7.092
Alemanha	6.625
Espanha	5.066
Itália	3.941
Portugal	3.870
Irlanda	3.392
Holanda	2.297
Hungria	2.134
Brasil	1.277
Bélgica	635
Suécia	560
Coreia do Sul	521
Japão	521
Noruega	361
Nova Zelândia	308
China	296
Dinamarca	235
Finlândia	222
Suíça	175
Áustria	131
Não informada	44
Chile	43
Polônia	35
República Tcheca	23
México	18
África do Sul	16
Argentina	12
Israel	11
Grécia	08
Índia	08
Rússia	08
Cingapura	07
Uruguai	05
Luxemburgo	04
Bulgária	03
Eslováquia	02
Colômbia	02
Costa Rica	01

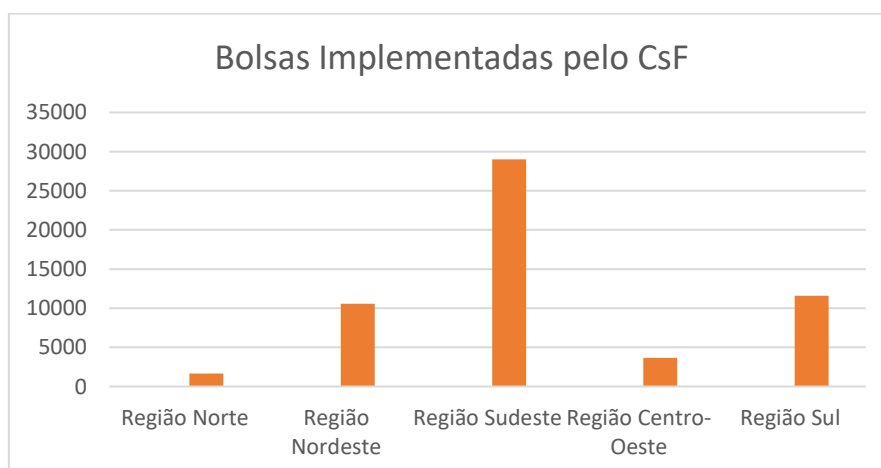
Cuba	01
Malásia	01
Panamá	01
Tailândia	01
Turquia	01

Fonte: Elaboração própria a partir do Painel de Controle do Programa Ciência sem Fronteiras (Ciência sem Fronteiras, 2017)

Segundo a planilha contendo as informações solicitadas na plataforma Fala.br, percebe-se que, de 56486 bolsas implementadas e pagas diretamente aos estudantes brasileiros, 1636 foram para a região Norte, 10568 para a região Nordeste, 29027 para a região Sudeste, 3677 para a região Centro-Oeste e 11578 para a região Sul.

No que concerne ao número de estudantes entre as regiões do país, observa-se que a maioria dos estudantes que fizeram mobilidade internacional é da região sul e sudeste, como pode-se ver na figura 2.4. Quanto a este aspecto, pode-se considerar que a internacionalização tem um efeito elitista, correlacionando com a posição socioeconômica das regiões sul e sudeste serem mais elevadas em relação às outras regiões do país, portanto, tendo um impacto diferenciado na educação.

Figura 2.4: Bolsas Implementadas pelo CsF de acordo com as regiões do Brasil



Fonte: Plataforma Fala.BR - Planilha contendo as informações solicitadas no âmbito do SIC 7461/2021-17, referentes aos bolsistas Capes do Programa Csf.

Para se medir a internacionalização do país, além dos dados explorados pelo programa CsF, faz-se necessário observar outros índices, como o número de artigos científicos publicados em revistas internacionais. A produção científica do país está num patamar acima de importantes países como Noruega, Bélgica e Finlândia. Em 2020, o Brasil ocupa o 14º no *ranking* do Scimago Journal Country

Rank¹⁰, representado por 2,69% da produção acadêmica mundial. As áreas que mais despontam são: medicina, ciências agrícolas e biológicas, engenharia e ciências da computação. Portanto, percebe-se que a internacionalização não acontece somente com a mobilidade acadêmica, ou, pode-se assumir, que outras formas de internacionalização fazem parte da educação nacional.

Atualmente, como apresenta o MEC, na página de programas e ações, o único programa relativo à internacionalização é o Programa Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), que oferece curso de graduação aos cidadãos de países com os quais o Brasil mantém acordos educacionais e culturais, buscando contribuir para a internacionalização das IES brasileiras. Em 2020, havia 1.815 estudantes de 53 países estrangeiros matriculados em 89 IES brasileiras (MEC, 2020).

2.3 A internacionalização no contexto dos Institutos Federais

A internacionalização dos Institutos Federais não tem longa data, assim como a criação deles, mas percebe-se que a ânsia pela transformação da realidade dos estudantes, compartilhamento de experiências vivenciadas através da mobilidade acadêmica, ações em conjunto com instituições estrangeiras por meio da pesquisa, fazem com que este processo aconteça. O processo de internacionalização começa a se concretizar a partir da criação do Forinter (Fórum de Relações Internacionais) e da Câmara de Relações Internacionais do Conselho de Reitores dos Institutos Federais (Conif), que entende a internacionalização “como uma ferramenta para o fortalecimento institucional e compartilhamento de boas práticas” (Conif, 2018). O fórum entende que o ensino de idiomas assume importante papel para preparar os estudantes para o mercado global.

Cada instituto possui um representante, caracterizado por um coordenador ou assessor de Relações Internacionais, e este faz parte do Forinter, que por sua vez, apoia a Câmara Temática de Relações Internacionais do Conif. Esta estrutura favorece a comunicação, o desenvolvimento de estratégias, o debate de propostas e implementação de políticas que visem a internacionalização na Rede Federal.

Em 2017, pela portaria n°25 SETEC/MEC, foi composto um grupo de trabalho a fim de construir uma política de internacionalização para a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e

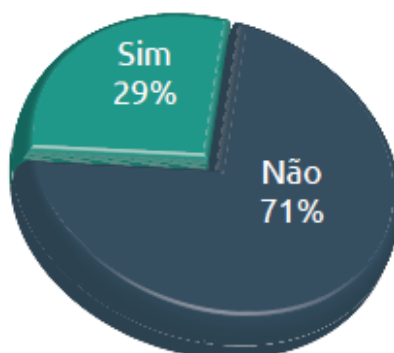
¹⁰ SCImago Journal Rank é uma classificação de instituições acadêmicas e relacionadas à pesquisa medidas por um indicador que combina três conjuntos diferentes de indicadores com base no desempenho da pesquisa, resultados de inovação e impacto social determinado por sua visibilidade na web. Este indicador mostra a visibilidade dos periódicos contidos na base de dados Scopus® de 1996.

Tecnológica (RFEPCT)¹¹ e o desenvolvimento de um sistema informacional computadorizado para dar visibilidade das ações, acompanhá-las e possibilitar a otimização com parceiros estratégicos (MEC, 2018).

Por meio desse estudo, o grupo teve como prioridade mapear as ações de internacionalização através dos seguintes eixos: mobilidade; acordos/MOU (Memorandum of Understanding; em português, Memorando de Entendimento); projetos com cooperação internacional; idiomas; investimento/financiamento; estrutura de escritórios; comunicação/divulgação dos dados/indicadores internacionais; participação em eventos e missões internacionais; normativas e regulamento relacionados à internacionalização (MEC, 2018, p. 7). Em seguida, o grupo determinou a construção das políticas de internacionalização da RFEPCT e, posteriormente, o desenvolvimento e implantação de uma plataforma de gestão dos processos de internacionalização.

Os resultados obtidos na primeira fase do grupo de trabalho captam bem a incipiência das instituições que fizeram parte da pesquisa, no aspecto que se refere à documentação que define a internacionalização na instituição. Segundo o documento, menos de um terço (29%) das instituições possuem a internacionalização documentada, como se percebe na figura 2.5.

Figura 2.5: Internacionalização documentada pela instituição



Fonte: MEC, 2018, p. 14.

A respeito da mobilidade *incoming*, conforme o documento (MEC, 2018, p. 15-18), foi constatado que o recebimento de docentes oriundos da França é superior aos dos outros países, devido ao programa de leitores de francês desenvolvido pelo Conif. Em resumo, mais de dois terços das

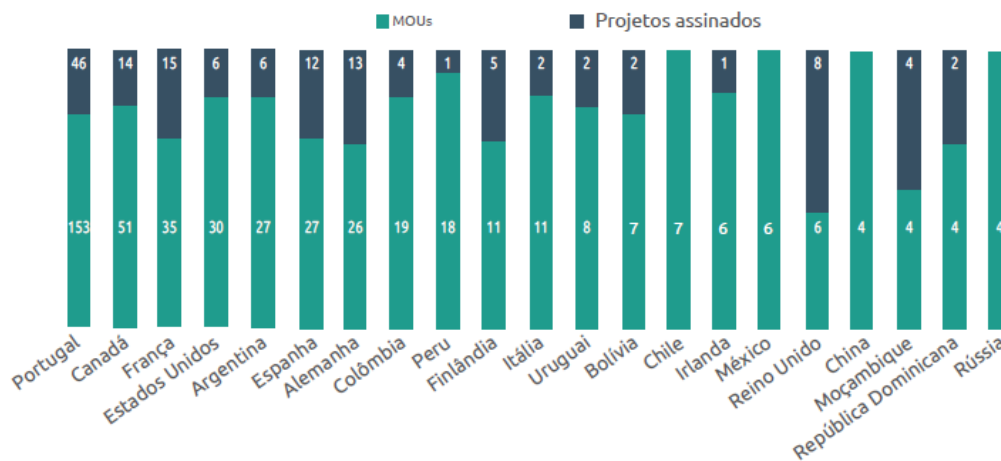
¹¹ A Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008 do Palácio do Planalto, institui no âmbito do sistema federal de ensino, a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, vinculada ao Ministério da Educação e constituída pelos Institutos Federais, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Centros Federais de Educação Tecnológicas, Escolas Técnicas vinculadas às Universidades Federais e o Colégio Pedro II (Brasil, 2008).

instituições receberam docentes estrangeiros, 64% receberam estudantes e somente duas instituições receberam técnicos administrativos em suas instalações.

Quanto à mobilidade *outgoing*, 29 instituições enviaram docentes para o estrangeiro, sendo 451 docentes enviados a Portugal, seguido por 247 para os Estados Unidos e 171 para a Espanha. Em relação aos técnicos, o estudo aponta que 322 pessoas foram para Portugal, aparecendo em segundo a Argentina, com apenas 20 pessoas. O número expressivo para o destino Portugal também aparece na mobilidade dos estudantes, 493, de 76% das instituições que responderam à pergunta, seguido pelos Estados Unidos, 254, e Uruguai, 157.

Relativamente aos acordos de cooperação internacional/MOUs, referente à mobilidade acadêmica, o documento (MEC, 2018, p. 18-19) revela que, das 80% das instituições respondentes, Portugal desponta como o principal país que possui acordos assinados com as referidas instituições, porém, em muitos desses acordos firmados não há o desenvolvimento de ações, conforme mostra a figura 2.6. E quanto aos projetos de cooperação internacional, Portugal também é o país com maior número de projetos firmados, 46, seguido da França, com 15, e o Canadá, com 14, como pode-se ver na figura 2.6.

Figura 2.6: Relação de MOUs com projetos de cooperação assinados



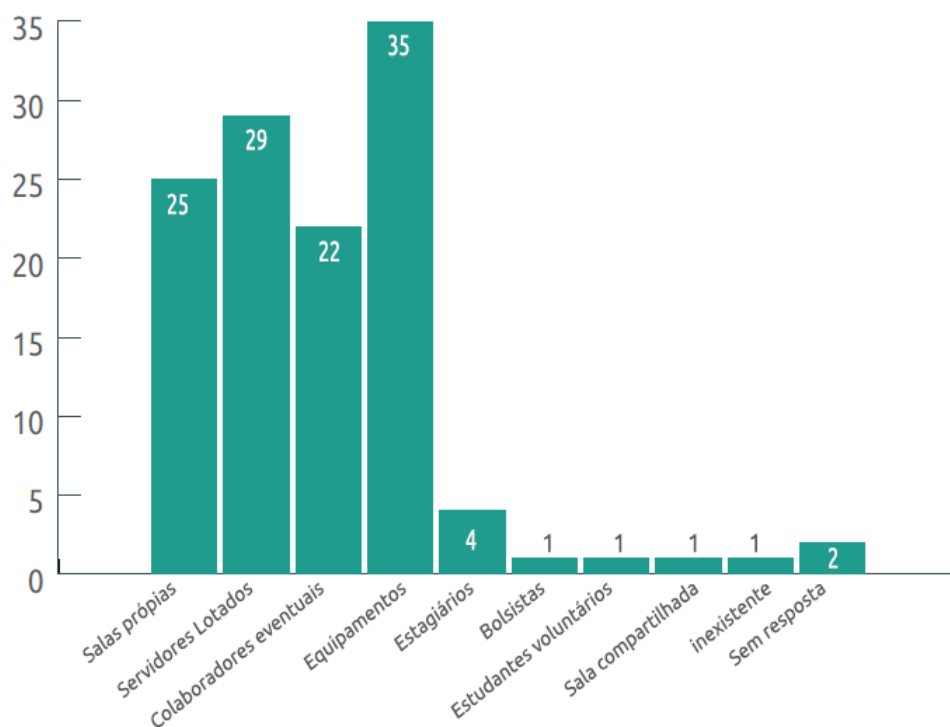
Fonte: MEC, 2018, p. 19

O documento em questão segue apresentando dados sobre a oferta de disciplinas em outros idiomas. Conclui-se que não é uma prática consolidada nas instituições da rede a disponibilidade de programas regulares de ensino de línguas estrangeiras fora da matriz curricular, fornecidos pelos Centros de Idiomas, e o investimento que cada instituição destina à internacionalização.

Um outro ponto de destaque, é a estrutura física e pessoal do setor responsável pelas ações da internacionalização de cada instituição. De acordo com os dados coletados nesta pesquisa é que dois

terços das instituições possuem uma sala própria, e 71% possuem pessoal técnico-administrativo lotado no setor, como pode ser visto na figura 2.7.

Figura 2.7: Itens de estrutura existente para o setor de internacionalização



Fonte: MEC, 2018, p. 24.

Entende-se que o portal/página da web de uma instituição seja sua porta de entrada, trazendo informações e sendo um canal de comunicação, por meio do qual, além da comunidade interna, toda a comunidade externa possa ter acesso ao conteúdo. Se a instituição pensa em internacionalização, entende-se que o conteúdo deva ser gerado em pelo menos uma outra língua. A pesquisa citada até agora mostra que “em 85% deles (35 instituições), só existem informações em língua portuguesa, [...] apenas em 6 instituições (15% do total), identificou-se a construção de uma página também em outros idiomas. Os idiomas encontrados foram inglês, espanhol e francês”. (MEC, 2018, p. 25)

Diante dos dados da pesquisa em pauta, intui-se que há ações de internacionalização na rede federal, porém, nem todas são institucionalizadas e, em algumas instituições, acontecem de forma esporádica e individual:

observa-se que há um longo caminho a percorrer para que a internacionalização esteja imbricada no cotidiano das atividades de ensino, pesquisa e extensão e para que as ações

a ela vinculadas possam promover o crescimento econômico, social e cultural que são por ela suportadas. (MEC, 2018, p. 29)

2.4 A internacionalização no Ifal

2.4.1 O Ifal e a coordenação de Relações Internacionais

O Ifal iniciou suas atividades sem muita estrutura de funcionamento. Inicialmente, em 10 de janeiro de 1910, como Escola de Aprendizes de Alagoas, tendo como seu primeiro diretor, Miguel Guedes Nogueira que foi indicado pelo então Governador de Alagoas, Euclides Vieira Malta. O objetivo inicial era de qualificar artesãos, oferecendo aos jovens oportunidades de inserção no mercado de trabalho. Nessa época, não havia, em Alagoas, muitas indústrias, mas olhando para o passado, a implantação dessa Escola contribuiu para a industrialização e o desenvolvimento do estado através da educação profissional e de qualidade. (Bonan, 2010)

Muito se passou na sua história, com enfrentamento de muitas crises, hoje é o Instituto Federal de Alagoas (Ifal), com 16 *campi* espalhados pelo estado e a reitoria na capital, com 979 professores, 818 técnicos-administrativos e mais de 12 mil alunos em curso (Plataforma Nilo Peçanha, <http://plataformanilopecanha.mec.gov.br/2020.html>).

O Ifal, como parte integrante do Conif, pelo que já foi relatado no que concerne à internacionalização, passa por desafios, ademais, considerando que é uma instituição situada na região Nordeste, no terceiro estado do país mais pobre em relação à linha internacional da pobreza (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2020, p. 67), intui-se que as ações de internacionalização sejam ainda mais modestas.

Faz-se importante relatar que esta pesquisadora esteve à frente da Coordenação de Relações Internacionais do Ifal (CRI) entre 2017 a 2019 e que alguns documentos, como política de internacionalização, resolução que regulamenta a Mobilidade Acadêmica no âmbito do Ifal, política linguística, versão do site em outras línguas estrangeiras e a própria seção de relações Internacionais, no site do Ifal, foram construções desse período.

A CRI, atualmente, está vinculada à Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação (PRPPI) e é uma coordenação com somente uma pessoa lotada no setor. É responsável por todas as relações estabelecidas entre o Instituto Federal de Alagoas e demais instituições, no âmbito internacional (Ifal, página www2.ifal.edu.br).

No site do Ifal, na seção, Relações Internacionais, identifica-se as seguintes informações: contatos, competências, Centro de Idiomas, convênios, legislação e normas e teste de proficiência. É conhecido que a coordenação abraça o Centro de Idiomas com suas ações pertinentes, como projetos de ensino referentes às línguas estrangeiras e aplicação de testes de proficiência. Ainda de acordo com o site do Ifal, na seção das Relações Internacionais (<https://www2.ifal.edu.br/>), as competências da CRI são:

1. Propor diretrizes para uma política institucional na área de cooperação internacional em consonância com os objetivos estabelecidos pela Reitoria;
2. Divulgar e promover a conscientização da importância das atividades de cooperação internacional para o Ifal;
3. Buscar e promover intercâmbio com instituições e agências de cooperação técnica, tecnológica, científica e cultural no exterior;
4. Atualizar e divulgar as informações referentes a programas de cooperação internacional existentes;
5. Divulgar as atividades do Ifal em outros países, no interesse do ensino, da extensão e da pesquisa;
6. Receber e apoiar a demanda externa de propostas de cooperação internacional em suas diversas modalidades;
7. Gerenciar, acompanhar e avaliar os programas de cooperação internacional vigentes;
8. Apoiar o encaminhamento de projetos aos órgãos de fomento nacionais e internacionais, com o intuito de obter apoio financeiro;
9. Emitir parecer nos processos de acordos e convênios internacionais;
10. Coordenar os processos de encaminhamento de estudantes do Ifal ao exterior, e de admissão e acompanhamento de estudantes estrangeiros no Ifal;
11. Realizar assistência aos estudantes do Ifal que se encontram em atividades no exterior;
12. Realizar assistência a participantes estrangeiros que se encontram em atividades no Ifal;
13. Apoiar, propor e realizar eventos internacionais em conjunto com os Campi e os Campi Avançados;
14. Assessorar a Reitoria, as Pró-Reitorias, os Campi e os Campi Avançados em assuntos que envolvam questões internacionais;
15. Zelar pelo cumprimento dos objetivos, programas e regulamentos institucionais, no âmbito da Coordenação;
16. Cumprir as metas estabelecidas no Plano de Desenvolvimento Institucional e no Planejamento Estratégico Institucional;
17. Acompanhar e zelar pelo cumprimento dos objetivos do Centro de Línguas do Ifal;
18. Revisar, organizar, documentar e publicar os procedimentos relacionados à sua área;
19. Exercer outras atividades que, por sua natureza, estejam ligadas às suas competências ou lhe tenham sido atribuídas pelo Reitor.

Outra ação impactante da CRI foi, em conjunto com outras instituições de ensino do estado, a saber: Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Universidade de Ciências da Saúde de Alagoas

(UNCISAL), a criação do Grupo de Relações Internacionais de Alagoas (GRIAL), que objetiva estimular a mobilidade acadêmica internacional no estado através de acordos com instituições estrangeiras, além de fortalecer as parcerias internacionais e a internacionalização do currículo.

Reforça-se que os acordos de cooperação firmados e as normas referentes à mobilidade acadêmica estão publicadas no site do Ifal, seção Relações Internacionais (<https://www2.ifal.edu.br/o-ifal/relacoes-internacionais>).

2.4.2 A mobilidade acadêmica no Ifal

Após a descrição do panorama do Ifal e também da CRI, esta parte deste capítulo tratar-se-á agora da mobilidade acadêmica no Ifal. Embora o Ifal não tenha um orçamento específico destinado à mobilidade acadêmica internacional, observa-se que está pautado na missão da instituição de “promover educação de qualidade social, pública e gratuita, fundamentada no princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, a fim de tornar cidadãos críticos para o mundo do trabalho e contribuir para o desenvolvimento sustentável” (Plano de Desenvolvimento Institucional [PDI], 2019, p. 39), empenho este, ratificado por um dos objetivos estratégicos no PDI, que descreve: “Estabelecer mecanismos de articulação sistemática com os atores sociais, desenvolvendo convênios e/ou parcerias com instituições nacionais e internacionais, objetivando a reciprocidade de relações nas áreas de Ensino, Pesquisa e Extensão”. (PDI, 2019, p. 40)

É importante ressaltar que a inclusão da temática da internacionalização no PDI reforça o monitoramento e avaliação das ações, tornando um planejamento estratégico. Porém, diante da pandemia, foi feita uma alteração no PDI (RESOLUÇÃO N° 76 / 2020) e a internacionalização fora retirada, visto que as metas, quanto à mobilidade e acordos firmados, não seriam atingidas (<https://www2.ifal.edu.br/o-ifal/planejamento-institucional/plano-de-desenvolvimento-institucional>).

Começando pelos registros da mobilidade do programa Ciência sem Fronteiras, esclarecendo que os dados foram colhidos em diversos materiais, na Pró-Reitoria de Ensino, no site do Ifal através das notícias publicadas, e não de um único registro, podendo ter divergências. Entre os anos de 2014 e 2016, nove estudantes do Ifal participaram da mobilidade acadêmica internacional oferecida pelo programa nacional, CsF. O destino desses estudantes foram: Irlanda, Estados Unidos e Espanha.

Outro programa que o Ifal participou foi o Santander Universidades. Com essa parceria, em 2014, quatro estudantes participaram da mobilidade acadêmica, com destino Portugal e Peru. Em 2015, cinco estudantes foram contemplados com destino para Argentina e Portugal.

Pelo convênio entre o Ifal e os Instituto Politécnico do Porto (IPP) e o Instituto Politécnico de Bragança (IPB), o Ifal tem enviado estudantes para mobilidade acadêmica. Embora os acordos estabeleçam interesses mútuos, e outros objetivos além da mobilidade acadêmica, somente esta atividade tem se concretizado e, ademais, somente o Ifal envia estudantes, não recebendo, até o momento, nenhum docente ou discente estrangeiro.

Em 2018, dois estudantes de graduação fizeram mobilidade acadêmica para o IPP e três para o IPB. Esses estudantes passaram seis meses nos respectivos institutos, cursando ECTS¹² (sigla em inglês: *European Credit Transfer and Accumulation System*) dentro da grade dos cursos que estudavam no Ifal. Em 2019, três estudantes de graduação foram para o IPB, dentre eles, um graduando fazia parte do acordo de dupla titulação em engenharia civil entre o Ifal e o IPB, e este passou um ano, enquanto que os outros dois, passaram apenas seis meses. Em 2020, dez estudantes de graduação fizeram mobilidade acadêmica para o IPB.

Ressalta-se que nos anos de 2018 e 2019 todos os estudantes tiveram ajuda de custo paga pelo Ifal, já em 2020, os estudantes não contaram com nenhum auxílio por parte do Ifal.

Como parte das obrigações do estudante do Ifal que faz mobilidade acadêmica internacional estabelecido no Art.15 da Resolução n° 18/CEPE, de 21 de maio de 2018, que regulamenta a Mobilidade Acadêmica no âmbito do Ifal, o momento de socialização da experiência vivenciada é uma ocasião em que a instituição inteira pode beneficiar dos ganhos trazidos pelo estudante na volta para o país.

Assim como a mobilidade *outgoing*, o Ifal também vivencia a mobilidade *incoming*, através do termo de cooperação com a AFS Intercultura Brasil (*American Field Service*), uma organização não governamental, sem fins lucrativos, que tem por objetivo oportunizar a educação intercultural através de intercâmbio.

Neste tipo de mobilidade, o Ifal recebe estudantes do ensino médio, ficando responsável apenas pela área acadêmica. Todo o apoio, como por exemplo a articulação com família acolhedora, fica a cargo da AFS. Entre 2017 e 2019, o Ifal recebeu dez estudantes nos *campi* Maceió e Arapiraca. A CRI, é responsável por orientar a comunidade dos *campi*, promovendo reuniões com os professores e estudantes da turma que irá receber esses estudantes estrangeiros. O objetivo é mitigar os impactos no convívio, valorizar a relação entre todos, a troca de cultura e o respeito mútuo.

¹² Um dos objetivos do Processo de Bolonha é estabelecer um sistema de créditos transferíveis e acumuláveis (ECTS), comum aos países europeus, para promover a mobilidade mais alargada dos estudantes. (https://ec.europa.eu/education/policies/higher-education/bologna-process-and-european-higher-education-area_pt)

Diante do exposto ao longo deste capítulo, é inegável a importância da internacionalização nas IES, embora seja um desafio no Brasil, diante da falta de uma política de incentivo e financiamento para esta prática. Da mesma forma, ficou evidente, através das leituras, que as instituições poderiam ter uma política de internacionalização com objetivos claros, recursos destinados para as mais diversas maneiras de internacionalizar-se detalhadas neste capítulo, bem como a participação de toda comunidade para que haja o desenvolvimento profissional do corpo acadêmico com a finalidade de buscar a excelência no ensino, pesquisa e inovação para a instituição. A internacionalização é considerada uma atividade estratégica, cabendo uma interlocução de gestores e corpo administrativo de um lado, e docentes e discentes de outro, para que que promovam a ação internacional na instituição.

CAPÍTULO III - Orientações Metodológicas

3. Apresentação

Neste capítulo, identificam-se e fundamentam-se as opções metodológicas deste trabalho, que utiliza um estudo de caso, com abordagem qualitativa numa pesquisa exploratória. Inicia-se com a justificação da escolha do tema e todo o contexto em estudo. Passa-se para a explicação da técnica, recorrendo a vários autores. Logo em seguida, dá-se um panorama geral dos atores envolvidos neste estudo, para, então, ser explicado, de forma detalhada, como foi a coleta de dados, sua categorização e, por fim, o esclarecimento sobre a análise dos dados.

3.1 Pertinência da escolha do tema

O tema de internacionalização, analisando a mobilidade acadêmica internacional como possível aquisição do capital simbólico, o capital cultural/conhecimento, surgiu quando essa investigadora esteve responsável pela Coordenação de Relações Internacionais do Ifal e pôde perceber o grande interesse dos alunos em participar da mobilidade acadêmica internacional, (mesmo tendo poucos participantes, devido à falta de verbas) mais especificamente para Portugal. Além disso, sentia a necessidade de compreender todo o processo para que este fosse salutar e trouxesse benefícios para a instituição. Stake (2007) considera esta escolha como um estudo de caso intrínseco, ao afirmar que nem sempre é uma “escolha” (p. 18, aspas do autor), já que a investigadora sentia curiosidade e interesse no caso.

Toma-se o conceito de capital cultural criado por Bourdieu (2013) para explicar como a cultura se transforma numa espécie de moeda que as classes dominantes utilizam para acentuar as diferenças entre as classes dominadas. Já o capital simbólico, para Bourdieu (2013), é a representação social dos outros tipos de capitais, por exemplo, um diploma é um capital cultural para quem possui, mas também se torna um capital simbólico porque é algo que denota que a pessoa que o possui representa uma “pessoa importante” ou “de valor” para a sociedade. Bourdieu afirma que “toda diferença reconhecida, aceita como legítima, funciona por isso mesmo como um capital simbólico que obtém um lucro de distinção” (Bourdieu, 2013, p. 111).

Nessa perspectiva, a pesquisa constituiu em inquirir o percurso de alguns alunos que fizeram a mobilidade acadêmica, a fim de constatar, entre outros pontos, o que mudou na vida social, acadêmica, profissional após o regresso ao Brasil. Considera-se a escolha de alguns alunos apenas uma amostra e não se pretende fazer desta pesquisa uma investigação por amostragem. Como refere Stake (2007, p. 20), “num caso intrínseco, o caso é pré-seleccionado”.

Além disso, entender os processos de globalização, a internacionalização da educação, as políticas educativas na área de internacionalização, foram caminhos que deixaram mais sólido o entendimento da mobilidade acadêmica internacional, tanto o ganho para quem faz, como pode trazer contributo para as duas instituições, a que envia o aluno e a que recebe. O processo da mobilidade é bem aproveitado, por exemplo, quando os envolvidos desenvolvem diferentes competências comunicativas e relacionais, fortalece a capacidade de compreender e de se posicionar diante do mundo, de conviver e acolher as diversidades para atuar e se adaptar em qualquer parte do planeta. Esses pressupostos estão ligados, principalmente, ao quarto objetivo de desenvolvimento sustentável (ODS) que compõe a Agenda 2030 da ONU (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento [PNUD], 2015, p. 73).

3.2 Tipo de Pesquisa

Tendo em vista a natureza do objeto de investigação escolhido, cabe dizer que a abordagem busca conhecer o percurso percorrido pelos estudantes que fizeram mobilidade acadêmica internacional. É de caráter qualitativo, mas sem deixar de lado alguns dados quantitativos que permitiram apreender a situação de forma mais completa. Segundo Fonseca (2002, p. 20), “a utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente”. A este respeito, Robert Stake (2007) esclarece que os métodos qualitativo e quantitativo são uma mistura:

Em cada estudo etnográfico, naturalista, fenomenológico, hermenêutico ou holístico (ou seja, em cada estudo qualitativo) a enumeração e o reconhecimento das diferenças quantitativas têm lugares proeminentes. E em cada inquérito estatístico ou experiência controlada (ou seja, em cada estudo quantitativo) a descrição em linguagem natural e a interpretação do investigador são importantes. (Stake, 2007, p. 52)

Ainda em Stake (2007), o autor afirma durante a análise dos dados é que as diferenças entre o método qualitativo e o quantitativo são ainda menores. Segundo o autor, “o investigador qualitativo concentra-se na circunstância, tentando fraccioná-la e depois reconstituí-la mais significativamente [...]. O investigador quantitativo busca um conjunto de circunstâncias, esperando que, a partir do agregado, surjam significados relevantes para os problemas”. (Stake, 2007, p. 91)

Para Bogdan e Biklen (1994), a investigação em educação com abordagem qualitativa ganhou força nos anos sessenta devido ao espírito democrático da época e a ascensão da Antropologia e Sociologia enquanto disciplinas acadêmicas, em que os investigadores passaram a apresentar o processo de recolha de análise de dados não como uma atividade descritiva, mas como uma teoria. De acordo com os autores:

Ainda que os investigadores em antropologia e sociologia tenham vindo a utilizar a abordagem descritiva [...], a expressão “investigação qualitativa” não foi utilizada nas ciências sociais até o final dos anos sessenta. Utilizamos a expressão investigação qualitativa como um termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características. Por sua vez, os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico. (Bogdan & Biklen, 1994, p. 16)

Ampliando o conhecimento sobre o que é uma investigação qualitativa, Bogdan e Biklen (1994), apontam cinco características: “1- a fonte directa de dados é o ambiente natural e o investigador o instrumento principal [...] Os investigadores frequentam os locais do estudo porque se preocupam com o contexto” (pp. 47-48). A recolha de dados é feita através de observação, anotação e uso de equipamento de áudio ou vídeo; “2- A investigação qualitativa é descritiva, os dados são em forma de palavras, ou imagens, não de números” (p.48). Para esses autores,

a abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para construir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objecto de estudo. (Bogdan & Biklen, 1994, p. 49)

Continuando com as peculiaridades da investigação qualitativa segundo Bogdan e Biklen (1994), seguem-se: “3- O investigador qualitativo interessa-se mais pelo processo do que simplesmente pelo resultado ou produto” (p. 49); “4- Os investigadores qualitativos tendem a analisar os dados de forma indutiva” (p. 50). A ideia é construída à medida que os dados vão sendo recolhidos. Bogdan e Biklen (1994, p. 50) exemplificam: “não se trata de montar um quebra-cabeças cuja forma final conhecemos de antemão. Está-se a construir um quadro que vai ganhando forma à medida que se recolhem e examinam as partes”.

E, finalmente, Bogdan e Biklen (1994), clarificam a quinta característica: “5- O significado é de importância vital na pesquisa qualitativa” (p. 50). Os autores complementam: “ao aprender as perspectivas dos participantes, a investigação qualitativa faz luz sobre a dinâmica interna das situações, dinâmica esta que é frequentemente invisível para o observador exterior.” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 51)

No que diz respeito aos objetivos propostos, a investigação se caracteriza como exploratória, “possui o planeamento flexível, o que permite o estudo de entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema” (Prodanov & Freitas, 2013, p. 52) e descritiva, uma vez que pretende, em linhas gerais, traçar um panorama do perfil e trajetória de sete alunos do Instituto Federal de Alagoas que participaram de mobilidade acadêmica internacional.

Ainda sobre o enquadramento da investigação, trata-se de um estudo de caso, uma vez que a pesquisa visa retratar o objeto de estudo a partir da interpretação não generalizante. Sabe-se que estudo de caso é uma modalidade amplamente usada nas ciências sociais, pois “o pesquisador não pretende intervir sobre o objeto a ser estudado, mas revelá-lo tal como ele o percebe” (Fonseca, 2002, p. 34). O estudo de caso, é uma das maneiras de se fazer pesquisa, principalmente quando se pretende investigar um tópico empírico seguindo-se um conjunto de procedimentos pré-especificados. Para Yin (2001, p. 19), os estudos de caso: “representam a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo “como” e “por que”, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real”.

Para Bell (1993, p. 23) um estudo de caso é “muito mais que uma história ou descrição de um acontecimento ou circunstância [...] os dados são recolhidos sistematicamente, a relação entre as variáveis é estudada e o estudo é planeado metodicamente”.

3.3 Participantes na Pesquisa

A pesquisa foi realizada com seis (6) estudantes/estudantes egressos do Instituto Federal de Alagoas que cursaram um semestre acadêmico numa instituição transmontana de ensino superior em Portugal, como mobilidade acadêmica internacional e um (1) estudante egresso do Ifal que participou do programa de dupla titulação na mesma instituição estrangeira mencionada. Os dados desses estudantes serão detalhados no capítulo seguinte deste trabalho.

De posse dos dados sobre a mobilidade acadêmica e as entrevistas com os estudantes que fizeram a mobilidade, foi necessário ouvir um representante da instituição envolvida a fim de fazer esclarecimentos e inferências sobre os dados coletados numa tentativa de interpretação dos fatos. De acordo com Stake (2007), para se certificar e de tornar o caso compreensível, é necessário fazer a triangulação dos dados para auxiliar na clarificação dos fatos ou desfazer algum fato contraditório.

Em se tratando de uma pesquisa com seres humanos, o projeto foi inscrito na Plataforma Brasil, para sua avaliação ética, conforme Resolução N°510, de 07 de abril de 2016 (Brasil, 2016). Para Bogdan e Biklen (1994), no âmbito da ética, em investigação com seres humanos, são necessários o consentimento e a proteção dos sujeitos contra qualquer espécie de dano, formalizando com assinaturas de formulários e deferida pela comissão relativa aos direitos humanos na instituição. Assim, foi percorrido todo o processo no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), na Plataforma Brasil, para o deferimento da pesquisa, documento que está em anexo nesta dissertação.

3.4 Coleta de dados

Para o levantamento dos dados, foi realizado, primeiramente, um contato com os entrevistados para coletar informações, para o preenchimento de um formulário, relativas ao perfil acadêmico e questões básicas da mobilidade, tais como: se foi a primeira vez que o entrevistado saiu do país, se houve ajuda de custo por parte da instituição, o que motivou a fazer uma mobilidade acadêmica internacional, tipo de moradia no país estrangeiro, dentre outras que foram a base do esquema quantitativo da pesquisa, sendo, portanto, uma pré-categoria.

A técnica de coleta de dados para a análise qualitativa foi por meio de entrevista individual online, agendada previamente. Ocorreram no período de 9 de junho de 2021 a 3 de julho de 2021. As entrevistas foram gravadas com o consentimento dos entrevistados e, posteriormente, transcritas na íntegra pela pesquisadora, inclusive com registros de expressões como risos, choros, formas de hesitações, que segundo Bell (1993, p. 137), uma entrevista “pode transmitir informações que uma resposta escrita nunca revelaria”.

Não foi limitado o tempo de respostas para os entrevistados e as entrevistas seguiram num clima de harmonia e cumplicidade entre a pesquisadora e os entrevistados. A identidade dos entrevistados foi preservada e optou-se pela substituição dos nomes dos estudantes por letras de A a G e do responsável pela instituição, pelo símbolo Ω . Foram feitas perguntas semiestruturadas, seguindo um roteiro pré-estabelecido, apresentado em apêndice. O roteiro foi feito com base nas perguntas de partidas da pesquisa, muito embora os rumos das perguntas fluíram de acordo com as percepções que a pesquisadora notou no decorrer do encontro virtual, pois, segundo Ludke e André (1986), é o pesquisador quem deve captar as informações à medida que elas vão surgindo. Continuando com a posição dos autores, foi fundamental o conhecimento do assunto para que pudesse ter um registro rigoroso dos dados, o que já foi declarado que a pesquisadora teve participação no processo da mobilidade desses estudantes.

Na condição desta pesquisadora ter estado à frente da coordenação de Relações Internacionais do Ifal e participar do processo de internacionalização da instituição, facilitou a compreensão e a interpretação dos dados, mas que em alguns momentos, essa vantagem foi desfavorável por não conseguir a imparcialidade necessária para a pesquisa e evitar análises precipitados e sem comprovação científica. De acordo com Ludke e André (1986 p. 58), “no calor da corrente vital apreendida pelo caso, o pesquisador propõe suas próprias explicações, baseadas em tudo o que sabia antes de começá-lo, mas sobretudo em tudo o que aprendeu ao realizá-lo”.

3.5 Categorias de análise

Levando em conta que o que se pretende compreender é o impacto que a mobilidade acadêmica internacional causa na vida pessoal, acadêmica e profissional dos entrevistados no regresso ao Brasil, considerando os aspectos sociais, além de identificar as dificuldades durante a mobilidade e as realizações pessoais e profissionais após a mobilidade, a pesquisa foi firmada em cinco categorias. Bardin (2016, p. 149), considera que “a categorização tem como primeiro objetivo (da mesma maneira que a análise documental) fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos”.

Bell (1993, p. 183), justifica a utilização de categorias de análise ao afirmar:

uma centena de informações interessantes soltas não terá qualquer significado para um investigador ou para um leitor se não tiverem sido organizadas por categorias. O trabalho do investigador consiste em procurar continuamente semelhanças e diferenças, agrupamentos, modelos e questões de importância significativa.

As categorias de análise foram criadas a fim de compreender as dimensões e subdimensões caracterizadas do fenômeno da mobilidade. Dentro das categorias, foram criadas subcategorias para facilitar a análise dos dados. Contudo, foi criado um formulário no Google para que dados preliminares às categorias estabelecidas fossem colhidos para um melhor entendimento do terreno.

Quadro 3.1: Categorias, Subcategorias e Perguntas da entrevista

Categoria	Subcategoria	Perguntas da entrevista
Acolhimento/adaptação cultural	Acolhimento em Portugal	Como foi seu acolhimento em Portugal?
	Ambientação com o clima	Como foi a sua ambientação com o clima?
	Ambientação com a culinária	Como foi a sua ambientação com a culinária?
	Choque cultural	Houve algum choque cultural? Você, em algum momento mostrou algum aspecto da nossa cultura a eles?
	Preconceito por ser brasileiro(a)	Você sentiu algum preconceito por ser brasileiro(a)?
Ensino	Aproveitamento das disciplinas	Como você avalia o aproveitamento das disciplinas cursadas e as atividades

		realizadas durante a mobilidade e as do seu curso no Ifal?
	Uso de língua estrangeira	Você teve alguma necessidade de usar alguma língua estrangeira? Qual?
	Atividades extracurriculares	Você desenvolveu alguma atividade extracurricular durante a mobilidade?
	Atividades desenvolvidas ao retornar ao Brasil	Você desenvolveu alguma atividade referente à mobilidade ao retornar ao Brasil?
	Diferença da maneira de ensinar entre as instituições	Você acha o ensino no Ifal diferente do ensino na instituição que você estudou? Se sim, em que aspectos?
	Participar de uma outra mobilidade acadêmica	Você faria uma mobilidade acadêmica novamente?
Pontos negativos da mobilidade	Saudade da família	Como você mitigava a saudade da família?
	Aspecto financeiro	O auxílio da instituição foi suficiente para sua estadia no exterior?
Pontos positivos da mobilidade	Amizade com estrangeiros	Você fez amizade com estudantes estrangeiros durante a mobilidade? A amizade continua?
	Mudança na vida pessoal	Você se tornou uma pessoa diferente depois da mobilidade?
	Contribuição para a vida acadêmica/profissional	Ao retornar ao Brasil, você desenvolveu algum projeto relacionado com o que você cursou na mobilidade? A mobilidade atendeu à suas expectativas?
Cidadania Global	Ser cidadão global	Você se considera um cidadão global?

Fonte: Elaboração própria da autora

3.6 Critérios da análise dos dados

Todos os dados foram submetidos à análise interpretativa de maneira que se chegou a resultados que serviram de respostas para os objetivos deste trabalho. Quais são eles: identificar os motivos pelos quais os alunos querem fazer mobilidade acadêmica internacional, analisar o impacto na

vida profissional e acadêmica do aluno após o regresso ao seu país, identificar as dificuldades enfrentadas pelos alunos durante a mobilidade acadêmica, descrever como os alunos reinvestem as experiências de mobilidade acadêmica nas suas comunidades após regresso ao país.

Em se tratando do tratamento da análise documental, como explica Bardin (2016, p. 51), “a análise documental tem por objetivo dar forma conveniente e representar de outro modo essa informação, [...] de tal forma que este obtenha o máximo de informação (aspecto quantitativo) e com o máximo de pertinência (aspecto qualitativo)”. Ainda segundo a autora, “a análise de conteúdo trabalha a palavra, a prática da língua realizada por emissores identificáveis”, exemplificando com a metáfora de um jogo de xadrez, segundo ela, utilizada por F. Saussure, “a análise de conteúdo tenta compreender os jogadores ou o ambiente do jogo num momento determinado, com o contributo das partes observáveis” (Bardin, 2016, p. 49).

Vala (1986) não deixa dúvidas da importância da análise do conteúdo, que classifica com uma técnica de tratamento de informação com suas nuances em cada diferente tipo de procedimentos lógicos de investigação, sendo essa técnica uma das mais usadas na investigação empírica das ciências humanas e sociais.

Iniciou-se por categorizar os textos transcritos das entrevistas de modo que o percurso da mobilidade acadêmica internacional de cada estudante pudesse ser analisado e explorado para compor esta pesquisa. Logo após, foi construído um quadro em colunas verticais, em apêndice, em que a primeira consta as categorias apresentadas anteriormente; a segunda, as subcategorias e na terceira, as respostas dos entrevistados referentes às suas respectivas perguntas de maneira a facilitar a visão completa dos dados, podendo fazer uma leitura horizontal dos fatos, ou seja, fazer as inferências sobre os dados colhidos, um trabalho árduo, complexo, objetivando o resultado mais realístico. Como explica Vala (1986, p. 104), “a finalidade da análise do conteúdo será pois efectuar inferências, com base numa lógica explicitada, sobre as mensagens cujas características foram inventariadas e sistematizadas”. A esse respeito, Vala vai de encontro ao que diz Bardin (2016, p. 44,) ao esclarecer que: “a intenção de análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)”.

Embora se tenha usado um número pequeno de entrevistados, e com isso, não é possível fazer generalizações; porém, como clarifica Bell (1993, p. 181), “quando bem preparados, os estudos de pequena dimensão podem informar, esclarecer e oferecer uma base para as decisões de política educativa no interior de uma instituição”.

Primeiramente, foram analisados os dados dos entrevistados obtidos no formulário, referentes aos cursos que eles eram provenientes, se eles já pensavam em fazer mobilidade acadêmica, se já tinham saído do Brasil anteriormente e se tiveram alguma ajuda de custo por parte da instituição a fim de conhecer a realidade e poder estruturar as perguntas para a entrevista, afóra os dados pessoais como idade, estado civil. Depois, foram analisados os dados colhidos nas entrevistas individuais referentes às categorias já mencionadas, comparando e revelando o caminho da mobilidade de acordo com as concepções dos entrevistados, baseando-se nas hipóteses construídas para que se chegasse a este trabalho, nomeadamente: a) a mobilidade acadêmica influencia positivamente na vida pessoal, acadêmica e profissional dos alunos; b) a mobilidade atende às necessidades e expectativas dos alunos.

CAPÍTULO IV - Estudantes do Ifal: vozes e experiências de mobilidade acadêmica

4. Apresentação

No capítulo anterior, apresentaram-se as orientações metodológicas, como as técnicas e os instrumentos usados na recolha de toda a informação deste estudo. Neste capítulo, tratar-se-á da interpretação dos dados, na tentativa de relacionar os dados empíricos e as perspectivas teóricas, fundamentada na revisão bibliográfica apresentada nos capítulos precedentes.

Considera-se que este capítulo seja uma das principais partes desta dissertação, sem desconsiderar o percurso feito até aqui, em que os dados são traduzidos, sejam eles quantitativos ou qualitativos, em inferências, trazendo para o leitor a interpretação do investigador na ânsia por apresentar fatos inéditos ou que possam ser esclarecedores, na tentativa de compreender o conteúdo estudado. Conforme Bardin (2016, p. 15, aspas e itálico no original), a análise do conteúdo é “tarefa paciente de ‘desocultação’, responde a esta atitude de *voyeur* de que o analista não ousa condessar-se e justifica a sua preocupação, honesta, de rigor científico”.

Para uma maior compreensão, optou-se por trazer breves informações da instituição que acolheu os alunos da mobilidade para se ter uma visão concreta do terreno que fora mencionado pelos estudantes durante as entrevistas. E, logo em seguida, apresentar-se-á todo o desdobramento do estudo, com as informações dos entrevistados, as interpretações das categorias e as asserções de conhecimento, fazendo uma triangulação com os dados obtidos, as falas dos entrevistados e o posicionamento da instituição que eles pertencem/pertenciam.

4.1. Informações da instituição receptora

Por motivos éticos e de confidencialidade desta dissertação, o nome da instituição receptora dos estudantes do Ifal em mobilidade acadêmica internacional será designado de Instituto Alfa, situada no Nordeste transmontano português, possuindo dois *campi* em cidades distintas, que serão tratadas pelos nomes de Catedral e Mosteiro. Segundo o portal do verdadeiro instituto, denomina-se como uma instituição comprometida na formação de qualidade de seus alunos no tripé ensino, pesquisa e extensão, considerando o resultado no meio econômico, social e cultural.

As cidades em que estão localizados os *campi*, ficam numa região relativamente mais isolada que outras regiões do país. Catedral é o município mais populoso da região, com 35.128 habitantes, enquanto Mosteiro é aquele com maior densidade populacional: 35,7 habitantes p/ km². Quanto ao perfil econômico, em 2011, essa região apresentou o PIB (Produto Interno Bruto), 31% inferior ao

nacional (Estratégias Integradas de Desenvolvimento Territorial, 2014). Segundo Rodrigues (2008), o envelhecimento da população nas zonas mais interiores da região norte, causa um desequilíbrio entre a população ativa e inativa trazendo prejuízos para a economia local.

Segundo o site da instituição, a entidade possui o corpo docente altamente qualificado, com a percentagem mais elevadas de doutores do sistema superior de ensino em Portugal. Foi reconhecido como uma das instituições de ensino de maior sucesso pela Associação das Universidades Europeias. Seus cursos incluem: licenciaturas, pós-graduações, pós-licenciaturas, ciclos de mestrado e cursos de especialização tecnológica. De acordo com os dados do seu portal, possui mais de 7000 estudantes.

Quanto à internacionalização, reconhece-se que tem um programa de sucesso, envolvendo a mobilidade anual de mais de 600 estudantes, entre os do Programa Erasmus e os de países de língua oficial portuguesa, depoimentos de alunos, no site oficial, evidenciam que estudar nesta instituição é uma oportunidade ímpar para a formação pessoal e as chances de empregabilidade aumentam consideravelmente.

Embora esteja situado numa região menos desenvolvida de Portugal, os entrevistados desta pesquisa já sentiram uma grande diferença em comparação com a região em que vivem aqui no Brasil, seja na cidade, em termos de segurança, estilo de vida, e da infraestrutura das instituições envolvidas (o Instituto Alfa e o Ifal) com relação aos laboratórios, à vida acadêmica e ao ensino. Desde já, pode-se inquirir que o fato de haver laboratórios de excelência, o Instituto Alfa lida com as aulas práticas mais que o Ifal, ademais, a realidade da internacionalização estar mais consolidada no Instituto Alfa, cria-se uma estratégia de envolvimento com outras culturas, outros conhecimentos muito diferentes que no Ifal.

4.2. Informações preliminares dos entrevistados

Como fora citado no capítulo anterior, esta pesquisa contou com a colaboração de sete alunos/alunos regressos do Ifal que, gentilmente, responderam ao formulário do Google e, depois, participaram da entrevista individual online. Desses sete alunos, somente dois ainda não integralizaram o curso no Ifal, ou seja, continuam com o vínculo de aluno ativo no Ifal. Os outros cinco, já são alunos egressos. Além disso, dos sete alunos, seis permaneceram um semestre na instituição estrangeira e somente um aluno ficou um ano, pois fazia parte de um outro tipo de acordo entre as duas instituições.

Esses alunos foram escolhidos pela pesquisadora por terem participado da mobilidade no período em que esta esteve responsável pela coordenação de relações internacionais da instituição e, deste modo, já se tinha uma relação de professor/aluno.

Primeiramente, os alunos foram contactados por e-mail, no intuito de explicar a pesquisa, e solicitar o aceite por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em anexo, informando e assegurando os direitos dos participantes numa pesquisa, um dos documentos necessários para submissão da pesquisa na Plataforma Brasil.

Após o termo assinado, a pesquisadora entrou em contato por e-mail para que os alunos respondessem à um formulário pelo Google formulário, a fim da recolha dos dados preliminares para o trabalho. Com as respostas do formulário, foi possível caracterizar: idade, sexo, estado civil, período da mobilidade, curso, se recebeu ou não auxílio do Ifal, para já traçar o perfil dos respondentes. Desta forma, apresenta-se o quadro 4.1 com todas essas informações e a seguir, a explicação pormenor dos dados.

Quadro 4.1: Caracterização dos entrevistados

Entrevistado	Idade	Sexo	Estado Civil	Curso de origem	Período da mobilidade	Auxílio do Ifal
A	23	masculino	solteiro	Engenharia Civil	setembro/2019 a agosto/2020	Sim
B	45	masculino	casado	Tecnologia em Hotelaria	fevereiro/2020 a julho/2020	Não
C	24	feminino	solteiro	Licenciatura em Matemática	fevereiro/2018 a julho/2018	Sim
D	25	feminino	solteiro	Licenciatura em Química	fevereiro/2019 a julho/2019	Sim
E	30	feminino	solteiro	Tecnologia em Design de Interiores	fevereiro/2020 a julho/2020	Não
F	44	feminino	casada	Tecnologia em Gestão Ambiental	fevereiro/2019 a julho/2019	Sim
G	30	masculino	solteiro	Tecnologia em Hotelaria	setembro/2018 a fevereiro/2019	Sim

Fonte: Elaboração própria referentes às respostas dos entrevistados ao questionário

Como se pode perceber, a idade e o sexo não foram fatores de muita discrepância. Somente dois deles se declararam casados e com família constituída, mas durante as entrevistas não se percebeu nenhuma diferença ou dificuldade entre os outros entrevistados de viverem esta experiência. Os entrevistados fizeram a mobilidade acadêmica internacional entre fevereiro de 2018 a julho de 2020. Os alunos que fizeram mobilidade entre 2018 a 2019 receberam ajuda de custo do Ifal. Esta ajuda de custo consistia num valor estabelecido pelo Ifal. Já outros dois alunos, não obtiveram ajuda de custo, o que já

era previsto no edital que seria uma mobilidade sem bolsa, porém, ficaria isento das propinas na Instituição Alfa, devido ao Acordo de Convênio de Cooperação entre as instituições de ensino.

Ressalta-se que este benefício era garantido a todos os outros alunos. Os editais para a seleção de estudantes para a mobilidade acadêmica internacional encontram-se no portal do Ifal (<https://www2.ifal.edu.br/>) e na época do lançamento, foram amplamente divulgados nos *campi* e nas redes sociais do instituto.

Nesses editais, alguns requisitos para a candidatura eram: possuir matrícula ativa no Ifal durante o período de realização do intercâmbio; ter integralizado a carga horária da matriz curricular do curso referente ao segundo semestre, no mínimo, e, no máximo, o penúltimo semestre; ter coeficiente de rendimento escolar do curso maior ou igual a sete, o que no Brasil, seria a média acadêmica, considerando que as classificações vão de 0 a 10 valores. Como informado acima, alguns editais contaram com a ajuda da instituição, outros contavam com alojamento e alimentação na instituição receptora e, em outros, não havia nem ajuda e nem o apoio de ambas as instituições, ficando todos os custos por conta do candidato.

Quanto aos cursos que os entrevistados estudavam/estudam no Ifal, há uma variedade entre eles. Somente o curso de Tecnologia em Hotelaria foi contemplado com dois estudantes que fizeram mobilidade no período pesquisado. Considerando que há dezesseis cursos superiores no Ifal, a saber: Bacharelados (Administração Pública, Engenharia Agrônômica, Engenharia Civil, Engenharia Elétrica e Sistemas de Informação); Licenciaturas (Ciências Biológicas, Física, Letras-Português, Matemática e Química), Tecnólogos (Alimentos, Design de Interiores, Gestão Ambiental, Gestão de Turismo, Hotelaria e Laticínios) (Portal do Ifal, <https://www2.ifal.edu.br/o-ifal/ensino/cursos>), essa amostra traz uma baixa diversidade. Sabe-se que os editais foram lançados para todos os estudantes de graduação da instituição, independentemente dos cursos que o candidato estudava.

Este ponto sobre os cursos e índice de coeficiente de rendimento escolar merece uma intervenção desta pesquisadora, uma vez que é questionado se nesse quesito não favorece mais os alunos que fazem cursos mais “fáceis” de se obter esse índice, como os tecnólogos e licenciatura, em detrimento das engenharias.

Em resposta a esse questionamento, a representante do Ifal que fora entrevistada, salientou que essa questão é uma das que devem mudar quando for lançado outro edital de mobilidade. Segundo ela, pretende-se fazer editais por cursos para não gerar essa hesitação.

4.3. Vozes dos entrevistados

Nesta etapa, discorrer-se-á sobre os dados propriamente ditos, com riquezas de detalhes para dar mais respaldo a esta pesquisa. As interpretações dos dados contarão com a percepção da pesquisadora, assim como a fala da representante do Ifal, a fim de se fazer uma triangulação entre os dados sobre a internacionalização do Ifal, as entrevistas dos alunos e a voz da responsável pela instituição.

Depois do preenchimento do formulário, os estudantes foram entrevistados, como consta no capítulo anterior, com os procedimentos da técnica adotada. As entrevistas, com as perguntas semiestruturadas, ocorreram de forma agradável e o assunto foi fluindo naturalmente, de maneira que a pesquisadora tenha ficado satisfeita com o material obtido. Como fora citado no capítulo anterior, o assunto foi categorizado e será detalhado nos itens que seguem este capítulo. Concomitantemente, com o intuito de ter a participação do Ifal, instituição dos alunos entrevistados, seguem alguns esclarecimentos da servidora do Ifal, responsável pelo assunto, para que se pudesse ter uma confirmação e esclarecimentos sobre os conteúdos analisados.

4.3.1. Percepções iniciais sobre a mobilidade acadêmica

No que concerne à mobilidade acadêmica internacional, inicia-se por abordar a razão pela qual os entrevistados quiseram se candidatar ao edital de mobilidade do Ifal e suas implicações com saída do país e os altos custos desse processo.

Na análise das respostas das entrevistas, observou-se que a maioria nunca tinha saído para fora do país, sendo que alguns não tinham saído nem da própria região. Apenas um entrevistado não pensava em fazer mobilidade, enquanto o restante, considerava a mobilidade como uma possibilidade de melhoria de vida acadêmica e profissional e, ainda, como uma vontade de conhecer outras culturas.

À luz desses dados, pode-se inferir que as motivações que levaram esses estudantes a fazerem mobilidade acadêmica internacional levam em conta a importância da internacionalização como aquisição do capital simbólico defendido por Bourdieu (2013), que consiste em capital, seja ele econômico, cultural e social, em termos de reconhecimento ou de valor social, na medida que é representado, ou seja, poder atribuído àqueles que obtiveram reconhecimento suficiente para ter condições de impor o reconhecimento. Nesse sentido, o “estudar no exterior” sinaliza que há um ganho de capital reconhecido, comprovados com a análise dos dados seguintes dessa pesquisa.

Procurou-se, também, identificar o perfil socioeconômico dos entrevistados a partir das respostas: se tiveram ou não ajuda de custo da instituição e de como cada entrevistado se manteve no exterior. Dos sete entrevistados, cinco obtiveram uma bolsa de estudo e dois custearam as suas próprias despesas. Sabe-se que, por meio do acordo de cooperação entre as duas instituições de ensino citadas nesta dissertação, as mensalidades/propinas durante o semestre acadêmico no Instituto Alfa não são pagas pelos estudantes do Ifal, já representando uma grande economia nas despesas da viagem. Menciona-se que o ensino nos institutos federais, no Brasil, é gratuito, os estudantes não pagam nenhuma taxa; ademais, para os alunos que comprovam carência financeira, o Ifal possui o programa de assistência estudantil garantindo alguns benefícios de bolsas como: auxílio permanência, auxílio alimentação, auxílio transporte, auxílio conectividade. Para a mobilidade acadêmica, todas as outras despesas como passagem, alimentação, moradia, são de responsabilidade dos estudantes. Para mais, mesmo antes de sair do país, o estudante tem um grande gasto com apostilamento de documentos em cartório; obtenção de visto para ficar seis meses em Portugal; viagem a Recife/Salvador, cidades dos consulados de Portugal mais próxima da moradia dos alunos, tanto para dar entrada no visto, como para fazer a retirada; etc. Outros fatores que tiveram uma parcela de gastos foi a de vestimenta apropriada para o inverno no hemisfério norte e a aquisição de um plano de telefonia móvel para que os estudantes pudessem se comunicar com suas famílias no Brasil.

Dos que receberam o apoio financeiro do Ifal, todos alegaram que o auxílio foi suficiente, embora declararam que tenha sido com muito controle de gastos devido ao câmbio. Para registrar essa dificuldade, em 2021, € 1,00 euro correspondia a R\$ 6,65 reais¹³. A flutuação cambial é constante, e em depoimentos na época da viagem, esta pesquisadora acompanhou os contratempos vivenciados pelos estudantes para comprar a moeda estrangeira. Como se pode ver no gráfico abaixo, o câmbio tem uma considerável crescente nos últimos anos. Para os padrões de vida da maioria dos brasileiros, os custos com uma viagem internacional são bem significativos, considerando o salário mínimo brasileiro na época, em 2018, ser de R\$ 954,00 e, em 2021, R\$ 1.045,00, comparando com o salário no país da mobilidade acadêmica, 580 € e 665 € respectivamente.

¹³ Fonte: <https://www.melhorcambio.com/euro-hoje>, consulta realizada em 11 de novembro de 2021.

Gráfico 4.1: Valor do Euro/Real de janeiro/2018 a julho/2021



Fonte: <https://br.tradingview.com/symbols/EURBRL/>

Os que não receberam a assistência do Ifal contaram com a ajuda da família para pagar as despesas. Mesmo conhecendo os altos custos de uma viagem internacional, todos afirmaram, em outro momento da entrevista, que fariam tudo novamente.

Os dados desta pesquisa vão de encontro com o trabalho de doutoramento de Andréa Aguiar (Aguiar, 2007). Na tese, a autora analisa a estratégia internacional de famílias favorecidas economicamente, citando que os investimentos na educação dos filhos estão imbricados na trajetória escolar, como viagens de férias ao exterior, viagens para se estudar uma língua estrangeira no país de origem, intercâmbio durante a *high school*, ou ainda opção de estudar numa escola internacional no próprio país de origem. Ou seja, Aguiar (2007) pesquisa o percurso estudantil de pessoas que já possuem uma história familiar ligada à internacionalização, cujo objetivo foi de comprovar como a educação internacional favorece a reconversão dos capitais material e simbólico dos estudantes pertencentes a famílias com alta poder aquisitivo.

Por outro lado, a presente dissertação, embora não adentre especificamente no setor econômico, as respostas dos entrevistados e a impressão da investigadora revelam que os estudantes participantes nesta pesquisa não fazem parte do grupo seletivo de famílias que possuem práticas em atividades internacionais, eles são os precursores desta experiência. Neste sentido, esses estudantes do

lfal parecem configurar uma exceção à regra de que a internacionalização seja somente para uma classe abastada.

Sobre o motivo que levou a candidatar-se às vagas de mobilidade publicitadas nos editais, as repostas foram a tentativa de adquirir novos conhecimentos e conhecer a cultura estrangeira. Como se observa nos discursos dos entrevistados:

Sempre tive muita vontade de conhecer de perto e visitar outros países. (Estudante A)

Foi pela experiência mesmo. (Estudante B)

A aquisição de novos conhecimentos de novas metodologias. (Estudante C)

Experiência de ir a outro país, de conhecer outra cultura, de conhecer novas pessoas, de aprender coisas novas, de cursar disciplinas mais avançadas e poder, é... proporcionar mais oportunidades pra mim quando eu voltasse pra o Brasil. (Estudante D)

Primeiro eu sempre quis fazer intercâmbio na escola, mas não tinha condição financeira. E quando eu entrei no lfal que eu vi que tinha essa possibilidade de ganhar uma bolsa. Então logo me interessei e questões também profissionais porque eu sabia que no meu currículo ia contar bastante. (Estudante E)

Eu acho que a gente tem que tá aberto às aprendizagens. Eu acho que a mobilidade é uma aprendizagem única principalmente em termos do que trabalha a gente pessoalmente porque não é só um ganho no conteúdo de aprendizagem disciplinar, mas sobretudo no controle emocional. (Estudante F)

Eu acreditava que tendo essa experiência no exterior, haveria um enriquecimento pessoal, cultural e histórico, principalmente pelo país se tratar de Portugal, pelo vínculo da história. (Estudante G)

Analisando as falas dos entrevistados, percebe-se que a aquisição de experiência profissional e conhecimento cultural são palavras recorrentes nas respostas. Considerando que os envolvidos na pesquisa estudam/estudaram numa instituição federal de educação, ciência e tecnologia, que tem a missão de “formar cidadãos críticos para o mercado de trabalho e contribuir para o desenvolvimento sustentável” (PDI, 2019), é de se esperar que a busca pelo diferencial na vida profissional, para obter uma vantagem competitiva participando de uma mobilidade acadêmica internacional, fosse um interesse mútuo desses estudantes. Para além disso, o mercado de trabalho espera que profissionais não estejam somente aptos academicamente, é necessário que tenham habilidades interpessoais, flexibilização, respeito à diversidade. Para tanto, a experiência numa mobilidade acadêmica favorece este aprendizado, principalmente no que se refere ao crescimento pessoal. Conforme reforça Stallivieri (2017a, p. 22), “a capacidade de aprender de uma perspectiva diferente, de outro ponto de vista, ter a oportunidade de

ouvir outras opiniões, testemunhar outros eventos culturais e melhorar a capacidade linguística certamente faz a diferença no potencial do conhecimento adquirido”.

4.3.2. Acolhimento/adaptação cultural

Quanto à primeira categoria analisada, acolhimento/adaptação cultural, todos os entrevistados descreveram como bom o acolhimento que tiveram ao chegar ao país estrangeiro. Alguns usam as palavras “ótimo” e “maravilhoso”. Segundo o estudante D, “me senti como naqueles filmes internacionais quando as pessoas saem de casa para estudar fora”, o estudante G, disse que chamou a atenção dele foi a segurança, que é muito diferente no Brasil. Instigou-se um pouco mais para colher dados de como foi a acolhida na instituição receptora e, novamente, os estudantes mostraram que a hospitalidade da comunidade do Instituto Alfa foi satisfatória, como relata um estudante:

Foi muito bom, eu gostei muito. É... porque eles, quando a gente chegou, né, foi dado todas as informações que a gente precisava, todos os direcionamentos da parte das pessoas que estavam coordenando [...] os alunos que estavam participando desse projeto. Então, eu gostei porque a gente não ficou perdido. No mesmo dia que eles disseram, olha, tal dia estar aqui no auditório, e depois passaram todas as informações que a gente precisava. [...] Em relação a isso, tenho não o que me reclamar. (Entrevistado D)

Na subcategoria, quanto à adaptação ao clima e a culinária, também não houve respostas tão diferentes. Por morarem na região nordeste do Brasil, onde predominam temperaturas altas, o frio foi a parte mais difícil de adaptação, mas aproveitaram as dicas de outras pessoas para enfrentarem as baixas temperaturas. Na culinária, o que acharam diferente foi a predominância da carne suína nas refeições, o que, para muitos deles, não é comum este cardápio nas refeições no Brasil.

Outro aspecto que houve unanimidade entre os entrevistados foi maneira de ser dos portugueses, considerando como um choque cultural. Todos eles acharam que os portugueses eram rudes, sem paciência, diferentemente dos brasileiros, que eles consideram como sendo mais afetivos e simpáticos. Os entrevistados A, D, E e F esclarecem, “achava que as pessoas estavam sendo ignorantes, mas depois disseram que era o jeito deles mesmo”, “às vezes, pra gente é muito rude, eles não têm paciência para responder perguntas óbvias”, “eu vejo brasileiro como um povo muito mais acolhedor e às vezes, a cultura dos portugueses, você acha ignorante, meio bruto”, “foi logo um susto, mas foi uma preparação pra mim, eu tenho que ficar de olho aberto porque portugueses não são brasileiros, por mais que eles falam português, eles não são brasileiros”.

Outros embaraços, que alguns enfrentaram, foram com hábitos diferentes, tais como: se acostumar com a coleta seletiva de lixo, algumas palavras da língua portuguesa com significados diferentes, o símbolo do demônio em alguns lugares, o descarte de papel no vaso sanitário, a utilização de sacolas recicláveis em supermercados. No entanto, a percepção da pesquisadora não detectou que fossem choques culturais de grandes impactos, as respostas foram dadas devido ao questionamento provocado. Um dos entrevistados resumiu muito bem essa passagem:

É importante a gente entender que quando a gente vem para um país estrangeiro, a gente precisa se desapegar um pouco do que é o nosso país, do que a gente tem como costumes e tentar entender o que são os costumes deles. Acho que você costuma ter muitos problemas quando você que estar preso na sua tradição e não aceita que aquele país pensa de uma forma diferente. (Estudante F)

Considerando os dados já expostos neste capítulo, que a região de Portugal onde eles estavam é um local onde prevalecem pessoas mais idosas e conservadoras, é de se esperar que o confronto de gerações pode ter-se dado na convivência.

Ainda sobre esta categoria, alguns relataram que apresentaram a cultura brasileira aos portugueses e estrangeiros com quem conviviam por meio de feiras e seminários organizados pela instituição de ensino receptora.

A maioria dos entrevistados narram que os estrangeiros sentiam curiosidade em saber sobre aspectos relacionados com a cultura brasileira. Embora uma aluna tenha relatado que os estudantes de outros países tinham mais interesse em conhecer a cultura brasileira do que os alunos portugueses. Sobre este fato, os entrevistados D e G descrevem:

a gente tentava mostrar, né, mas era muito difícil, assim, pelo menos alguns portugueses que eu tinha algum contato, era muito difícil eles trocarem interação pouco mais afetiva para querer também conhecer a nossa cultura. Era muito difícil. Era mais fácil pessoas de outros países. (Estudante D)

[...] sempre eram organizados os trabalhos, seminários, onde os alunos estrangeiros, eles eram, como eu posso dizer, estimulados a apresentar as características de certos acontecimentos no seu país, como ocorria no seu país. Então, isso era uma troca muito boa, tanto para si como para cada estudante que fosse de uma cidade diferente, mesmo sendo de Portugal, então, isso era meio que um mega encontro de pessoas de diversos locais, e você ia tendo uma macro visão de vários acontecimentos diferentes. (Estudante G)

Além, disso, os entrevistados relataram que os estudantes estrangeiros eram estimulados a apresentarem as comidas e bebidas típicas dos seus países. Segundo o entrevistado G “todos os estudantes estrangeiros organizaram um mega jantar para todo mundo”.

Quanto à oportunidade de conhecer a cultura portuguesa, todos os entrevistados informaram que sempre que tinham oportunidade, frequentaram museus, lugares históricos, teatros, pontos turísticos. Seguem algumas descrições dos entrevistados:

a gente fazia tudo a pé, museu, teatro, praças e castelos, a gente saia olhando tudo. (Entrevistada C)

alguns pontos turísticos que as pessoas iam, como algumas igrejas católicas, que eram muito bonitas, mas lá eram poucos assim, esses pontos, mas tinha praças também, que as praças eram incríveis, que eram muito bonitas, muito organizadas. (Entrevistada D)

Sim, eu fui a museus e eu fui ao Museu do Estado do Porto, com certeza. No Porto, fui ao Museu da cidade, na qual eu estava residindo. (Entrevistado G)

[...] no teatro, como tinha que buscar o ingresso com antecedência porque a gente tinha gratuidade pelo os alunos de mobilidade que tem gratuidade pode entrar em alguns espaços com o cartão de estudante. Eu consegui uma única vez no teatro porque exatamente por essa dificuldade de buscar um bilhete, e museu, fui em alguns. (Entrevistada F)

Os entrevistados foram instigados se já era hábito deles terem este comportamento no Brasil e somente dois, dos sete entrevistados, admitiram que fazem visitas a museus no seu país. Alguns estudantes narram: “Sim no Brasil, eu costumava ir ao museu sempre que dava, eu ia, a teatro, nem tanto, não tive tantas oportunidades” (Entrevistado F), “eu sempre tive o costume de frequentar [...] na minha cidade, eu sempre tive o costume e o hábito de visitar” (Entrevistado G). Todavia, para o restante dos estudantes entrevistados, partilham das falas dos entrevistados C e D que reforçam que não têm esta prática de visitar museus, pontos turísticos no seu lugar de origem:

Eu acho que a gente não dá valor ao que a gente tem, próximo da gente, eu acho que é isso, aqui eu sou mais acomodada. (Entrevistado C)

Sendo bem sincera, dificilmente eu faço visita aqui nas coisas [...], não porque eu já conheço tudo, né, mas [...] dificilmente eu fui a pontos turísticos aqui. Quando eu fui a pontos turísticos, era mais assim, com a escola. Visitei alguns locais [...], mas eu não fui a muitos lugares pra visitar, não. Dificilmente eu tive esses passeios [...] agora lá, era diferente, porque era muito bonito, chamava muito a atenção. Não desvalorizando a nossa cultura, né? É uma questão mesmo de costume, porque a gente tava em outro país, aí a gente queria conhecer tudo. (Entrevistado D)

Com referência a preconceito, observa-se que é um ponto delicado, principalmente para as estudantes do sexo feminino, embora todos tenham relatado que sofreram algum tipo de preconceito por serem brasileiros. A maioria descreveu uma história que aconteceu numa cidade da região, conhecido mundialmente como “Mães de Bragança”, que se trata de um movimento feito pelas mulheres portuguesas para extinguir um prostíbulo de brasileiras na cidade. Em 2003, uma ampla reportagem foi vinculada numa revista de renome internacional, a Time¹⁴. Com o título *Europe's New Red Light District*, a referida revista estampou o caso de prostitutas brasileiras e mulheres portuguesas enfurecidas que viraram a pequena cidade de Bragança de cabeça para baixo com as ações dessas mulheres que organizaram protestos para expulsar as brasileiras, acusadas de roubar os maridos das portuguesas (Pais, 2016).

Em concordância com este tema, uma entrevistada, revela: “há este preconceito neste sentido, tanto da parte das mulheres, de te olhar de uma forma diferente, e da parte dos homens, de achar que toda mulher brasileira é prostituta”. (Entrevistado F)

Constata-se que este assunto nunca fora relatado pelos estudantes ao retornarem ao Brasil quando apresentaram o relatório da mobilidade. Há de se considerar que, mesmo se tratando de estudantes maiores de idade, o Ifal, como instituição, poderia ter aconselhado. Repete-se aqui, caso a representante do Ifal tivesse conhecimento, poderia ter alertado os estudantes que fizeram mobilidade posteriormente sobre esse fato, no sentido de orientá-los para evitar qualquer embaraço na convivência.

4.3.3. Ensino

Analisando a segunda categoria, ensino, e suas subcategorias como: aproveitamento das disciplinas, uso de uma língua estrangeira, atividades extracurriculares, e diferenças entre as duas instituições de ensino, pode-se esclarecer que, assim como a primeira categoria, as respostas dos entrevistados não foram totalmente contrárias.

Todos comungam que o ensino no Ifal não deixou nada a desejar em matéria de conhecimento para eles. Muitos apontaram que se sobressaíram na turma em que estavam inseridos na instituição estrangeira. Há que se inferir aqui que os estudantes do Ifal, selecionados para a mobilidade acadêmica, foram os estudantes com os maiores coeficientes de notas do Ifal, dado que o coeficiente de rendimento acadêmico é um dos itens de classificação do edital, portanto, eles serem considerados bons alunos em

¹⁴ Fonte <http://content.time.com/time/covers/europe/0,16641,20031020,00.html>

Portugal, não é parâmetro para todos os estudantes do Ifal, porque no Ifal, eles também eram os melhores alunos. Apesar disso, durante as entrevistas, eles não perceberam este detalhe.

Nota-se que dois deles mencionaram que o brasileiro tem a síndrome do vira-lata, ou seja, embora eles terem boas notas no Ifal, eles achavam que não seriam excelentes alunos no país estrangeiro. As falas dos entrevistados A e F detalham este fato:

A bagagem que eu tive do Ifal não deixou nada a desejar. Isso é outra coisa que eu tinha muita dúvida e a gente, eu digo a gente, mas a bolha que eu vivo, a bolha social, o brasileiro tem um pouco da síndrome do vira lata que a gente se acha insuficiente, que os outros países por serem estrangeiros são superiores (Entrevistado A);

às vezes observando os comportamentos dos colegas dos outros países e eu vejo que a gente, no Brasil, está sempre muito bem preparado (Entrevistado F).

Percebe-se que três alunos mencionaram que o aproveitamento das disciplinas cursadas no exterior favoreceu a entrada deles nos cursos de especialização a nível de mestrado (dois estudantes) e doutoramento (um estudante), inclusive, este último, em uma instituição de ensino em Portugal, com direito a uma bolsa por ter sido aprovado em primeiro lugar.

Quanto ao aproveitamento das disciplinas cursadas no Instituto Alfa que foram aproveitadas no Ifal, os respondentes não aproveitaram muito em seus cursos quando retornaram para o Brasil, visto que, na elaboração do plano de estudos, documento necessário previsto no Regulamento de Mobilidade do Ifal, a ser desenvolvido durante o período da realização da mobilidade, eles aproveitaram para montar sua grade, as ECTS (Sistema Europeu de Transferência e Acumulação de Créditos, em inglês: *European Credit Transfer and Accumulation System*), de modo que pudessem estudar disciplinas que não teriam oportunidade de cursar no Ifal. Alguns alunos incluíram disciplinas de línguas estrangeiras, como Inglês e Mandarim no plano.

Aponta-se que os planos de estudos aqui mencionados eram homologados pelos coordenadores dos cursos os quais os alunos faziam parte. Neste quesito, percebe-se que a escolha das disciplinas pelos alunos não era necessária coincidir com os programas dos cursos, o que poderia dificultar o acompanhamento pelo coordenador, o aproveitamento da disciplina no seu histórico escolar, assim como o diferencial do aluno que fez a mobilidade ao entregar à instituição.

Com relação a este aspecto, destaca-se a fala da responsável pelo Ifal, que o plano de estudos e o envolvimento do coordenador do curso é um ponto que deverá ser mudado no documento que regulamenta a mobilidade acadêmica no Ifal. Segundo a entrevistada Ω , é necessário “avaliar se o plano de estudo dele é coerente, é uma avaliação técnica, criteriosa, para saber se aquilo vai ser proveitoso

para o aluno e quando ele já está lá pra finalizar o curso dele”. Isto justifica a importância da revisão deste regulamento para que se tenha o entendimento da mobilidade e o alinhamento dos setores envolvidos. Essa entrevistada ainda reforça:

por isso que os programas de mobilidade têm que ser pensados também nessa devolutiva do aluno ao retornar, como fazer com que aquele aluno compartilhe realmente a experiência não só, como digamos assim, no meio que ele está inserido ali, com o curso, com os colegas, mas com a comunidade num todo. (Entrevistada Ω)

Outro ponto unânime entre eles foi o uso de uma língua estrangeira, o inglês. Reconheceram que o uso dessa língua se dava devido à necessidade de se comunicar com outros alunos estrangeiros e algumas disciplinas terem sido ofertadas na língua inglesa pela instituição. A este aspecto, com a internacionalização das instituições acadêmica, o inglês tem se tornado uma língua franca, embora haja muitos questionamentos sobre a prevalência de uma imposição da língua configurando uma homogeneização de cima ou uma interconexão de base. Jenkins (2013) aponta a interconexão para o uso real do inglês e a homogeneização, a adesão das normas nativas. Numa obra anterior, a autora em pauta afirma:

Em termos de língua inglesa especificamente, seu domínio rapidamente crescente como a principal língua franca do mundo está levando ambos a uma diversidade crescente na forma como a língua é falada e às tentativas correspondentes de limitar esta diversidade pela contínua “distribuição” das normas dos falantes nativos para um número cada vez maior de falantes de inglês. (Jenkins, 2007, p. 191, tradução livre da pesquisadora, aspas no original).

Os entrevistados B e C narram: “as pessoas dão muito valor à língua inglesa, comerciais na televisão são, geralmente, em Inglês, alguns materiais didáticos também são em Inglês”, “acho que todo mundo fala em Inglês lá”. Foram constatados que dois, dos sete entrevistados, pensam do ensino de uma língua estrangeira no Ifal, segundo eles: “um aluno recém formado do Ifal tem toda essa bagagem de conhecimento que não deixa nada a desejar para os alunos de Portugal, mas peca pelo inglês, que isso é um fator eliminatório em entrevistas para o doutoramento” (Entrevistado A) e “esse é um ponto negativo nosso aqui do Ifal, nesse aspecto de ensino que a gente não valoriza” (Entrevistado D).

Outro fato curioso que denota a percepção de que o inglês é uma língua que carrega um certo “status” é o fato de que um dos entrevistados ter mencionado que tinha se destacado perante os portugueses porque ele falava fluentemente o inglês. Uma situação relatada pelo entrevistado:

O inglês me ajudou bastante, as pessoas me olhavam até com um olhar diferenciado. Eu cheguei a ter uma situação de uma portuguesa vir me perguntar: você é brasileiro, mas você é um brasileiro rico, né, porque você fala inglês. (Estudante G)

Percebe-se a língua como uma colonialidade de poder, presente na cultura do mundo capitalista. Em se tratando de colonialidade, a autora desta dissertação apoia-se em Tavares e Santos (2020, p. 113), que salientam:

A matriz colonial de poder regula todas as formas de vida, as representações sobre o mundo, as relações sociais e econômicas, contribuiu para a construção de um imaginário colonial, por meio da colonização das mentes. Uma mente colonizada só pode produzir conhecimentos coloniais e ter uma representação colonial da vida, das suas finalidades, das relações entre os seres humanos e a natureza e também da sua relação com a transcendência. Uma mente colonizada pensa dicotomicamente e hierarquicamente: sua consciência moral é de caráter maniqueísta. Uma mente colonial naturaliza as diferenças, as desigualdades, as injustiças sociais e a inferioridade de uns grupos em relação a outros. Os processos diversos de colonização, no âmbito de um sistema político, econômico e cultural colonial, devastaram culturas e saberes, sobretudo nos continentes sul-americano e africano.

É oportuno trazer as considerações da autora Gloria Jean Watkins, conhecida como bell hooks, no texto *Language teaching new worlds/new words* (Hooks, 1994), em que ela faz uma analogia ao inglês padrão e às opressões decorrentes desse enaltecimento, em detrimento de outras línguas existentes nos Estados Unidos.

Esse texto trata-se de um poema falando contra a dominação, racismo e opressão de classe, descrevendo a dificuldade entre os africanos escravizados em serem obrigados a aprender a língua inglesa. Faz-se aqui uma relação de como o inglês exerce uma hegemonia em relação às outras línguas. Hooks (1994, p. 223, tradução livre da autora) declara que o inglês é “a linguagem de conquista e dominação; nos Estados Unidos é a máscara que esconde a perda de tantas línguas”.

Desse modo, a narrativa do aluno entrevistado sugere que a língua inglesa foi vista como um capital. Para Bourdieu (1991), a língua está relacionada de maneiras específicas à distribuição de outras formas de capital (capital econômico, capital cultural, etc.) que definem a localização de um indivíduo no espaço social. Corroborando tal entendimento, Niño-Murcia (2003, p. 138, tradução da pesquisadora) ratifica que “a ideologia da língua iguala o idioma à moeda e, como algumas moedas são mais valorizadas do que outras, os falantes preferem o inglês como moeda linguística”.

Levando em conta que a maioria dos estudantes do Ifal não possui proficiência em inglês, a entrevistada, representante do Ifal, cita que o mote para internacionalização da instituição, neste momento, será o fortalecimento do centro de idiomas no Ifal para que a aquisição da língua seja mais eficiente. Segundo a entrevistada:

as discussões estão sendo retomadas hoje com um novo olhar para a internacionalização. Um olhar muito mais focado no ensino de línguas, na consolidação desse ensino de línguas através de um projeto estratégico para o centro de idiomas. (Entrevistada Ω)

Ainda na categoria de ensino, observou-se que os entrevistados participaram de atividades extracurriculares na instituição que os recebeu, tais como: desenvolvimento de estágio em escolas públicas portuguesas, eventos de associações portuguesas, visitas técnicas e projetos interdisciplinares voltados para a área de empreendedorismo e inovação. Contudo, ao chegarem ao Brasil, apenas os estudantes que chegaram antes da pandemia apresentaram o relatório de intercâmbio, exigência da coordenação de relações internacionais do Ifal, e prepararam uma apresentação para a turma, outros para os professores do curso, no intuito de repassar experiências vividas e conhecimentos adquiridos durante a mobilidade.

Nestes relatórios, entregues à coordenação de relações internacionais, além dos alunos mencionarem os gastos com as despesas do dia-a-dia, relataram a rotina na instituição receptora, nos alojamentos, as visitas técnicas, o andamento das aulas e alguns acontecimentos na cidade. Já nas apresentações em seus *campi*, os alunos mostraram aos ouvintes pontos relevantes de ensino vivenciados no Instituto Alfa e intenções de fazerem pesquisas, sejam em parceiras entre as instituições ou somente no Ifal, em determinados assuntos.

No entanto, uma intersecção que a pesquisadora faz é que essas apresentações não foram aproveitadas pela comunidade acadêmica e, tão pouco, teve um valor agregado para os estudantes que não fizeram a mobilidade acadêmica. É fato que os alunos que chegaram durante a pandemia, não tiveram essa possibilidade, porém retrata-se as declarações dos estudantes que voltaram antes da pandemia. As falas de dois entrevistados traduzem bem o sentimento de frustração por não terem dado prosseguimento a projetos que tinham intenção de desenvolver após a mobilidade e atribuem a isto ao não acolhimento dos professores do curso. Os estudantes F e G narram:

Então, eu não tive muito sucesso, mas, assim, levei muito a palavra do que era, das minhas vivências e me coloco sempre à disposição, então, mesmo estando aqui, já fiz vários convites à instituição, ao Instituto Federal para participar em eventos daqui, [...] eu tentei de tudo que algum professor do Instituto Federal participasse, mas não consegui que ninguém aceitasse o convite. Eu fiquei mesmo frustrada porque eu falei, eu tô tentando abrir, né... acho que é uma oportunidade pra instituição, mas é muito difícil convencer as pessoas a se engajarem. (Estudante F)

Eu preciso ser honesto, eu fiquei um pouco deprimido com a recepção por parte do corpo acadêmico [...] com essa situação e eu meio que fechei o meu coração para o curso [...] fiquei desanimado pra prosseguir com pesquisas e projetos que eu tinha pensado em mente porque eu pensei que a recepção seria diferente. Eu pensei que eu poderia expor

para os alunos de uma forma mais ampla, né? Não no intuito de ensinar algo alguém, de querer ser melhor do que ninguém, mas na animação que a gente vem, de querer compartilhar o conhecimento que a gente adquiriu. Mas, infelizmente, a recepção foi diferente do que eu imaginei. (Estudante G)

Diante deste fato, é salutar recorrer ao que fora explicado no capítulo II sobre as maneiras de se fazer a internacionalização, ou seja, as abordagens que a instituição adota para usufruir desta troca de experiências além-fronteiras. Como foi citado, Hudzik (2011), defende a “internacionalização abrangente”, em que toda a instituição se envolve para promover e implementar a internacionalização, reconhecendo que “é essencial que seja adotado pela liderança institucional, governança, corpo docente, alunos e todas as unidades de serviço e apoio acadêmico. É um imperativo institucional, não apenas uma possibilidade desejável” (Hudzik, 2011, p. 10, tradução livre da pesquisadora).

A representante do Ifal, em posse dos resultados do pouco aproveitamento da mobilidade acadêmica pela instituição, manifestou-se o anseio de se fazer, nas próximas etapas, uma mobilidade com um propósito mais específico, não só de cursar disciplinas, mas de ter um projeto para ser desenvolvido após o retorno, seja um projeto de iniciação científica ou a continuidade de um projeto já existente para sanar esta lacuna de ganho com a mobilidade pessoal/institucional. A entrevistada Ω esclarece:

Então, é por isso que os programas de mobilidade eles têm que ser pensados também nessa devolutiva do aluno ao retornar como fazer com que aquele aluno compartilhe realmente a experiência não só com, digamos assim, um meio que está inserido ali, com o curso, com os colegas, mas com a comunidade num todo

A fala da entrevistada Ω é respaldada no que adverte Hudzik (2011), que é esperado a participação de mais atores da instituição nesse processo.

Então, a ideia também é ter uma mobilidade onde o aluno que vá, ele tenha aqui um orientador dessa mobilidade na área dele. Então se o aluno quiser se candidatar para o nosso processo de mobilidade, ele tem que ter, não só o plano de estudo que a universidade fora exige, mas ele também tem que ter uma proposta de desenvolvimento complementar, ou de um estágio, ou de um projeto de pesquisa e aí com o aval do coorientador. (Entrevistada Ω)

Durante as entrevistas, observou-se uma comparação entre as instituições envolvidas. Os entrevistados citaram a diferença na estrutura física entre o Instituto Alfa e o Ifal, especificando que os laboratórios da instituição estrangeira são melhores, contribuindo para que o ensino no Ifal seja mais teórico que prático. A este aspecto, os entrevistados A e D reportam:

[...] a cobrança que eu sentia no Brasil era maior, então tinha que estudar muito mais, a cobrança era maior. Mas, por outro lado, aqui tinha um lado positivo que eu sentia que em algumas coisas mais práticas os laboratórios eram muito equipados. (Entrevistado A)

[...] a gente tinha tanto a aula teórica, como a gente tinha a aula prática. [...] porque você tinha a aula na semana, tinha a aula teórica, vamos supor, na terça-feira você tinha a teórica, aí, na quinta, você já tinha a prática do que você já viu na teórica, pra você aplicar o conteúdo daquilo que aprendeu com experimentos (Entrevistado D)

É salutar descrever o Ifal no que concerne às instalações, mais propriamente quanto aos laboratórios. De acordo com o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), com vigência em 2019-2023, os laboratórios estão assim distribuídos nos *campi* da instituição:

Quadro 4.2: Quantitativo de Laboratório por *campus*

Campus	Número de Laboratórios
Arapiraca	10
Batalha	6
Benedito Bentes	3
Coruripe	11
Maceió	82
Maragogi	6
Marechal Deodoro	6
Murici	15
Palmeira dos Índios	21
Penedo	11
Piranhas	19
Rio Largo	3
Santana do Ipanema	5
São Miguel dos Campos	2
Satuba	21
Viçosa	4
TOTAL	225

Fonte: Elaboração própria da autora com dados do PDI 2019-2023
(<https://www2.ifal.edu.br/o-ifal/planejamento-institucional/plano-de-desenvolvimento-institucional>)

Diante do exposto, percebe-se que há laboratórios em todos os *campi* do Ifal, embora em alguns *campi* haja em baixa quantidade. Ainda assim, de acordo com o PDI (2019, p. 80), a instituição assegura em uma das diretrizes do Marco Operacional do Projeto Político Pedagógico Institucional, “garantir padrões de infraestrutura física e de equipamentos dos *Campi* e dos Polos do Ifal, inclusive

relativos à acessibilidade de pessoas com deficiências, ampliando, adequando e modernizando laboratórios, salas de aulas, bibliotecas e demais espaços físicos”.

Ressalta-se que os laboratórios existentes nos *campi*, relacionados com os cursos dos entrevistados, estão assim distribuídos:

Quadro 4.3: Laboratórios por *campi* e cursos

<i>Campus</i>	Curso	Laboratório Existente	Quantidade
Marechal Deodoro	Tecnologia em Gestão Ambiental	Laboratório de Química	1
		Laboratório de Química Aplicada	1
		Laboratório de Materiais de Construção I e II (compartilhado entre Edificações e Engenharia Civil)	1
Palmeira dos Índios	Engenharia Civil	Laboratório de Mecânica dos Solos I e II (compartilhado entre Edificações e Engenharia Civil)	1
		Laboratório de Topografia (compartilhado entre Edificações e Engenharia Civil)	1
		Laboratório de Hidráulica	1
		Laboratórios Compartilhados	
Maceió	Tecnologia em Hotelaria	Laboratório de Física	4
		Laboratório de Biologia	1
		Laboratório de Informática	1
		Laboratório de Microbiologia	1
	Licenciatura em Química	Laboratório de Bioprocessos	1
		Laboratório de Processos	1
		Laboratório de Espectroscopia	1
		Laboratório de Química (orgânica /analítica)	1
		Laboratório de Eletroanalítica	1
	Licenciatura em Matemática	Laboratório de Analítica Instrumental	1
		Laboratório Bromatologia	1
		Laboratório de Matemática	1
		Laboratório de Monitoria	1
Design de Interiores	Laboratório de Desenho	2	
	Laboratório de Materiais e Revestimento	1	

Fonte: Elaboração própria da autora com dados do PDI 2019-2023
(<https://www2.ifal.edu.br/o-ifal/planejamento-institucional/plano-de-desenvolvimento-institucional>)

Mais uma vez, percebe-se que alguns cursos não são contemplados com uma grande quantidade de laboratórios. Perante o exposto, os comentários dos entrevistados fazem jus aos fatos. Para reforçar esta passagem, destaca-se a fala do entrevistado A:

Os laboratórios eram muito bem equipados, então a gente tinha muita oportunidade prática pra realizar projetos, realizar ensaios e devido ao investimento na educação no Brasil, não era viável, a gente ficava mais limitado aos livros, à sala de aula. Então, essa foi a diferença maior que eu senti. (Entrevistado A)

Nesta mesma subcategoria, os entrevistados se referiram à avaliação e, dois deles, fizeram uma comparação entre as duas instituições. Para eles, a forma de avaliar no Instituto Alfa é mais qualitativamente e não quantitativamente como eles julgavam que seja no Ifal:

Lá, eles não valorizam tanto a prova. Eles valorizam o seu processo, o trabalho o trabalho que você realiza por exemplo um trabalho escrito, um trabalho apresentado, as provas são mais qualitativas do que quantitativas. (Entrevistado C)

Todo o conteúdo não era fragmentado igual é no Ifal, então a maioria das disciplinas, quase todas que eu cursei, no final, quando chegava ao final do semestre, tinha uma prova, dividida em parte teórica e prática, ou seja, em cálculos, mas também tinha um projeto. O projeto era passado logo no início do semestre e aí a gente ia desenvolvendo ao longo do semestre, na medida que íamos vendo os conteúdos e aí era um trabalho gradativo que era construído esse projeto e levava todo o conteúdo então ao chegar no final do semestre você teria que ter o conhecimento que você realizou o projeto que você utilizou esses conhecimentos. (Entrevistado A)

Outra diferença, apontada pela maioria, é em relação ao corpo docente. Muitos atribuem a boa qualificação dos professores e o compromisso com os alunos dos professores do Instituto Alfa mais que os do Ifal, como se referem os entrevistados B, C, F e G respectivamente: “dentro da nossa instituição, os professores não dão tanto respaldo para a gente, e em Portugal não, não sei se é porque eles são mais cobrados lá”, “no Ifal, os professores não estão se reciclando”, “no Ifal, alguns professores são acomodados”, “os professores são mais rígidos, [...] são muito qualificados, tendo inclusive professores que atuam em outras universidades e até em outros países”.

Quanto à qualificação do corpo docente, no site do Ifal, na seção da Pro-reitoria de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação destaca que a instituição apoia os servidores na qualificação em programas de pós-graduação *stricto sensu*. De acordo com a Plataforma Nilo Peçanha¹⁵, a grande maioria dos

¹⁵ A plataforma Nilo Peçanha é uma ferramenta com informações sobre dados da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, tais como informações sobre matrículas, cursos, investimentos e ações desenvolvidas pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC/MEC) em apoio à educação profissional e tecnológica do país (<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/plataforma-nilo-pecanha>).

docentes possui o grau de mestre, e o número de doutores é superior ao dos docentes com especialização, o que mostra que os servidores são qualificados academicamente.

Quadro 4.4: Titulação dos docentes efetivos do Ifal

Titulação						
Instituição	Total	Graduação	Aperfeiçoamento	Especialização	Mestrado	Doutorado
Total	960	54	3	180	536	187
IFAL	960	54	3	180	536	187

Fonte: Plataforma Nilo Peçanha (<http://plataformanilopecanha.mec.gov.br/2019.html>)

Sobre o desejo de se fazer mobilidade acadêmica internacional, novamente, mesmo respeitando o momento que cada um vive, como crise financeira, constituição de família, participação em curso de pós-graduação, todos mostraram interesse. Inclusive, quando a pesquisadora fez esta pergunta, observou-se um entusiasmo, e até lágrimas nos olhos de alguns entrevistados, mostrando o desejo de viver esta experiência novamente. Alguns breves relatos dos entrevistados:

Faria, professora. Não mudaria nada. (Estudante A)

Ah, faria, faria tudo de novo, e penso em fazer, por conta própria mesmo. (Estudante B)

Pretendo. Ainda não está nos meus planos agora, mas eu sempre pensei em fazer doutorado fora, por exemplo. (Estudante C)

Por enquanto, não, mas eu gostaria, eu não penso agora, talvez a longo prazo, mas agora, não, mas sempre há um desejo da gente ir, né? Por mim, eu levava toda a minha família pra lá. (Estudante D)

Entende-se que a mobilidade é bastante valorizada na vida acadêmica e no mercado de trabalho, portanto, esperava-se que as respostas dos estudantes fossem neste sentido. Considerando que a mobilidade é um capital, o cultural, percebe-se que está imbricado em outro, o econômico. As falas dos entrevistados evidenciam esta preocupação com a questão financeira. Além disso, Freitas (2009) realça que além do econômico, para adquirir o capital mobilidade, depende de outros fatores: da estimulação à curiosidade e ao gosto pela aventura e risco, incentivado pela família e escola; depende

do acesso da tecnologia moderna de comunicação em rede, especialmente na escola; também pode ser facilitada pelo histórico familiar, na medida em que uma convivência multicultural em casa ajuda no processo de adaptação e aprendizagem de idiomas; viagens de todos os tipos auxiliam a relativizar as verdades culturais e a desenvolver o autoconhecimento e a tolerância ao outro.

Logo, os entrevistados não descartaram a possibilidade e o desejo de fazer novamente a mobilidade, mais que isso, mostraram dispostos a esse investimento. Na certeza de que estão saindo da zona de conforto, descobrindo e vivendo outras oportunidades. Freitas (2009, p. 259, parênteses no original), “o passaporte (passa a porta) é cada vez mais o documento de identidade por excelência”. A autora fala, também, “partir é descobrir outros universos mentais, obrigando o nosso pensamento a um esforço de compreensão, à necessidade de se desembaraçar de um contexto cultural herdado”. (Freitas, 2009, p. 259)

4.3.4. Pontos Negativos

Analisando a categoria: pontos negativos e suas subcategorias, os entrevistados assumem que sentiam saudade da família e que mitigavam pelas videochamadas e telefonemas, mas que isso não foi um problema, “a distância deixa a gente um pouquinho triste, mas faz parte do processo”, revela a entrevistada C. Já uma outra, admite que tinha mesmo era vontade de estar em Portugal e não se deixou abalar pelo sentimento da saudade. Quanto ao aspecto financeiro, o câmbio alto é uma visão negativa que é igualmente partilhada por todos, mesmo dos que receberam uma ajuda de custo da instituição.

Nota-se que, durante as entrevistas, nessa subcategoria, a palavra “saudade” não foi vista como um desconforto, pelo contrário, os entrevistados trataram o tema com muita naturalidade. Bauman (1999, p. 101), numa explicação entre turista e vagabundos, através de descrições detalhadas do posicionamento de duas pessoas quanto à mobilidade, descreve: “turistas viajam porque querem; os vagabundos porque não têm outra opção suportável”. E, assim, para o autor:

os turistas tronam-se andarilhos e colocam os sonhos agrídoces da saudade acima dos confortos do lar - porque assim o querem ou porque consideram essa a estratégia de vida mais racional “nas circunstâncias” ou porque foram seduzidos pelos prazeres reais ou imaginários de uma vida hedonística. (Bauman, 1999, pp. 100-101, aspas no original)

4.3.5. Pontos Positivos

Em relação à categoria pontos positivos, observa-se que, na subcategoria “amizade com estrangeiro”, todos os entrevistados fizeram amizades durante a mobilidade, seja com os próprios portugueses ou com estudantes estrangeiros, e continuam essa amizade por meio das redes sociais.

Na subcategoria “mudança pessoal que a mobilidade trouxe”, em uníssono, todos apontam o amadurecimento como ponto forte. Em tal contexto, os entrevistados abordam o assunto utilizando expressões como: “consigo me ver claramente antes e depois da mobilidade” (A), “passei a ver o mundo de uma forma diferente” (B), “me tornei uma pessoa mais influente” (C), “a mente ficou mais aberta” (E), “vejo um degrau gigantesco entre o que eu era antes e o que sou agora” (F). Quando se abordou este tema com um dos entrevistados, a pesquisadora pode observar a emoção e quanto a mobilidade acadêmica pode impactar na vida pessoal e familiar de um estudante, trazendo confiança e determinação para se buscar os objetivos. Com a voz embargada e pausa para se recompor do choro, a estudante revela:

Ah, eu acho que sim, eu acredito que sim, né? Quando eu olho pra mim, [...] principalmente com relação a motivar as pessoas a progredir nos estudos porque vale a pena, vale muito a pena, porque assim, às vezes eu estudava tanto e até pra minha família que é muito humilde, minha mãe é analfabeta, meu pai é analfabeto, quando ela viu a filha dela, eu tenho até vontade de chorar [...] quando ela viu a filha dela pegando o voo pra ir pra Europa, isso ela nunca imaginava, nunca. Eu mesmo achei que nunca ia conseguir realizar o sonho de fazer o intercâmbio porque o Ciência sem Fronteiras tinha sido cancelado, com essa mudança de presidente, já não existia mais. Então, mesmo estudando muito, estava no sétimo período já, eu disse, acho que não vou mais conseguir esse negócio de viajar, acho que agora só no mestrado ou doutorado, mas assim... é... muda porque a gente vê que a gente consegue, quando a gente se esforça, determina, quando a gente busca, quando a gente corre atrás. Então acreditar em mim, mudou muito, porque às vezes eu não acreditava que poderia chegar tão longe, eu não acreditava que isso poderia acontecer comigo. Mudou muito em mim até pra ajudar outras pessoas que têm esse sonho, eu sei que o governo que a gente vive, que a gente tá hoje, não tá muito boa, mas existe diversas formas de conseguir isso. A gente tem que acreditar, eu parei de duvidar muito de coisas que podem acontecer. (Estudante D).

Já na subcategoria contribuição para a vida acadêmica/profissional, os dados analisados reproduzem, no fundo, o mesmo da vida pessoal, ou seja, enriquecimento, conhecimento, melhoramento do currículo, *networking*. Para três dos entrevistados, como fora mencionado anteriormente, a mobilidade foi o pontapé para o mestrado/doutoramento. Com base nas respostas reportadas até aqui, é evidente que todos responderam que sim, a mobilidade acadêmica internacional atendeu às expectativas, ademais, respostas como: “muito mais que eu esperava” e “o melhor momento da minha vida”, são,

com certeza, o sentimento observado pela pesquisadora diante das feições e da forma como cada um respondeu a esta pergunta. Um dos entrevistados resume bem este fato:

eu vejo o intercâmbio como uma fase de amadurecimento muito grande, tanto pessoal como profissional e acadêmica. Porque expandiu meus horizontes e expandiu minha visão de possibilidades. (Entrevistado A)

4.3.6. Cidadania Global

Abordando a categoria cidadania global, há que se apontar que quando foi feita a pergunta: Você se acha um cidadão global?, alguns entrevistados não tinham um entendimento do que é ser cidadão global.

O conceito de ser cidadão global, às vezes, pode ser confundido com a denominação de ser cidadão cosmopolita, que remete ao ter acesso a diversas culturas e de se relacionar com estrangeiros e suas culturas, seja em território nacional ou mesmo em países diferentes. Ou, ainda, com a compreensão de viajar ou morar em outros países. O que, de fato, é muito mais abrangente, cidadão global é sobre a cidadania que podemos exercer através da liberdade e da educação.

Ser cidadão global é ter, principalmente igualdade de direitos no espaço global, sendo sustentada pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada e proclamada pela assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro 1948. No artigo: Documento final da Consulta Técnica sobre Educação para a Cidadania Global (Unesco, 2013), entre algumas perspectivas para a educação, destacam-se: a importância dos valores, atitudes e habilidades de comunicação crítica na educação em um mundo globalizado, apoiando a paz, direitos humanos, equidade, aceitação da diversidade e desenvolvimento sustentável.

Dentre vários argumentos, nem mesmo este documento mencionado da Unesco deixa claro um conceito para cidadania global, justificando que até mesmo a definição de cidadania é contestada. Contudo, encontra-se no documento que cidadania global pode ser chamada de:

“Cidadania além das fronteiras”, ou “cidadania além do estado-nação”. Outros notaram que “cosmopolitismo”, como um termo, pode ser mais amplo e inclusivo do que a cidadania global; ou ainda outros optam pela “cidadania planetária”, com foco na responsabilidade da comunidade global de preservar o planeta Terra. (Unesco, 2013, p. 3, aspas no original, tradução livre da autora)

Bosio e Torres (2019), no artigo: Global Citizenship Education: An Educational Theory of the Common Good? A conversation with Carlos Alberto Torres, após uma longa explicação do quão difícil é

denominar globalização, internacionalização e a influência que ambas causam na educação devido às várias interpretações que esses temas carregam, conceituam cidadania global como sendo valores de mutualidade e reciprocidade. Dessa maneira, Bosio e Torres (2019) entendem que esses valores podem ser adquiridos numa educação para a cidadania global, em que eles reforçam que não é uma tarefa fácil, pelo contrário, é cheia de contradições. Com este olhar, os autores em pauta declaram que a educação para a cidadania global “incentiva uma forma de agir em uma sociedade centrada na comunidade, ecologicamente equilibrada e culturalmente sensível, na construção contínua de um mundo mais justo e pacífico” (Bosio & Torres, 2019, pp. 746-747)

Como fora descrito nos capítulos anteriores a respeito do mundo globalizado, o mundo tem menos barreiras físicas e de comunicação, o que torna mais comum o engajamento global. Com esta demanda, percebe-se que há intenção por muitas pessoas de desejarem pertencer a uma comunidade mundial, em vez de ser apenas local. Com isso, há de se estar ciente que as ações e escolhas afetam o ambiente local, nacional e internacional, assim, é necessário respeito, igualdade, tolerância, integração e cooperativismo.

Percebe-se que alguns entrevistados se confundiram com o conceito de ser cidadão global, reproduz-se a fala de um dos entrevistados:

Porque mesmo que eu viaje, tudo assim, eu fico muito apegada aqui ao local, então tenho muita vontade de voltar a viajar, e até morar fora, mas sempre me sinto presa ao local que estou (Estudante E).

Em geral, os outros entrevistados perceberam este censo de liberdade e aceitação do outro e um pertencimento global. Como pode-se constatar nestas falas:

Depois da mobilidade, eu me senti mais livre e mais, como eu que eu posso dizer, sem raízes, então, tenho vontade de conhecer outros lugares, passar alguns anos em outros países, e isso mudou totalmente a visão que eu tinha para o que eu tenho agora (Estudante A);

Quando a gente vem para uma mobilidade, essa sensação ela é realmente real, né... é porque você sabe que você está vivendo naquele lugar, é diferente quando você está a passar férias, passear... Você se sente global, mas é diferente da forma como quando você mora, quando você mora, você diz: eu moro fora do meu país, eu convivo com outras nacionalidades. E aqui é incrível a quantidade de... Um dia eu conheci, eu estava num projeto, e conheci uma pessoa do Gabão, eu nunca imaginei que ia conhecer alguém do Gabão, do Nepal, de Bangladesh (Estudante F);

Eu diria que é assim, eu diria que pode ser que sim, porque eu me considero uma pessoa de mente aberta, não tenho preconceitos contra nacionalidades e, assim, eu sempre fui

muito curioso e sempre quis aprender sobre essas outras nacionalidades e culturas (Estudante G).

Diante das falas e a compreensão do tema tratado, tem-se a convicção de que a convivência, pautada na paz, levando em conta a interculturalidade das pessoas, pode favorecer a tolerância nas mais diversas faces e favorecer o convívio entre as pessoas, seja em seu próprio país ou no país estrangeiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerações Finais

Este trabalho permitiu revelar o percurso dos estudantes do Instituto Federal de Alagoas que fizeram mobilidade acadêmica internacional em Portugal. A investigação desse assunto fez com que se percebessem as inquietações antes da mobilidade, o deslumbramento durante a estadia no exterior e as contribuições na volta para o Brasil, sejam elas pessoais ou institucionais.

O presente trabalho não pretende exaurir as discussões a respeito do tema internacionalização. O intento desta dissertação é apenas o de levantar alguns pontos importantes e necessários para uma reflexão do assunto, analisando o papel dos estudantes e trazer contributos para a instituição em questão.

Nesse sentido, voltam-se às perguntas formuladas a partir dos objetivos descritos na parte introdutória deste trabalho sobre a trajetória desses alunos, a saber: a) qual o impacto que a mobilidade acadêmica internacional causa na vida pessoal, acadêmica e profissional dos alunos quando ao regresso ao país?; b) quais os motivos pelos quais os alunos querem fazer mobilidade acadêmica internacional?; c) quais as dificuldades enfrentadas pelos alunos durante a mobilidade acadêmica?; d) como os alunos reinvestem as experiências de mobilidade acadêmica nas suas comunidades após o regresso ao país?.

Durante as entrevistas com os estudantes, observaram-se questões provenientes de sonhos, inseguranças, alegrias e frustrações, mas, principalmente, determinação em vencer desafios para aproveitar a experiência internacional que geraram conteúdo para este trabalho. Notou-se o resgate das memórias da mobilidade num tom nostálgico, acreditando que a experiência foi, sem dúvida, um divisor de águas na vida deles. As considerações, por parte da instituição, foram fundamentais para se entender e enxergar o futuro do processo de internacionalização no Instituto Federal de Alagoas.

A mobilidade acadêmica internacional foi considerada um marco na vida dos estudantes. Como fora explicitado na análise dos dados, houve ganho na vida pessoal dos entrevistados, visto que puderam vivenciar o novo, morando sozinhos, distantes de suas famílias, num país estrangeiro; enfrentar desafios, lidando com questões financeiras diferentes e com a diversidade cultural e linguística; experienciar um novo modelo de estudo, conhecendo novas didáticas de ensino, novos professores; fazer amizades com pessoas de países estrangeiros, oportunizando a convivência e diminuindo o preconceito com a diversidade; impulsionar a carreira profissional, agregando o valor de uma experiência internacional no currículo.

Nesse sentido, os aspectos positivos se sobrepõem aos negativos. Segundo os relatos, a saudade da família foi compensada pelas novas amizades; morar sozinho, desenvolveu a independência; a dimensão financeira, contribuiu para o entendimento do valor da moeda.

O anseio de fazer a mobilidade internacional relatado pelos entrevistados, pode-se inferir que seja resultante do processo da globalização que se vive, das relações complexas entre o global e o local, o desejo de conhecer novas culturas, embora, às vezes, nem se inteirando da cultura local, de poder viver experiências internacionais, no afã de se conseguir melhores condições de trabalho e ascensão profissional, muitas vezes, respaldada na falta de perspectiva de um futuro promissor no país de origem.

Muito se fala na “fuga de cérebros” aqui no Brasil e em outros países, embora não se tenha tratado dessa questão propriamente neste trabalho. Porém, quando se faz um balanço das entrevistas, percebe-se que, no fundo, as respostas remetem-se à vontade de fazer a experiência novamente, devido à falta de perspectiva de continuar no mundo acadêmico ou de conseguir uma boa colocação de emprego no país diante de tanto retrocesso ultimamente. Emília Araújo e Filipe Ferreira (Araújo & Ferreira, 2013, p. 59) explicam “cérebros” como: “profissionais altamente destacados, não só pelo seu nível de formação, mas, sobretudo, pelo nível de qualificação e pelo alto nível de desempenho profissional, reconhecido no seio do respectivo mercado”. A este aspecto, “fuga de cérebro”, percebe-se que depende muito mais do sistema político nacional que precisa desenvolver estratégias e políticas públicas que visem a permanência das pessoas com tais capacidades.

O relato dos estudantes quanto a algumas dificuldades enfrentadas durante a mobilidade, exposto neste trabalho, pode servir de informação e orientação que a instituição poderá fornecer aos futuros estudantes que farão mobilidade. Além disso, ao analisar o tema internacionalização, a intenção foi de explicitar equívocos, como, por exemplo, relacionar a palavra com mobilidade acadêmica, assim como apresentar maneiras de se fazer internacionalização em uma instituição de ensino. As perguntas: Como? Para quê? e Onde? são questões que devem servir de parâmetro para se traçar estratégias institucionais para que a internacionalização, verdadeiramente, aconteça.

Concorda-se com vários autores mencionados neste trabalho (Wachter, 2003; Hudzik, 2011; Leask, 2014; Stallivieri, 2017b) que não se deve priorizar uma só maneira de internacionalizar-se; ao contrário, a internacionalização pode ser de forma abrangente, no currículo, em casa, pesquisas colaborativas, participação em vários tipos de programas, enfatizando a experiência com o tema, numa dimensão internacional. Entretanto, a mobilidade acadêmica internacional favorece a experiência, a vivência do novo, que nenhuma informação sozinha vai trazer aquisição de conhecimento, de experimentar. Para Larrosa (2002, p. 21), “a informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência”. Por isso, aproveitar essas experiências desses alunos para relatar a importância da internacionalização,

mesmo que somente na forma de mobilidade, é, nomeadamente, uma forma de trazer o tema para dentro da instituição.

É inegável que o ganho pessoal com a mobilidade acadêmica dos estudantes entrevistados se sobressaiu ao ganho institucional. Ter uma experiência internacional no currículo, ingressar num curso de pós-graduação e ter melhores colocações no mercado de trabalho, são benesses que os estudantes alcançaram. No entanto, esses alunos não fizeram mobilidade por conta própria, estavam representando uma instituição de ensino, ademais, concorreram aos editais de seleção dentro do Ifal e, de alguma maneira, estavam se beneficiando de convênio entre as instituições (Ifal e Instituição Alfa). Constatase que a escolha da mobilidade para esses estudantes está fundamentada em um universo simbólico pessoal, a despeito de todo o empenho da instituição.

Ainda que haja uma resolução, normatizando as regras sobre mobilidade acadêmica no Ifal e determinando os trâmites de anuência dos coordenadores dos cursos, aos quais os estudantes estavam inseridos, e a apresentação de relatórios no término da mobilidade, tão somente não foram o bastante para que o resultado institucional fosse reconhecido, nem pela comunidade da instituição e, tão pouco, pelos estudantes, manifestado nas entrevistas o baixo desenvolvimento de projetos quando do regresso deles ao país. Recomenda-se que haja uma maior participação dos coordenadores e professores dos cursos para que a experiência do aluno possa estar engajadas com os objetivos institucionais e não somente aos individuais.

Reconhece a necessidade da adesão da comunidade do Ifal como um todo, gestão, docentes, técnicos administrativos, estudantes, ao entendimento dos caminhos da internacionalização. Evidências indicam uma necessidade de rever conceitos e procedimentos empregados na realização da mobilidade para que se possa melhorar o processo. Sugere-se que se comece com o aparato do setor específico, definindo suas prioridades, adequando-o à infraestrutura física e de pessoal, tendo em vista o desenvolvimento da instituição, assim como de sua comunidade externa e do país, apresentando-se como uma instituição de ensino que deseja ser competitiva e que desponte no cenário mundial formando cidadãos globais.

Concomitantemente a esta reformulação de conceitos e atenção ao órgão ligado à internacionalização, o ensino de línguas estrangeiras, de uma maneira que atenda às exigências dos estudantes para vivências no exterior ou para contato com estrangeiros em sua própria instituição, é condição *sine qua non* para a preparação linguística desses estudantes. Quanto melhor o domínio linguístico dos estudantes, mais chances terão de “ganhar o mundo”, de se relacionarem com pessoas falantes de outras línguas estrangeiras.

Ao final deste estudo, evidencia-se que a mobilidade acadêmica internacional sana o desejo de viver e conhecer culturas diferentes, de viajar para o exterior, manifestada por uma motivação intrínseca. Além disso, é notório que há enriquecimento no currículo e ganho no campo acadêmico. Todavia, a política de internacionalização do Ifal, nestes moldes, não está concebida como um fator estratégico de desenvolvimento institucional. O fato de ter acordos de cooperação com instituições estrangeiras, conceder recursos financeiros para a mobilidade estudantil que favoreça apenas quem viaja, não é suficiente para caracterizá-la numa instituição internacionalizada. Há, ainda, a carência dos diversos setores da instituição, dos servidores, de um modo geral, e dos discentes, da importância de se internacionalizar, considerando que é, realmente, um processo complexo, que não é num estalar de dedos e precisa todo um trabalho de conscientização da comunidade acadêmica.

Espera-se, acima de tudo, que este trabalho possa acender o interesse em se buscar um diferencial, um novo olhar para a internacionalização e que seja um contributo para indicar caminhos de formar cidadãos com competências globais, tolerantes, flexíveis, compreensivos com as diferenças culturais e, capazes de se inserirem no mercado de trabalho em qualquer parte do mundo.

Considera-se que esta dissertação não abrangeu o ponto sobre o ganho que os alunos têm no seu capital cultural propriamente dito, ao participarem da mobilidade acadêmica internacional. Poderia ter sido explorada, também, a confrontação da aquisição desse capital para uma análise comparativa de dados entre quem realizou a mobilidade e quem não. Ademais, questões como a ausência de investimento para a internacionalização, a percepção que a comunidade acadêmica tem do processo de internacionalização seriam convenientes para um trabalho futuro. Evidentemente, uma dissertação tem limitações de tempo, de conhecimento e de maturidade da pesquisadora.

Certamente, a formação da pesquisadora em Ciências da Educação, na área da Sociologia da Educação e Políticas Públicas foi essencial para esta dissertação. Indubitavelmente, é reconhecida a importância da sociologia nos aspectos analisados, sem ela, as conclusões estariam incompletas. Neste sentido, encerra-se este trabalho de estudo de caso com o sentimento de dever cumprido ao que foi proposto. Esta pesquisadora concorda com Stake (2007, p. 150) que assevera: “concluir um estudo de caso é a consumação de uma obra de arte. Alguns de nós considerarão um estudo de caso, depois da vida familiar, a melhor obra da nossa vida”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Referências Bibliográficas

- Afonso, A. J. (2001). Reforma do estado e políticas educacionais: Entre a crise do estado-nação e a emergência da regulação supranacional. *Educação & Sociedade*, 75, 15-32.
- Afonso, A. J., & Ramos, E. L. V. (2007). Estado-nação, educação e cidadanias em transição. *Revista Portuguesa de Educação*, 20(1), 77-98.
- Aguiar, A. M. S. (2007). *O recurso às escolas internacionais como estratégia educativa de famílias socialmente favorecidas*. (Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais). Recuperado de <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/FAEC-85LRUZ>
- Altbach, P. G., & Knight, J. (2007). The internationalization of higher education: Motivations and realities. *Journal of Studies in International Education*, 11, 290-305.
- Antunes, F. (2004). Globalização, europeização e especificidade educativa portuguesa: A estruturação global de uma inovação nacional. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 70, 101-125. Recuperado de <http://journals.openedition.org/rccs/1051>
- Antunes, F. (2005). Globalização e europeização das políticas educativas: Percursos, processos e metamorfoses. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 47, 125-143. Recuperado de <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/64222/1/n47a07.pdf>
- Antunes, F. (2007). A nova ordem educativa mundial e a união europeia: a formação de professores dos princípios comuns ao ângulo português. *Perspectiva*, 25, 425-468. Recuperado de <http://www.perspectiva.ufsc.br>
- Araújo, E., Ferreira, F. (2013). A “Fuga de Cérebros”: um discurso multidimensional. In E. Araújo, M. Fontes, & S. Bento (eds.) *Para um debate sobre Mobilidade e Fuga de Cérebros*. (pp. 58-82). Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Bauman, Z. (1999). *Globalização: As consequências humanas*. Rio de Janeiro: Editora Zahar.
- Beck, U. (1999). *O que é globalização? Equívocos do globalismo: Respostas à globalização*. São Paulo: Paz e Terra.
- Bell, J. (1993). *Como realizar um projeto de investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Bello, W. (2008, março, 7). Globalisation in retreat. [Blog post]. Recuperado de <https://waldenbello.org/globalisation-in-retreat/>
- Bodgan, R. C., & Biklen, S. K. (1994). *Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Bonan, I. (2010). *Da escola de aprendizes artífices ao instituto federal de educação, ciência e tecnologia de Alagoas (1909/2009): Cem anos de história do ensino profissionalizante em Alagoas*. Maceió: EDUFAL.

Bourdieu, P. (1991). *Language and symbolic power*. Cambridge: Harvard University Press.

Bourdieu, P. (2013). Capital simbólico e classes sociais. *Novos Estudos*, 32 (2), 105-115.

Bosio, E., & Torres, C. A. (2019). Global citizenship education: An educational theory of the common good? A conversation with Carlos Alberto Torres. *Policy Futures in Education*, 17(6), 745-760. <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1478210319825517>

Brasil (2008, dezembro, 30). Diário Oficial da União- DOU. Recuperado de <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/6011535/pg-1-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-30-12-2008>

Brasil (2011). Câmara dos Deputados. Palácio do Congresso Nacional. Recuperado de <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2011/decreto-7642-13-dezembro-2011-611999-norma-pe.html>

Brasil (2016). Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 maio 2016. Recuperado de <http://bit.ly/2fmnKeD>

Brasil (2019). Câmara dos Deputados. Palácio do Congresso Nacional. Recuperado de <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2019/decreto-9784-7-maio-2019-788080-norma-pe.html>

Cardoso, F. H., & Faletto, E. (2010). *Dependência e desenvolvimento na América Latina - ensaio de interpretação sociológica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Carvalho, S. B. R., & Araújo, G. C. (2020). Gestão da internacionalização das instituições de ensino superior. *Avaliação*, 25(1), 113-131. Recuperado de <https://www.scielo.br/pdf/aval/v25n1/1982-5765-aval-25-01-113.pdf>

Ciências sem Fronteiras. (2017). Recuperado de <http://cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/o-programa>

Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e tecnológica [Conif]. (2018). Livroto comemorativo: 10 anos Institutos Federais. Recuperado de https://portal.conif.org.br/images/LIVRETO_FINAL_v5.pdf

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior [CAPES]. (2011). História e missão. Brasília: Capes. Recuperado de <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/institucional/historia-e-missao>

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior [CAPES]. (2019). Documento de Área – Área 38 – Educação. Brasília: Capes. Recuperado de <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/educacao-doc-area-2-pdf/view>

Cunha, I. F. (2019). Desglobalização e dessocialização: desigualdades, populismo e emoções. In C. Costa, & P. Blanco. (Orgs.), *Liberdade de expressão e campanhas eleitorais - Brasil 2018*. (pp 43-75). São Paulo: ECA-USP.

Dale, R. (2004). Globalização e educação: Demonstrando a existência de uma “cultura educacional mundial comum” ou localizando uma “agenda globalmente estruturada para a educação”? *Educação & Sociedade*, 25, 423-460. Recuperado de <http://www.cedes.unicamp.br>

De Wit, H. (2011). Internationalization of higher education: Nine misconceptions. *International Higher Education*, 64, 1-6. Recuperado de <https://ejournals.bc.edu/index.php/ihe/article/view/8556/8321>

De Wit, H. (2013). Repensando o conceito da internacionalização. *Ensino Superior*. Campinas: Unicamp. Recuperado de <https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/international-higher-education/repensando-o-conceito-da-internacionalizacao>

De Wit, H. (2014, julho, 18). Misconceptions about (the end of) internationalization. *University World News*. Recuperado de <https://www.universityworldnews.com/post.php?story=2014071611562927>

Diário Oficial da União, DOU. (2012, dezembro, 19) Recuperado de <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/44429858/dou-secao-1-19-12-2012-pg-28>

Diário Oficial da União, DOU. (2016, janeiro, 28) Recuperado de <https://www.in.gov.br/leiturajornal?data=28-01-2016&secao=do1#daypicker>

Estratégias Integradas de Desenvolvimento Territorial (2014). Recuperado de <https://www.norte2020.pt/abordagensterritoriais>

Filho, N. A. (2008). Universidade Nova no Brasil. In B. S. Santos, & N. A. Filho, *A universidade no século XXI: Para uma universidade nova* (pp. 107-259). Coimbra: Almedina.

Fonseca, J. J. S. (2002). *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza, CE: Universidade Estadual do Ceará. Recuperado de https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=oB5x2SChpSEC&oi=fnd&pg=PA6&ots=ORRY4ueoe3&sig=e8IBUihet2p3o9fCDWkFG_mMHEw&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false

Freitas, M. E. (2009). A mobilidade como novo capital simbólico nas organizações ou sejamos nômades? *Organizações & Sociedade*, 16(49), 247-264. Recuperado de <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaoes/issue/view/931>

Gandin, L. A., & Hypolito, A. M. (2003). Dilemas do nosso tempo: globalização, multiculturalismo e conhecimento (entrevista com Boaventura Sousa Santos). *Currículo sem Fronteiras*, 3(2), 5-23.

Giddens, A. (2001). *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Giddens, A. (2006). *O mundo na era da globalização*. Lisboa: Editorial Presença.

Gomes, R. M. (Coord.). (2015). *Fuga de cérebros. Retratos da emigração portuguesa qualificada*. Lisboa: Bertrand Editora.

Hooks, B. (1994). Language teaching new worlds/new words. In B. Hooks, *Teaching to transgress: education as the practice of freedom*. New York: Routledge.

Hudzik, J. (2011). *Comprehensive internationalization: From concept to action*. Washington, D.C: NAFSA (Association of International Educators).

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]. (2020). *Síntese de indicadores sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira*. Rio de Janeiro: IBGE.

Idiomas sem fronteiras. (2017). Recuperado de <http://isf.mec.gov.br/programa-isf/entenda-o-isf>

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira [INEP]. (2014). Recuperado de https://download.inep.gov.br/educacao_superior/avaliacao_institucional/nota_tecnica/2014/nota_tecnica_n14_2014.pdf

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira [INEP]. (s.d.). Programa Internacional de Avaliação de Estudantes – PISA. Recuperado de <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/pisa>

Jenkins, J. (2007). *English as a Lingua Franca: attitude and identity*. Oxford: University Press

Jenkins, J. (2013). *English as a lingua franca in the international university: The politics of academic English language policy*. London: Routledge

Jornal GGN (2017, junho, 30). O fim do Ciências sem Fronteiras depois de R\$13 bilhões investidos em bolsas no exterior. Recuperado de <https://jornalggn.com.br/editoria/educacao/o-fim-do-ciencia-sem-fronteiras-depois-de-r-13-bilhoes-investidos-em-bolsas-no-exterior/>

Knight, J. (1999). Internationalisation of Higher Education. In OECD, *Quality and internationalisation in higher education* (pp. 13-28). Paris: OECD Publications. Recuperado de <https://www.oecd-ilibrary.org/docserver/9789264173361-en.pdf?expires=1621628630&id=id&accname=guest&checksum=FCA1BD7FDDA5666049538B88F851DD15>

Knight, J. (2003). Updated Definition of Internationalization. *International Higher Education*, 33, 2-3. Recuperado de <https://doi.org/10.6017/ihe.2003.33.7391>

Knight, J. (2004). Internationalization remodeled: Definition, approaches, and rationales. *Journal of Studies in International Education*, 8(1), 5-31.

Knobel, M. (2012). Brazil's Student Mobility Initiative. *International Higher Education*, 66, 15-17. Doi: <https://doi.org/10.6017/ihe.2012.66.8836>

- Larrosa, J. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, 19, 20-28. Doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>
- Leask, B. (2014). Internationalizing the curriculum and all students' learning. *International Higher Education*, 78, p. 5-6. Doi: <https://doi.org/10.6017/ihe.2014.78.5798>
- Luce, M. B., Fagundes, C. V., & Mediel, O. G. (2016). Internacionalização da educação superior: a dimensão intercultural e o suporte institucional na avaliação da mobilidade acadêmica. *Avaliação*, 21(2), 317-339.
- Ludke, M., & André, M. E. D. A. (1986). *Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, Ltda.
- Mainardes, J. (2006). Abordagem do ciclo de políticas: Uma contribuição para a análise de políticas educacionais. *Educação & Sociedade*, 27(94), 47-69.
- Mainardes, J., & Marcondes, M. I. (2009). Entrevista com Stephen J. Ball: Um diálogo sobre justiça social, pesquisa e política educacional. *Educ. Soc.*, 30(106), 303-318.
- Martens, K., Balzer, C., Sackhman, R., & Weymann, A. (2004). Comparing governance of international organizations –The EU, the OECD and educational Policy. *Transtate Working Papers*, 7. Recuperado de <http://hdl.handle.net/10419/28257>
- Ministério da Educação [Mec]. (2018). Levantamento das ações de internacionalização e resultados do GT de políticas de internacionalização. Recuperado de <http://portal.mec.gov.br/docman/maio-2018-pdf/87481-acoes-de-internacionalizacao/file>
- Ministério da Educação [Mec]. (2019). Educação Básica. Recuperado de <http://portal.mec.gov.br/component/content/article/211-noticias/218175739/83191-pisa-2018-revela-baixo-desempenho-escolar-em-leitura-matematica-e-ciencias-no-brasil?Itemid=164>
- Ministério da Educação [Mec]. (2020). Programas e Ações. Recuperado de <https://www.gov.br/mec/pt-br/aceso-a-informacao/institucional/secretarias/secretaria-de-educacao-superior/programas-e-acoes-sesu>
- Morosini, M. C. (2006). Estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior: Conceitos e práticas. *Educar*, 28, 107-124.
- Morosini, M. C. (2019). Como internacionalizar a universidade: concepções e estratégias. In M. Morosini (Org.), *Guia para a internacionalização universitária*. (pp. 11-27). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Nogueira, M. A. (2013) Estratégias de Internacionalização dos Estudos: um novo fator de desigualdade escolar? In M. M. Vieira, J. Resende, M. A. Nogueira, J. Dayrell, A. Martins, & A. Calha (Orgs.), *Habitar a escola e as suas margens: Geografias plurais em confronto*. (pp. 27-35). Portalegre: Instituto Politécnico de Portalegre, Escola Superior de Educação.
- Niño-Murcia, M. (2003). English is like the dollar: had currency ideology and the status of English in Peru. *World Englishes*, 22(2), 121-142.

OCDE (1999). *Quality and internationalisation in higher education*. Paris: OECD Publications. Recuperado de <https://www.oecd-ilibrary.org/docserver/9789264173361-en.pdf?expires=1621628630&id=id&accname=guest&checksum=FCA1BD7FDDA5666049538B88F851DD15>

OCDE (2020). *Education at a glance*. Paris: OECD Publications. Recuperado de <https://www.oecd-ilibrary.org/docserver/69096873en.pdf?expires=1621888816&id=id&accname=guest&checksum=75BDD8362908BD5C2B7A9A315E9C1900>

Oliveira, A. F. (2010). Políticas públicas educacionais: conceito e contextualização numa perspectiva didática. In A. F. Oliveira, A. Pizzio & G. França, (Orgs), *Fronteiras da Educação: desigualdades, tecnologias e políticas*. (pp 93-99). Goiás: Editora PUC.

Oliveira, A. L., & Freitas, M. E. (2016) Motivações para mobilidade acadêmica internacional: a visão de alunos e professores universitários. *Educação em Revista*, 32(3), 217-246.

Organização das Nações Unidas (2015). *Agenda 2030*. Recuperada de <http://www.agenda2030.com.br/>

Pacheco, J. A. (2009). Processos e práticas de educação e formação. Para uma análise da realidade portuguesa em contextos de globalização. *Revista Portuguesa de Educação*, 22(1), 105-143. Recuperado de <https://www.redalyc.org/pdf/374/37411987006.pdf>

Pais, J. M. (2016). *Enredos Sexuais, tradição e mudança: as mães, os zecas e as sedutoras de além mar*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais

Plano de Desenvolvimento Institucional [PDI]. (2019). Recuperado de <https://www2.ifal.edu.br/o-ifal/planejamento-institucional/plano-de-desenvolvimento-institucional/planos>

Prodanov, C. C., & Freitas, E. C. (2013). *Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. Novo Hamburgo, RS: Feevale.

Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento [PNUD]. (2015). *Acompanhando a agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável: subsídios iniciais do Sistema das Nações Unidas no Brasil sobre a identificação de indicadores nacionais referentes aos objetivos de desenvolvimento sustentável/Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento*. Brasília: PNUD.

Rodrigues, E. (2008). O desenvolvimento da Região Norte. *Revista da Faculdade de Letras – Geografia – Universidade do Porto*, 2 (2), 169-174.

Santos, B. S. (2000, setembro, 20). Mosquitos e Globalização. *Visão*. Recuperado de <https://www.ces.uc.pt/ces/opiniao/bss/002.php>

Santos, B. S. (2001a). Os processos da globalização. In B. S. Santos (Org.), *Globalização: fatalidade ou utopia?* (pp. 31-106). Porto: Afrontamento.

- Santos, B. S. (2001b). Para uma concepção multicultural dos direitos humanos. *Contexto Internacional*, 23, 7-34. Recuperado de http://contextointernacional.iri.puc-rio.br/media/Santos_vol23n1.pdf
- Santos, B. S. (2008). A Universidade no Século XXI: Para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade. In B. S. Santos & N. A. Filho, *A universidade no século XXI: Para uma universidade nova* (pp. 13-106). Coimbra: Almedina.
- Santos, B. S. (2017, outubro, 14). Boaventura: a ilusória “desglobalização”. *OutrasPalavras*. Recuperado de <https://outraspalavras.net/geopoliticaeguerre/boaventura-a-ilusoria-desglobalizacao/>
- Sarfati, G. (2005). *Teorias de relações internacionais*. São Paulo: Editora Saraiva.
- Sato, E. (2000). A agenda internacional depois da guerra fria: novos temas e novas percepções *Rev. Bras. Polít. Int.*, 43(1), 138-169. doi: doi.org/10.1590/S0034-73292000000100007
- Silva, A. S. (2017). Agir na globalização. Condições e orientações da ação coletiva. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 84, 121-138. doi: 10.7458/SPP2017849992
- Sobrinho, J. D. (2005). Educação superior, globalização e democratização. Qual universidade? *Revista Brasileira de Educação*, 28, 164-173. doi: 10.1590/S1413-24782005000100014
- Solon, P. (2014, março, 08). Deglobalisation is the way to reduce inequality. Focus on the Global South. Recuperado de <https://www.bangkokpost.com/opinion/opinion/398795/deglobalisation-is-the-way-to-reduce-inequality>
- Stake, R. E. (2007). *A arte da investigação com estudos de caso*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Stallivieri, L. (2017a). Compreendendo a internacionalização da educação superior. *Revista de Educação do Cogeime*, 26(50), 15-36. Recuperado de <https://www.metodista.br/revistas/revistas-cogeime/index.php/COGEIME/article/view/729/648>
- Stallivieri, L. (2017b). *Internacionalização e intercâmbio: Dimensões e perspectivas*. Curitiba: Appris.
- Stallivieri, L. (2019). Internacionalização da educação superior em contextos (des)favoráveis. Conferência Binacional de Educação, realizada no período de 04, 05 e 06 de setembro de 2019, na cidade de Rivera, Uruguai. Recuperado de https://www.researchgate.net/publication/340634591_INTERNACIONALIZACAO_DA_EDUCACAO_SUPERIOR_EM_CONTEXTOS_DESFORAVEIS
- Sunkel, O. (2000). Desenvolvimento, subdesenvolvimento, dependência, marginalização e desigualdades espaciais: por um enfoque totalizante. In R. Bielschowsky (Org.), *Cinquenta anos de pensamento na CEPAL* (pp. 521-566). Rio de Janeiro: Record.
- Tavares, M., & Santos, E. (2020). Um giro decolonial: perspectivas para uma nova geopolítica epistêmica. *Laplage em Revista*, 6(1), 104-117. Recuperado de <https://laplageemrevista.editorialaar.com/index.php/lpg1/article/view/496>

Telo, A. J. (2011). Multipolar ou apolar? Um desconcertante mundo novo. *Relações Internacionais*, 31, 05-23. Recuperado de http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-91992011000300001&lng=pt&tlng=pt

The Guardian (2004, maio, 6). OECD and Pisa tests are damaging education worldwide – academics. Recuperado de <https://www.theguardian.com/education/2014/may/06/oecd-pisa-tests-damaging-education-academics>

Unesco (1998). Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI: Visão e Ação – 1998. Recuperado de <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Direito-a-Educa%C3%A7%C3%A3o/declaracao-mundial-sobre-educacao-superior-no-seculo-xxi-visao-e-acao.html>

Unesco (2013). Outcome document of the Technical Consultation on Global Citizenship Education. Global Citizenship Education: An Emerging Perspective. Recuperado de <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000224115?posInSet=1&queryId=28fabc60-5fd5-428d-902f-b412f83f4a28>

Vala, J. (1986). A análise de conteúdo. In A. S. Silva, & J. M. Pinto (Org.), *Metodologia das ciências sociais*. (pp. 101-128). Porto: Edições Afrontamento.

Vongalis-Macrow, A. (2009). The simplicity of educational reforms: Defining globalization and reframing educational policies during the 1990s. *International Journal of Educational Policies*, 3(2), 62-80. Recuperado de <http://hdl.handle.net/10536/DRO/DU:30024978>

Wachter, B. (2003). An introduction: Internationalisation at home in context. *Journal of Studies in International Education*, 7(1), 5-11. Recuperado de <https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.927.928&rep=rep1&type=pdf>

Yin, R. K. (2001). *Estudo de caso: Planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman.

Apêndice I
Instrumento de Coleta de Dados para a Pesquisa com Perguntas Semiestruturadas

Caros participantes da pesquisa “Percurso estudantis de mobilidade acadêmica internacional: um estudo exploratório sobre experiências dos estudantes do Instituto Federal de Alagoas”, a sua participação consistirá em responder perguntas de um roteiro de entrevista à pesquisadora do projeto que servirá para a coleta de dados para o trabalho. Estejam cientes que as respostas para quaisquer perguntas serão voluntárias, podendo “não responder” a qualquer uma das perguntas sem nenhum prejuízo. Como já fora dito e assinado por todos os participantes no TCLE, apenas o pesquisador do projeto, terá acesso aos dados e não fará uso destas informações para outras finalidades, ademais, armazenará o material coletado em lugar seguro. Além disso, os dados que possam identificar o participante serão omitidos na divulgação dos resultados da pesquisa.

Perguntas semiestruturadas para a entrevista:

1. Quanto anos você estudou no Ifal?
2. Faz quanto tempo que você saiu do Ifal?
3. Qual o período que você fez mobilidade acadêmica e para qual instituição?
4. Você teve alguma ajuda de custo para fazer a mobilidade acadêmica?
5. Como você ficou sabendo do edital de mobilidade acadêmica no Ifal?
6. Você já pensava em fazer mobilidade acadêmica? Por que?
7. O que mais te chamou atenção na instituição estrangeira?
8. Você teve alguma dificuldade? Qual?
9. Quais aspectos da sua vida profissional tiveram impacto depois da sua chegada ao Brasil? E da sua vida social?
10. Você acha que a mobilidade acadêmica atendeu a sua expectativa?

Apêndice II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (T.C.L.E.)

“O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após o consentimento livre e esclarecido dos participantes da pesquisa, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa”

1. O (a) Senhor (a) está sendo convidado (a) a participar como voluntário (a) do estudo “Percurso estudantis de mobilidade acadêmica internacional: um estudo exploratório sobre experiências dos estudantes do Instituto Federal de Alagoas”, recebi da Sra. Carla Cristina Real Vieira de Andrade, professora do Instituto Federal de Alagoas, responsável por sua execução, as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

2. Este estudo se destina a desenvolver uma pesquisa de mestrado com o tema internacionalização, analisando a mobilidade acadêmica internacional como possível aquisição de capital cultural; considerando que a importância deste estudo é inquirir o percurso dos alunos que fizeram a mobilidade acadêmica a fim de constatar o que mudou na vida deles; que os resultados que se desejam alcançar são de ajudar a formular políticas que vislumbrem um maior aproveitamento da mobilidade para a instituição poder acompanhar a evolução do mundo moderno e, principalmente, entender as consequências e/ou expectativas dos alunos nesta jornada; tendo início planejado para começar em maio/2021 para início da coleta de dados, após a aprovação pelo sistema CEP/ e terminar em outubro/2021 com a publicação dos resultados.

3. O (a) Senhor (a) participará do estudo da seguinte maneira: através de entrevistas que serão agendadas com antecedência. Sabendo que os possíveis riscos à sua saúde física e mental são a exposição de seus dados e sua identidade, e serão minimizados das seguintes formas: a) apenas o pesquisador do projeto terá acesso aos dados e não fará uso destas informações para outras finalidades; b) qualquer dado que possa identificar o participante da pesquisa será omitido na divulgação dos resultados, e c) o material coletado será armazenado em local seguro.

4. Os benefícios previstos com a sua participação são de coletar dados que sirvam de base para consulta para novos rumos da internacionalização do Instituto Federal de Alagoas no futuro. Ademais, espera-se que este trabalho possa contribuir para que Políticas de Internacionalização sejam implantadas/adequadas a fim de contribuir para o crescimento da instituição, promovendo a qualidade de vida da sociedade e garantindo uma educação pública para todos, conseguidos por meio de entrevistas com os participantes agendadas previamente.

5. Durante todo o estudo, a qualquer momento que se faça necessário, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.

6. O Comitê de Ética em Pesquisa – CEP da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas – UNCISAL é um colegiado transdisciplinar de caráter consultivo, educativo e deliberativo. O CEP/UNCISAL tem por finalidade defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade, contribuindo para o desenvolvimento da pesquisa

dentro de padrões éticos obedecendo aos pressupostos da Resolução 466/12 do Conselho nacional de Saúde – CNS e de todas as suas complementares. (Regimento Interno do CEP UNCISAL artigos 1º e 2º).

7. A qualquer momento, o (a) Senhor (a) poderá recusar a continuar participando do estudo e, retirar o seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo. As informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto aos responsáveis pelo estudo. A divulgação dos resultados será realizada somente entre profissionais e no meio científico pertinente.

8.O (a) Senhor (a) deverá ser ressarcido (a) por qualquer despesa que venha a ter com a sua participação nesse estudo e, também, indenizado por todos os danos que venha a sofrer pela mesma razão, sendo que, para estas despesas é garantida a existência de recursos.

8. O (a) Senhor (a) tendo compreendido o que lhe foi informado sobre a sua participação voluntária no estudo “Percursos estudantis de mobilidade acadêmica internacional: um estudo exploratório sobre experiências dos estudantes do Instituto Federal de Alagoas”, consciente dos seus direitos, das suas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que terá com a sua participação, concordará em participar da pesquisa mediante a sua assinatura deste Termo de Consentimento.

9. Este documento foi elaborado em 2 vias de igual teor, firmado por cada uma das partes envolvidas no estudo: participante voluntário(a) da pesquisa e pelo Pesquisador Principal responsável pela pesquisa.

Para informar ocorrências irregulares ou danosas, dirija-se ao Comitê de Ética em Pesquisa, pertencente UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE - UNCISAL: Rua Dr Jorge de Lima, 113. Trapiche da Barra, CEP.: 57010-382. Sala 203, segundo andar, Prédio Sede. Telefone: 3315 6787. Correio eletrônico: cep@uncisal.edu.br . Website: <https://cep.uncisal.edu.br/> Horário de funcionamento: diariamente no horário de 13:00 as 19:00 horas.

Ciente, _____ DOU O MEU
CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Assinatura do participante da pesquisa

Maceió, 17 de abril de 2021.

Assinatura do pesquisador principal

Nome e e-mail do Pesquisador Principal: Carla Cristina Real Vieira de Andrade, e-mail: carla.vieira@ifal.edu.br

Apêndice III

TERMO DE RESPONSABILIDADE E COMPROMISSO DO PESQUISADOR

**Protocolo de pesquisa: PERCURSOS ESTUDANTIS DE MOBILIDADE ACADÊMICA
INTERNACIONAL: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE EXPERIÊNCIAS DOS ESTUDANTES DO
INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS**

Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12, 510/16 e suas complementares. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima como pesquisadora principal de modo a:

1. Realizar a pesquisa somente após a aprovação do protocolo pelo sistema CEP/CONEP em atendimento a Carta Circular nº. 061/2012/CONEP/CNS/GB/MS (Brasília-DF, 04 de maio de 2012);
2. Coletar dados após a emissão do Parecer Consubstanciado com a aprovação do protocolo de pesquisa pelo sistema CEP/CONEP;
3. Assumir o compromisso de zelar pela privacidade e sigilo das informações auferidas pelo pesquisador protegendo o pesquisado sem jamais causar-lhes malefícios;
4. Comprometemo-nos a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não.
5. Informar ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Ciências da Saúde – UNCISAL acerca de qualquer tipo de ocorrência e ou irregulares que venham a incidir negativamente sobre os pesquisados.

Tenho ciência que esse termo será anexado ao projeto devidamente assinada por mim e fará parte integrante da documentação do mesmo.

Maceió, 28 de março de 2021

Carla Cristina Real Vieira de Andrade

CPF

Pesquisadora principal

Apêndice IV

DECLARAÇÃO DE ISENÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

Título: PERCURSOS ESTUDANTIS DE MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE EXPERIÊNCIAS DOS ESTUDANTES DO INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS

Eu, Carla Cristina Real Vieira de Andrade, CPF [REDACTED], docente do Instituto Federal de Alagoas, mestranda da Universidade do Minho, em Portugal, investigadora principal responsável pelo presente projeto de pesquisa a ser conduzido no Instituto Federal de Alagoas, localizado à R. Dr. Odilon Vasconcelos, 103 - Jatiúca, Maceió - AL, 57035-660, declaro que não tenho nenhum conflito de interesse que possa influenciar o resultado da pesquisa, tais como: utilizar o resultado da pesquisa para coagir ou influenciar os servidores na tomada de decisão do rumo da instituição e receber pagamento pelo resultado da pesquisa.

Maceió, 28 de março de 2021.

Carla Cristina Real Vieira de Andrade
CPF [REDACTED]
Pesquisadora principal

Apêndice V

Transcrição das entrevistas com os participantes da pesquisa.

Estudante A - 19 de junho de 2021.

Entrevistadora: Estamos gravando a entrevista com um dos alunos que faz parte dos entrevistados para a pesquisa de mestrado. Vou começar com algumas perguntas e você vai respondendo para depois eu fazer a transcrição do áudio. Sei que você voltou para Portugal, mas vamos falar da sua primeira estadia, a mobilidade acadêmica internacional que você fez, com o convênio, do Ifal e o Qual o motivo que te levou para você concorrer ao edital de mobilidade acadêmica internacional do Ifal?

Entrevistado: Então, no caso eu nunca tinha viajado para fora do país, nunca tinha nem saído do Nordeste, sou natural de Alagoas, conhecia apenas Sergipe e Pernambuco e nunca tinha oportunidade de conhecer muito. Eu sempre gostei muito de livros, séries, filmes e via outras culturas, outras vivências e outras formas de organização social. Sempre tive muita vontade de conhecer de perto e visitar outros países. Aí quando eu comecei minha graduação no Ifal, eu tive contato e eu via as oportunidades de intercâmbio com esse meu sonho e logo que comecei meu curso, os alunos da época estavam voltando do programa Ciência sem Fronteiras e eu participei de uma palestra de um professor que atualmente é professor no Campus Palmeira e o relato dele na palestra me deu mais incentivo e mais vontade ainda de realizar intercâmbio e conhecer outras culturas, conhecer outros locais e outras formas de ensino. Outros métodos de estudar e outras realidades. Então foi essa vontade. E aí sempre, desde o início, depois de ouvir essa palestra dele, tinha vontade de realizar intercâmbio. Só que aí, o Ciência sem Fronteiras foi ficando cada vez mais inviável devido a situação econômica e política do país. E eu já estava no final do curso, 7º e 8º semestre e já estava desacreditado que eu conseguiria, e o intercâmbio era aquilo que eu via como a melhor oportunidade que eu teria de viajar para fora do país porque eu não teria condições financeiras de outra forma arcando com os custos. E quando eu menos esperava, abriu o edital e lendo o edital eu vi que eu era elegível à vaga. Era uma coisa que eu falava tanto desde o início, os meus amigos que viram e me mandaram para mim porque sabiam que era uma coisa que eu queria, que era minha cara. E falavam: essa oportunidade é para você, foi feito para você, agora é sua chance. E aí foi mais alguém que me disse, que até deu certo e foi assim, e quando eu menos esperei, estava realizando meu sonho.

Entrevistadora: Você acha que o ensino do Ifal é diferente do ensino da instituição que você estudou? Em quais aspectos?

Entrevistado: Sim, tem essa diferença. Mais de uma forma boa. Eu tinha muito medo. Meu Deus, eu vou para um outro país, vou fazer um [...], não vou contar com meus amigos para estudar da forma como eu

estudo. Já estou habituado com a forma como eu estudo aqui, será se eu vou me adaptar lá, será se eu estou com a bagagem suficiente, será se eu não vou sofrer para passar nas disciplinas para conseguir acompanhar o conteúdo? Chegando lá, tive uma surpresa boa, que eu tinha uma bagagem ótima de conhecimento, que estava muito bem estruturado, com uma base ótima e que o Ifal não deixou nada a desejar. Inclusive eu me considerava um dos melhores, uma das pessoas com melhor preparação nas turmas que eu estava realizando as disciplinas. Então, não tive dificuldade. Estudei, passei em todas as disciplinas que cursei, passei com boas notas, melhores da turma. Teve disciplinas que só passaram três pessoas direto eu fui uma das três, então meu desempenho acadêmico foi melhor do que esperava aqui. A bagagem que eu tive do Ifal não deixou nada a desejar. Isso é outra coisa que eu tinha muita dúvida e a gente, eu digo a gente mais a ... [pensativo] a bolha que eu vivo, a bolha social, o brasileiro tem um pouco da síndrome do vira lata que a gente se acha insuficiente, que os outros países por serem estrangeiros são superiores. E eu vi que, através de intercâmbio, o Brasil tem muitos problemas, mas na questão do ensino público, não deixa nada a desejar. O ensino é muito, muito bom e a gente sai muito preparado. Diria que talvez até melhor do que eu ensino daqui. Assim, a cobrança, com relação às diferenças, a cobrança que eu sentia no Brasil era maior, então tinha que estudar muito mais, a cobrança era maior. Mas, por outro lado, aqui em Portugal tinha um lado positivo que eu sentia que em algumas coisas mais práticas os laboratórios eram muito equipados, e acho que aí vai para a questão financeira e incentivo na educação. Os laboratórios eram muito bem equipados, então a gente tinha muita oportunidade prática pra realizar projetos, realizar ensaios e devido ao investimento na educação no Brasil, não era viável, a gente ficava mais limitado aos livros, à sala de aula. Então, essa foi a diferença maior que eu senti.

Entrevistadora: Então, você acha que a estrutura física, foi a maior diferença que você encontrou, e quanto aos profissionais na área acadêmica do Brasil e Portugal, você acha que foi diferente?

Entrevistado: Então, professora, não achei muito diferente. O que eu achei mais diferente foi mais a forma de avaliação. No Ifal eu estava habituado a ter inúmeras provas ao longo do semestre, inúmeras trabalhos, como eu falei, a cobrança era muito grande e por causa dessa cobrança muito grande, eu tinha que estudar muito. Então, por isso eu tinha uma bagagem forte que não me deu carência de conhecimento aqui. Mas aqui, eu sinto que a cobrança é um pouco menor. Eles ensinam e vai de o aluno querer aprender ou não. A gente via todo o conteúdo do semestre, realizava provas apenas no final do semestre. Todo o conteúdo não era fragmentado igual é no Ifal, então a maioria das disciplinas, quase todas que eu cursei, no final, quando chegava ao final do semestre, tinha uma prova, dividida em parte teórica e prática, ou seja, em cálculos, mas também tinha um projeto. O projeto era passado logo no início do semestre e aí a gente ia desenvolvendo ao longo do semestre, na medida que íamos vendo os conteúdos e aí era um trabalho gradativo que era construído esse projeto e levava todo o conteúdo então ao chegar no final do semestre você teria que ter o conhecimento que você realizou o projeto que você utilizou esses conhecimentos. E aí não fica

sobrecarregado a prova porque você já estudou para realizar o projeto. Então é uma na avaliação final, de certa forma. Já não no Brasil, é fragmentado em três e quatro provas ao longo do semestre, com trabalhos e essa foi mais a diferença e, a avaliação, mais a questão do ensino em si, não senti muita diferença e capacidade nem nada do tipo.

Entrevistadora: Ao retornar ao Brasil você desenvolveu algum projeto relacionado com o que você cursou na mobilidade?

Entrevistado: Então professora, eu tinha muito interesse. Eu pensava: eu vou retornar para a minha graduação quando retornar ao Brasil e realizar alguns mais projetos de pesquisa. Eu só realizei um projeto e eu queria realizar mais. Só que aí, devido a situação da pandemia, e tudo, quando eu voltei já não era mais presencial, então tive que me adaptar ao EaD e que acabou estragando os meus planos. Então, não consegui fazer muita coisa. Ao retornar ao Brasil ainda realizei um estágio de quatro meses, finalizei as disciplinas que me restavam e aí acabei finalizando o curso e voltando para cá, mas o plano inicial era retornar ao campus, eu já tinha entrado em contato com dois professores, com algumas propostas de pesquisa, mas com a pandemia ficou inviável devido ao distanciamento social.

Entrevistadora: E quais aspectos da sua vida profissional tiveram impacto depois da sua chegada ao Brasil? e da sua vida social?

Entrevistado: É... [pensativo] eu vejo o intercâmbio como uma fase de amadurecimento muito grande, tanto pessoal como profissional e acadêmica, porque expandiu meus horizontes e expandiu minha visão de possibilidades, e como poderia atuar e até onde poderia chegar, formas como eu poderia atuar. Então, eu me vi retornando não mais como um aluno que estava fazendo sua graduação ainda muito perdido, mas, mais como um profissional que já estava em mente de onde eu queria chegar. Eu já tinha em mente o doutoramento e eu poderia chegar lá, os caminhos que eu poderia traçar para poder chegar lá, os artigos que eu tinha que escrever, as áreas de pesquisa que eu queria atuar, com quem eu poderia entrar em contato, através dos contatos que eu formei aqui para efetuar isso. Então, acredito que voltei sim, um pouco daquela insegurança (Meu Deus, o que eu vou fazer), mas, mais maduro. É isso que eu quero fazer e é nesse caminho que vou conseguir para chegar lá e realmente foi um amadurecimento muito brusco. [fala bem enfática]

Entrevistadora: Na sua vida social também, você acha que foi diferente, você voltou diferente?

Entrevistado: Sim, eu vejo que eu voltei mais adulto, mais independente porque querendo ou não morava na cidade pequena, ia para [...] para realizar meu curso, mas sempre próximo dos meus pais para eles irem lá para me dar qualquer apoio que eu precisasse. E, a partir do momento que eu vim sozinho para um outro país, eu me vi mais maduro e independente para alcançar sozinho os meus objetivos.

Entrevistadora: Então você achou que a mobilidade acadêmica atendeu a sua expectativa, era isso que você queria?

Entrevistado: Olha, eu digo que era muito do que eu queria, mas, não tem como descrever. Eu sei que cada experiência é única, tem pessoas que têm experiências diferentes da minha mobilidade, talvez totalmente opostas, mas foi muito superior das minhas expectativas. Foi assim definitivamente o melhor momento da minha vida e o momento que eu vou levar para o resto da minha vida essa experiência, é um marco assim na minha trajetória. Então, só tenho a agradecer essa oportunidade. Não me arrependo de forma alguma. E não vejo como poderia ter sido melhor

Entrevistadora: Você poderia elencar algum ponto positivo e negativo da sua estadia no exterior?

Entrevistado: Certo. Os pontos positivos que eu que eu vejo mais, realmente, são os horizontes expandidos, porque eu sempre via como muito inalcançável. O fato de você estudar em outro país, você se mudar para outro país, trabalhar em um outro país, aí parecia uma coisa inalcançável, uma realidade muito distante, algo assim impossível. Depois que eu vim pra cá eu vi que não é assim. É que, desde que você esteja realmente disposto e procure os meios, é algo totalmente factível, então deixou de ser um sonho para ser algo muito mais palpável. E, de ponto negativo, ah, deixa-me pensar... [pensativo]. Têm alguns, mas nada que seja muito marcante demais, a saudade da família, a saudade dos amigos, às vezes os choques culturais de diferenças de linguagem e hábitos. Eu vejo brasileiro como muito mais acolhedor e, às vezes, a cultura dos portugueses, você acha ignorante, meio bruto. Então, às vezes, você tem esse choque e comunicação, algumas desavenças e tudo, mas, mais coisas que ocorrem onde quer que você vá, nada que não seja resolvido. E a moeda, a questão da moeda também, o câmbio é uma coisa complicada, mas inevitável.

Entrevistadora: Você sentiu algum preconceito por ser brasileiro?

Entrevistado: Então professora, eu sei que ele existe, tá, ele existe, e é forte, em algumas regiões mais fortes que outras. [ficou com um semblante mais sério] E, pelo que eu relato, eu não sofri esse preconceito, até porque têm muitos brasileiros em , graças ao que tem vínculo com muitas universidades do Brasil todo e eu me sentia num pedaço do Brasil dentro de Portugal, então, eu tinha contato com muitos brasileiros, tinha muitos colegas, estudantes brasileiros. A população de , os comerciantes de loja e operadores de caixa de serviços, todos tinham hábito de atender brasileiros, então já eram coisa comum pra eles. No entanto, eu sei que em cidades maiores que a população brasileira não é tão grande, isso não é verdade. Eu tenho uma amiga que ela fez intercâmbio no Porto e ela não teve tantos contatos com brasileiros como eu tive. Então, ela não se sentiu tão acolhida, ela já se sentia mais excluída de trabalhos em grupo das turmas de aula dela. Então, no meu caso eu não senti, mas é uma realidade que está sim presente aqui em Portugal.

Entrevistadora: Você teve alguma necessidade de usar língua estrangeira? E qual língua?

Entrevistado: Não tive necessidade, mas eu desenvolvi por vontade própria. No eu tive oportunidade de realizar um curso de língua inglesa e tinha para várias línguas, para língua francesa e tinha alemão, tinha italiano. O meu caso era visto como estudante Erasmus, apesar de não ser, nós brasileiros erámos vistos

como Erasmus, então era um valor simbólico de 20 euros o curso completo de seis meses, e eu realizei esse curso e me ajudou muito a desenvolver meu inglês, então, nesse curso que eu realizei, as aulas eram em inglês, os debates como os outros alunos eram em Inglês, tinha alunos de outras nacionalidades também. E o fato de o [] ser um instituto muito internacional, tinha muitos alunos de outros países também. Tinha turcos, árabes, muitos alunos, então, uma vez ou outra, nas salas de aula ou pelos corredores ou, então, em eventos realizados pelo [] rolava essa comunicação em inglês com alunos de outros países. Além disso, a minha dissertação e as reuniões com meus orientadores eram realizadas em inglês e não era uma obrigatoriedade, mas na proposta deles, já que tinha uma outra aluna que participava da reunião conosco que não falava português, e eu vi como uma oportunidade para aprimorar meu inglês. Então eu acolhi, e, semanalmente nessas reuniões em inglês em que eu tinha que expor minhas dúvidas, expor o meu trabalho e ouvir os conselhos deles em inglês, me ajudou muito a desenvolver, inclusive graças a essa oportunidade foi que consegui o doutorado, porque a entrevista do doutorado foi em inglês, então, eu tive que explicar minha formação, minha área de atuação, meus trabalhos em inglês e graças a essas reuniões foi que eu consegui e eu tive uma boa pontuação das entrevistas. Inclusive minha pontuação foi a maior, eu fiquei em primeiro e consegui a bolsa. Além disso, uma das disciplinas que eu cursei aqui no [] que eu alterei no plano inicial, coloquei uma disciplina que tinha a ver com o assunto da minha dissertação, que era lecionada pelo meu orientador, a disciplina era lecionada em inglês, então, me ajudou mais ainda a desenvolver. Não foi uma obrigação. Foi uma escolha minha e me agregou muito.

Entrevistadora: Só de você falar isso, já deu pra entender quanto o Ifal peca nesse sentido e quanto os alunos não buscam essa aquisição da língua. E como é importante sua fala dizendo que através do inglês, você conseguiu o doutoramento e talvez se você não tivesse se empenhado em aprender uma segunda língua, seja qual for, eu coloco sempre em inglês, mas poderia ter sido outra talvez, teria sido impossível alcançar coisas tão diferentes do que um aluno aqui da nossa graduação daqui do Ifal. Com relação a amizades, você fez amizade com alunos estrangeiros durante a mobilidade e ela continua?

Entrevistado: Então como disse, nessa questão eu pequei de certo modo, porque como tinha muitos alunos brasileiros no [] e a semelhança cultural é muito maior, então, acabei ficando me limitando a esse contato mais fácil, esse contato mais próximo, mais nostálgico que era dos meus amigos brasileiros, então, quase todos os amigos que eu fiz eram brasileiros e até hoje eu tenho contato com a maioria deles e os poucos estrangeiros que tive contato, fiz amizade, eram africanos e também falavam a língua portuguesa, os caboverdianos e os angolanos, e, de certa forma, a cultura é mais semelhante. Então, me limitei mais a essas nacionalidades, mas a oportunidade de conhecer estrangeiros lá é enorme, eu só não me atentei muito a isso.

Entrevistadora: Como foi seu acolhimento em Portugal, e sua ambientação com o clima e a culinária?

Entrevistado: Então, professora, eu tive sorte porque consegui encontrar alguns grupos enquanto eu ainda estava no Brasil, através do WhatsApp, de brasileiros que estavam em Portugal, e acabei entrando em um, de brasileiros em [] então, fiz alguns amigos virtualmente ainda, e muitos deles me ajudaram neste processo, antes mesmo de eu chegar em Portugal, né? Tanto que um deles foi me buscar na rodoviária quando eu cheguei em [], me levou até o apartamento, que eu já tinha mandado endereço pra ele. Então, quando eu cheguei, já conhecia algumas pessoas que me ajudaram nessa ambientação, me inseriram no grupo, sabe, com outras pessoas, e logo depois, chegaram mais alunos de intercâmbio também, e aí tinham mais quatro, cinco alunos que moravam comigo e que já conheciam outros alunos também. Então, como [] é uma cidade pequena, tinha muitos estudantes estrangeiros, muitos estudantes brasileiros que também eram alunos do [] então, foi muito fácil essa socialização lá, especificamente em [] Isso também reflete no [] por ter muitos estudantes brasileiros, é muito fácil fazer este convívio. A parte do frio, acredito que foi uma das maiores dificuldades porque [] é muito frio. [] já é uma das zonas mais frias de Portugal e pelo fato de eu ter morado minha vida toda em Alagoas, que é muito quente, eu tive esse choque e com bastante dificuldade. A maior parte do tempo era muito agasalhado e muito suscetível ao frio, tanto que eu tive alguns problemas na pele de ressecamento, minha pele ficou muito ressecada, tive que comprar uma pomada, então, realmente, para me adaptar ao frio, eu tive muitos problemas, mas com dicas de outros alunos que já estavam aqui há mais tempo, tipo, encher garrafa com água quente, colocava debaixo da cama, debaixo da coberta para ajudar a esquentar, e aí eu fui pegando dicas com outros alunos que estavam aqui há mais tempo. Com relação à culinária, eu não tive muito problema, no caso eu sou vegetariano há mais de quatro anos, tive foi algumas surpresas boas, encontrei muita comida vegetariana congelada de fácil acesso nos mercados, restaurantes, sempre encontra comidas vegetarianas, cogumelo, aqui é bem mais barato, brócolis, barato, então, pra mim, a alimentação foi mais enriquecedora do que era no Brasil. Outro ponto é que eu encontrei muitas diferenças, é que eu gosto muito de doce, eu sinto que no Brasil alguns produtos industrializados, tipo iogurte, chocolate, leite condensado, essas coisas, cereal, eu sentia que no Brasil eram mais açucarados do que aqui em Portugal, então teve uma pequena diferença no gosto que eu sentia de algumas coisas, nos produtos aqui, mas no resumo foi isso.

Entrevistadora: Houve algum choque cultural?

Entrevistado: Então, não senti grandes choques culturais. Alguns que eu posso elencar mais, a grande maioria em si foi mais de hábitos, mas choque cultural mesmo entre convívio, é mais o modo de ser, que eu acredito que o brasileiro é mais simpático, mais, é... como eu posso dizer, mais acolhedor, e aqui eu sinto que o modo deles de ser, a gente enxerga como uma forma grossa, rude, mas com o tempo, percebe que é o jeito deles. Outras coisas que eu tive que me adaptar, foram mais de hábito mesmo, por exemplo, aqui tem coleta seletiva de lixo, então na casa que eu morava a gente tinha que fazer essa seleção do lixo

pra descartar, é... a maioria dos banheiros não tem lixeira, o papel é descartado dentro do próprio vaso sanitário. Hummm, eu acredito que uma das maiores, é a questão de ir aos supermercados, que a gente sempre leva o saco, a sacola, e quando não leva, se você quer, você tem que comprar, pagar pelo saco plástico, então, é muito comum que todo mundo vá ao mercado com seus próprios sacos plásticos ou com suas sacolas reutilizáveis, sacolas biodegradáveis, mochila, o que seja pra ir ao mercado e você mesmo é... organiza suas compras nas sacolas, não é igual ao Brasil, de qualquer forma, sem nada, e o saco plástico já é incluso, já é grátis, então, aqui já tem essa redução de saco plástico nos supermercados.

Entrevistadora: Você se sente um cidadão global? E isso foi antes ou depois da mobilidade?

Entrevistado: Então, sim. Eu tinha muito o sonho de conhecer outros lugares o que antes do intercâmbio parecia muito distante, muito impossível. Via só em filmes, em televisão e tudo mais. Depois que eu vim realizar o intercâmbio, qualquer país, qualquer região, não se tornou mais uma coisa impossível, tornou uma possibilidade, uma coisa muito mais palpável, muito mais factível, de que você viajar para outros lugares, morar em outros lugares, não me parece mais aquela coisa tão distante, tão dificultosa, você se inserir em outras culturas, em lugares que você não conhece outras pessoas, então, depois da mobilidade, eu me senti mais livre e mais, como eu que eu posso dizer, sem raízes, então, tenho vontade de conhecer outros lugares, passar alguns anos em outros países, e isso mudou totalmente a visão que eu tinha para o que eu tenho agora.

Entrevistadora: Você se tornou uma pessoa diferente depois da mobilidade? Em que aspectos?

Entrevistado: É, eu consigo distinguir claramente o [...] pré- intercâmbio e o [...] pós intercâmbio. Me vejo como outra pessoa, inclusive ainda estou em processo de me reconhecer, de fato, de me reencontrar, de me reestabelecer pós intercâmbio, porque querendo ou não, eu conheci muita coisa nova, passei por muita experiência nova, é... muito amadurecimento, muitas portas se abriram, muitas possibilidades, então...como eu estava muito fechado na minha realidade, na minha bolha no Brasil, minhas possibilidades, minhas perspectivas de futuro eram muito limitadas, então, eu estava muito preso, enraizado, de como eu era e como eu seria, e, depois desse intercâmbio, foram tantas possibilidades, tantas portas, tanta gente nova que eu conheci que mostrou realidades tão diferentes... então, o processo de amadurecimento muito grande também, então, eu ainda estou em processo de me tornar um novo Eu, definitivamente não sou mais quem eu era, mas ainda to fixando essas experiências, essas possibilidades pra me reconectar e me reencontrar um novo Eu, mas, definitivamente, o amadurecimento de você estar sozinho em um outro país, é... não tem como descrever, você tem que amadurecer, você amadurece, você, é... se torna mais adulto, não tem como não ser.

Entrevistadora: A gente está chegando ao fim e, assim se você quiser, se eu não perguntei alguma coisa que você acha importante falar, você fica à vontade se não, vou fechar só com uma última pergunta. Pode ser?

Entrevistado: Eu só queria acrescentar mais um adendo da questão da língua inglesa porque é uma coisa que tinha muita vontade de desenvolver, meu inglês. Só que a gente sabe da situação social e econômica do Nordeste que não é fácil, ainda mais no interior de Alagoas. A desigualdade social é muito grande, então, eu sempre tive vontade de estudar inglês, mas nunca tive condições financeiras de estudar inglês. Então, toda bagagem da língua inglesa que eu obtive até hoje foi estudando sozinho por vontade própria. Não foi fácil. Então, eu vi no intercâmbio essa oportunidade de avançar esses meus estudos. Então, mesmo que tive oportunidade de não aceitar fazer as disciplinas em Inglês, ter minhas reuniões da tese em inglês, eu aceitei este desafio, porque eu sabia que iria me agregar. Porque eu tinha em mente o doutoramento que era uma coisa que eu queria muito e eu sabia que o inglês seria necessário. Não sabia que seria dessa forma. Então me candidatei, não sabia que a entrevista seria em inglês, sabia que o inglês era um dos requisitos. Aí, numa sexta-feira, recebi um e-mail, a entrevista seria na segunda, e que a entrevista seria em Inglês. Então se eu não tivesse me proposto este desafio, se tivesse ficado na zona de conforto, eu não teria conseguido e se não fosse o intercâmbio, eu não teria conseguido também, porque infelizmente, o Ifal, atualmente, pelo menos no Campus [...], não proporciona este curso de Inglês como eu tive aqui no e eu não teria condições de realizar o curso com recurso próprio. Então, um aluno recém formado do Ifal, tem toda essa bagagem de conhecimento que não deixa nada a desejar para os alunos daqui, mas peca pelo inglês, que isso é um fator eliminatório de entrevistas para o doutoramento, como foi o caso.

Entrevistadora: Bom a última pergunta pra mim seria assim, você expôs coisas negativas, como o câmbio, a saudade, pontos positivos, o quanto você alcançou, chegando até aqui. Você faria tudo novamente?

Entrevistado: Faria professora. Não mudaria nada. Inclusive isso é uma coisa que eu penso de forma recorrente. Às vezes eu penso eu poderia ter feito isso diferente, poderia ter tomado aquela atitude de forma diferente, aqui eu poderia ter feito melhor. Só que sempre eu chego a uma conclusão, é que não importa quais atitudes eu tomei, quais partes eu falhei, mas toda minha trajetória me trouxe até aqui onde eu estou, que no final, é onde eu queria chegar. Não adianta querer remoer, querer ter efeito melhor, diferente, porque foi suficiente para alcançar tudo o que alcancei e o que eu errei serve de aprendizado para o futuro. Então quem quer intercâmbio, corra atrás porque se for com realmente sua vontade, abre todas as portas que você imaginar e que você não imaginar e vai ser uma experiência marcante na vida.

Estudante B - 19 de junho de 2021.

Entrevistadora: Qual motivo que te levou a concorrer ao edital de mobilidade acadêmica internacional do Ifal?

Entrevistado: Professora, foi pela experiência mesmo, entendeu. Assim, apesar de que eu entrei meio desacreditado que eu seria selecionado, porque foram muitos inscritos. Então, assim, eu tinha aquela

vontade de fazer, embora eu não acreditasse realmente que eu iria, no final das contas, poder ir. Mas, assim, foi pela experiência mesmo. Eu já conhecia o país, mas não como uma experiência de ficar vários meses lá, poderia proporcionar. Então foi, foi pela experiência mesmo.

Entrevistadora: Como você avalia o aproveitamento das disciplinas cursadas e as atividades realizadas durante a mobilidade e as do seu uso aqui no Ifal?

Entrevistado: Professora, no caso lá, poderia [pensativo]. Com relação às disciplinas, eu acho que correu tudo bem, apesar de que de fato mesmo, a gente só teve duas aulas presenciais, aliás duas semanas de aulas presenciais. Foi quando teve a pandemia. A gente ficou uma semana só parado e, após isso, já começaram as aulas online que eles já tinham lá, tudo preparado. Assim, foi muito rápido, foi uma semana só para eles aprontarem tudo e, até o final do curso, foi sempre online. Mas, assim, eu, do ponto de vista de aproveitamento das disciplinas, eu acho que não teve nenhuma deficiência não, apesar de ter tido online, não. Os professores lá são muito exigentes. E eles não deram colher de chá não, para os alunos, não, dá para outras atividades que a gente quer fazer. Toda semana duas três, duas três. E foi assim até o final. E as disciplinas que eu escolhi eu gostei muito. Foram apenas quatro. Eu podia fazer até 6, mas para ficar com um pouquinho de tempo livre para poder sair um pouquinho, sair na semana, escolhi apenas quatro, mas foi bem aproveitado e, aqui, com relação às disciplinas aqui no Ifal, de um modo geral, eu entrei lá em 2018, tive um bom aproveitamento também, embora tenha tido deficiências em relação ao laboratório, com relação às aulas práticas, né. A gente tem uma deficiência. Assim quem quer estudar e ter foco em terminar o curso consegue fazer numa boa.

Entrevistadora: Você acha o ensino do Ifal, diferente do ensino que você teve durante a mobilidade acadêmica?

Entrevistado: Professora, eu achei o intercâmbio um pouquinho mais puxado que o Ifal, entendeu? Assim, não sei se pelo fato de ter ficado online eles tomaram uma postura mais assim, para ter um aproveitamento maior. Eles puxaram mesmo, entendeu? Eu não via muita diferença, mas só essa questão do professor. Do ponto de vista do professor com relação ao aluno eu achei um pouquinho puxado, foi mais um puxado em relação ao Ifal, mas eu tive muitas notas boas. Gostei muito.

Entrevistadora: E essas diferenças, você acha que é devido a quê? O que que é diferente aqui no Ifal de lá de Portugal?

Entrevistado: Professora, talvez seja a questão de reciclagem, alguns professores aqui no Ifal, a gente percebe que precisa de uma “reciclagemzinha”, entendeu? Para aproveitar, para acompanhar as tendências, principalmente no meu curso de hotelaria, entendeu? Tem umas disciplinas que a gente percebe que estão um pouco defasadas. É mais com relação a isso.

Entrevistadora: Ao retornar ao Brasil, você desenvolveu algum projeto relacionado com o que você cursou lá na mobilidade?

Entrevistado: Não. Não porque, assim, do ponto de vista, eu queria até ter, mas, assim, como eu estava, eu tive que sair do meu emprego, e aí eu foquei mais nesta questão de voltar a trabalhar, né. Eu pedi demissão mesmo, com a promessa de voltar ao antigo emprego, ao mesmo emprego, mas aí, houve também a questão do meu local de trabalho estar parado por conta da pandemia, aí eu foquei em arrumar um outro emprego. Eu queria até ter arrumado na área de hotelaria já, mas não houve tempo para isto. Quando eu comecei a procurar, assim, e a partir daí quando eu estivesse trabalhando em algum hotel e desenvolver o que eu aprendi, aí uma outra empresa me chamou e não tem nada a ver com hotelaria.

Entrevistadora: Quais aspectos da sua vida profissional tiveram impacto depois da chegada no Brasil e sua vida social?

Entrevistado: Ah, eu aprendi muito. Apesar de que eu, é um conselho que eu dou aos futuros alunos que vão fazer intercâmbio na Europa é assim, a diferença da cultura. Eles acolhem bem os alunos. Lá, com a relação à proporção dos alunos, eles recebem muito mais alunos da África do que propriamente do Brasil. Então, lá tem uma comunidade africana muito grande. Então, assim, o acolhimento é bom, mas é necessário que a pessoa que vá fazer o intercâmbio rompa a barreira cultural, então, assim, não pode chegar muito tímido, não pode ser aquela coisa, tem que ser proativo, tem que se mostrar para o professor que está afim, tal, tem que se entrosar, porque se não for assim, aí você não aproveita o que tem para aproveitar lá, se ficar aquela coisa reclusa, entendeu? Você tem que entrar e aproveitar mesmo a cada etapa mesmo. E, assim, você, no meu caso, eu passei 5 meses tendo contato com a cultura europeia de um modo geral. É muito bom, a pessoa aprende muita coisa, como lidar como questão de língua, eu tive que me comunicar um pouco também porque tem muitos ingleses lá na cidade que eu fiquei, tentar acompanhar o ritmo de falar com outro idioma, no caso, o Inglês, foi muito bom, muito bom mesmo, apesar de tudo, apesar da pandemia, a gente ficou um tempo recluso, mas a partir do momento que lá na Europa começou a melhorar as coisas, e abriu a economia de um modo geral, aí eu viajei, eu aproveitei mesmo, conheci bem o norte de Portugal. Quando deu para viajar, eu conheci muito bem mesmo. [aparência de satisfação]

Entrevistadora: Então, este aspecto que você falou da proatividade, que você acha que foi um ganho, isso você já tinha ou você adquiriu depois da mobilidade?

Entrevistado: Não, eu acho que eu já tinha já, sabe? E aproveitei para ter um ganho a mais com relação ao intercâmbio. Eu já fui preparado para meter a cara mesmo e me entrosar com os professores, com os alunos, e para vivenciar mesmo o intercâmbio, e, assim, foi muito bom, eu me entrosei muito com o pessoal, porque o apartamento que eu fiquei lá foi com alunos da África, então foi muito bom, porque eu aprendi muita coisa com relação à cultura de Angola, e de outros países de lá. Fiz amigos que até hoje eu me comunico com eles. Muito bom.

Entrevistadora: Você acha que a mobilidade acadêmica atendeu a sua expectativa?

Entrevistado: Sim, com certeza, com certeza. Tanto com relação à grade curricular mesmo que eu teria que aprender, porque de certa forma a gente não teria como aprender aqui, como também na questão cultural. Atendeu, sim. Poderia ter sido muito melhor se não tivesse acontecido a pandemia, ou seja, eu teria viajado mais, mas eu aproveitei, o que deu para aproveitar, eu aproveitei.

Entrevistadora: De um modo geral, o que você acha que foi ponto positivo e ponto negativo na mobilidade?

Entrevistado: Ah, no meu caso, o único ponto negativo foi a questão da pandemia mesmo, porque de resto, eu fiquei numa cidade muito, muito boa, entendeu? A cidade de , eu me apaixonei pela cidade, até hoje eu sigo tudo com relação à cidade, no Instagram, fico sabendo de tudo, é como se fosse meu segundo lar, e, futuramente, eu penso até em um dia em morar em Portugal por conta desse tempo que eu fiquei lá, entendeu? Muito bom, muito aconchegante, a cidade é pequena, tem 20 mil habitantes, mas a infraestrutura muito boa, entendeu? Um lugar muito... ainda cheguei a pegar umas festas de rua que acontecia lá, poxa, é muito bom mesmo. {mostrando aparência de alegre}

Entrevistadora: Você sentiu algum preconceito por ser brasileiro?

Entrevistado: Professora, pra mim, não, mas a gente sabe de casos que acontecem lá sim, entendeu? Com relação, principalmente com relação a brasileiros, eles acham que de um modo geral, a gente está invadindo o espaço deles, mas não é a maioria não, de um modo geral, eu senti o acolhimento por parte da população, tanto acadêmica, tanto dos alunos como da população mesmo da cidade, mas acontece sim, acontece casos com a questão da discriminação sim, é comum.

Entrevistadora: Como a mobilidade acadêmica contribuiu para sua formação acadêmica e pessoal?

Entrevistado: Ah, contribuiu porque eu tive, tive assim, de um modo geral, aquilo que eu já falei ter acesso a outra cultura de um outro país é um ganho para o resto da vida, mas para isso, é necessário, volto a tecla, é necessário que o aluno vá disposto a entrar de cabeça mesmo, a se envolver com a cidade, se envolver com a faculdade, com os alunos, se entrosar mesmo, não pode ser aquela pessoa introspectiva não, tem que aproveitar, e, com isso, aí consegue ter acesso a informações, a cultura, entendeu? Tem que, como é que se diz, ir com a cabeça aberta, tanto para coisas ruins que possam acontecer, como para coisas boas, é, assim, eu, alguns alunos que foram comigo, depois da pandemia, voltaram, ficaram com medo, né, com relação a pandemia, a possibilidade de ficar doente em um outro país, mas assim, eu fui um dos únicos que fiquei lá, e eu gostei, mesmo com a pandemia, fez com que eu crescesse, assim, apesar de não ser muito novo, já tou com 44 anos, assim, já tou com uma certa idade, mas, assim, nunca é tarde para aprender coisas novas, entendeu? Nunca é tarde, então, foi muito gratificante mesmo.

Entrevistadora: Você sentiu necessidade de usar alguma segunda língua, uma língua estrangeira?

Entrevistado: Sim, no caso, o Inglês, tem muitos ingleses lá, que trabalham, que estudam lá, e, de um modo geral, eu percebi também, eu tava conversando com os outros alunos da África, a gente percebe que as pessoas de Portugal, a sociedade portuguesa, eles dão muito valor a língua inglesa, por exemplo, comerciais,

que passam na TV geralmente é em inglês, é muito curioso isso, é... material didático que os professores passam pra estudar, é material em Inglês, entendeu, é... então é como se eles renegassem um pouco a própria língua, inclusive, eu tava conversando com um professor lá, e eles vêm no futuro um problema, porque os jovens tendem a aceitar mais a língua inglesa do que a própria língua portuguesa, entendeu, então tem esta questão sim, lá.

Entrevistadora: Então, você acha que os alunos de lá, são mais acostumados a interagir, ou a própria aquisição da língua inglesa do que os daqui?

Entrevistado: Muito, totalmente, até porque, é ...assim, por esse motivo, material didático que os professores indicam é em inglês e eles recebem muitos turistas ingleses, entendeu, então pelo menos lá na região, a cidade, é uma região turística, então, assim, comerciantes, e as próprias pessoas, assim, que lidam com turistas eles falam, eles têm uma facilidade de falar em inglês, por conta disso.

Entrevistadora: Você precisou fazer algum curso extra com isso, ou você já tinha inglês pra se comunicar?

Entrevistado: Não, assim, o meu inglês é muito básico, entendeu, eu, lá, eu, apesar de, eu podia até ter aproveitado com relação a isso também, ter feito algum curso online, alguma coisa para em aprofundar no inglês, mas eu não fiz não, mas seria necessário sim, seria necessário viu, eu não fiz mesmo.

Entrevistadora: Bom, você falou das amizades, né, que você fez com alunos estrangeiros, principalmente da África, falou que a amizade continua, por que você tem alguma vontade de fazer alguma outra mobilidade, ou eles virão pra cá, como você acha que isso pode te ajudar?

Entrevistado: Não, assim, a médio prazo, eu tenho amizades que até já, eles até prometeram que virão pra cá, pra Maceió, vão ficar aqui na minha casa, tal, pelo menos duas pessoas, e, com a relação a viajar à África, eu também fiquei curioso em viajar e conhecer por conta do que eles falaram, a cultura deles é muito parecida com a da gente. Agora, no caso de fazer um intercâmbio, eu tenho vontade de fazer um outro intercâmbio, mas, mas, neste caso seria na Espanha, eu tenho vontade de passar um tempo lá, talvez não um tempo tão grande como foi agora, de 5 meses, mas um tempo menor, eu faria sim, um intercâmbio na Espanha.

Entrevistadora: Como foi sua ambientação com o clima, culinária?

Entrevistado: Com relação à ambientação do clima lá, os costumes, assim, eu procurei me enturmar com as pessoas da cidade, eu frequentei as festas da cidade, os restaurantes, os mercados, o mercado lá, municipal, muito bom, é... que se pode dizer que é frequentado pela velha guarda. Chegava lá, tomava um vinhozinho com eles, começava, conversava sobre as culturas nossas, do Brasil, de Portugal, então, eu procurei me entrosar bastante, e com relação à alimentação, não houve muita diferença não, apesar da falta que fez o cuscuz e a feijoadá,

Entrevistadora: Houve algum choque cultural?

Entrevistado: Com relação ao choque cultural, não, não teve não, porque tanto eles estão muito, assim, porque na cidade que eu fiquei, eu percebi que eles já estão bem acostumados com outras culturas, principalmente com jovens que vêm de outros países, entendeu, então não houve esse choque cultural não.

Entrevistadora: Você se considera um cidadão global, e isso foi antes ou depois da mobilidade?

Entrevistado: Com relação a se considerar um cidadão global, professora, é que eu já tinha realizado algumas viagens, tanto para alguns países da América do Sul quanto para da Europa, entendeu, então, eu tive essa vantagem de não estranhar muito, né, porque não foi a minha primeira viagem pra fora do país, então, eu não me considero cidadão global não, pretendo viajar mais pra me tornar um cidadão global.

Entrevistadora: Você se tornou uma pessoa diferente depois da mobilidade? Em que aspectos?

Entrevistado: Com relação a mudar depois da mobilidade, sim, a pessoa muda, né? São experiências, principalmente pelo fato de tá na Europa, no auge da pandemia, do Covid, então, a gente passa por experiências, boas e ruins que faz a gente mudar sim, ver o mundo de uma forma diferente, entendeu. Mas, como eu disse, na vez anterior, eu tenho que fazer mais mobilidades para aproveitar mais o que esta experiência traz pra gente. É isso aí.

Entrevistadora: A gente agora vai para a última pergunta, só que antes de eu fazer a última pergunta, você gostaria de acrescentar alguma coisa, alguma coisa que eu não perguntei ou alguma coisa que você acha importante salientar, isso espontaneamente “seja” mais importante para minha dissertação, para minha pesquisa.

Entrevistado: Professora, eu gostaria de salientar essa questão que eu falei. O intercambista, a pessoa que vai fazer intercâmbio, ele tem que, trocando em miúdos, deixar a timidez de lado, se ele é uma pessoa tímida, vai ter que deixar a timidez no Brasil e ir disposto, entendeu, a absorver, senão não vale a pena, entendeu, se você não fizer amizade, se você não se entrosar com os professores, com a faculdade que você tá estudando de uma maneira proativa não adianta, então, é um conselho que eu dou, é tímido, deixa a timidez de lado e vai, encara e de mente aberta para aprender, e, outra coisa, não deixar a timidez de lado não quer dizer ser a pessoa, assim, é ... arrogante, tem que ser humilde, porque vai estar fora de seu ambiente, né, de residência tem que tá aberto e respeitar a cultura, diferente nossa, entendeu, a gente tem esse jeito todo extrovertido. Lá eles são mais fechados, tem que respeitar esse lado deles também, e, de uma maneira geral, até a gente aprende a ser mais cometido também porque o brasileiro já chega assim, de um modo geral, muito atabalhado. Lá, a gente aprende a ser mais cometido.

Entrevistadora: Um ponto antes da última pergunta, quando eu perguntei das diferenças, você falou, né, eu falei também de projeto, que você não teve tempo por conta da pandemia de fazer alguma coisa que você viu lá, mas alguma outra coisa em relação ao ensino daqui do Ifal o que seria, assim, diferente que eu possa colher para colocar na minha pesquisa?

Entrevistado: Ah, é só salientar essa necessidade de reciclagem mesmo de algumas disciplinas.

Entrevistadora: No caso dos assuntos, você acha que são equivalentes?

Entrevistado: São. Os assuntos são sim. Agora, por parte de algumas disciplinas, é necessária mesmo uma reciclagem, é só isso mesmo.

Entrevistadora: Você teve oportunidade de dizer isso aos coordenadores daqui ou aos professores, ou eles também não perguntaram?

Entrevistado: Não, professora, porque, assim, para falar a verdade, eu não tive contato, mais nenhum contato com o Ifal, assim, presencialmente, entendeu, mas assim, eu me lembro a professora [...], ela, quando a gente voltou, que eu consegui ter as aulas online para terminar o meu curso, e uma das disciplinas foi com ela, ela me perguntou isso e eu tive oportunidade de dizer isso a ela também na aula e todo mundo escutou então, tal, eu disse, olha, a diferença que eu vi, é que lá eles são mais atualizados do que a gente em relação a algumas disciplinas.

Entrevistadora: Então, minha última pergunta seria, você pretende ou, você faria a mobilidade acadêmica novamente, ou você tiraria algum ponto?

Entrevistado: Ah, faria, faria tudo de novo, mesmo que, essa turma que foi agora por último, vamos dizer, a falta de sorte de não ter apoio financeiro por conta da instituição, coisa que a gente já sabia, não é, no edital, já estava tudo claro, mesmo assim, a gente tentou não conseguiu, não podia mesmo porque não estava no edital, mas assim, eu faria, faria de novo, e penso em fazer, por conta própria mesmo, foi muito bom, se a mulher deixar, claro.

Estudante C - 24 de junho de 2021.

Entrevistadora: Ok, gravando a nossa reunião. A minha primeira pergunta: qual o motivo que te levou para concorrer ao edital de mobilidade acadêmica internacional do Ifal?

Entrevistado: O motivo principal foi, é....obter mais conhecimentos. Saber como é, ... como o conhecimento se dá em outras culturas, como a matemática é trabalhada, porque no meu caso, né, em relação a minha área que é a matemática. Como eles abordam a matemática estando em outro lugar em outra cultura, outros modos de viver. Foi isso que me motivou, né... a aquisição de novos conhecimentos de novas metodologias para “mim” trabalhar com os alunos daqui do Brasil.

Entrevistadora: Certo, antes da gente falar do ensino propriamente dito, vamos falar um pouquinho como foi seu acolhimento em Portugal?

Entrevistado: Foi maravilhoso. Eu, particularmente, fui bem acolhida, Carla, pela instituição, pelos alunos. Não é como nós brasileiros, que a gente tem, eu acho a gente que tem um afeto maior um pelo outro, né. Mas eu fui muito bem acolhida, respeitada e aos poucos eu fui me adaptando com a turma. Eles se sentiram

curiosos por ter uma brasileira. Eu fui a única brasileira da turma deles, então ter uma pessoa diferente de outro lugar de outro país, eles, eles me deram uma atenção maior. Eles sentiram curiosos pelo meu modo de falar, pelo meu modo de ser. Então eles, eles se chegaram. Sempre perguntava se eu estava precisando de alguma coisa, do jeitinho um deles. Mas eu fui bem acolhida.

Entrevistadora: Houve algum choque cultural?

Entrevistado: Sim, eu, eu senti diferenças. Senti, em relação a tudo, ao clima, ao modo das pessoas, né, eu sofri um pouquinho com a adaptação do lugar em relação ao frio. Mas o que, o que me fez me adaptar muito bem também, Carla, lá, foi porque onde eu morava, onde eu me alojei, tinham muitos brasileiros. Então isso foi fácil de se adaptar porque todo mundo estava no mesmo barco. Todo mundo estava, a maioria era estudante assim igual eu, de primeira viagem, né, porque tinha uns que tinham mais tempo. Só que muitos chegavam no mesmo período que eu, então, a gente foi aprendendo tudo junto. As informações foram coletadas, assim a gente ia em busca sempre juntos

Entrevistadora: E como foi sua ambientação com o clima, culinária, modo de se vestir?

Entrevistado: É, em relação à culinária, no início eu estranhei muito, porque, assim, eu jantava e almoçava na instituição. Eu só fazia o café da manhã, que era pequeno almoço no alojamento, na pousada que era a pousada da juventude, então a minha primeira refeição foi a janta. Eu estranhei muito, é tanto que eu não conseguia comer muito, assim, eu comi muito pouco porque a forma com que era, uma espécie de conchinha eles comem muita carne de porco. Como eu não como carne de porco, então eram algumas culinárias que eu não, para me adaptar foi um pouquinho difícil em relação às comidas, mas...

Entrevistadora: Ao clima, a vestimenta, foi normal?

Entrevistado: Sim.

Entrevistadora: Você, em algum momento, mostrou algum aspecto da nossa cultura a eles?

Entrevistado: Sim. Lá no tinha uma associação de brasileiros. Então a gente sempre, é assim, era representado por cada lugar aqui do Brasil. Por exemplo, de Alagoas, da Paraíba, tinha do Rio. A gente sempre tentou mostrar pra eles em algumas atividades festivas, é... um pouquinho da nossa cultura. É tanto que a gente chegou a fazer uma espécie de feira, uma espécie de feira, e nessa feira a gente, é... tentou mostrar comidas típicas. Comidas típicas, vestimentas. A gente sempre tentou mostrar, mostrar isso pra eles e foi bem legal essa troca de conhecimentos.

Entrevistadora: Eles se mostraram interessados em conhecer.?

Entrevistado: Sim. Sim, e lá, Carla, essa feira foi bem legal porque, é assim, na instituição eram pessoas de vários lugares do mundo. Tinha africanos, tinha, tinha ingleses tinham um monte e tinha japoneses, chineses. Então, nessa feira, por exemplo, nós reunimos vários, várias pessoas de cada país. Fizemos uma feira, então a troca de conhecimento foi muito legal e, principalmente, por parte dos próprios portugueses, né que passou a conhecer toda a nossa cultura.

Entrevistadora: Com isso você se considera uma cidadã global?

Entrevistado: O que seria cidadão global. Como você considera, Carla?

Entrevistadora: Bom. Não sei pra você, mas cidadão global remete uma ideia de integração, de você se expor, ser acolhido, e de você acolher o outro, você entender o outro, ou então ligado à identidade que ultrapassa as barreiras políticas e geográficas. Então, de integração, você falou, você falou que mostrou, que eles se sentiram atraídos pela nossa cultura, você pela deles, dos outros. Isso você não vê como um aspecto global ser uma cidade bem global?

Entrevistado: sim.

Entrevistadora: Mas isso foi só lá durante mobilidade, ou foi antes ou agora também?

Entrevistado: Eu acho que mais durante e após, porque após intercâmbio eu pude falar para as outras pessoas, orientar as outras pessoas que também estavam nesse, como é que eu posso dizer, Carla, nesse processo de intercâmbio também, então, eu pude orientar com os conhecimentos que eu tive, eu pude orientar eles nessa parte. Então eu acho que sim, que eu seja uma cidadã global, eu pude influenciar as outras pessoas também.

Entrevistadora: Lá, você ia a museus, teatros ou só se dedicou aos estudos?

Entrevistado: Não, Carla, eu sou muito curiosa. Olhe eu sou uma pessoa muito curiosa e a cidade lá pequenininha. é uma cidade de trinta e poucos mil habitantes, então a gente fazia tudo a pé, museu, é... como é que, teatro, praças e castelos, a gente saía olhando tudo do carro. A gente, o tempo que a gente tinha livre, final de semana, principalmente no domingo, a gente tinha o dia todinho livre, a gente sempre saía uma parte do dia pra conhecer os lugares.

Entrevistadora: E aqui no Brasil você vai a museus, teatros?

Entrevistado: Não, não vou, Carla.

Entrevistadora: E você acha essa diferença assim em que, como se dá isso?

Entrevistado: Eu acho que a gente não dá valor ao que a gente tem, próximo da gente. Eu acho que é isso, aqui eu sou mais acomodada. Por exemplo, eu sou da cidade de [...], certo. Aqui tem essa [...]. Aqui tem comunidades [...], e eu mal vou a [...] acho que se fui duas vezes, foi muito durante a minha vida, onde eu nasci e me criei aqui. Então acho que a gente não dá valor ao que a gente tem, entendeu. Mas quando a gente passa a ir a um ao outro lugar, se sente curioso, então, é assim, aqui não, mas viajando fora, eu tive vontade de... de conhecer tudo.

Entrevistadora: Como você mitigava a saudade da família e dos amigos aqui?

Entrevistado: Ah, eu matava a saudade por chamada de vídeo no WhatsApp, sempre, e sempre estava me comunicando com eles por chamada de vídeo.

Entrevistadora: Certo, agora vamos falar um pouquinho do ensino. Como você avalia o aproveitamento das disciplinas cursadas e as atividades realizadas durante a mobilidade, comparando com as do seu curso no Ifal?

Entrevistado: Carla, eu aprendi muito, tanto aqui quanto lá. Só que eu me aprofundi muito lá, eu não sei se foi porque eu já tinha cursado grande parte das disciplinas do meu curso, e foi uma espécie de aprofundamento, né, porque eu cheguei a cursar as disciplinas do mestrado lá. Então, eu acho que lá, eu me aprofundi mais, que os professores foram mais, mais pontuais em alguns aspectos em relação de metodologias, coisas que eu não tinha, coisas que eu não pensava antes, e eles me despertaram para um novo olhar, novo olhar em relação a certas metodologias certos conteúdos, eles eram muito de perguntar sempre o porquê. O porquê disso e daquilo. Coisas que eu não, não, nunca pensei. Então eles foram mais pontuais, mais rígidos eu percebia assim em relação ao ensino.

Entrevistadora: Você desenvolveu alguma atividade extracurricular durante a mobilidade?

Entrevistado: Sim, eu fiz estágio em uma escola durante um mês e uns 15 dias mais ou menos e eu dei aula para as crianças portuguesas.

Entrevistadora: Então, você falou que o aproveitamento das disciplinas lá foi melhor porque os professores foram mais pontuais. Então você acha que o ensino aqui no Ifal é diferente do ensino de lá, nesse aspecto da maneira de cobrar?

Entrevistado: Eu achei, Carla. Eu achei diferente.

Entrevistadora: Só na maneira de cobrar?

Entrevistado: Oh, eu vou dar um exemplo. Pelo menos em algumas disciplinas que eu paguei. Lá, eles não valorizam tanto a prova. Eles valorizam o seu processo, o trabalho, o trabalho que você realiza, por exemplo, um trabalho escrito, um trabalho apresentado, as provas são mais qualitativas do que quantitativas, porque uma coisa que eu sofri muito no curso de matemática por exemplo foi só avaliar uma prova achando questões difíceis. E lá, não. O processo avaliativo pra mim foi diferente.

Entrevistadora: E quanto ao conteúdo você acha que aqui no Ifal é tão bom quanto lá, ou há diferenças?

Entrevistado: Não, o Ifal, eu acho assim, estão no mesmo nível. Estamos no mesmo nível, só que a forma de ensinar foi diferente, a metodologia foi diferente, né, porque as atividades utilizadas foram diferentes, mas o nível foi o mesmo.

Entrevistadora: Ao retornar ao Brasil, você desenvolve algum projeto relacionado com o que você cursou lá na mobilidade?

Entrevistado: O projeto, Carla, que eu desenvolvi, foi me apresentar para os alunos para uma turma. Eu acho que até nós tínhamos combinado isso, para “mim” apresentar para uma turma alguma atividade que eu desenvolvi lá. Ai a atividade que eu desenvolvi foi uma atividade que apliquei no estágio na questão dos resultados e como foi essa atividade em uma sala de aula de crianças portuguesas.

Entrevistadora: Quais aspectos da sua vida profissional tiveram impacto depois da sua chegada ao Brasil?

Entrevistado: Foi o ponta pé para o mestrado.

Entrevistadora: E na sua vida social?

Entrevistado: Vida social. (pensativa) eu acho que eu, eu... em relação à vida social eu fui uma pessoa mais influente, me tornei uma pessoa mais influente.

Entrevistadora: Você acha que a mobilidade acadêmica atendeu a sua expectativa?

Entrevistado: Bem mais do que eu esperava, que eu fui muito... eu fui muito receosa com medo, porque eu fui sozinha. Nunca tinha saído praticamente de Alagoas. Mudou muito a minha vida, a forma de ver, de olhar as outras pessoas, mudou muito. (se mostrando nostálgica)

Entrevistadora: Quais os pontos positivos e os negativos da sua estadia no exterior?

Entrevistado: Em relação aos negativos, como é que posso dizer... eu falei que eles acolheram bem, mas eu ainda sofri um pouquinho a questão de as pessoas, do olhar, por exemplo, uma mulher “portuguesa”. Isso tem muito por conta da cultura que muitas mulheres “portuguesas” vão pra lá pra se prostituir ou algo do tipo, certo? Os pontos negativos, assim... a comida. Eu sofri um pouquinho com algum tipo da comida. Essa questão do olhar e também da temperatura. Eu acho que os pontos negativos foram esses, e a distância, a distância que deixa a gente um pouquinho triste, mas faz parte do processo. Os pontos positivos de Portugal, a segurança. Não tive, não tenho o que falar da questão da segurança, a gente sai a qualquer hora da noite e não é abordado por ninguém. Eu não tive medo de sair como eu saio aqui no Brasil, a questão do aprendizado. Eu acho que os pontos positivos são esses, a questão da cultura.

Entrevistadora: Então, você disse que há algum preconceito do olhar de uma mulher brasileira chegando lá, mas você sentiu esse preconceito na pele, por ser brasileira?

Entrevistado: De fato não. Propriamente dito, não, mas eu percebi alguma indiferença por alguns.

Entrevistadora: Então, como a mobilidade acadêmica contribuiu para sua formação acadêmica e pessoal?

Entrevistado: Como contribuiu!! (sentimento de completa afirmação) Como que posso explicar...

Entrevistadora: Você falou que conseguiu entrar no mestrado...

Entrevistado: Sim, a contribuição foi essa. “Foi” os conhecimentos, porque inclusive o projeto para seleção do mestrado foi baseado nas atividades que eu realizei lá. Então acho que essa foi a minha contribuição maior.

Entrevistadora: E pessoal?

Entrevistado: Eu me tornei uma outra pessoa, Carla, sem dúvida uma outra pessoa, forma de ver a cultura, de não julgar, que a gente tem essa coisa de julgar o outro só pelo olhar. Aprendi a atender todos da mesma forma, seja ele bem vestida ou não. Isso não importa. Eu acho que é a minha contribuição pessoal maior foi essa.

Entrevistadora: Você teve alguma necessidade de usar alguma língua estrangeira?

Entrevistado: Muito, o inglês!!! O Inglês, lá, até um mendigo fala Inglês. Eu estava indo ao aeroporto, precisava de ajuda quando parou uma pessoa que falava em Inglês, estando em Portugal.

Entrevistadora: E você conseguia se comunicar?

Entrevistado: Muito pouco, o básico, sim, de perguntar onde fica tal lugar, de cumprimentar, dizer obrigado, mas até para “mim” receber a informação eu parava um pouquinho para pensar, mas o Inglês, nossa... Inclusive, até onde eu morava tinha as pessoas de outros países como as chinesas que moravam no quarto do lado, eu precisava de papel higiênico no banheiro e a menina que estava lá do lado de fora, ela falava inglês, então, para mim foi muito constrangedor, nesse sentido. Eu querendo falar, ela falando, eu sem entender, e eu precisando, né, numa necessidade.

Entrevistadora: Então os alunos lá, você vê que eles têm essa língua estrangeira mais forte do que a gente tem?

Entrevistado: Têm. Eles têm, Carla. Acho que todos falavam inglês. Inclusive tinham, eles tinham disciplinas que eram inglês. Se um aluno que estivesse na sala que não falasse português toda aula seria em inglês.

Entrevistadora: Então, esse é um ponto negativo nosso aqui do Ifal nesse aspecto de ensino que a gente não valoriza, né? E você acha que isso é devido à proximidade de um país, ou então porque eles recebem muitos estrangeiros?

Entrevistado: Eu acho que porque eles recebem muitos estrangeiros. Por toda parte, é uma cidade formada de estrangeiros, mas eu acho é assim em Portugal inteiro, Carla.

Entrevistadora: Então, você falou de amizades, né, com estudantes estrangeiros onde você morava, e a amizade continua?

Entrevistado: Continua, Carla, pelo menos assim de 2 pessoas continuam.

Entrevistadora: E são estrangeiros, ou são de lá?

Entrevistado: Portugueses.

Entrevistadora: Ah, são portugueses?

Entrevistado: São portugueses, uma mulher e um homem, até hoje eu tenho contato.

Entrevistadora: Eu tenho só mais duas perguntinhas, antes disso você teria alguma outra coisa pra salientar que eu deixei passar o que eu não explorei?

Entrevistado: Não, Carla.

Entrevistadora: Bom, então a outra pergunta é, você pretende estudar fora novamente?

Entrevistado: Pretendo. Ainda não está nos meus planos agora, mas eu sempre pensei em fazer doutorado fora, por exemplo. Ou um doutorado sanduíche, partes aqui, partes lá. Porque conhecimentos nunca é demais.

Entrevistadora: Bom então vamos pra última pergunta, embora você já tenha falado um pouquinho, eu gostaria que você explorasse mais, porque como eu faço mestrado na área de sociologia, eu preciso ver essa questão sociológica, então essa última pergunta, você se tornou uma pessoa diferente depois da mobilidade? Você disse que sim, que é uma pessoa mais aberta e tal. Então se você quiser falar mais um pouquinho que você deixou, que você se lembra, como é que você é uma pessoa diferente agora? E isso foi depois da mobilidade, então foi a mobilidade que te fez se tornar diferente?

Entrevistado: Sim. Primeiro pela distância, Carla. Porque você estar longe da família, do teu porto seguro, das pessoas que conhece, que te acolhe, você já, você já sente. Então você passa a se apoiar no diferente, na pessoa que você não conhece. Eu tive que pedir ajuda para as pessoas que até então você não tinha confiança, então você passa a confiar no outro. Essa foi a primeira coisa que me tornou assim uma pessoa diferente, a questão de respeitar as diferenças, como eu disse.

Entrevistadora: E a independência, você acha que aflorou lá ou você já era uma pessoa independente aqui?

Entrevistado: Eu sempre fui, Carla, uma pessoa independente, por que eu particularmente me sinto uma pessoa independente? Porque quando eu fui estudar no Ifal, por exemplo, eu tive que sair no interior para ir a Maceió. Então, meu primeiro entrave foi esse, porque eu não conhecia nada da capital, então, eu passei dias difíceis que eu não sabia pegar um ônibus. Aprendi. Depois veio outro desafio que foi estar em um outro lugar longe, em outro país, com cultura muito diferente da nossa, com costumes diferentes. Então, isso para mim foi um entrave, mas que me adaptei muito bem, com ajuda sempre do próximo. Mesmo que eles se sintam um pouco receosos, né. O que me ajudou bastante foi tendo portugueses, brasileiros também lá.

Entrevistadora: Ótimo então vou parar a gravação.

Entrevistado: Espero que tenha contribuído, Carla, mesmo falando tão pouco.

Estudante D - 29 de junho de 2021.

Entrevistadora: Gravando a entrevista com [...]. Qual o motivo que te levou para concorrer ao edital de mobilidade acadêmica internacional do Ifal?

Entrevistado: É... (pensativa) primeiramente, a experiência, né? de você viajar pra outro país, como isso pode corroborar pro meu currículo, como pode, né, colaborar pra o meu currículo. As disciplinas que eu ia pagar lá ia me ajudar muito a fazer o mestrado quando eu voltasse pra o Brasil, e tudo aconteceu, é... lá as disciplinas, alguns professores, eles ensinavam mais de uma maneira mais avançada porque eu podia pegar disciplinas de várias faculdades que tinham lá, tanto de engenharia, é... quanto da área educativa, e quando eu voltei eu fiz o mestrado e consegui entrar assim de primeira, graças a Deus. Então, vários fatores, né, a minha experiência de ir a outro país, de conhecer outra cultura, de conhecer novas pessoas, de aprender

coisas novas, de cursar disciplinas mais avançadas e poder, é... proporcionar mais oportunidades pra mim quando eu voltasse pra o Brasil, como foi alcançar o mestrado, eu acredito que em resumo isso, em resumo foi isso.

Entrevistadora: Certo, [...] vamos pensar um pouquinho lá em Portugal. Como foi o seu acolhimento lá em Portugal, quando você chegou na instituição?

Entrevistado: Em relação ao instituto ou às pessoas?

Entrevistadora: Aos dois.

Entrevistado: Foi muito bom, eu gostei muito. É... porque eles, quando a gente chegou, né, foi dado todas as informações que a gente precisava, todos os direcionamentos da parte das pessoas que estavam coordenando essa... os alunos do Erasmus, os alunos que estavam participando desse projeto. Então, eu gostei porque a gente não ficou perdido. No mesmo dia que eles disseram, olha, tal dia estar aqui no auditório, e depois passaram todas as informações que a gente precisava, depois a gente já foi encaminhado para o alojamento, na mesma semana já foi, é... já foi totalmente direcionado a questão da alimentação. Em relação a isso, tenho não o que me reclamar, o acolhimento, o lugar que foi dado pra gente ficar, é... proporcionaram a alimentação, mesmo tirando assim, mesmo a gente não tendo acesso a essa alimentação nos feriados, é... ou até mesmo no domingo, isso nos ajudou muito a economizar e até mesmo a desfrutar da cultura, da alimentação do pessoal de Portugal, porque no início eu até me assustei porque não tinha feijão, eles comiam muito arroz, mas, é... eu me adaptei muito rápido, é porque eu gosto de comer (rsrsrsrsr) (bem descontraída), mas hoje eu sinto muita falta da sopinha de lá, muita falta, aqui no Brasil as pessoas não tem o costume de comer uma sopinha na entrada do almoço, na entrada do jantar, e lá eles tem esse costume, se vai jantar, tomar uma sopinha bem quentinha antes de comer a uma comida mais pesada, se vai almoçar eles também tomavam aquela sopinha. Era sopinha de legumes, era sopinha de, de um monte de coisa, era tudo diferente e eu nunca acho aqui, ainda vou aprender a fazer, mas em relação a tudo, assim, eu gostei muito, não tenho do que reclamar do lugar que a gente ficou que era bem quentinho, é claro que uma casa com um monte de meninas sempre ia dar problemas, né, mulher em si, é um pouco de problemas, gera problemas onde quer que esteja, não tem pra onde, e a gente morava com 25 meninas, então, vê só, e ainda mais de diferentes países, então não tinha como não acontecer probleminhas, mas era o mínimo. A gente tinha cozinha, tinha um lugar pra lavar roupa, é... tinha o nosso quarto, tinha nossa mesa de estudo, eu me sentia naqueles filmes, assim, internacionais quando a gente assiste, quando os estudantes saem de casa, e aí...

Entrevistadora: Houve algum choque cultural e você mostrou aspectos da nossa cultura a eles?

Entrevistado: Houve. Assim por causa de algumas palavras que a gente não sabia, que algumas palavras para os portugueses poderiam ter outro significado, eu não lembro agora de nenhuma situação, mas a gente tinha que ter muito cuidado, o que era engraçado pra gente poderia ser uma ofensa pra eles, então, a gente

começou a analisar muito isso e até mesmo imitar as falas deles, pra gente também interagir mais com alguns portugueses que tinham lá. Eles falavam, quem convive com os portugueses sabe que eles falam muito rápido, às vezes era difícil acompanhar as falas deles, se no português, às vezes, era difícil entender, imagina no inglês na boca de um português. Eles falavam muito rápido também o inglês, aí sim, quando a gente tinha aula de inglês, eu dizia, meu Deus, como é que eu vou acompanhar essa mulher que era a professora de química orgânica. O lugar assim, né, eles usavam muito o símbolo de ... o símbolo que pra gente era o sataná, né, mas pra eles era um símbolo que tinha toda uma história, a gente se assustava quando chegava num lugar e tinha sempre uma cara com dois chifres, assim, era o próprio demônio mesmo, aí a gente se assustava, mas era algo que era da cultura deles.

Entrevistadora: E você, em algum momento, mostrou algum aspecto da nossa cultura a eles?

Entrevistado: Aquelas pessoas que davam abertura, a gente tentava mostrar, né, mas era muito difícil, assim, pelo menos alguns portugueses que eu tinha algum contato, era muito difícil a gente, eles trocaram interação pouco mais afetiva para querer também conhecer a nossa cultura, era muito difícil. Era mais fácil pessoas de outros países. Por exemplo, a gente tinha uma amiga mexicana que ela queria muito aprender a falar o português, e ela já sabia falar umas 6 línguas, mas ela queria mesmo assim, falar o português e aí a gente falava também um pouco da nossa cultura a ela, e ela gostava muito de aprender. Tinha uma menina da Rússia, também, é... não me lembro agora o nome dela, mas ela também queria muito a aprender as coisas daqui do Brasil, as coisas do português, tudo... ela até pagava uma disciplina lá, e isso era muito bom, porque dificilmente você via uma pessoa que falava inglês, sentir interesse em aprender a falar o português. Era como se alguém já não achasse tão importante pra eles, porque na Europa, a língua mais ouvida é o inglês, então, a maioria dos portugueses já sabiam falar em inglês, já é desde pequeno. Eu ficava impressionada quando eu via crianças no ônibus que falavam espanhol, inglês, que falavam o português e elas conversavam entre si e mudavam de fala várias vezes. Meus Deus, uma menina deste tamanho e já fala 3 línguas, e eu só falo uma e a outra arrastada, mas é porque é da cultura deles, desde pequeno eles aprenderem isso, aí, poucas pessoas sentiam interesse, mas as que sentiam, a gente compartilhava quando houvesse essa abertura, né, a oportunidade.

Entrevistadora: [...] lá você ia a museus, teatros, ou só se dedicou aos estudos?

Entrevistado: Olha, eu tentava passear, pelo menos nos finais de semana, mas, é... quando a gente ia passear nos finais de semana estava quase tudo fechado e durante a semana a gente buscava conhecer também algumas coisas lá de só, porque como lá não tinha ônibus, até tinha um trem para transportar, mas poucas pessoas utilizavam o trem e a nossa casa ficava a 30 minutos do então a gente conseguia dar um passeio na cidade na parte central todinha pra poder chegar na Domus, porque a Domus era depois do centro, então a gente conseguia passear todos os dias pelo centro, aí a gente conseguia ver o teatro, a gente conseguia ver, é...alguns pontos turísticos que as pessoas iam, como algumas igrejas

católicas, que eram muito bonitas, mas lá eram poucos assim, esse pontos, mas tinha praças também, que as praças eram incríveis, que eram muito bonitas, muito organizadas, é... mas outros pontos turísticos, eram poucos nesse caminho que a gente ia, alguns eram mais distantes, aí tinha que estar transportando. Quando eu me reunia com o pessoal da igreja, a gente fazia alguns passeios para conhecer alguns lugares, algumas partes importantes ali de [redacted].. tinha algumas cidades do interior, na área de [redacted] que dava pra gente visitar, mas não conhecemos tudo porque normalmente quando a gente ia, algumas coisas estavam fechadas. Tinha museu também, mas era pequeno lá em [redacted]. [redacted] é uma cidade muito pequena, aí a gente conseguia conhecer ela toda, tipo assim, em um dia, porque ela é bem pequeninha. Ah, e o castelo, né? O castelo ficava do lado da nossa casa. Ali era o principal ponto turístico que tinha, era o castelo. Todo mundo tinha que ir pra este castelo, ver o nascer do sol e o pôr do sol. Era incrível.

Entrevistadora: E esse tipo de atividade, [...], você só fez lá na mobilidade ou é comum para você visitar pontos turísticos aqui no Brasil, perto da sua cidade, ou você só fez isso quando estava na mobilidade acadêmica?

Entrevistado: Ah, mulher, sendo bem sincera, dificilmente eu faço visita aqui nas coisas, pelo menos de [...]. De [...], não porque eu já conheço tudo, né, mas também de Maceió, dificilmente eu fui a pontos turísticos em Maceió. Quando eu fui a pontos turísticos, era mais assim, com a escola, quando eu era jovem aprendiz da Petrobras, que já faz um bom tempinho, já vou fazer 25 anos, isso foi quando eu tinha... oxe, faz muito tempo, quando eu tinha lá pra os 17, 18 anos, pra mim é muito tempo, sabe? Visitei alguns locais ali em São Miguel, aquele museu ali que, de Maceió, né? Aquela museu que é perto ali da praia da Pajuçara, ele fica bem em frente à praia. Eu amei aquele lugar. E algumas coisas assim, eu lembro de Maceió, mas eu não fui a muitos lugares pra visitar, não em Maceió. Dificilmente eu tive esses passeios e agora que a pessoa não sente muito interesse. Agora lá, era diferente, porque era muito bonito, chamava muito a atenção. Não desvalorizando a nossa cultura, né? É uma questão mesmo de costume, porque a gente tava em outro país, aí a gente queria conhecer tudo, era muito intenso, tudo é muito intenso, quando você tá lá, você quer poder desfrutar de tudo o que você puder no máximo, porque vai acabar.

Entrevistadora: Como você mitiga a saudade da família?

Entrevistado: Ah, por telefonema, fazia vídeo chamada. No início a gente teve problema com relação à internet da casa, porque a casa também disponibilizava Wi-fi, é...mas depois de um tempo a gente também comprou, adquiriu o chip de lá, aí ficou um pouco mais fácil pra gente se comunicar, aí era assim, mas era mais em relação a... é... era mais em relação a vídeo chamada mesmo, ligação, e só, porque não tinha outra forma, e tentava aproveitar o momento que a gente tinha, falando com minha mãe, com meu pai, falava com todos meus irmãos, pelo menos umas 3 vezes na semana

Entrevistadora: Você se considera uma cidadã global?

Entrevistado: Global é quando você se refere que vou a vários lugares?

Entrevistadora: Pode ser isso, pode ser que você, é... assim ultrapassa as barreiras políticas e geográficas, que você é mais ligada no princípio de humanidade, você respeita, você reconhece que todos têm direitos e responsabilidades, que isso não depende de nação ou de local. Isso é ser uma pessoa uma cidadã global.

Entrevistado: Eu me considero.

Entrevistadora: Mas isso foi antes ou depois da mobilidade? Você já tinha essa percepção?

Entrevistado: Não, eu acho que aflorou mais quando eu voltei da mobilidade. Porque a gente reconhece tanta coisa que a gente precisa ver e aprender, conhecer...é... separar...

Entrevistadora: Então isso você já relaciona um ganho também da mobilidade?

Entrevistado: Ah, com certeza. Com Certeza!

Entrevistadora: Mudou a sua maneira de ver, e de reconhecer isso nas outras pessoas, não foi?

Entrevistado: Foi, com Certeza!

Entrevistadora: [...], agora vamos falar sobre o ensino. Como você avalia o seu aproveitamento das disciplinas cursadas e as atividades durante a mobilidade?

Entrevistado: Você fala como avalia em relação a nota ou as observações que são feitas?

Entrevistadora: De tudo. O seu aproveitamento foi como?

Entrevistado: Ah, eu gostei, porque, é... como eu tava no 7º período aqui no Brasil, indo para o 8º período, não tinha tanta disciplina que eu podia pagar lá e depois aproveitar aqui, então, o que eu fiz, cursei, como eu falei no início, repeti algumas disciplinas que já tinha feito aqui no Brasil, pra quando eu voltasse eu já tivesse pronta pra fazer o mestrado, porque, por exemplo, bioquímica, química orgânica, é... deixo eu ver... inorgânica e outras disciplinas, às vezes, a gente sabe que alguns professores deixam muito a desejar algumas coisas no nosso ensino, e sempre faltava alguma coisa, quando eu pegava os conteúdos de bioquímica pra revisar, tinha muita coisa que eu não conhecia ainda, que eu não aprendi, então, me vi pensando nessas disciplinas e pensando que lá, seriam totalmente diferentes daqui porque eu ia voltar mais enriquecida.

Entrevistadora: E foi diferente?

Entrevistado: Foi, totalmente diferente, foi realmente o que aconteceu, porque, por exemplo, a bioquímica, a gente tinha tanto a aula teórica, como a gente tinha a aula prática.

Entrevistadora: E aqui no Ifal, não?

Entrevistado: Não. Aqui no Ifal, a bioquímica a gente só tinha teórica, e a prática de lá, eu não sei se era porque eu estava numa escola de, eu estava numa escola agrária, eu não sei se é por causa disso, porque eu paguei essa disciplina no instituto de agrária, aí eu acho que eles são mais específicos pra se aprofundar, eu acredito que seja por isso, mas era muito perfeito, porque você tinha a aula na semana, tinha a aula teórica, vamos supor, na terça-feira você tinha a teórica, aí, na quinta, você já tinha a prática do que você já

viu na teórica, pra você aplicar o conteúdo daquilo que aprendeu com experimentos, e era muito, muito maravilhoso. Quando você via as reações químicas nos experimentos, era show.

Entrevistadora: Então, você vê essa diferença, [...], entre o ensino de lá e do ensino daqui. Lá está muito relacionado teoria e prática e aqui, a prática está deixando a desejar, ou você vê outras diferenças?

Entrevistado: É mais com relação a isso, de implantar também a prática aqui, porque, às vezes você trazer só a parte teórica e lançar para os alunos, não é a mesma coisa que você lançar a prática pra gerar uma discussão crítica para que ele possa também compreender na prática, porque uma coisa é você ler, anotar, e entender, eu entendi, mas outra coisa é você discutir aquilo que você realmente entendeu, e como é que você vai discutir? É experimentar mesmo, não tem outra forma, porque por mais que você responde umas questões, digamos, definindo carboidrato, lipídeos, vários compostos unidos ali de macro moléculas, é diferente quando você vê isso na prática, nas reações químicas, como isso acontece. Por que está dando aquela cor? Por que se eu fizer isso, vai voltar a ser o que era? Por quê? Então, tudo isso, você vai vendo na prática, como é que reage. Isso é muito magnífico. A química orgânica de lá, eu achei semelhante com a daqui. Aqui eu tive um professor muito bom também em química orgânica, mas lá, ela também trouxe muita prática, ela trazia muitos objetos para sala de aula e fazia os alunos montarem as moléculas mesmo, na hora da aula, era muito bom também a maneira como era dado, enfim, mais a questão mesmo de inserir a prática. Todos os professores até davam o conteúdo bem, mas a prática ela tinha que estar inserida, porque, às vezes, aqui separa assim, química geral 1, química geral 2 e química experimental da química geral 1 e geral 2, aí se fizer assim, não via a bioquímica na prática, pra mim deveria ter. Eu não sei como é que tá hoje, a... o planejamento, a ementa, não sei se já mudou., no tempo que eu tava saindo do Ifal tava tendo várias mudanças, não sei como é que tá, mas era mais isso, entendeu?

Entrevistadora: Você desenvolveu alguma atividade extracurricular durante a mobilidade acadêmica?

Entrevistado: Eu fiz um estágio numa escola com crianças lá. Foi maravilhoso, também. Eu pude até fazer para o encerramento, uma tarde de experimentos químicos para as crianças, eu pedi auxílio de duas meninas que pagaram disciplinas comigo, elas eram da África, e elas entendiam português, né, normal, e aí elas me ajudaram. A gente fez uma tarde de fazer espumas, bolhas, de fazer geleia, de fazer mudanças de cor, mesmo que eles não entendessem, porque eles viam aquilo como mágica e não viam aquilo como a química em si, eles também não iam entender, a gente trouxe mais pra brincar, pra trazer algo diferentes pra ele. Teve uma disciplina que a gente pagou que era pra gente pra desenvolver um projeto, é... e nesse projeto eu também posso considerar extracurricular porque não era só pra disciplina em si, a gente ia também concorrer com outras equipes. Era aquele mesmo projeto que a [...] tava, que ela se inscreveu num projeto, né, pra poder receber uma premiação. A gente não se inscreveu, a professora inscreveu a nossa turma, então, também, apresentou nosso protótipo, foi um curativo que era meio que um protetor solar também,

ele servia como protetor. O menino dos Estados Unidos era um nerd, ele era muito desenrolado. Isso também foi um trabalho extracurricular que a gente fez, foi também uma experiência muito incrível.

Entrevistadora: E quando você voltou para o Brasil, você desenvolveu algum projeto que está relacionado com a mobilidade?

Entrevistado: Eu...não fiz realmente um projeto, o que eu queria fazer, na verdade, não deu mais tempo porque eu estava saindo do Ifal e estava me inscrevendo num mestrado do IQB, era para tratar sobre o ensino híbrido, que eu participei de algumas palestras em Portugal e que me despertou muito o ensino híbrido para aplicar em sala de aula, apesar de muitos professores conhecerem, eles não...não buscam trabalhar, alguns dizem que é dificultoso e que, às vezes, podem não fazer a diferença, mas foi comprovado que pode haver muita diferença. Aí é algo que eu penso em aplicar no meu doutorado, meu doutorado eu vou para a área de educação e vou fazer coisas que projete coisas que eu vi na graduação, que não posso fazer no mestrado, porque o mestrado é na área de pesquisa científica, né, não tinha como eu ir pra área de educação, mas o doutorado, eu penso em ir para a educação, eu vou mudar, porque o projeto como esse de ensino híbrido que eu aprendi lá é... a aplicação de alguns jogos, de desenvolver jogos, preciso voltar, mas isso é para o doutorado. Então, mais isso, porque depois que eu voltei já fui defendendo o TCC, já fui direto para o mestrado, então, não deu tempo de fazer mais nada.

Entrevistadora: Então você também pode relacionar sua entrada no mestrado como um aspecto positivo que você teve da mobilidade, né, o impacto que teve, e da sua vida pessoal. Qual o impacto que a mobilidade trouxe pra você?

Entrevistado: Ai, gente.... é ... pessoal, porque assim, eu fiz muitos amigos lá. Muitos amigos até hoje a gente se fala, não falo com todos por causa da correria, às vezes não dá tempo, é... mas impacto pessoal é poder ter vivido tudo que eu vivi lá. Na igreja, conheci muitas pessoas da igreja de lá, as pessoas de lá também me acolheram muito. Na igreja também dei aula de teatro, fiz aula de dança lá na igreja, conheci um pouco das meninas africanas, elas me ensinaram bastante coisas, conheci muitas meninas daqui do Brasil, do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, vários lugares, Natal, é... e as meninas da faculdade também, não foram muitas porque eu estudei com 4 meninas que só falavam só o Inglês, elas não falavam português, e aí elas não gostavam muito de conversa, eu, pelo menos, percebia isso, né, que as pessoas lá eram muito focada, dificilmente se via alguém de conversa, quando vinha a conversa eram mais com pessoas que eram bem próximas mesmo, mais amiga mesmo. Enfim, foi mais com relação ao contato, com relação a algumas viagens que eu fui fazer, conhecer outros países, essas são as amigas, que eu posso dizer que são amigas que a gente fez muita amizade mesmo, eu acho que é isto.

Entrevistadora: Você acha que a mobilidade acadêmica atendeu à sua expectativa?

Entrevistado: Ah, atendeu, muito. Foi muito mais que eu esperava. Eu, no começo, estava tão assustada, achava que não ia conseguir desenvolver muito bem lá, e também porque a gente acha que lá é outro planeta

e vê, assim, na TV, a gente tem a sensação diferente do lugar, que a gente não vai se sentir em casa, mas eu me senti em casa, eu não me senti tão longe de casa, quando eu olhava para os prédios, olhava... claro que tinha outra estrutura, mas eu dizia: aqui, por enquanto vai ser meu lar, vai ser aqui. E eu gostei de ficar lá, depois eu me adaptei, até nem queria nem voltar, mas tinha que voltar porque minha vida é aqui.

Entrevistadora: Quais os pontos positivos e negativos da sua estadia no exterior?

Entrevistado: Pontos positivos: é... as disciplinas que eu paguei eram muito boas, é... gostei muito do lugar onde eu estava, a alimentação, a assistência que a gente tinha do pessoal lá do [] a nossa comida, é porque eu gosto muito, a comida marcou muito minha vida. Tenho saudade daquelas donuts, eu como aqui no Brasil, mas ninguém faz igual nunca, olha, por favor, se você for a Portugal, eu só quero que me traga uma coisa: Donuts. Lá é totalmente diferente. Esses, pontos positivos, né? Os negativos que eu achei, foi assim, a comunicação dos portugueses com os brasileiros, a gente sabe que as mulheres sofrem preconceito lá devido à história que foi levado para Portugal, né? A história de que a gente não podia brincar muito com homens, é... qualquer piada pra eles já era ousadia, é... ou que a gente já tava chamando relação sexual e não era nada disso, era só uma maneira de brincar, pelo menos eu sou muito palhaça, gosto de falar, gosto de resenhar, então tive que me reservar muito em relação a isso, então, estar com brasileiros, às vezes, era muito mais confortável pra gente do que se juntar a um monte de português, alguns, não são todos, mas alguns. Teve uma situação no banco que a gente foi resolver um negócio da conta, aí o homem achou que a gente tava tirando liberdade com ele, aí foi até constrangedor a situação, mas de imediato a gente saiu rápido da situação e fomos embora, mas é muito chato isso, sabe? Quando chegou o verão, quando a gente tava perto de vir embora, é... teve um amigo de uma amiga minha que viu ela de shortinho, mais exposta, “rapariga mais bonita, tal...” lá pra eles a gente sabe que rapariga não é palavrão, né... mas a gente se sentia que também era um pouco de gracinha que eles queriam tirar, enfim....

Entrevistadora: Então você sentiu esse preconceito por ser brasileira?

Entrevistado: É... eu senti... não foi só lá, até mesmo alguns países que a gente visitava, mas era muito intenso em Portugal. Algumas pessoas eram muito mal educadas. No primeiro dia que eu cheguei lá, eu precisava de ir ao banheiro, da onde a gente tinha que pegar o ônibus pra [], e a mulher foi tão brava comigo, ela me deu o troco errado, e eu disse que tava errado e ela não aceitou de maneira nenhuma. Ela disse que tinha me dado mais dinheiro, eu disse que não tinha dado, aí ela foi muito mal educada, você está me querendo me enrolar, aí eu disse, não, tudo bem, pode deixar, não se preocupe não, mas foi muita falta de educação, logo no primeiro dia, meu Deus, foi logo um susto, mas foi uma preparação pra mim, eu tenho que ficar de olho aberto porque portugueses não são brasileiros, por mais que eles falam português, eles não são brasileiros. Aí a gente foi ficando mais alerta com relação a isso, cuidado que a gente tinha que ter no falar, no agir, com quem deveríamos agir, aí eu fiz sim amigos portugueses, foram muito educados, foram muito amigáveis, mas a maioria, assim, deles eram muito distantes, mal criava relação com a gente. E,

pronto, era muito frio alguns deles, sabe? Não sei você, mas pra mim, no Brasil, por mais que a gente seja um pouco ignorante em algumas coisas, quando você chega num lugar, você é muito bem recebido, as pessoas parecem que já são da sua família. Lá eu fui bem recebida em relação à direção, em relação ao lugar, à alimentação, mas a comunicação é difícil a gente ter amizade com eles por causa desse preconceito, mas eram poucos que davam abertura, mas a gente aproveitava quem dava abertura pra gente ser amigo. Era mais isso.

Entrevistadora: Você mencionou da sua necessidade de uma língua estrangeira, que foi o Inglês, inclusive até de uma disciplina que era ministrada numa língua estrangeira. Então, essa também é uma grande diferença aqui no Brasil, porque nós não costumamos ministrar aula ou ter que assistir aula numa língua estrangeira, não é?

Entrevistado: Sim, por exemplo, o meu mestrado, eles cobram da gente que a gente aprenda o Inglês, mas não tem nada de Inglês no mestrado, nada. A gente não escreve em inglês, a gente não tem disciplina em Inglês, não tem nada. Lá, eles dão aula em Inglês, dão curso de Inglês pra você, eles dão direcionamento a você. Aqui no mestrado a gente faz o teste de Inglês, é... que é o teste de proficiência pra provar, mas por quê? Qual o sentido? A gente não paga disciplina em Inglês. Ah, porque é a base. Tem muita gente que faz o teste de proficiência, mas não sabe nada de Inglês, faz o teste de proficiência rápido, vai embora, pronto. Então, assim, lá a gente tinha essas aulas, a gente... e assim, eu conseguia acompanhar porque os símbolos eram químicos, então eu conseguia entender quando ela falava, escrevia. Eu conseguia acompanhar os exemplos, não querendo me exibir, mas mesmo não sabendo muito inglês, eu era uma das melhores alunas da turma de química orgânica, e ajudava as meninas que eram dos outros países que pediam, muitas delas tinham muita dificuldade mesmo sabendo inglês, elas não conseguiam acompanhar a disciplina. Enfim, era mais isso, mas eu consegui acompanhar algumas coisas, outras coisas eu me perdia. Era isso.

Entrevistadora: Então aqui o inglês é cobrado, mas na prática, não tem necessidade, e lá, não, além de ser cobrado, eles têm todo um acompanhamento até você chegar até aquela cobrança, não é isso?

Entrevistado: É. Eles dão as aulas. Aqui, a gente... eles podem cobrar assim... eles cobram tipo... quando você for publicar um artigo, faça o resumo em inglês, faça o texto em Inglês, e muitas vezes ninguém vai ficar traduzindo letra por letra, e normalmente o que você faz, joga no google, é... e faz algumas adaptações, faz alguns ajustes, pelo menos é minha realidade e muitos alunos eu sei que fazem assim. Às vezes, faça um seminário, procure só artigos em inglês, isso não quer dizer que você só vai procurar artigo em Inglês, você tem que dominar a língua inglesa, não, porque hoje em dia tem o computador, você coloca lá o documento no google e ele traduz tudo pra você, então isso pra mim não é pôr em prática o inglês, pra mim é você ter uma aula em inglês, é você ter um acompanhamento em inglês e você conseguir dar um retorno disso, não é conseguir fazer um teste de proficiência, ser aprovada e se você não for aprovada, você não

entra no mestrado porque não tem o teste de proficiência, isso não faz sentido, pelo menos pra mim, eu [...].

Entrevistadora: Você falou também das amizades, né? Amizade com estudantes estrangeiros durante a mobilidade e amizade continua, não é isso?

Entrevistado: Com alguns, sim, a amizade continua, alguns não muito por causa do horário, do fuso horário que é diferente, pelo menos com as meninas da África, a amizade continua, às vezes falo com as meninas do México, com a da Rússia, mas é... é diferente, a gente não está perto, dá vontade de ir pra lá quando eu vejo as fotos delas. As meninas de Portugal também, eu falo com elas, e as meninas do Brasil que voltaram também eu falo com elas.

Entrevistadora: E os estrangeiros, têm vontade de conhecer o Brasil?

Entrevistado: Sim, pelo menos a menina do México, ela tem vontade de conhecer, a da Argentina também tem vontade de conhecer.

Entrevistadora: Você pretende estudar fora novamente?

Entrevistado: Olha, por enquanto, não, mas eu gostaria, porque agora estou grávida, eu não penso agora, talvez a longo prazo, mas agora, não, mas sempre há um desejo da gente ir, né? Por mim, eu levava toda a minha família pra lá, rsrsrsr muita vontade de sair do Brasil a gente sente, mas pelo menos agora, não, mas pra ser sincera assim, se você me perguntasse: [...], tem o desejo de viajar? Com certeza, mas pelo menos no contexto que eu estou de família, de estar grávida, não é algo que só posso pensar em mim, meu esposo tem que querer ir, eu não vou deixar meu marido sozinho não.

Entrevistadora: [...], vou te fazer a última pergunta, mas antes disso, você teria alguma outra coisa que gostaria de salientar?

Entrevistado: Não, eu acho que eu falei até demais.

Entrevistadora: Então, minha última pergunta: Você se tornou uma pessoa diferente depois da mobilidade?

Entrevistado: Ah, eu acho que sim, eu acredito que sim, né? Quando eu olho pra mim, eu acredito que sim, principalmente com relação a motivar as pessoas a progredir nos estudos porque vale a pena, vale muito a pena, porque assim, às vezes eu estudava tanto e até pra minha família que é muito humilde, minha mãe é analfabeta, meu pai é analfabeto, quando ela viu a filha dela, eu tenho até vontade de chorar (choro, emoção) estou grávida e falando disso fico mais emotiva. Quando ela viu a filha dela pegando o voo pra ir pra Europa, isso ela nunca imaginava, nunca. Eu mesmo achei que nunca ia conseguir de realizar o sonho de fazer o intercâmbio porque o Ciência sem Fronteiras tinha sido cancelado, com essa mudança de presidente, já não existia mais. Então, mesmo estudando muito, estava no sétimo período já, eu disse: acho que não vou mais conseguir esse negócio de viajar, acho que agora só no mestrado ou doutorado, mas assim... é... muda porque a gente vê que a gente consegue, quando a gente se esforça, determina, quando a gente busca,

quando a gente corre atrás. Então, acreditar em mim, mudou muito, porque, às vezes, eu não acreditava que poderia chegar tão longe, eu não acreditava que isso poderia acontecer comigo, [...]. Mudou muito em mim até pra ajudar outras pessoas que têm esse sonho, eu sei que o governo que a gente vive, que a gente tá hoje, não tá muito bom, mas existe diversas formas de conseguir isso. A gente tem que acreditar, eu parei de duvidar muito de coisas que podem acontecer. A gente termina ficando, às vezes, com um pé atrás com relação a tudo, parece, quando a gente vai crescendo, fica no modo responsabilidade e vendo que nossa realidade é totalmente diferente daquilo que a gente quer, mas que não é impossível, principalmente quando a gente tem a oportunidade de um momento, às vezes, na hora exata, na hora certa.

Estudante E - 25 de junho de 2021.

Entrevistadora: Bom, então vamos começar a entrevista com a [...]. Qual o motivo que te levou para concorrer ao edital de mobilidade acadêmica internacional do Ifal?

Entrevistado: Porque, primeiro eu sempre quis fazer intercâmbio na escola, mas não tinha condição financeira. E quando eu entrei no Ifal, que eu vi que tinha essa possibilidade de ganhar uma bolsa, então, logo me interessei e questões também profissionais porque eu sabia que no meu currículo ia contar bastante.

Entrevistadora: Como foi seu acolhimento em Portugal?

Entrevistado: Ah, foi ótimo. A Natália, na área das relações internacionais, como profissional, acolheu super bem e as pessoas que eu também conheci em Portugal foi um acolhimento bom mesmo de todo mundo que eu conheci.

Entrevistadora: Como foi sua ambientação com o clima, culinária, vestimenta, você se adaptou rápido?

Entrevistado: Me adaptei ao clima, é... me adaptei às vestimentas. A comida, a culinária eu já estranhei mais, um pouco mais. Mas de resto, eu me adaptei muito mais rápido

Entrevistadora: E esse estranhamento foi o tipo de comida, ou os horários, que foi que te levou a estranhar?

Entrevistado: O tipo de comida. Alguns alimentos eu não comia. Então, por exemplo, no refeitório do Ifal de que eu não comia porque o cardápio não gostava.

Entrevistadora: Houve um choque cultural?

Entrevistado: Choque cultural, acho que não.

Entrevistadora: Você, em algum momento mostrou algum aspecto da nossa cultura a eles?

Entrevistado: Olha, sempre fui do jeito que sou aqui, mas claro, respeitando o que eu sabia que lá era diferente. Mas acho que por ter tantos brasileiros é bem comum, a gente se sente bem à vontade.

Entrevistadora: E o que é diferente lá?

Entrevistado: Acho que a questão da comunicação. Eles são pessoas muito mais fechadas, muito mais sérias, que o brasileiro é muito mais caloroso, sorri mais, e lá, eles são muito fechados, então eu chegava, dava um bom dia e recebia um bom dia bem frio. Eu achava que a pessoa estava sendo ignorante, mas disseram que é o jeito deles.

Entrevistadora: Você ia a museus, teatros ou só se dedicou aos estudos?

Entrevistado: Não deu tempo de entrar em museus, teatros. Eu cheguei a viajar a outra cidade de a conhecer lugares, da entrada, mas não cheguei a entrar.

Entrevistadora: Como você mitigada a saudade da família?

Entrevistado: Era bem complicado porque eu tenho um filho, mas decidi fazer ligação sempre pra tentar manter mais próximo, mas eu ligava sempre para o meu pai, meu filho. Por telefone, vídeo chamada.

Entrevistadora: Você se considera uma cidadã global? Isso foi antes ou depois da mobilidade?

Entrevistado: Não, mas como assim, global?

Entrevistadora: Assim, a ideia de Cidadão Global remete uma ideia de integração, uma coisa, de responsabilidade, direitos, isso não depende de nação ou local onde você vai, você consegue transpor essas barreiras políticas e geográficas.

Entrevistado: Acho que não, não me considero não

Entrevistadora: Isso se deve a quê?

Entrevistado: Porque mesmo que eu viaje, tudo assim, eu fico muito apegada aqui ao local, então tenho muita vontade de voltar a viajar, e até morar fora, mas sempre me sinto presa ao local que estou.

Entrevistadora: Agora vamos falar de ensino. Como é que você avalia o seu aproveitamento das disciplinas cursadas e as atividades realizadas durante a mobilidade e as do curso aqui no Ifal?

Entrevistado: Olha, a da mobilidade, eu gostei muito. Até porque é uma forma de ensino diferente. Mesmo tendo matérias parecidas, são bem parecidas, o ensino é diferente. E aqui no Ifal, eu já achei muito mais o ensino rigoroso do que o de Portugal. Então assim, acredito que o aproveitamento das matérias daqui, são maiores que o de lá.

Entrevistadora: Essa diferença que você disse que o ensino é um pouco diferente é diferente em quê? A maneira de cobrar, a maneira de ensinar ou aos professores?

Entrevistado: A maneira de ensinar, porque assim, a instituição daqui ela passa mais coisas do que a instituição de lá. Acaba aqui no período a gente tem mais trabalhos para a instituição daqui e é mais cobrado da instituição daqui. Na instituição de lá, talvez tenha sido por conta da covid que a gente fez aula online, era bem mais flexível, os professores iam mais no tempo do aluno. Então tínhamos um pouco mais de facilidade. No ensino daqui eles tentam dar muito conteúdo em pouco tempo o que exige que a gente trabalhe muito mais e com muito mais pressa, sabe, com muito mais cobrança.

Entrevistadora: Você desenvolveu alguma atividade extracurricular durante a mobilidade?

Entrevistado: Desenvolvi, fiz o Dêmola, que é uma atividade onde a gente, depois de se inscrever, ele seleciona as equipes e nos dá um problema e a equipe tem que resolver o problema dessa empresa, eu participei desse projeto lá.

Entrevistadora: Ao retornar ao Brasil você desenvolveu algum projeto relacionado com o que você cursou lá na mobilidade?

Entrevistado: Não. Depois que voltei não, ainda não.

Entrevistadora: Mas por quê, você não teve oportunidade, ou você acha que não vale a pena?

Entrevistado: Não tive a oportunidade também.

Entrevistadora: Mas você chegou a falar com os professores ou o coordenador de seu curso que você queria desenvolver uma coisa que você viu lá?

Entrevistado: Não, não cheguei. Assim que eu cheguei, eu, eu pensei em desenvolver algo em fazer algo, talvez um projeto de pesquisa. As aulas estavam suspensas e eu ia aguardar, achava que ia retornar em breve. Não retornou. Quando aulas retornaram, eu já estava trabalhando, então assim, o horário ficou muito apertado. Aí eu acabei não desenvolvendo

Entrevistadora: Quais aspectos da sua vida profissional tiveram impacto depois da sua chegada ao Brasil?

Entrevistado: Bom, toda vez que eu enviei o currículo, que as pessoas leem, elas sempre perguntam do intercâmbio, se eu gostei, como era, então, assim, eu senti que é algo que é um peso, que é um ponto favorável à questão do intercâmbio da experiência de ir pra outro país.

Entrevistadora: É da sua vida social?

Entrevistado: Também, que muita gente nunca viajou, então fica com curiosidade para saber o lugar, a faculdade, tudo.

Entrevistadora: Você acha que a mobilidade acadêmica atendeu a sua expectativa?

Entrevistado: Sim. Mesmo tendo que levar um pouco antes de terminar o curso. Mas assim, o que eu esperava, no tempo que estive lá, eu tive.

Entrevistadora: Quais os pontos positivos e os negativos da sua estadia no exterior?

Entrevistado: Os pontos positivos da estadia, é... assim como a cidade é muito pequena, então fiquei bem próximo do Ifal que facilitava no começo, que quase tudo era muito novo, é... tudo era muito confortável, apesar de simples, mas tinha um conforto. E de ponto negativo, é... da estadia acho que era só questão de dividir o quarto, de não ter privacidade. Mas de resto, era tranquilo.

Entrevistadora: E pontos positivos e negativos da instituição você poderia elencar?

Entrevistado: Posso. Da instituição, a questão da estrutura, das instalações da faculdade são ótimas, os professores também, são ótimos, super atenciosos, também com, com estrangeiro, no caso, e são super atenciosos, tudo é muito fácil de ser resolvido. Então, assim eu realmente não lembro do ponto negativo, acho que até coloquei algo no formulário, mas agora não tenho essa lembrança de ter algo negativo, sabe.

Entrevistadora: Você sentiu algum preconceito por ser brasileira?

Entrevistado: Só uma vez, que numa fila eu chamei uma mulher de moça, e ela ficou P da vida, ela ficou bem brava. Moça não, senhora, aí eu saí de lá bem espantada, porque eu não sabia o que era moça pra eles. Eu acho que é a mesma coisa que rapariga é pra gente.

Entrevistadora: Como a mobilidade acadêmica contribuiu para sua formação acadêmica e pessoal?

Entrevistado: Olha, deixa me situar... eu acho que é a mobilidade ela abre a sua mente, tanto o profissional quanto o pessoal. Assim, a experiência, a vivência deixam sua mente mais aberta, sabe. Acredito que é isso

Entrevistadora: Você teve alguma necessidade de usar uma língua estrangeira? E qual?

Entrevistado: Sim, eu tive necessidade de usar o inglês porque onde eu morava, apesar de todo, de cada pessoa ser de um país diferente, mas todos falavam inglês. Então, eu senti muita dificuldade porque meu Inglês era bem básico, e a minha sorte é que uma delas falava em espanhol e um pouco de português e me ajudava nessa tradução, usava o tradutor do celular. Mas assim, tive muito a necessidade do inglês no intercâmbio.

Entrevistadora: Você chegou a fazer algum curso de inglês lá?

Entrevistado: Não. Eu comecei, me inscrevi, não cheguei, cheguei a fazer, tive duas aulas. Só que devido à covid, foi online, teve que ser online. Desisti, porque queria mesmo presencial, aquele contato.

Entrevistadora: Você fez amizade com estudantes estrangeiros durante a mobilidade e a amizade ainda continua e continua?

Entrevistado: Fiz, e continua. Continua sim, uma das meninas que eu morei e até hoje a gente se fala um pouco.

Entrevistadora: Você pretende estudar fora novamente?

Entrevistado: Sim, pretendo.

Entrevistadora: [...], agora a gente vai para a última pergunta, antes de fazer a última pergunta você gostaria de salientar alguma coisa, algum aspecto que eu não sei explorei, que eu não te perguntei?

Entrevistado: Não. Acho que não.

Entrevistadora: [...], você se tornou uma pessoa diferente depois a mobilidade?

Entrevistado: Acredito que sim, acredito que todo mundo se torna um pouco diferente, justamente pelas experiências que a gente tem de outro lugar, acaba mudando um pouco a nossa vida pessoal e tudo em volta, sabe. A mente que ficar mais expandida, também a ambição, que também acredito que a convicção que eu fui capaz de fazer um intercâmbio e mobilidade acadêmica fosse capaz de fazer mestrado até de conseguir um emprego fora. Então acho que, que com certeza.

Entrevistadora: Você recomendaria que as pessoas fizessem essa mobilidade acadêmica?

Entrevistado: Sem dúvida. É uma experiência e tanto.

Entrevistadora: Bom então vou parar a gravação.

Entrevistado: Certo

Estudante F – 02 de julho de 2021.

Entrevistadora: Começando a gravação com [...]. [...], qual o motivo que te levou para concorrer ao edital de mobilidade acadêmica internacional do Ifal?

Entrevistado: É... eu sempre fui uma entusiasta em relação à mobilidade e intercâmbio e sempre incentivei muitos colegas que eu conhecia a fazer mobilidade, a fazer um curso de inglês, sempre falava com os colegas. Quando eu vi o edital, eu já tinha conhecimento que existia o edital já, porque vários colegas já tinham comentado. Eu achei que para mim poderia ser uma experiência única, uma oportunidade única na minha vida, né? Porque já com a idade que eu tenho, que decidi estudar já com a idade, já não sou uma jovencinha, mãe de família, e falei: se eu não aproveitar essa oportunidade, eu sabia que eu tinha a possibilidade de conquistar a bolsa, conquistar a vaga, e decidi muito por isso, porque eu acho que a gente tem que tá aberto às aprendizagens. Eu acho que a mobilidade é uma aprendizagem única, principalmente em termos do que trabalha a gente pessoalmente, porque não é só um ganho no conteúdo de aprendizagem disciplinar, mas, sobretudo, no controle emocional. Foi muito isso.

Entrevistadora: Como foi seu acolhimento em Portugal?

Entrevistado: Eu..., bom, eu fui muito bem acolhida. Claro que eu não posso dizer 100% porque sempre existem situações que te passam, que te fazem passar por algum constrangimento. Mas eu acho que de uma forma geral, foi muito bem acolhida. É importante a gente entender que quando a gente vem para um país estrangeiro a gente precisa se desapegar um pouco do que é o nosso país, do que a gente tem como costumes e tentar entender o que são os costumes deles. Então, como eu sempre fui uma pessoa que tentei tá aberta a entender os costumes deles e tentar seguir, sobretudo, os costumes deles, eu não tive muito problema. Acho que você costuma ter muito problema quando você quer estar preso muito na sua tradição e não aceita que aquele país pensa de uma forma diferente. Então, pra mim foi muito tranquilo. Digo que fui muito bem acolhida.

Entrevistadora: Como foi essa ambientação com clima, culinária, ou outro aspecto?

Entrevistado: Bom, é... Eu sinto muito frio. é uma região muito fria, então eu tive um problema com o frio, mas eu já estava psicologicamente preparada desde que eu sabia e soube que vinha. Então, já vinha me preparando. Mas, sim, é muito difícil frio e temperaturas negativas, principalmente para gente que mora numa região muito quente. Foi bem difícil essa parte. Tem que acordar cedo se vestir, mas eu tive a vantagem de estar na residência acadêmica na residência do lá tinha aquecimento, então isso era um

conforto pra gente, a gente não sentia tanto quando estava lá e trocar de roupa não era uma coisa tão difícil, diferente do que eu vivo agora que realmente é muito difícil você levantar cedo e trocar de roupa, tá tudo muito frio, tudo muito gelado, muito complicado. Em relação à culinária, eu senti diferença, porque existe muita diferença de comida. Mas como eu disse, eu vim muito ciente de que eu não podia ter aquilo que eu tinha no meu país, porque não fazia sentido eu querer comer da forma que eu comi lá. Então, eu vim muito aberta, não tive problema por conta disso. Claro que sentia saudade da comida do Brasil. Mas foi... foi uma coisa enriquecedora, aprendi muita coisa diferente e foi muito bom, não tive problemas.

Entrevistadora: Houve algum choque cultural?

Entrevistado: Choque cultural, pra mim nem tanto, porque como eu disse, é... o choque cultural acho que é mais como a gente encara o intercâmbio. Se eu tiver muito presa dentro da realidade do meu país, eu acho que é mais difícil entender essas diferenças de cultura, como eu vim muito nisso de tentar me adaptar ao que é aqui não tinha muito problema, mas sim, a forma como eles falam, às vezes pra gente é muito rude e depois eles falam que os brasileiros são muito sensíveis, né, mas é porque a forma de falar, muitas vezes a gente interpreta como está sendo grosseiro, está dando uma resposta. Mas é isso aí, é tentar entender, porque é que responde daquela forma, não tem muita paciência, para fazer perguntas óbvias, você vai levar uma resposta que não vai ser agradável. Vai saber mesmo como se comportar que eu acho que também, assim, eu fiquei numa residência que tinha gente praticamente do mundo todo. Tinha um pouco de choque na questão dos hábitos e tinham pessoas, mas, pronto, não sei se porque exatamente está relacionada à nacionalidade, mas tinham pessoas que ocupavam um espaço, não respeitava o espaço dos outros, é... mas eu não posso dizer que foi da nacionalidade, não tive grandes problemas.

Entrevistadora: Você, em algum momento, mostrou algum aspecto da nossa cultura pra eles?

Entrevistado: Sempre. Sempre que eu tinha oportunidade eu falava do Brasil, falava principalmente de Alagoas. Falava muito com os professores com quem eu convivi, né, tentava falar um pouco, porque eles conhecem muito pouco do Brasil, e o que conhecem geralmente é São Paulo, conhecem um pouco do Rio Grande do Sul porque acaba por ter muitos projetos como o Rio Grande do Sul, e a Amazônia, que pra eles é algo fascinante, quase que mítico, mas se conhece a Amazônia assim, de ouvir falar, não sabe exatamente o nome das cidades, da cidade. Então falei muito, falei muito de Alagoas, trouxe de presente, porque sabia que iria ter pessoas no meu caminho que de alguma forma, queria deixar uma lembrança. Então eu trouxe um marcador de página feita de filé e dei pra cada, eu trouxe dez, trouxe um para cada professor que passou pelo meu caminho e que marcou e, sempre que eu pude, eu contribuí para levar o nome de Alagoas.

Entrevistadora: Você ia a museus, teatros, ou só se dedicou aos estudos?

Entrevistado: Eu me dediquei muito aos estudos e tinha, embora eu tivesse essa oportunidade no teatro, como tinha que buscar o ingresso com antecedência porque a gente tinha gratuidade pelo os alunos de mobilidade que tem gratuidade pode entrar em alguns espaços com o cartão de estudante. Eu consegui,

uma única vez, no teatro porque exatamente por essa dificuldade de buscar um bilhete, e museu, fui em alguns, mas me dediquei muito mesmo aos meus estudos e consegui viajar também. Mesmo não viajei muito, viajei uma semana, mas deu para conciliar, mas claro foquei muito mesmo nos estudos

Entrevistadora: E esse hábito você tinha aqui no Brasil ou você só adquiriu depois na mobilidade?

Entrevistado: Não, no Brasil sempre que tinha eventos, eu não tenho muita paciência pra ir ao museu porque pra ir a um museu, acho que tem que ter muito tempo e quando a gente viaja nem sempre a gente tem tanto tempo. Então gosto de ir ao museu pra ir lá e fingir conheci, tem que ser algo com mais tempo. Sim, no Brasil, eu costumava ir ao museu sempre que dava, eu ia, a teatro, nem tanto, não tive tantas oportunidades, mas sempre que é possível, sim, costumava já fazer esse tipo evento.

Entrevistadora: Como você mitigava a saudade da família?

Entrevistado: Olha, eu tinha tanta vontade de tá aqui, de viver isso, que eu não dei possibilidades para sentir essa saudade. É engraçado porque as meninas com quem eu dividia quarto, elas se sentiam muita saudade, e tinha muita gente que chorava, eu não sentia isso. O que eu sentia era... porque imagina, eu me casei muito nova, casei com 18, 17, 18 anos e dediquei a minha vida a cuidar da minha família, então eu nunca tinha tido aquele espaço pra mim. E quando eu vim, foi uma coisa assim... eu estava vivendo uma vida de estudante, eu só tinha que me preocupar comigo, não tinha que me preocupar em lavar roupa, de fazer feira, e eu não tive espaço para sentir essa saudade, eu sentia muita felicidade de estar vivendo isso. Depois de tanto tempo fora da escola e voltar pra um curso e consegui ir para fora do país estudando na Europa, que sabe que tem um peso isso, então, pra mim aquilo lá era como um conto de fadas. Eu dizia assim: nossa, como é que eu consegui, nessa altura da minha vida, com 40 anos eu estou fazendo a mobilidade que nunca me passou pela cabeça. Então, eu não tive espaço para sentir essa saudade, na verdade, o maior desespero era pensar em voltar para o Brasil porque eu não queria voltar. rrsrrsrrs

Entrevistadora: Você se considera uma cidadã global? Isso foi antes ou depois da mobilidade?

Entrevistado: Eu me considero uma cidadã global. Eu acho que antes já me considerava um pouco, porque sempre li muito coisas de outros países, eu já tinha conseguido fazer uma viagem ao exterior antes, mas eu acho que, sim. Quando a gente vem para uma mobilidade, essa sensação ela é realmente real, né... é porque você sabe que você está vivendo naquele lugar, é diferente quando você está a passar férias, passear... Você se sente global, mas é diferente da forma como quando você mora, quando você mora, você diz: eu moro fora do meu país, eu convivo com outras nacionalidades. E aqui é incrível a quantidade de... Um dia eu conheci, eu estava num projeto, e conheci uma pessoa do Gabão, eu nunca imaginei que ia conhecer alguém do Gabão, do Nepal, de Bangladesh rrsrrsrrs

Entrevistadora: [...], agora vamos falar do ensino. Como você avalia o aproveitamento das disciplinas cursadas e as atividades realizadas durante a mobilidade, confrontando com as do seu curso no Ifal?

Entrevistado: Assim, é... eu, bom... de unidade curricular mesmo na mobilidade, eu fiz 3. Depois disso, fiz um estágio de um projeto. Dentro das unidades curriculares, no meu caso, eu não tive parte de laboratório, mas quando a gente tem parte de laboratório, é muito bom, existe uma diferença muito grande entre as instituições. Assim, em termos de sala de aula, eu não acho que tenha tanta diferença assim. Eu acho que, o que talvez tenha um pouco mais de diferença é a forma como os professores daqui têm o compromisso com a gente, eu acho que é um pouco diferente porque eu vejo, às vezes, que dentro da nossa instituição os professores não dão tanto respaldo para a gente e aqui, não, não sei se eles são mais cobrados porque eles dão mais atenção a gente, então, se eu mandei um e-mail eu tenho uma resposta rápida, não leva tanto tempo, se eu mando um trabalho para ser corrigido, eu tenho aquela resposta mais rápida do que eu tenho no Brasil. Então eu acho que é mais nesse sentido, mas, em termos de ensino, eu acho que a gente está muito bem. Eu costumo dizer que eu ficava, às vezes, observando os comportamentos dos colegas dos outros países e eu vejo que a gente, no Brasil, é... está sempre muito bem preparado. Eu pensava, assim... nossa, lá no Ifal isso já era cobrado há muito tempo, como é que a pessoa não sabe esse tipo de postura, uma apresentação, como fazer um Power point, porque a gente é cobrado, eu, quando entrei no meu curso, nenhum professor queria saber que eu estava há tantos anos dentro de casa e nunca tinha feito um trabalho, então eu fui cobrada, eu tinha que aprender a fazer um documento Word, escrito, justificar e tudo mais, isso foi no meu primeiro semestre, e não, na licenciatura vai ter metodologia só no segundo ano, você tem um ano inteiro que ele é cobrado para fazer uma coisa, mas ele não é ensinado como é feito, e depois aqui também tem o Ctrl C e Ctrl V, mas é... Eu acho que aí (Brasil) não deixa muito a desejar não, acho que na parte de laboratório, sim.

Entrevistadora: Você desenvolveu alguma atividade extracurricular durante a mobilidade?

Entrevistado: Atividade na área. Eu tinha no projeto Dêmola, que é um projeto extracurricular voltado para a área de empreendedorismo e inovação. Sou encantada com o projeto, assim... da forma como as coisas acontecem, porque você está numa equipe multidisciplinar. Então, por exemplo, na minha equipe tinha um menino de Bangladesh, tinha dois da África e tinha um de Portugal e mais dois brasileiros, quando eu fiz a mobilidade. E depois, é uma empresa real e um problema real que você tem que apresentar uma solução dentro da área do empreendedorismo, então, foi muito enriquecedor. Eu pude conhecer um pouco da história daqui, de exercitar várias coisas no meu conhecimento. Depois tive envolvida em atividades com a Associação Portuguesa de Educação Ambiental do município de [redacted], participei de uns três eventos com eles, no último fui mesmo participar como membro da equipe. Nos outros dois eu fui como convidada para auxiliar, nesse outro, não, fui membro da equipe, inclusive vesti o colete da associação e tudo. Na ocasião tinha eleição para a presidência desse núcleo, e, eu fui, foi eu que compus a mesa, e depois participei no evento, participei mesmo na organização do evento como um todo. Pra mim foi muito enriquecedor isso,

foram coisas que eu fiz. Depois teve também aqui um congresso internacional na escola de educação que também participei na parte de monitoria. Então, sim, participei de várias coisas, tinha um evento, eu tava lá.

Entrevistadora: E ao retornar ao Brasil, você desenvolveu algum projeto relacionado com o que você cursou na mobilidade?

Entrevistado: Não tive tempo para isso. Voltei ao Brasil, e eu tentei, pronto, apresentei meu o relatório de intercâmbio, tinha um projeto da Associação Portuguesa de Educação Ambiental que eu queria muito ter conseguido apresentar para um professor aí e que achava que podia, estava muito dentro da área dele, e que podia fazer algo parecido. Mas esse professor na época, tinha saído para fazer o pós doutorado dele, então houve um desencontro. Depois, com meu professor lá no campus da área de empreendedorismo, e também tentei falar para ele do Dêmola e tudo, mas ele estava sempre muito ocupado e não conseguiu. Então, eu não tive muito sucesso, mas, assim, levei muito a palavra do que era, das minhas vivências e me coloco sempre à disposição, então, mesmo estando aqui, já fiz vários convites à instituição, ao Instituto Federal para participar em eventos daqui, inclusive teve um evento na ..., na área de sustentabilidade, eu tentei de tudo que algum professor do Instituto Federal participasse, mas não consegui que ninguém aceitasse o convite. Eu fiquei mesmo frustrada porque eu falei, poxa eu tô tentando abrir, né... acho que é uma oportunidade pra instituição, mas é muito difícil convencer as pessoas a se engajarem. Então, assim, eu estou, continuo aqui sendo uma porta para a instituição, ah... mais, eu fiz um webinar sobre a Mobilidade, com o coordenador Erasmus aqui, coordenador de mobilidade, sim, acho que foi um fruto para a instituição e o meu projeto de conclusão de curso também, que pelo que eu soube, nasceu primeiro do Ifal que realmente vai trabalhar os dois.

Entrevistadora: Teve também aquela sua palestra que você mostrou tantos projetos e iniciativas que poderiam ser aplicadas.

Entrevistado: Sim que foi a apresentação do relatório, depois teve aquela participação naquele congresso que apresentei a [...], que teve esse congresso, sim como resultado. É, eu posso dizer com um resultado concreto do Congresso que eu apresentei a mobilidade que eu fiz com a [...]. A [...] continua lá disponível dentro do site do Ifal. Eu acho que é uma mais valia para quem vem, pode ser atualizada, né. Não sei se já se precisa de atualizar. E o webinar, sim, eu acho que foi algo bem interessante que eu acho inclusive poderia se repetir, né, e poderia inclusive, sempre que a instituição tem interesse, eu posso ter contatos aqui, a gente pode promover igual. Tem várias possibilidades de promover a instituição. Sem falar que eu mesmo estou sempre promovendo. rrsrrsrrs

Entrevistadora: Quais aspectos da sua vida profissional tiveram impacto depois da sua chegada ao Brasil e da sua vida pessoal? Embora eu sei que você já está em Portugal novamente, mas quando você voltou.

Entrevistado: Eu acho que pra minha vida profissional foi muito enriquecedor pelo fato assim, primeiro, o olhar global que a gente tem de conseguir o que são realizados em diferentes partes do mundo. Uma coisa

que sempre me chocou muito, é... são saber a realidade da África. Uma coisa é você saber pelo que você lê, pelo que você vê na televisão, outra coisa é você ouvir dos colegas, o quão atrasados eles estão em relação ao resto do mundo, sendo mesmo fato e você diz, poxa é sério que ainda é assim... e, depois, a comparação entre Brasil e Europa, uma coisa é eu falar, nossa, mas isso aqui no Brasil já está muito melhor, do que a gente já está mais adiantado. Então, assim, eu vejo que, às vezes, a gente se coloca muito pra trás, mas na verdade o Brasileiro não está muito pra trás, eu acho que muito pelo contrário, acho que a gente só não domina o mundo porque a gente tem a síndrome do cachorro vira lata, mas o brasileiro tem tudo para dominar o mundo. Eu acho que em termos profissionais, a networking é muito importante. Eu tinha pessoas da Rússia, da China, de Bangladesh, de Portugal, da França, então assim, você fica com um currículo bem globalizado. Se você quiser manter esses contatos, são Network importante. Você está dentro de projetos internacionais, porque é aqui que praticamente quase todo o projeto... os projetos que eu tinha acesso eram projetos pelo menos entre Portugal e Espanha, mas muitos são em contexto europeu mesmo, são financiamentos de europeu, então você está dentro de um projeto que é totalmente internacional e eu acho que isso tem um peso muito grande. E como eu disse, o Dêmola é um projeto que é, quem está à frente é uma universidade da Finlândia, então é um projeto que mandei escrito, está aqui em Portugal e eu acho que isso é uma mais valia para o currículo conseguir mostrar que eu tenho um currículo internacional. No âmbito pessoal, eu acho que a inteligência emocional que a gente tem que adquirir quando se está no processo de mobilidade, porque você está num país totalmente estranho, você não conhece ninguém mesmo, ainda quando eu tive a oportunidade de vir com outra colega, aí a gente se apoiava, mas imagina que eu cheguei a num domingo, nove horas da noite e não sabia nada, não conhecia nada. Então, isso é muito difícil você trabalhar os seus medos e entender que você ali, você só pode contar com você, pelo menos no primeiro momento, e depois quando regresssei ao Brasil, a certeza de que eu não queria voltar para a vida que eu tinha antes, aquela vida de dona de casa, eu não queria. O queria era assumir uma postura diferente, conquistar um espaço no mercado de trabalho. E foi isso que me motivou a voltar para Portugal, porque no Brasil eu seria só mais uma, sem oportunidades, porque já estava ocupada, mas não tinha, nunca tive carteira assinada na minha vida, nunca tive experiência profissional e a competir com várias pessoas com título de doutorado e tudo. E eu sabia que para mim, as oportunidades seriam muito pequenas. Enquanto que aqui, uma coisa que eu vejo aqui, se você mostra que você tem capacidade, eles te abrem as portas. Talvez não da forma como você queira, mas assim, desde que eu cheguei aqui, eu não posso me queixar. Tenho muitas, muitas vezes, muita oportunidade e todas são uma mais valia com meu currículo. Sei que hoje, hoje eu olho para trás e vejo um degrau gigantesco entre o que eu era quando eu saí do Brasil que como eu sou agora, eu tive mesmo que aprender tudo sozinha.

Entrevistadora: Você acha então que a mobilidade acadêmica atendeu a sua expectativa?

Entrevistado: Sim. Acho que ela atendeu completamente. Acho que tanto atendeu que eu tive muita vontade de voltar. Exatamente por enxergar todo esse espaço que eu poderia ter aqui, o quão global podia ser nas minhas atitudes, no meu comportamento. Se eu tivesse permanecido no Brasil, eu tenho certeza que hoje eu estaria numa realidade de dona de casa, eu não estaria atuando profissionalmente, não estaria desenvolvendo as minhas habilidades. Ainda mais agora que a pandemia, teria mesmo voltado, regredido totalmente no que eu era, no que eu tinha conquistado e aqui não, aqui estou diariamente tendo a oportunidade de fazer coisas novas, trabalho novo, desafios novos. Eu acho que sim, atendeu totalmente a minha expectativa

Entrevistadora: Analisando a mobilidade, quais são os pontos positivos e os pontos negativos da sua estadia no exterior?

Entrevistado: Bom...Os pontos negativos, claro, sempre existe uma saudade das pessoas que a gente gosta, por mais que a gente seja muito feliz e realizado, mas em algum momento tem uma saudade. A sensação de não pertencer aquele local é uma coisa que angustia, porque, às vezes, por mais que você seja bem acolhido, têm situações que você não se sente acolhido, e isso vem muito forte de não ter raízes ali. Então, é muito difícil. Às vezes, a saudade, exatamente de uma comida, uma coisa especial que você tem no país e aqui você não tem, o clima é bem difícil, o clima, e os conflitos linguísticos, né? Embora a gente fale português, não é o mesmo português e, às vezes, isso é gritante. Às vezes, essas diferenças causam uma confusão gigantesca em muitos casos, principalmente dentro da área acadêmica, têm professores que não são tão tolerantes com o fato de você escrever um português no Brasil. Muito embora, assim, quando você está na mobilidade, eles ainda flexibilizam, embora eles reclamam muito e fazem você passar por alguns constrangimentos. Mas quando você vai regular, aí a coisa aperta um pouco mais, porque eles não entendem que você erra porque você quer, você erra porque você escreveu a vida toda daquela forma, não é do dia para a noite que você muda sua forma de escrever. Então, eu acho que essa parte é bem difícil, essa parte da comunicação, às vezes, pode causar muitos conflitos se não souber lidar com ela. A parte positiva, eu acho que pra mim, praticamente tudo (se mostrando bem à vontade), eu tive muitas vivências, aprendi muita coisa, desenvolvi mesmo muitas habilidades. Mesmo assim, dentro do próprio mundo acadêmico, você pegar um documento Word, saber usar aquela ferramenta de várias formas que antes eu não sabia, hoje eu já consigo fazer correções, uso o corretor, alteração, essas coisas que eu vejo que tem muitos professores aí do instituto federal que ainda, para dar aula, ainda tem muita dificuldade no uso. Então, eu acho que sim, é uma mais valia ter contato com outras ferramentas tecnológicas que eu também pude ter acesso a informações aqui, que ele sempre promovem muitas formações, e eu tenho tido acesso, por exemplo, fiz uma aula agora na Páscoa pra formação e iniciação científica, conheci várias ferramentas, muita coisa assim bem interessante, que aí, até tem em Alagoas, mas não é tão acessível pra gente quanto é aqui, eu não sei

se é porque a informação não chega direito, eu não sei o que acontece, mas aqui participo de muita coisa que eu não vi acontecer aí. Então acho que são mais valias.

Entrevistadora: Você sentiu algum preconceito por ser brasileira?

Entrevistado: Sim. Em muitos momentos, é... como eu disse, por mais que a gente seja bem acolhido, sempre tem um momento ou outro que existe preconceito. Dentro do projeto Dêmola, eu estava a trabalhar numa equipe, e éramos dois africanos, dois brasileiros e um português e um de Bangladesh, então, a gente precisava cortar umas coisas, e eu tinha uma tesoura no estojo, e eu peguei e emprestei a tesoura, só que era uma tesoura para seis pessoas, e aí, o português estava usando a tesoura, estava a cortar algo, e eu estava precisando pra cortar, então, quando ele largou a tesoura na mesa, eu peguei a tesoura e fui cortar, aí ele falou: cadê a tesoura? aí eu falei: tá comigo, então ele falou: ah, eu esqueci que a gente tem um brasileiro na mesa, que a gente não pode deixar nada solto. Eu fiquei muito chocada na hora, e pronto, pra mim, foi um ato claro de preconceito. Aqui em [] as brasileiras, existe aqui uma história muito famosa que existia um bordel aqui na cidade e, pronto, a maioria das pessoas que lá estavam eram brasileiras, e os portugueses enlouqueciam a cabeça, e isso foi lá pelo ano 2000, houve um movimento aqui das esposas que chamam de mães de [] é até uma série de TV, e aí esse movimento foi para exatamente, para expulsar as brasileiras que estavam tirando dinheiro de dentro de casa, isso saiu em revistas famosas, não sei se foi na Forbes, ou foi na Times, e é um caso muito conhecido, então ficou um preconceito muito forte na cidade de [], então há este preconceito nesse sentido, tanto da parte das mulheres, de te olhar com uma forma diferente e da parte dos próprios homens de achar que toda brasileira é prostituta.

Entrevistadora: Você teve alguma necessidade de usar alguma língua estrangeira, e qual língua?

Entrevistado: Sim. Tive necessidade de usar o Inglês, esse menino de Bangladesh só falava em inglês. O próprio projeto Dêmola é pedido que você fale em Inglês, as apresentações, tudo em inglês. O inglês aqui é fundamental, para conversar com os colegas da Rússia, da China, tudo tinha que ser o Inglês. Outra língua que aqui em [] faz muita falta é o Espanhol, porque está muito junto da Espanha, então, é... você precisa mesmo ter algum domínio em espanhol, e é uma coisa que sinto dificuldade porque preciso fazer um curso de espanhol para me aprimorar nisso.

Entrevistadora: E você teve algum aprendizado aqui no Brasil de inglês, ou você adquiriu aí?

Entrevistado: Não, no Brasil eu fiz curso de inglês, cheguei fazer curso aí na reitoria da Ufal, tinha o curso completo, cheguei a fazer o exame de proficiência, tenho o certificado e tudo, não sou, pronto, meu certificado é C, já lá quase reprovada, mas é... porque também aí, a gente não tem muita prática, o inglês é isso, não adianta você estudar e não praticar. Eu parei o Inglês quando eu entrei no curso de gestão ambiental, só consegui fazer 6 meses depois que eu entrei, aí eu parei porque estava incompatível, e eu

regredi muito, então assim, com o inglês. Quando eu voltei, aí eu precisei praticar e aí a prática é que faz toda a diferença. Não falo muito bem, queria tanto falar bem, mas é... tem sido muito útil pra mim.

Entrevistadora: Você disse que fez amizades com estudantes estrangeiros durante a mobilidade, e a amizade ainda continua?

Entrevistado: Sim, tenho. A gente se fala pouco, mas de vez em quando, se fala. Os que ficaram em assim, quando eu encontro, converso e tudo, mas os que se foram, a gente se fala pouco, mas sim, permanece lá no Facebook e fala, pelo menos os Parabéns.

Entrevistadora: [...], vamos para a última pergunta, mas antes disso, você gostaria de acrescentar outras coisas que eu não explorei?

Entrevistado: Ah... eu acho que é isso, eu acho que quando a gente decidi, primeiro, quando sai o resultado da mobilidade, você vive entre o céu e o inferno. Ao mesmo tempo que você se sente muito feliz porque vai viver uma experiência desafiadora, e tudo mais, ao mesmo tempo você sente muito triste porque você está saindo da sua casa, você está deixando... é uma sensação de perda, as pessoas querem que você vá, mas não querem, tem aquelas que não querem mesmo e demonstram isso claramente pra você, então, é muito conflitante essa sensação. Depois, o medo, né, você sente muito medo do que vem pela frente, você vai cruzar um oceano, é tudo novo, será que eu vou dar conta, é... muitos conflitos. Quando a gente se candidata para um processo de mobilidade, a gente tem que ter algum preparo psicológico e acreditar que vai dar certo, e, depois, é vir mesmo com a mente aberta, não querer ficar apegado com o seu país, tem que entender que você está indo para um outro país, se for pra viver igual ao seu país, é melhor você ficar no seu país, não faz sentido você querer viver uma experiência em um outro país e querer comer a mesma comida que você come no seu país, ter a mesma rotina de vida, ter os professores trabalhando da mesma forma, então, tem que entender a cultura daquele lugar, eu acho que um pouco de leitura antes de viajar, tentar entender o que é aquele contexto que você vai viver, acho importante, se preparar mesmo psicologicamente pra o futuro, porque, senão, depois, você chega, é muito frequente o estudante que chega, eu vi isso acontecer, de no segundo dia o estudante querer desesperadamente voltar pra casa, não querer ficar, aí você tem que dar, os próprios colegas deram suporte, e falaram, olha, calma, você vai se adaptar, vai passar, não se precipite, não compre a passagem de volta, espere acalmar, mas é mesmo se preparar psicologicamente para o desafio e acreditar que tudo vai dar certo, trabalhar, colocar seu coração, fazer o melhor, se você vem pra uma mobilidade de estudo, né, se dedicar, isso é muito importante porque tem muita gente que vem mas se perde, quer viver de viajar e acho que isso não é o que enriquece, se você se dedicar mesmo, pode ter certeza que você vai ter um currículo diferenciado, é isso que eu acredito.

Entrevistadora: Bom, [...], você se tornou diferente depois da mobilidade?

Entrevistado: Ah, eu nem me reconheço mais. Rsrrsrsrs Se eu olho no espelho, às vezes eu falo, quem é você. Eu acho que eu mudei totalmente, eu ganhei uma independência que eu nunca imaginei que fosse

ter, eu sempre fui muito dependente do meu marido, não me via fora daquela realidade, fora de casa que, às vezes, a gente se impõe e acredita que não tem opção, e eu achei que quando eu tive essa oportunidade que o instituto federal me deu de poder vir, porque de outra forma eu jamais teria oportunidade de vir, com a bolsa e tudo mais, e ter agarrado aquilo como um presente mesmo assim, uma oportunidade, e era por isso que me angustiava tanto quando estava pra acabar meu intercambio aqui e eu tinha que voltar pra casa e eu me angustiava porque eu dizia, não pode ser só isso, então eu vim aqui, abri a porta, estreitei pela fresta e vou voltar pra realidade, e aí, quando eu cheguei em casa, que realmente eu vi que tinha voltado para a realidade, era como se eu nunca tivesse saído dali, as pessoas tinham as mesmas atitudes de antes de eu ir... Eu cheguei num sábado e no domingo estava tudo igual, como se eu nunca tivesse saído, eu falei, não, não pode ser isso... Eu sei que a instituição me deu uma oportunidade pra eu ser alguém diferente, pra eu mudar a minha perspectiva de vida, pra eu poder ser um fruto pra sociedade, contribui, e foi por isso que eu fiquei enlouquecida, eu falei, não, eu não quero, eu vou mudar isso, não vou aceitar como todo mundo e dizer, não, e me conformo, aí, eu mudei totalmente a minha vida, mandei os papeis pra cá e vim pra ser uma aluna regular, conversei lá no Ifal, só faltava só uma unidade curricular, fiz nesse tempo que tive lá, e conversei com minha orientadora, olha, você me orienta a distância, não sabia que ia ter a covid e que isso ia ser desta forma, me orienta a distância e eu volto para defender, mas aí, pronto, como a realidade de tudo mudou vou poder defender online. Hoje eu me sinto uma pessoa independente, capacitada para fazer várias funções e eu nunca imaginei mesmo na minha vida adquirir as habilidades que eu adquiri. Não sou mais aquela pessoa que não acredita que pode fazer as coisas, sou uma nova mulher. Rsrssrsr

Estudante G - 26 de junho de 2021.

Entrevistadora: [...], qual o motivo que te levou a concorrer ao edital de mobilidade acadêmica do Ifal?

Entrevistado: Bom, eu acreditava que através da mobilidade acadêmica, eu conseguiria adquirir conhecimentos outros que eu não teria na instituição de ensino da qual eu era proveniente. Talvez em algum nível esses conhecimentos fossem idênticos, mas certamente, em algum momento haveria alguma diferença, até devido a diferença das realidades. Para além disso, eu acreditava que tendo essa experiência no exterior, haveria um enriquecimento pessoal, cultural e histórico, principalmente pelo país se tratar de Portugal, pelo vínculo da história, DNA histórico que o Brasil tem com Portugal. De uma forma geral, isso me passava a imagem de que eu me tornaria referência na minha área, uma referência no curso e quem sabe até poderia abrir as portas e o caminho para que um dia eu pudesse me tornar um professor.

Entrevistadora: Agora vamos falar um pouquinho da sua chegada ao país. Como foi o acolhimento em Portugal?

Entrevistado: Eu acredito que o acolhimento... eu não sei se eu teria alguma coisa a questionar. É... eu digo que assim... Portugal é um país que tem uma realidade muito distinta da do Brasil, e essa distinção, ela soa de uma forma caricata, porque por ser um país tão mais seguro, as pessoas são tão mais à vontade que você até se assusta. Então, você pode ficar na rua até tarde, ninguém mexe com você, o pessoal anda na rua tranquilamente, então, assim... logo que eu cheguei, houve a recepção da universidade, tivemos um encontro, eu e a outra aluna, com a coordenadora de relações internacionais de lá, ela nos orientou e nos dirigimos aos nossos alojamentos. Quando eu cheguei ao meu alojamento, a minha cidade eu já cheguei tarde da noite, e assim... o que eu digo que foi uma surpresa pra mim, foi que, quando eu cheguei, a estação rodoviária já estava perto de fechar e por sorte havia um telefone público e foi o que me possibilitou, porque o telefone não funcionava no exterior, então, eu liguei e vieram me buscar, não estavam me esperando, mas vieram me buscar na rodoviária, os próprios alunos do que trabalhavam na empresa que hospedam estudantes, então, assim, chega um carro cheio de jovens que você não sabe quem é, estão dizendo: é você? Então pegam sua mala, sem farda, sem nada e te levam ao apartamento. Esse apartamento que eu fiquei primeiro já havia um alemão, eu iria ficar com alemão e africanos sendo que ocorre que eles fazem, eles traçam o perfil da nacionalidade e pelo perfil das nacionalidades eles resolveram enquadrar todo mundo naquele apartamento, só que aquele apartamento na cidade que eu estava, eles informaram que era a primeira leva de estudantes que eles estavam começando a operar ali. Então, esse apartamento não foi muito bem revisado, tinha alguns defeitos. Coisas pequenas, pontuais, mas um pouco desagradáveis, um a falta de um fundo do armário, você abria o armário e estava sem fundo, o assento sanitário saindo, o chuveiro meio quebrado, tá, assim. Depois, o alemão estava com vergonha de questionar, mas ele disse que uma outra amiga dele, uma holandesa, estava no apartamento melhor, então, quando a gente viu o apartamento, eu digo: Olha eu vou conversar com eles, e eles nos ofertaram um apartamento melhor, e, assim, foi esse apartamento melhor, não era perfeito, mas eu não tenho do que reclamar com relação ao apartamento. Foi o que ofertaram, me agradou e pronto, alguma coisa ou outra pode ter acontecido nesse outro apartamento, mas problemas pontuais, tão pequenos que não são relevantes

Entrevistadora: E quanto ao clima culinária, você sentiu alguma diferença?

Entrevistado: Sim, eu senti bastante diferença. Não tanto quanto ao clima, o clima somente no inverno, eu cheguei na época de outono, a época de Outono é uma pouco mais quente e seca do que aqui, e o sol, eu já ouvi alguns amigos mencionar que devido ao posicionamento geográfico a incidência solar é maior, um efeito que inclusive acontece no Brasil, na parte sul, e o sol queima muito, meu beijo estourava, a pele ressecava, o sol queima bastante. Na questão do inverno, finalmente, vamos dizer que conheci o que era frio, porque cheguei a pegar menos seis, de soprar e o vento soprado virava vapor. Então, é uma experiência única. Eu não peguei neve, mas eu vi sinelo, que é uma baixa drástica da temperatura que congela gotículas de água. Então é uma experiência única. A questão da culinária, é muito diferente, bastante diferente. Alguns

pratos, embora típicos não agradaram muito ao meu paladar. Eu não sou adepto de carne suína e faz muito parte da culinária deles, e é basicamente arroz batata e algum acompanhamento, que seja carne de porco ou o peixe, uma vez ou outra, frango. Então, assim, o primeiro choque que eu tive, foi que no primeiro dia que eu cheguei, quando eu fui almoçar no restaurante, a mistura era carne de porco ou lebre. E eu terminei comendo lebre pela primeira vez na minha vida, muito diferente. Mas, no geral, também, houve pratos muito gostosos, bacalhau com natas, outras iguarias muito boas, o próprio vinho só de poder estar lá e provar do vinho. Sem contar o contato com a amizade com os portugueses, que inicialmente não são muito acessíveis, mas com o passar do tempo, até porque eles desejam, o que eu entendia, que eles desejam criar um vínculo e uma confiança, diferente de nós, somos um pouco mais curiosos, então, eles preferem se sentirem confortáveis para poder arriscar uma amizade, então, com o tempo eu fiz grandes amizades, amizades que duram até hoje. Pessoas com quem eu mantenho contato e perguntam como eu estou, e vice versa.

Entrevistadora: Houve algum choque cultural?

Entrevistado: Eu digo que sim, houve. Houve choques culturais, tanto na residência, a questão da descarga, que você joga papel na descarga, você descarta na descarga, tanto quanto com os portugueses. Eu, durante duas semanas, eu me senti um estranho no ninho porque ninguém conversava comigo. As pessoas me olhavam um pouco, mas não me olhavam na cara. Então, depois com a interação com alguns professores os professores, a maioria foram mais solícitos, então perguntavam de mim conversavam comigo, e aí os alunos foram se sentindo mais à vontade pra também se aproximar, perguntar. E a coordenadora do curso, a pessoa super gente boa, pessoa super sensível, ela meio que designou as alunas a conversar com os alunos estrangeiros e essas alunas criaram alguns eventos de recepção, jantares e pratos típicos, a francesinha que é um prato típico português, então assim, essas coisas, são coisas memoráveis, são coisas únicas porque não é apenas você comer um prato português, mas você comer um prato português com um português, à moda portuguesa, então, isso é muito legal.

Entrevistadora: Em algum momento você mostrou o aspecto da nossa cultura a eles?

Entrevistado: Sim, houve momentos que eu mostrei aspectos da nossa cultura, porque a mobilidade é diferente da visão que as pessoas, às vezes, possuem aqui no Brasil, ela é benéfica tanto para quem está indo quanto para quem recebe, e quando bem aproveitada, os professores e os alunos, eles sabem extrair o conhecimento que está vindo para eles. Eles estão recebendo de braços abertos aquele conhecimento, então, sempre eram organizados os trabalhos, seminários, onde os alunos estrangeiros, eles eram, como eu posso dizer, estimulados a apresentar as características de certos acontecimentos no seu país, como ocorria no seu país. Então, isso era uma troca, muito... tanto no seu país como cada estudante que fosse de uma cidade diferente mesmo sendo de Portugal, de sua cidade, então, isso era meio que um mega encontro de pessoas de diversos locais, e você ia tendo uma macro visão de vários acontecimentos diferentes. Sem contar que, assim, a vivência, como eu morei num apartamento com romenos, alemão e até um outro

brasileiro do Rio de Janeiro, eu, também, a gente também organizou jantares temáticos de cada país. No meu caso, foi um almoço, fiz um almoço brasileiro com o feijão tropeiro, uma carne de sol, caipirinhas de frutas. Então, houve trocas bastante interessantes, provei bebidas típicas da Romênia, comidas típicas da Romênia, muito embora assim, a cultura brasileira, seja um pouco difícil de se apresentar lá, devido a não se encontrar os ingredientes típicos no momento. Eles são muito próximos do Brasil e há supermercados por exemplo o Lidl, que organiza a Semana de produtos brasileiros, mas, como eu era recém chegado, terminei vendo os produtos lá, mas não entendi que era só naquela semana, então, eu perdi a oportunidade de comprar alguns ingredientes típicos para poder produzir com mais afinco essas refeições. Todos os estudantes estrangeiros organizaram um mega jantar para todo mundo. Houve esse jantar geral, e aí muita gente apresentou brigadeiro, muitas outras coisas comidas típicas dos outros países também.

Entrevistadora: [...], você se considera um cidadão global? E isso foi antes ou depois da mobilidade?

Entrevistado: A pergunta é um pouco profunda. Eu diria que é, assim, eu diria que pode ser que sim, porque eu me considero uma pessoa de mente aberta, não tenho preconceitos contra nacionalidades e, assim, eu sempre fui muito curioso e sempre quis aprender sobre essas outras nacionalidades e culturas. Por exemplo, uma coisa que eu não sabia, é que eu terminei aprendendo lá, que os ciganos, que na realidade é preconceito chamar Cigano, são o povo Roma, é justamente o povo originário da Romênia que teve sua diáspora na Segunda Guerra Mundial, mas, mesmo dentro da Romênia, nem todos são ciganos, então, assim, é muito interessante, porque todos são europeus, mas mesmo entre eles, às vezes, há um preconceito entre uma nacionalidade e outra, entre uma etnia e outra. Então, assim, mas, no fundo o próprio programa que existe na Europa, o Erasmus, ele termina fazendo uma confluência de pessoas, e no fim das contas, essas barreiras de preconceitos elas ficam derrubadas e todo mundo interage junto, todo mundo se conhece, inclusive até relacionamentos sentimentais, eu não, eu não fui agraciado, mas eu presenciei, então, assim, são momentos, pessoas que você jamais veria, digamos estando juntas, estando juntos ali e formando laços de amizade que é um dos objetivos do programa Erasmus.

Entrevistadora: Você ia a museus, teatros?

Entrevistado: Sim, eu fui a museus e eu fui ao Museu do Estado do Porto, com certeza. no Porto. Fui ao Museu da cidade, na qual eu estava residindo, o Museu de . Eu não lembro o nome de cabeça, agora, mas um museu fantástico com ótimas obras, com fotos da Primeira Guerra Mundial, então, assim, é muita cultura, eu fui a castelos que também funcionam como museus, é um banho de cultura e de conhecimento que é tanta coisa, que vai além do conhecimento que você aprende em sala de aula. Tanto conhecimento na sala de aula é muito rico pela qualificação dos professores, pela dedicação, quanto o país tem uma visão de conhecimento, de saber valorizar seus aspectos culturais, sua história, seus bens, seus patrimônios, e toda a população é consciente disso, e isso é fantástico porque você vê o valor que as pessoas dão para as coisas. E você está ali, e eu me senti como num lugar que talvez fosse para onde eu, onde eu

deveria ter nascido, né? Muito embora eu goste do meu país e acho que a minha cultura é uma cultura variada e muito aberta, mas eu via aspectos culturais muito interessantes no povo português, em Portugal como um todo.

Entrevistadora: [...], bem completa a sua resposta, mas quanto ao museu, teatro, quando se fala de cultura, e aqui no Brasil, você faz esse passeio aqui também? Você frequenta esses tipos de lugares, ou mudou alguma coisa depois a mobilidade?

Entrevistado: Eu sempre tive o costume de frequentar. Ocorre que, estando em Portugal, a situação ela foi bem específica. Eu estava, digamos assim, eu tinha uma renda para me manter. Eu tinha a bolsa auxílio da mobilidade. Eu não estava trabalhando e o horário das aulas, ele permitia isso, porque há intervalos, não é uma coisa contínua, né. Sem contar que, assim, tudo também é muita descoberta. Você está num lugar novo, na minha cidade, eu sempre tive o costume e o hábito de visitar, assim, a pinacoteca da UFAL. Quando eu estava estudando na UFAL, sempre havia exposições na Biblioteca Central. Já fui ao Teatro Deodoro, o Teatro de Arena, e sempre indo ao cinema, assim como também fui em Portugal, e sempre que possível vou, sempre que há exposições na orla, eu procuro estar presente, embora, assim, os conceitos sejam muito distintos. Eu vi muito em Portugal, o alinhamento cultural com a história. O que eu vejo muito aqui, na minha cidade, seria uma coisa, vamos dizer, algumas formas de arte que são muito novas no geral, ou que tem muito a ver com artesanato. Mas a questão histórica, eu acho que no Brasil, em geral, ela nem sempre é tão bem preservada. Muito embora já tenha visitado bons museus, o Museu da estação de trem aqui, que inclusive tem um dos primeiros modelos de telefone que o Alexander Graham Bell inventou, então, aqui nós temos bons museus, nós temos o Museu da Imagem e do Som, no Jaraguá e temos um museu no prédio da Associação Comercial, mas o que ocorre é que, assim, você já foi uma vez, mas nem sempre tem algo novo, nem sempre tem uma novidade e nem sempre resgata muito a nossa história. Já visitei o museu em União dos Palmares, o museu Zumbi dos Palmares, mas tanto como eu digo, não é tão valorizado quanto lá, não é tão cuidado, tão trabalhado como é lá. Lá, cultura e história têm valor e peso, um peso muito grande, eles vendem isso, assim como a educação para eles, também, é um produto de venda e tanto que eles exigem que os professores, no geral, sejam doutores pra estar fazendo disso uma propaganda do produto que eles estão ofertando.

Entrevistadora: Como você mitigava a saudade da família?

Entrevistado: Eu sempre estava em contato com os meus parentes através do WhatsApp, e também telefone público. Tive essa experiência de ligar, fazer uma ligação. Fazer uma ligação internacional pelo telefone, porque é muito engraçado, porque, assim, embora não houvesse a necessidade de ligar por ele, mas é interessante aceitar a ligar de um orelhão público. Então, é uma experiência interessante. Então, eu sempre estava em contato com a família e a família sempre estava em contato comigo. Então, isso aí, muito embora, todos os estudantes em mobilidade tenham tido seus momentos, de vamos dizer assim, de pequena

depressão, ou tristeza, devido não só saudade da família, mas inicialmente você chega o semestre está para começar, porque o alojamento é disponibilizado próximo ao início do semestre, muito próximo, dias antes. Então, não dá tempo de você se acostumar muito bem com a cidade, onde ficam as coisas, então é um período muito curto para uma grande adaptação, tanto para você entender como funciona a cidade, quanto pra você entender como funciona a faculdade. Quais são os setores, a quem recorrer, como resolver, então isso é muito muita coisa em pouco tempo. Então, isso termina sendo um pouco cansativo e aí a gente cai na tristeza por estar diante de uma situação diferente e sentir falta da tal comodidade que a gente já tem no nosso país. Mas quando você se adapta, fica uma maravilha, então você já está tirando de letra. E aí, quando você já está totalmente adaptado, quando você já está conseguindo, aí já é tempo de voltar.

Entrevistadora: Agora vamos falar do ensino. Como você avalia o aproveitamento das disciplinas cursadas na mobilidade e as atividades realizadas durante a mobilidade e as do seu curso no Ifal?

Entrevistado: Olhe, eu posso fazer uma avaliação pessoal. Avaliação acadêmica é um pouco complexa. Eu posso também fazer essa avaliação acadêmica no âmbito pessoal. O ensino é de muita qualidade. Os professores são muito qualificados, tendo inclusive professores que atuam em outras universidades e até em outros países, como o professor de marketing, atuava na Finlândia, que é uma referência e é a referência internacional em educação hoje em dia. Então, assim, você está estudando com algumas das pessoas que estão na ponta da inovação naquela área, então, você tá vendo, você está tendo contato, você está tendo a honra de estar ali partilhando dessas pessoas, bebendo da fonte. Então, assim, eu estudei história da arte como uma das maiores arqueólogas de Portugal, que dá palestras na Espanha, que é referência internacional. Então, assim, eu adquiri conhecimentos grandiosos para mim, tanto academicamente como pessoalmente, quanto históricos e culturais. O que eu digo, que talvez não tenha sido tão bem aproveitado, tenha sido o quanto à recepção na instituição quando eu retornei. A falta de compreensão de boa parte do corpo acadêmico atrapalhou que esse conhecimento fosse aproveitado e distribuído para todos. Mas eu me sinto satisfeito na minha parte, do que eu poderia ter feito, e do que eu fiz, conhecimentos esses que hoje inclusive eu uso para mim, no meu dia a dia, que me suprimiram a uma necessidade que eu sentia uma falta de conhecimento do mundo que a escola não chegou a me suprir tanto e que até se tentou, mas, talvez, eu não tivesse o despertar da maturidade, da consciência para entender aquela situação e por estar no exterior, ficou muito mais palpável.

Entrevistadora: Você desenvolveu alguma atividade extracurricular durante a mobilidade?

Entrevistado: Sim, extracurricular eu diria dentro de uma das matérias. Nós fizemos uma visita técnica, um passeio onde foi uma aula prática com guias, e foi exemplificado com ênfase nas linguagens das placas, como organizar esse passeio as medidas de segurança, os equipamentos que são necessários. Isso foi muito bom. Sem contar que a gente visitou locais históricos também, então, essa foi a atividade de extensão. Eu não fiz mais coisas porque o meu campus era um campus destacado, e as principais ações de extensão

ocorriam no campus principal, e sem contar, também, que para fazer algumas matérias que são exatamente de extensão eles têm alguns programas lá, elas ocupam o peso de uma matéria de uma matéria, que vamos dizer, eu teria um conhecimento mais teórico, e eu não quis trocar isso tanto pela distância, pela dificuldade de me locomover, quanto o gasto e tudo mais, e são atividades voluntárias, tanto quanto pra não perder a oportunidade de obter conhecimento nas outras matérias.

Entrevistadora: Bom, [...], então você disse que você destacaria então a qualificação profissional do lado do Instituto, do , bem diferente daqui do Ifal, e o ensino, você acha que o conteúdo ou a forma de avaliar, de cobrar também é diferente?

Entrevistado: Sim, eu acho que a diferença, ela parte não somente da qualificação, porque qualificação por qualificação, há professores que são muito bem qualificados, mas que deixam bastante a desejar. Eu acredito que seja uma coisa da mentalidade também e do ambiente, porque todos os professores se sentiam naquela necessidade de passar o conteúdo, de mostrar e trazer da melhor forma possível. A matéria de empreendedorismo, que eu paguei, eu vi um esforço que eu fiquei impressionado, eu vi a professora trazendo empresários para palestrar, eu vi professores de outras disciplinas vindo para palestrar quando o assunto era relativo à sua área. Por exemplo, as questões legais de abrir uma empresa, vinha um professor de direito e uma professora, no caso, as questões de contabilidade, vinha professor. Então, assim, é uma forma de se trabalhar a educação que é totalmente diferente. E tanto a faculdade, ela cobra isso dos professores, né? Eu pude sentir isso a partir do momento que uma das matérias, havia um problema, e a faculdade rapidamente corrigiu esse problema pontualíssima, quanto pela postura dos professores, em entender a importância da função deles, de entender que eles estão formando os futuros profissionais, então, assim, no Ifal, eu não digo que não há profissionais qualificados, há profissionais qualificados, mas, talvez a mentalidade de algumas pessoas, de não compreender a importância de sua função e, também, talvez a falta de uma cobrança, justamente por se tratar do serviço público e o nosso serviço público tem uma característica muito distinta de lá, os professores, talvez, em alguns momentos, alguns, não todos, certamente não todos, mas alguns, eu diria que fiquem acomodados.

Entrevistadora: Você também falou que quando voltou ao Ifal, você sentiu essa falta de aproveitamento. Você chegou a desenvolver algum projeto relacionado com que você cursou na mobilidade?

Entrevistado: No Ifal, não. Não cheguei a desenvolver nenhum projeto. Eu tive, e eu preciso ser honesto, eu fiquei um pouco deprimido com a recepção por parte do corpo acadêmico. Isso me deixou muito triste, eu fiquei dois anos deprimido com essa situação e eu meio que fechei o meu coração para o curso. Eu continuei, fiz o que tinha de fazer, eu fiz estágio, eu continuei na monitoria que eu estava fazendo, mas eu fiquei desanimado pra prosseguir com pesquisas e projetos que eu tinha pensado em mente porque eu pensei que a recepção seria diferente. Eu pensei que eu poderia expor para os alunos de uma forma mais ampla, né? Não no intuito de ensinar algo alguém, de querer ser melhor do que ninguém, mas na animação que a gente

vem, de querer compartilhar o conhecimento que a gente adquiriu. Mas, infelizmente, a recepção foi diferente do que eu imaginei. Muito embora, todavia, é passível de se acontecer, não é o correto, mas acontece, também. Então, isso me deixou muito triste. Eu fiquei muito frustrado com essa situação de professores, as pessoas de quem eu esperava o reconhecimento, esses professores não reconhecerem aquilo que eu fiz, ou não darem valor ao próprio curso ao qual eles ensinam.

Entrevistadora: Quais aspectos da sua vida profissional tiveram impacto depois da sua chegada ao Brasil? E da sua vida social pessoal?

Entrevistado: Olha, aspectos, eu diria que assim, profissionais, a mobilidade me auxiliou a adquirir o meu estágio, eu fui valorizado na seleção do estágio. Todavia, o mercado de trabalho em Alagoas é complexo. A gente sabe que o profissionalismo nem sempre está em primeiro lugar, mas, muitas vezes, está a amizade e o favorecimento. Então, isso terminou meio a se perder, em um momento foi muito valorizado, mas em outro momento, foi deixado de lado porque eu percebi que muitas pessoas, ao invés de darem valor e dar a respeito, sentiam inveja e indiferença. Isso, de certo modo me prejudicou, mas me doeu muito, porque inicialmente eu fui pensando de forma acadêmica. A minha visão era entrar para a área acadêmica, de pesquisa, de estudos, então, independente do que eu fosse eu no mercado de trabalho, a minha visão era para acadêmica e quando a área acadêmica, o corpo acadêmico do meu curso não me recebeu bem, então tanto o lado profissional quanto o lado acadêmico eu fiquei, digamos assim, perdido sem saber onde me encaixar. Mas eu não digo que foi ruim, porque houve um enriquecimento cultural pessoal e mesmo dos conhecimentos, eu não sei como vai ser o meu futuro profissional atualmente. Posteriormente a isso, eu fui aprovado na UFAL em economia, estava para começar agora esse mês de junho, mas, infelizmente, devido à minha situação econômica e de saúde do momento, eu decidi por não ingressar, mas se o futuro me for profícuo, eu pretendo ainda aplicar bastante os conhecimentos que eu adquiri, pois são muito amplos e podem ser úteis em muitas áreas.

Entrevistadora: [...], quais são os pontos positivos e negativos da sua estadia no exterior?

Entrevistado: Os pontos positivos, eu diria que, pra quem nunca tinha viajado de avião, é uma experiência única, de repente, você se vê estando no estrangeiro, eu que já tinha a felicidade de ser fluente em inglês, pude colocar o idioma em prática com pessoas das mais diferentes nacionalidades, e de uma forma única, é como se você não precisasse viajar para todos aqueles países pra você aprender a cultura, mas você tá vendo e convivendo com a cultura de todos aqueles países no mesmo local, porque cada pessoa traz o seu traço cultural, né? E isso fica muito evidente, então você aprende sobre vários locais estando em um local só. Academicamente, a oportunidade de tá obtendo aquele conhecimento, é quase como participar de um congresso, né, com palestrantes internacionais, mas que vai além do congresso, porque você está toda semana tendo aquele conhecimento com aqueles bons professores e bons profissionais. E, pessoalmente,

me enriqueceu em confiança, em cultura, né, em aprendizado histórico, certamente por ser em Portugal, mas ainda que fosse em outro país, teria um enriquecimento grande também. Foi uma oportunidade muito boa, muito única.

Entrevistadora: E os negativos, Lucas?

Entrevistado: Olha, negativos, quanto à mobilidade, eu não diria que teve lá aspectos negativos... Os aspectos negativos que houve, realmente, foram muitos pontuais, coisas pequenas, mas coisas do ser humano que pode acontecer em qualquer lugar do mundo, então, assim, a parte mais negativa que eu tive foi quando eu voltei para expor esse conhecimento, a recepção aqui não foi nada do que eu esperava, não foi uma recepção que eu digo, profissional, e isso me traumatizou um pouco, isso eu digo que foi realmente triste, mas eu me sinto feliz comigo mesmo pelo o que eu fiz e dentro do que eu tinha controle, saiu como eu esperava.

Entrevistadora: Você mencionou a necessidade de se usar uma língua estrangeira, que foi o Inglês, então você acha que o Inglês abriu portas pra você?

Entrevistado: Ah, certamente, certamente. Inclusive o reconhecimento por parte dos portugueses que ao me verem falando em inglês, de certa forma, eles me notavam de forma diferente, tanto os professores como os alunos. Eu terminei, me tornei um tradutor em certos aspectos para os estudantes estrangeiros, e isso foi uma coisa muito boa porque a todo momento eu estava aprendendo da cultura, das informações de como eram nos países deles, tal, fazendo amizades, e hoje eu tenho essa rede de contatos. Essa semana mesmo eu estava falando com um alemão, que me mandou vídeos da cidade dele e tal, então isso é muito rico, a questão de falar um outro idioma, no meu caso, é o inglês, mas eu não desvalorizo nenhum outro idioma, agora, que notadamente, o inglês, hoje, é a chave para o mundo todo, né, então assim, isso foi muito bom porque eu pude estar em contato com todos, tanto com os portugueses quanto aos estudantes das mais diversas nacionalidades.

Entrevistadora: Bom, [...], então deu para entender até aqui que isso também com a língua te favoreceu a amizades durante a mobilidade, e essas amizades ainda continuam, não é isso?

Entrevistado: Sim, essas amizades ainda continuam, um pouco distantes, mas continuam. O que ocorre é que assim, eu estou num outro continente e para me deslocar, para encontrá-los, termina sendo mais difícil, mais caro, mas essas pessoas, esses estudantes que viveram juntos, continuam se encontrando, continuam convivendo em seus países, uns visitam aos outros, mas, infelizmente, eu não posso estar exercendo desta mesma forma, mas continuo mantendo contato via internet, Instagram, Facebook, continuamos conversando sempre que possível, sempre que há um tema em comum para conversar.

Entrevistadora: Você sentiu algum preconceito por ser brasileiro?

Entrevistado: Sim, senti preconceito por ser brasileiro, é... de portugueses, é... e de certa forma de uma parte de alguns estudantes estrangeiros, também cheguei a sentir, mas que com o tempo foi superado devido à convivência, devido ao dia a dia, devido à comunicação, como eu falava com eles em Inglês, nós

chegamos a consensos e que é justamente uma das bases que o programa Erasmus tem, né? Embora eu não tenha ido pelo Erasmus, eu estava num programa para comunidades não europeias, mas eu convivi com os Erasmus, então, assim, o próprio programa tem como um dos seus fundamentos, proporcionar esta interação de várias nacionalidades, quebrar preconceitos, fortalecer o laço de amizade europeu, mas também, internacional. Então, isso ocorreu, com algumas pessoas sim, e com relação aos portugueses, tive sim, preconceito de alguns portugueses, coisas pontuais, algumas um pouco desagradáveis, mas que quando você para notar, o que ocorre é que, muitas vezes, tem uma questão histórica, uma rixa histórica por eles não aceitarem, digamos, ficarem pra trás, em certos aspectos o protagonismo do Brasil, hoje em dia, não de uma forma hegemônica, mas em algumas coisas, pelo tamanho, né, e em outros aspectos também, por alguns acontecimentos que acontecem lá com brasileiros que saem daqui para viver lá, para morar lá. Então, há um preconceito porque, às vezes, na própria cidade que hospedava o campus principal, houve um acontecimento histórico, que as mães de , que existia um prostíbulo de brasileiras lá, o dono era português, mas eram as brasileiras... então, tudo isso envolve, então, às vezes o brasileiro vai sem condição, termina se vendo em uma situação complicada, termina se complicando, ou não se comporta como eles exigiriam, ou esperariam, então isso termina se respingando e respaldando em todos os outros brasileiros. Assim como também há um preconceito grande contra o africano, mas na convivência, as pessoas mais cultas, mas mente aberta, entendem que cada pessoa é cada pessoa, cada pessoa é diferente e é como eu digo, o inglês me ajudou bastante, as pessoas me olhavam até com um olhar diferenciado. Eu cheguei a ter uma situação de uma portuguesa vir me perguntar: você é brasileiro, mas você é um brasileiro rico, né, que você fala inglês. Eu falei: olha, não é nada disso, e ela: mas os brasileiros, em geral, não falam em inglês, eu disse, olha, eu não digo que eu sou rico, eu sou classe média baixa, eu tenho geladeira na minha casa, mas o inglês é uma coisa tranquila de você conseguir, tanto que eles também conseguem de uma forma tranquila quando estão na universidade que o ensino de idiomas nas universidades é muito bem trabalhado. Então, assim, mas no geral, a mentalidade do brasileiro pra tudo que é estrangeiro, ela é muito fechada e isto termina afastando o brasileiro do contato internacional com o mundo, se você fala um outro idioma, é coisa de veado, né, o preconceito que existe e a falta de valorização do conhecimento, termina prejudicando essa interação e o avanço da sociedade e do país como um todo. É tanto as situações que a gente tem, o presidente participando de eventos internacionais e ficando deixado de lado, enquanto os outros presidentes se comunicam, riem e interagem entre si, então, é uma avacalhação para o brasileiro, então, um brasileiro que chega lá fora, que fala o idioma, ele é visto de uma forma diferente, ele é visto como uma pessoa que tem uma mente diferente, um posicionamento que está a nível de se comunicar com eles, então, isso é muito distinto. E outra coisa que prejudica também um pouco, eu não sei se prejudica, mas estigmatiza, é porque, assim, geralmente, o que ocorre bem, boa parte das pessoas que procuram mais a falar em inglês, em geral, são homossexuais, e que também vai muito homossexual nesses programas,

então, às vezes eles vem perguntar se você é também, entendeu, então, são situações cômicas, estranhas, mas que acontecem, entendeu, e quando há, não tem nada disso. São situações que você se vê e é muito distinta, muito diferente, poxa, por que pessoal? Ah, é por causa disso, então quando você vê essas coisas acontecendo, se você não tem a mente aberta, choca, mas que você estando ali naquela situação, naquela condição, você tem um papel de trabalhar aquilo para que pare de se ter este estigma e a coisa funcione da melhor maneira possível.

Entrevistadora: Você acha que a mobilidade acadêmica atendeu às suas expectativas?

Entrevistado: Eu acho que atendeu até mais. A mobilidade acadêmica pra mim foi uma oportunidade da vida, entendeu? Eu lembro que no primeiro dia de aula, eu tava na cantina da faculdade, eu chorei, foi engraçado porque eu chorei, você sente que todo seu esforço, todo seu trabalho, toda sua dedicação tá valendo a pena, tá tendo frutos, é... então, assim, a obtenção de conhecimentos, de experiências e de vivências... nossa, é... realmente muito rico. O que me deixa triste é a mente fechada do brasileiro, incluindo o corpo acadêmico que não soube me recepcionar e trabalhar todo esse conhecimento que eu tinha pra passar, mas, infelizmente, quanto a isso não há nada o que eu possa fazer.

Entrevistadora: [...], antes da última pergunta, você gostaria de mencionar alguma coisa, alguma coisa que eu não perguntei e você gostaria que ficasse registrado?

Entrevistado: Olha, eu acho que eu fui bastante claro em tudo, mas eu digo que, assim, é... a experiência que eu tive acadêmica em Portugal, eu vi professores, pessoas antenadas e em sincronia com o que está acontecendo no mundo, né, eu vi professores trazendo conteúdos, pesquisas, da organização mundial de turismo, né, eu vi professores trazendo conteúdo de mestrado de outras faculdades, professores trazendo dissertações para sala de aula, né, obras pessoais, conteúdo de pesquisa própria, eu vi professores trazendo material físico, inclusive, na matéria de história da arte, a professora é arqueóloga, trouxe fósseis para a sala de aula. Eu nunca tinha visto um fóssil, então, essa visão dos professores, da instituição, que é uma instituição muito dedicada, muito aplicada e quer se tornar uma referência, eles vivem essa competição entre as instituições porque a visão europeia é justamente isso, é trabalhar a educação como um produto, como venda e que isso traga destaque para o país, para que as pessoas queiram estar ali, queiram estudar lá e com isso queiram quantias e valores lá. Então, assim, enquanto que no Brasil, nem sempre é assim, nem todos os professores tem esse pensamento, muitas vezes não são fiscalizados, ou não se importam, ou estão acomodados, ou mesmo por displicência, não trabalham desta forma, a gente tem uma situação totalmente diferente. Na minha área, o que me deixa triste é porque a minha área, ela é uma área base para o estado, uma área base da cidade, é pra onde aponta a evolução econômica e de desenvolvimento e que os próprios professores não conseguem enxergar esse potencial e terminam por julgar a mobilidade como um desperdício de dinheiro, como um desperdício de aplicação de valores e não entendem que aquilo ali é um bem público, uma coisa que poderia ser trabalhada para todos, mas algumas pessoas veem como uma

viagem, como um passeio. Então, é muito triste, desmotivador, porque é o corpo acadêmico da minha área, né, e... isso me afetou, isso me desmotivou bastante. Hoje eu já estou melhor, meu pensamento já se realinhou, minhas expectativas já se renovaram, inclusive de ingressar para uma outra área, que quem sabe, visitar essa minha área também, de uma forma mais acadêmica. O que eu vi muito é que pelo curso que fazia no Ifal por ser um curso tecnológico, alguns professores têm uma visão limitada do curso e isso atrapalha com que eles desenvolvam o curso ou mesmo atrapalhem o desenvolvimento dos alunos do curso, limitando-os, e isso é um prejuízo muito grande, porque cada aluno é um ator que pode ser amanhã um fator de inovação naquela área, né? Em uma conversa com uma colega, eu fiz uma comparação, imagina se Albert Einstein estudasse no Ifal, se ele seria estimulado, não me comparando, mas se ele seria estimulado ou se seria limitado, então, é mais ou menos isso que lá as pessoas são muito estimuladas, você tem muito estímulo, as aulas são tão ricas que você não quer perder, né? Enquanto aqui, o que é, uma xerox, às vezes é um papel impresso da internet, lê-se aquilo e não muito mais que isso, obviamente que não são todos os professores. Há professores que têm paixão pela área e se dedicam extremamente, mas, infelizmente, no meu curso, parte do corpo docente, a maior parte não é tanto assim.

Entrevistadora: [...], para terminar, você se tornou uma pessoa diferente depois da mobilidade?

Entrevistado: Sim. A mobilidade me levou a um amadurecimento muito grande, no sentido de que, antes de eu ir, algumas pessoas me disseram o seguinte: olha, você vai mesmo, você tem certeza que você vai pra esse negócio? Eu digo, é por que? Não, cara, é porque isso atrai muita inveja. Eu digo, mas você acha? Inclusive na minha turma já tinha participado. Eu digo, mas bem, eu não vejo nada acontecer com fulano de tal, por que você está dizendo isso? Não, porque há coisas que atraem muita inveja. Eu senti na pele isso, é... de pessoas próximas, do corpo acadêmico, de alguns alunos, algumas pessoas criaram por mim uma admiração, um respeito muito grandes, mas, por um outro lado, eu também sofri inveja literalmente. E isso mudou um pouco a minha forma de ver o mundo, eu mudei uns hábitos sociais, eu acabei com redes sociais, eu continuo tendo elas, mas não posto mais fotos pessoais porque eu senti um... eu, como posso dizer, eu compreendi que algumas pessoas podem ser realmente cruéis e más, é... e podem não ter limites. Quando eu era mais jovem, no colégio eu sofri bullying, na época do Orkut e eu senti que aquela mesma coisa estava acontecendo agora comigo adulto, né, entre adultos e, principalmente, entre profissionais. Então, isso, isso me surpreendeu, porque atrito entre pessoas todo mundo tem, mas tudo tem o seu limite, tudo tem a sua razoabilidade, né, e eu creio que as pessoas devam se portar de uma forma profissional e madura, né, enfim, mas isso me mudou, eu mudei meu posicionamento, a minha forma de agir, de uma forma radical com muita gente. Eu era uma pessoa muito pra frente, muito estimulado e eu me tornei uma pessoa mais resignada. Não deixei de ser curioso, não deixei de ser inovador, de buscar conteúdos, mas me fez tornar uma pessoa mais resignada pra me proteger, porque você nunca sabe, e eu fiquei muito surpreso, inclusive, professores que me deram parabéns antes de ir, estavam me questionando a mobilidade, “mas esse não é

um curso disso.... não sei o quê”. Então, isso me deixou muito triste, eu fiquei muito surpreso. Houve um caso muito específico, radical, mas a radicalização não foi só de uma pessoa, então, isso me deixou muito surpreso, isso me deixou triste, né, porque a minha visão é que Maceió está despontando nessa área, inclusive, com a vinda de empresas portuguesas se instalarem aqui, no município de Barra de Santo Antônio, da hotelaria, e estudos vão ser necessários, né, aplicações vão ser necessárias e a falta dessa compreensão pelo corpo docente do curso, isso é rrsrsss mesmo que juntar água na garrafa e depois derrubar. É nesse sentido.

Entrevistado Ω - 12 de agosto de 2021.

Entrevistadora: Ok estamos iniciando a gravação com a representante do Ifal. [...], nós sabemos que o Ifal tem a política de internacionalização, tem Política Linguística e a internacionalização está no PDI, o plano de desenvolvimento institucional com alguns itens. E como está a articulação da CRI, coordenação de relações internacionais com a comunidade do Ifal?

Entrevistado: Na verdade, houve uma alteração recente no nosso plano de desenvolvimento institucional. Essa alteração ela revisou os indicadores e as metas institucionais e diante do contexto da pandemia e diante das incertezas relativas às nossas ações principais de mobilidade, porque dentro do PDI, os indicadores de que as relações internacionais tinham eram relativo ao número de alunos em mobilidade e também relativo a novos convênios, então, desde o início do ano passado, diante da incerteza e da falta de perspectiva desse programa ser retomado com os resultados que tinham sido planejados no PDI, a Diretoria de Planejamento retirou a internacionalização do nosso plano de desenvolvimento institucional. E aí, hoje, o momento e as nossas discussões são que, parte dentro do escopo da internacionalização, o que pode ser considerado estratégico para nossa instituição. Então, é uma revisão de um plano estratégico, apesar de hoje, aí um pouco do plano estratégico ele está sendo, as discussões estão sendo retomadas, hoje, com um novo olhar para a internacionalização. Um olhar muito mais focado no ensino de línguas, na consolidação desse ensino de línguas. E esse olhar foi direcionado. Então, hoje, a gente está montando uma nova estratégia, uma nova estratégia para a internacionalização, construída em cima desse projeto chamado Projeto Estratégico do Centro de Idiomas. Então, dentro das ferramentas que a gente tem de planejamento, a gente está desenvolvendo um novo projeto estratégico para o centro, com algumas metas e com um objetivo maior de entrega. Provavelmente, esse projeto, ele vai ser apresentado para a comunidade agora no segundo semestre. Com um cronograma de implantação, com algumas etapas de curto, médio e longo prazo. Então, nesse momento, a gente está nessa reformulação do nosso olhar estratégico para a internacionalização. O que, o que é relativamente, né, comum nas instituições e acho que foi muito impulsionado pelo, pela falta de perspectiva de retomada dos programas de mobilidade e muito estava na nossa expectativa. Então, a

gente, realmente, fez o direcionamento o que é do ponto de vista da internacionalização é essencial, este olhar para os idiomas que sempre a instituição teve, mas precisa muito mais agora do apoio da gestão para trazer isso de forma institucionalizada, não só com a coordenação, mas também, com o investimento da carga horária docente, enxergar as aulas de idioma como parte das aulas, não só para os cursos regulares, mas também, para a comunidade interna e externa. Então, é um processo realmente de revisitar a internacionalização e entender o ponto de partida. Então, a comunidade ainda não está totalmente envolvida porque é um projeto que a gente pretende só fazê-lo realmente chegar na comunidade quando tiver melhor estruturado. Então, se realmente o ponto é como a comunidade está acompanhando isso, acredito que a gente está nesse *stand by* para que o projeto tenha realmente o formato para apresentar para a comunidade.

Entrevistadora: Certo. Bom, nós sabemos que a mobilidade acadêmica é só uma das formas de internacionalização, mas é o que eu estou buscando agora, o percurso dos alunos que fizeram mobilidade. Então, como que a mobilidade impacta na instituição?

Entrevistado: A mobilidade é tanto das duas formas, ela possibilita, ela possibilita não só sem querer olhar no olho no olhar do aluno, mas a questão é realmente o olhar institucional como ela, então, a mobilidade tem que ser vista não apenas como uma oportunidade do aluno de viver uma experiência internacional, mas uma oportunidade de que esse aluno seja um meio para que ele possa compartilhar essas experiências interculturais e essas experiências também acadêmicas internacionais com toda a sua comunidade. Então, é por isso que os programas de mobilidade, eles têm que ser pensados também nessa devolutiva do aluno ao retornar como fazer com que aquele aluno compartilhe realmente a experiência não só, com digamos assim, um meio que está inserido ali, com o curso, com os colegas, mas com a comunidade num todo. Então, acho que até nesse momento da pandemia, a gente buscou algumas formas de trazer esses alunos que retornaram pra um compartilhamento geral, através justamente das tecnologias que a gente tem, esses webinars, esses eventos, porque a gente consegue difundir e disseminar a experiência que foi vivida e assim do ponto de vista da comunidade como um todo que traz para o instituto. A gente observa, também, que os resultados positivos que teve no nosso programa de mobilidade, eles foram resultados, digamos assim, é... motivaram os demais alunos, motivaram uma visão, também, mais institucional dos professores que não fizeram parte daquele processo. Então, assim, alunos que foram e voltaram, conseguiram disseminar a importância da mobilidade e muitos professores que não eram nem da área, mas que tiveram conhecimento. Então, a gente está em estágio muito inicial e seminal do nosso programa de mobilidade, mas a gente já percebe que a cada retorno, a cada ciclo, e é isso o que eu vi e ouvi na verdade porque eu não fiz parte de todo o processo, mas eu ouvi de alguns alunos que foram de círculos diferentes e alguns professores me relataram que eles conheceram essas oportunidades através dos próprios alunos. Ou seja, os docentes falando que os alunos são realmente a fonte de trazer a importância da mobilidade e as experiências que eles poderiam ter lá fora não só cursar uma disciplina ou não só passar um tempo fora, mas em termos de

networking, contatos, experiências e bagagens que eles conseguem ao longo desse período. Então, acho que é uma forma, também, da nossa própria comunidade docente conhecer as técnicas, conhecer o que é a mobilidade. Então, quanto mais alunos nós temos, mais esse retorno é dado, esse retorno, esse conhecimento e o que é preocupante, assim, esse período de falta de perspectiva é que a gente também cria, a gente perde um pouco essa crescente disparidade com o compartilhamento de informação e ficou um vácuo e a gente meio que tem que recomeçar um pouco do zero. Mas tem sido isso, e acho que não só, também, dos docentes, mas do ponto, do ponto de vista realmente da gestão. Eu acho que a gestão, de uma maneira geral, todas as pro-reitorias e a reitoria, os setores, as assessorias, elas não conhecem o programa de mobilidade. Elas só conhecem o programa quando a gente tem um resultado, quando o aluno retorna e ele faz esse compartilhamento. Então, é algo inclusive que o instituto deve realmente avançar, é a forma de difundir mais, de divulgar, de ter um canal próprio para divulgar, não só as oportunidades, mas divulgar o acompanhamento desses alunos lá. Então, imagine os alunos ao longo de toda a mobilidade, quando eles tiverem informação para compartilhar, a gente ter um canal para compartilhar essas informações e essas experiências em tempo real, porque o aluno faz isso na sua rede de familiares e amigos hoje em dia, o WhatsApp, enfim, mas por que não pensar nisso de forma institucional, de acompanhar e a comunidade acompanhar esse avanço ao longo do desenvolvimento? Então, assim, a gente realmente tem ideias para o futuro que não são fáceis de implementar.

Entrevistadora: Bom, então, quando você falou dessas ideias, muita coisa já vem da deliberação nº 18 que regulamenta a mobilidade acadêmica internacional do Ifal, que propõe esse momento de integração com a comunidade acadêmica, e o que é que o Ifal tem aproveitado?

Entrevistado: Certo. É, realmente, o nosso regulamento, ele prevê que deve haver esse momento. Não tem nome, não é claramente dizendo como ele é, com que frequência, mas o aluno já sabe que no seu retorno ele tem esse compromisso institucional. E a gente tem buscado, no âmbito do campus, porque obviamente cada aluno representa o campus. Essas ações acontecem no campo do campus de compartilhamento de informações. As relações internacionais, hoje, não acompanham de perto o que talvez seja realmente uma brecha aí para no futuro ter esse acompanhamento, também, porque o aluno retorna e essa divulgação deve ser em vários, vários âmbitos, não só no seu curso, digamos, o aluno não só aquele curso que ele faz parte, mas também no campus como um todo e porque não no instituto como um todo? Então, a gente tem buscado algumas oportunidades. Por exemplo, a gente realizou um webinar de mobilidade acadêmica onde a gente pode trazer alunos com experiências a compartilhar e para levar isso. Isso tem um impacto muito positivo porque não só os professores que não conheciam, que não sabiam o resultado dessa experiência de mobilidade, porque a visão é ainda muito restrita, a visão muito restrita, limitada do que é a mobilidade, apenas uma viagem é uma experiência de viagem. E aí, eu acho que isso é importante disseminar. Esses eventos e essas oportunidades de engajar a comunidade é a oportunidade de disseminar. Nós tivemos mais

dois outros momentos para compartilhamento dessas, dessas, experiências. Hoje, a gente tem a perspectiva de um outro momento, onde a gente vai compartilhar junto aos outros Institutos Federais do Nordeste as nossas experiências, e aí, também, a oportunidade de compartilhar, ir além da nossa comunidade local do Instituto Federal, mas há a perspectiva de trazer um desses alunos para compartilhar uma perspectiva regional, Nordeste, vários alunos que tiveram experiências diferentes de mobilidade e compartilhar suas experiências para toda, todo, todo digamos assim, a comunidade dos IFs do Nordeste. Então, essas ações que a gente tem feito para compartilhar. No ponto de vista da coordenação em si, nós estamos trabalhando agora, é importante registrar, Carla, que a gente tá trabalhando num relatório histórico de mobilidade, porque é a nossa preocupação agora. A gente ficou sem mobilidade esse tempo, a gente está com o cronograma, um cronograma, calendário acadêmico bem bagunçado, a falta de perspectiva de regularizar esse calendário. Essa pauta da mobilidade, hoje, a gente vê uma certa reatividade, por que pensar nisso agora? tem tanta coisa que tem que ser pensada antes, recurso, não temos recurso algum, nem sabe se pode sair, ainda existe ali... Então, é um momento muito peculiar por causa dessa pandemia para mobilidade. E a gente vê isso em todos os outros institutos. Então, assim, a gente está fazendo esse relatório histórico para que o relatório didático que possa ser (enxer...) possa ser visto como um resumo e talvez, hoje, o gestor que entrou agora ele não vê porque ele não acompanhou nenhum processo. Mas a gente montando isso, apresentando isso de forma muito didática e mostrando os resultados, de onde está, o que é que aconteceu, pode ser que eles vejam isso, enxerguem, aí realmente dê aquele ânimo pra retomada do programa.

Entrevistadora: [...], por que que eu estou perguntando isso? Porque com os dados colhidos dos estudantes nas entrevistas, né, dá pra perceber, até agora, que a contribuição da mobilidade foi muito mais pessoal do que institucional. Assim, relatam que foi um ganho de experiência e alguns subiram, conseguiram um mestrado, doutorado, devido à mobilidade que eles fizeram com as disciplinas cursadas lá fora. Eles relatam que eles apresentaram o relatório, que é a parte da cobrança da resolução, mas que isso a gente não vê o seguimento e não vê a continuidade. Como que você ainda vê esse caso, porque aqui, é um parêntese que eu faço. Na verdade, é o que mais tem me doído escrever sobre isto, que o ganho, mesmo com a contribuição do Ifal, em termos de nome, de ter todo um aparato antes para conseguir esse convênio, a ida com esse aluno, tem o gasto de tudo que a coordenação faz, do trabalho, e ainda tenho o financeiro, na bolsa. E quando eles relatam que isso não tem continuidade na instituição, que toda a bagagem que eles trouxeram não foi aproveitada, isso me dói, então, eu queria ver a sua posição porque eu não posso mais colocar a minha, porque tá muito doído, eu queria ver a sua.

Entrevistado: É... sobre isso, Carla, é difícil eu falar com tanta propriedade porque primeiro, que eu sou assim, não sou mais recém-chegada, mas eu cheguei na coordenação, assumi o cargo, assumi a minha função, hoje em dia eu não iniciei nenhum ciclo de mobilidade, eu não participei de nenhum processo seletivo, eu não acompanhei esse processo, eu não elaborei um edital, então, o meu papel foi acompanhar

os alunos que lá estavam. Então, inicialmente, os primeiros planos de estudos, eu, não passou porque não passou por mim, e aí, eu só peguei planos de estudos dos alunos que não retornaram, os alunos que prolongaram a mobilidade, e aquilo me chamou a atenção porque a falta de envolvimento das Coordenações nesse processo, de entender o papel de cada um nesse processo de mobilidade. Então, lá no nosso próprio regimento fala do papel das coordenações para aprovação do plano de estudo, para recebimento de relatórios, mas hoje a gente não vê o fluxo de envolvimento e o fluxo muito claro para esse processo. Aí a gente pode pensar, até que ponto essa dinâmica de mudança de coordenador essa dinâmica justifica isso. Na época, eu cheguei a ponto de entrar em contato com o coordenador de curso e o coordenador nem sabia dizer, que não sabia o que fazer com aquilo, o porquê ele estava sendo chamado. Agora, o aluno, se ele está apresentando um plano de estudo para prorrogação da mobilidade e você precisa avaliar se o plano de estudo dele é coerente, é uma avaliação técnica, criteriosa, para saber se aquilo vai ser proveitoso para o aluno e quando ele já está lá pra finalizar o curso dele. Então, eu percebo uma falta de alinhamento dos setores envolvidos com a mobilidade e de entendimento e de compreensão, mas talvez aí, isso tem impactado num processo de revisão desse regimento. Talvez os papéis têm que estar ainda mais claros neste regimento de mobilidade. Esses papéis têm que estar claros, esse fluxo, ele tem que ser construído, não apenas no papel, ele é um fluxo que tem que ser construído num sistema, no Sipac, onde você aciona a coordenação diretamente, ela tem que dar aquele retorno do documento, inserir, por exemplo, um relatório desse de plano de estudo, como um documento do Sipac, onde o coordenador, ele tem que dar o aval, um documento formalizado. Então, a gente percebe que, também, a mobilidade tem que ser vista de outra forma, já por conta dessas informações se perderem, isso é, a gestão do conhecimento puro. Essas informações, e esse conhecimento, ele é perdido, ele não é compartilhado, a gente não aproveita. Então, o que é que a gente pensa, também, isso eu posso falar, não temos ainda o resultado porque isso está no plano, com a nossa, a nossa mudança para a PRPPI, a coordenação pensa, também, em fazer uma mobilidade com um propósito mais específico, uma mobilidade com um propósito mais construído. Então, quando o aluno, ele tem ido para a mobilidade, estou falando mais mobilidade “imersiva”, quando o aluno ele tem ido, ele está indo pra cursar algumas disciplinas. E aí, ele não tem um projeto para ser desenvolvido. Então, a gente já está cogitando, até por falta de recurso, evitar que o aluno vá sem ser financiado, porque isso deixa ele muito solto. O aluno que não vai financiado, não vai com nosso recurso, hoje, ele está um pouco mais solto. Então, a gente quer fazer uma mobilidade com um propósito mais específico. O que significa isso? O desenvolvimento de um projeto de iniciação científica, ou atrelar a um projeto já existente, ou atrelado a um plano de desenvolvimento. A nossa ideia, também, é fazer com que mais atores participem nesse processo. Então, a ideia também é ter uma mobilidade onde o aluno que vá, ele tenha aqui um orientador dessa mobilidade na área dele. Então, se, o aluno, ele quer se candidatar para o nosso processo de mobilidade, ele tem que ter, não só o plano de estudo que a universidade fora exige, mas ele, também,

tem que ter uma proposta de desenvolvimento complementar, ou de um estágio, ou de um projeto de pesquisa e aí com o aval do coorientador aqui, né. Então, assim, a gente inserindo mais um ator nesse processo, a gente consegue ter mais resultado para a instituição porque é minimamente diretamente a essa pessoa aqui que pode acompanhar ele. Tecnicamente, eu falo tecnicamente porque na área de estudo dele, então, as relações internacionais, ela acompanha o andamento da mobilidade, mas tecnicamente a gente não consegue dar esse acompanhamento. Então, por exemplo, nós tivemos aluno, que teve aluno, que teve muita dificuldade com a disciplina que ele estava cursando lá. Por desconhecimento, este aluno inseriu essa disciplina no plano de estudo, o coordenador por falta de envolvimento, aprovou essa disciplina porque também o coordenador ele não conhece tudo tecnicamente e academicamente e aí, o aluno, quando chegou, o aluno teve uma extremamente, teve muita dificuldade, porque era diferente do que ele pensava, ele não conseguiu concluir o crédito com êxito. Então, a gente não sabe ainda muito bem que formato, mas o aluno ter uma pessoa, um professor da sua área acompanhando a mobilidade e, aí acompanhando, também, do ponto de vista disciplinar. O que você está cursando, o que tem a ementa, como é que você está desenvolvendo, você vai ter alguma possibilidade de projeto de pesquisa, ou então, já tem um projeto prévio aqui, o aluno desenvolver lá utilizando os laboratórios, fazer algo. É o elo, ser a ponte entre o professor daqui e o professor de lá. Então, esse formato está sendo revisto, porque a gente percebe que é muito difícil sem a participação direta do público, da coordenação e dos professores que esse retorno do aluno ele seja melhor aproveitado. O que a gente só tem como relações internacionais é aproveitar a experiência dele mais pessoal da internacionalização, mas a experiência técnica, o conhecimento ali que ele está adquirindo, isso se perde se não houver, realmente, esse engajamento nas coordenações, esse interesse dos professores.

Entrevistadora: Como que a instituição vê os convênios internacionais firmados, por exemplo, todos têm aproveitamento? Tem intenção de fazer outros? Tem alguma área específica que você, a coordenação vê os esses convênios?

Entrevistado: Ao longo, ao longo do tempo, nós tivemos vários acordos, alguns deles ainda são vigentes outros venceram. E aí, a gente, nas nossas discussões hoje, e até nesse momento da pandemia, da incerteza de futuro e também da mudança da Coordenação de Relações Internacionais, da mudança institucional, isto teve um impacto na prospecção e na formalização de novos convênios. Porque esse repensar da coordenação vai implicar, também, nessa formalização de convênios, fazendo, a gente fez uma análise dos convênios que a gente tinha e nas nossas possibilidades de fazer esse convênio, ele ser real, ele sair do papel e ser transformado em ações concretas. Então, hoje, a gente pensa que a gente não quer a quantidade, a gente quer realmente buscar qualidade desses convênios. Então, é um processo que ainda a gente está discutindo, estrategicamente qual é, e quais são as instituições que a gente vai querer manter convênio. E aí, a gente está construindo, Carla, uma rota assim, mais de vários níveis, convênios que a gente pode ter para o ensino técnico, que pode favorecer, convênios que a gente, e aí a gente já começou a conversar com

os departamentos respectivos, departamento de graduação, com a coordenação de pós graduação. Quais são os convênios que podem ser construídos e que a gente possa ter um convênio vivo. Um convênio, com uma dinâmica de funcionamento. E aí, a gente vê que muitas instituições, não falo só do Ifal, mas muitas instituições têm um convênio e aí, ao longo do período que ele fica vigente, não é desenvolvido nenhuma ação porque na verdade, às vezes, a gente trabalha na oportunidade e o convênio chamado Convênio de Oportunidade, está ali, a gente que quebrou aquela barreira do contato, a gente conseguiu contato com a instituição, que é tão difícil. Nós, os institutos federais, eles não são tão conhecidos lá fora, muita gente não entende o papel dos institutos federais. Então, quando a gente quebra aquela barreira das oportunidades nessas esferas, nesses, aí a gente segue muito esse percurso do CONIF, por exemplo, quando ele abre uma possibilidade, a gente vai lá e faz o convênio, mas hoje, a gente prefere, a gente realmente quer pensar que convênio a gente pode ter, e que dê resultados, dê frutos e hoje a gente tem relativamente poucos convênios. Acho que hoje poucos estão vigentes e aí a gente já se discute isso nessas áreas separadas. Quais convênios de pós graduação e como o próprio da pós graduação a gente pode ter? Precisa ter um outro? Existe lá como o Paraguai, existe com a UMinho, mas a gente precisa ter outro? E fazer outra coisa que eu acho importante para os nossos convênios, uma análise crítica dessa dos resultados dos convênios, cada convênio justificar porque tem esse convênio e o resultado e análise crítica e as intercorrências ao longo desse desenvolvimento. Então, é... essa análise crítica não deve ser feita só para as ações internacionais, então, por exemplo um convênio de Pós-Graduação, toda a Pró-Reitoria e a coordenação de pós graduação tem que estar envolvida. A gente teve problema com alguns convênios. Então, ela tem que ser envolvida para entender em que momento essa articulação falhou ou, que forma a gente repensar esse mesmo convênio ou, então, justamente, fazer a gestão, a gestão do conhecimento. Aprender com os erros para que nas próximas oportunidades a gente saiba realmente o novo caminho para não ter nenhum tipo de intercorrência com a nossa parceria. Enfim, não sei se respondi, mas se ficou qualquer coisa aberta, você pode falar.

Entrevistadora: Tudo bem. E agora, a Coordenação de Relações Internacionais como que vê a internacionalização do Ifal pós pandemia? Pelo processo de mobilidade e outras formas além de convênio, mobilidade, a internacionalização em casa, o é que está sendo já pensada? Você já falou algumas coisas, mas assim, para essa resposta ficaria assim, certo.

Entrevistado: Pós pandemia, vamos lá, a gente tem alguns desafios pós pandemia. Pandemia *per se*, a pandemia, e os bloqueios, as limitações de mobilidade física, a gente em todas essas dificuldades e a incerteza que hoje ainda paira sobre lançar o edital, porque isso tem implicações, a comunidade acadêmica se mobiliza, ela se envolve e a gente tem, também, um cenário muito negativo do ponto de vista orçamentário. A gente tem uma perspectiva muito difícil para 2022, então, o cenário para mobilidade é muito incerto e aí a gente começa a voltar o nosso olhar para o fluxo inverso, para o fluxo receptivo. Como ampliar, talvez, os nossos programas de recepção de estrangeiros, como pensar, também, em algum formato próprio

ou até um formato já existente de uma mobilidade virtual. Então, a gente tem incentivado os professores a participar dos editais com os parceiros do CONIF de mobilidade virtual na internacionalização em casa, mas a gente, também, já está, a gente já teve algumas conversas pra desenvolver um programa próprio de mobilidade virtual, ou seja, uma disciplina, um curso específico que possa ser desenvolvido em parceria. Mas é uma ação que depende muito, muito, muito da boa vontade, do interesse dos professores de cada área, porque as Relações Internacionais ela pode levar algumas oportunidades, a gente leva alguns editais algumas vagas, mas depende muito do interesse de cada um. Então, como a internacionalização, a gente tem olhado outros programas de mobilidade receptiva e possibilidades de trazer o mundo pra cá. Então, hoje, a gente já avançou um pouco mais nas discussões sobre o Pec-G, que é um programa do MEC, que é um programa que não deixa de ser uma mobilidade, uma mobilidade de longo prazo, onde o aluno vem cursar uma graduação inteira aqui. Então, hoje, isso já foi levado para a gestão, para as pró-reitorias, uma apresentação do programa, e já há uma perspectiva de formar, também, uma comissão quando a gente voltar para o presencial, uma comissão para a adesão ao programa Pec-G, e com essa adesão a gente vai conseguir aumentar o número de alunos estrangeiros que a gente recebe, e aí no nível além do que a gente tem a prática, que é de nível médio, para um nível realmente de graduação. E aí, dentro dessa estratégia, essa estratégia também para o Pec-G, a estratégia também de buscar parceiros para essa mobilidade receptiva, além mar, de países talvez na África, países do Caribe e países com identidades culturais, e a gente viu e vai abrindo realmente os olhos a alguns programas que estão surgindo de mobilidade, não só virtual, mas também em mobilidade para a recepção de estrangeiros. Aí, também, dentro dessa perspectiva, a gente já tem uma comissão que vai começar agora a trabalhar com o português como língua adicional para ter um formato ao aderir ao formato proposto pelo CONIF pra que a gente tenha esse formato já pronto, que a gente tenha uma equipe de Professores de Português prontas e aptas a ofertar essa disciplina e aí, também, dentro de uma perspectiva, não só de alunos que vêm, mas também para a comunidade, de repente de refugiados e pessoas que têm interesse no português. Então, acho que o nosso olhar de internacionalização modificou com a pandemia porque com a perspectiva de não ter muito recurso para enviar muitos alunos, a perspectiva de não saber como vai funcionar essa mobilidade pós pandemia. A gente tem algum otimismo de que vai voltar, mas a gente realmente não sabe e não tem a segurança de enviar um aluno agora, por exemplo, que não tem essa segurança. Então, nosso olhar agora vai ser um olhar realmente de receber mais estrangeiros, fazer esse fluxo inverso, até que as coisas realmente se estabilizem, que a gente tenha um programa sustentável, porque a gente não quer, também, ter um programa de mandar um aluno agora, mas que no semestre que vem não tem como mandar um aluno. A gente fala muito de ter alguma ação sustentável que seja uma ação consolidada e é uma pena a pandemia porque a gente estava num momento de grande consolidação da mobilidade, editais, assim, sagrados, toda a expectativa de sempre sair um edital, isso já estava entrando na agenda, a Instituição já sabia, já existia um recurso direcionado

para Relações Internacionais que nunca foi usado. Infelizmente, ele sempre foi direcionado, mas pós pandemia, num primeiro momento é um olhar para trazer o fluxo que a gente não está tão acostumado, tentar abrir nossas portas para o mundo. Enquanto isso, estruturar um programa de mobilidade para enviar um programa novo, sustentável e, obviamente, sustentável falo de como tentar chegar naquele patamar e todos semestres lançar um edital e talvez uma mobilidade mais direcionada com esse propósito e envolvendo mais atores na nossa comunidade. Então, é essa nova perspectiva para os próximos tempos.

Entrevistadora: Que bom. [...], eu fico imensamente agradecida pelas suas palavras e pela sua gentileza e pela sua contribuição que vai engrandecer muito a minha pesquisa. Tirou um peso das costas do que eu estou escrevendo, quer dizer, eu já tenho agora um outro olhar mais aberto, uma coisa que tá dando certo, já estou vendo outras perspectivas. Então, você tem mais alguma coisa a acrescentar pra mim? Eu estou grata, agora, mas se você tiver, toda a contribuição é bem-vinda.

Entrevistado: Só mesmo assim, se você precisar de mais alguma informação sobre os pontos que eu te falei, por exemplo, muito no que foi compartilhado agora é uma atualização do que a gente tem trabalhado ainda na esfera da perspectiva. Nós estamos em nova fase angustiante da coordenação, pra buscar o seu lugar, como eu falei pra você, nós saímos, nós fomos retirados do plano estratégico. Então, isso aí é um carimbo que, no momento, a internacionalização não está na nossa prioridade estratégica. E aí, com muita luta a gente está voltando, a gente regressa, mas com outro viés. Olha, já que a gente não tem perspectiva de novos convênios, mesmo que a gente faça só pra cumprir, só pra ter o indicador e bater a meta, mas a gente não vai ter retorno desses convênios no curto prazo, e a mobilidade também, a gente não tem essa perspectiva, então, estrategicamente, olhou-se pela grande pandemia, a gente não ia ter resultado dessas áreas. Então, realmente, foi um passo atrás. Mas a gente conseguiu voltar para um radar estratégico da instituição com ações mais nossas, ações mais locais que não dependem, independem de pandemia e independem, realmente, de tantos recursos, que é nossas ações do ensino de idiomas, enfim, esse novo olhar. Então, a gente está na fase realmente de saber o direcionamento. É isso e aí, a gente com a mudança, também, na Reitoria, a gente depende muito mais do olhar de uma pró-reitoria, que tem um olhar para a graduação, para a inovação e para a pós-graduação, em pesquisa. É isso aí, então a gente está, talvez, nosso direcionar e rota e as oportunidades seja também com esse olhar de uma mobilidade voltada para a pesquisa que aí a gente tem aquilo que você falou, a gente consegue trazer esse resultado mais institucional, com publicações, com projetos de pesquisa. Então, talvez seja algo que a gente espera, até porque, a gente vai ter uma limitação mesmo de recurso, de orçamento, então, pra justificar, direcionar esse orçamento de áreas que estão precisando para internacionalização, a gente tem que trazer esse propósito, e esse resultado não ser só para o aluno e fazer isso ser mais conhecido. Aí é isso, Carla.

Entrevistadora: Vou interromper a gravação.

APÊNDICE VI
Categorização das Perguntas
CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS

CATEGORIA: ACOLHIMENTO/ADAPTAÇÃO

		A	B	C	D
ACOLHIMENTO / ADAPTAÇÃO	Acolhimento Em Portugal	Entrou em grupo de WhatsApp antes de ir ao país; Uma pessoa foi busca-lo na rodoviária; Cidade pequena de fácil socialização.	Não teve problema;	“foi maravilhoso”	“foi muito bom”; a instituição passou todas as informações; Se sentia como nos filmes em que as pessoas saem de casa para estudar.
	Frio	Achou a parte com mais dificuldade, bem diferente do Brasil; As dicas de outras pessoas o ajudaram a enfrentar o frio.	Não sentiu tanta dificuldade.	Sentiu muito frio; “Todo mundo estava no mesmo barco”.	Sentiu frio.
	Culinária	Não teve problemas; É vegetariano e encontrou mais diversidade que no Brasil; Os produtos do Brasil são mais doces.	Sentiu falta da comida regional do Brasil.	Estranhou um pouco; Os portugueses comem muita carne suína.	Assustou por não ter feijão; Não sentiu tanta falta porque gostava da comida portuguesa; Sente falta da comida de Portugal agora.
	Choque Cultural	Os hábitos dos portugueses, o modo de ser; Os brasileiros são mais simpáticos e vê que os portugueses são mais rudes; Teve que se adaptar à coleta seletiva de lixo.	Achou que na cidade que se hospedou, os portugueses já estão mais acostumados com estrangeiros, então não sentiu tanto. Mostrou a cultura brasileira.	Acha que os brasileiros têm mais afetos uns com os outros; Mostrou aspectos da cultura brasileira a eles.	Sentiu muito com os significados diferentes das palavras; Estranhou ver alguns locais com símbolos do demônio.
	Preconceito	Sabe que existe e acha que é forte; “No meu caso, eu não senti, mas é uma realidade que está presente em Portugal”.	Não sentiu, mas sabe dos casos que existe lá em Portugal; “Eles acham que estamos invadindo o espaço deles”.	Sentiu alguma diferença entre algumas pessoas.	“A gente sabe que as mulheres sofrem preconceito lá devido à história que foi levada para Portugal”; “A gente não podia brincar com homes, qualquer piada para eles já era ousadia”.

A C O L H I M E N T O / A D A P T A Ç Ã O		E	F	G
	Acolhimento Em Portugal	“foi ótimo”	Foi muito bem acolhida; “importante a gente entender que quando a gente vai para um país estrangeiro, a gente precisa se desapegar um pouco do que é o nosso país, do que a gente tem como costume e entender o que são os costumes deles”.	‘Foi bom’; O que o chamou a atenção foi a segurança.
	Frio	Se adaptou bem ao clima.	Sentiu muito frio; Teve problemas mesmo se preparando antes.	Sentiu bastante a diferença; Considerou uma experiência única viver no inverno.
	Culinária	Estranhou o tipo de comida.	“Existe muita diferença de comida, mas vim ciente de que eu não podia ter aquilo que tenho no meu país, então vim aberta”.	Sentiu bastante diferença; Não gostava de carne suína.
	Choque Cultural	Não sentiu o choque cultural porque tem muitos brasileiros na cidade; São pessoas fechadas, sérias; “Achava que as pessoas estavam sendo ignorantes”	“Para mim, nem tanto, é mais como você encara o intercâmbio”; A forma como eles falam é muito rude; Eles não têm paciência para responder perguntas óbvias”; Apresentou a cultura brasileira.	Sentiu muito com a questão dos hábitos; Apresentou a cultura brasileira aos outros estrangeiros através de jantares, seminários.
Preconceito	“Sim, com mulheres”.	Sentiu em muitos momentos; Relatou a história que existia de um Bordel na cidade e o movimento das “Mães de Bragança”, conhecido internacionalmente; “Há este preconceito nesse sentido, tanto da parte das mulheres, de te olhar de uma forma diferente, e da parte dos homens, de achar que toda mulher brasileira é prostituta”.	Sentiu preconceito; Relatou a história do movimento “Mães de Bragança”.	

CATEGORIA: ENSINO

		A	B	C	D
E N S I N O	Aproveitamento das disciplinas	Sentiu que tinha ótima bagagem de conhecimento; “O Ifal não deixou nada a desejar, inclusive eu me considerava um dos melhores, uma das pessoas com melhor preparação nas turmas que eu estava”; Síndrome do vira-lata.	Cursou somente duas semanas, depois veio a pandemia; Professores mais exigentes; Aproveitou bem o curso durante a mobilidade.	Se aprofundou muito durante a mobilidade; Atribuiu a entrada no mestrado ao aproveitamento que teve nas disciplinas cursadas na mobilidade.	Repetiu algumas disciplinas que já tinha cursado no Ifal; Atribuiu a entrada no mestrado ao aproveitamento que teve nas disciplinas cursadas na mobilidade; Era uma das melhores alunas da turma.
	Uso de língua estrangeira	Atribuiu à entrada no doutoramento às disciplinas cursadas em Inglês; Viu como uma oportunidade devido o contato com outros alunos não falavam português; Cursou uma disciplina que era lecionada em inglês.	Sentiu a necessidade de usar o inglês; “As pessoas dão muito valor à língua inglesa, comerciais na TV são, geralmente, em inglês, tem material didático em inglês”.	Muita necessidade em falar o inglês; “Acho que todo mundo lá fala em inglês, até um mendigo na rua fala em inglês”; “Eles recebem muitos estrangeiros, então, a língua para se comunicarem é o inglês”.	Assistiu aulas em Inglês.
	Atividades extra curriculares	Não desenvolveu nenhuma.	Não desenvolveu nenhuma atividade por causa da pandemia.	Fez estágio numa escola portuguesa.	Fez estágio numa escola portuguesa; Participou de projeto interdisciplinar em Portugal.
	Atividades desenvolvidas ao retornar ao Brasil	Não desenvolveu nenhuma atividade no Ifal por causa da pandemia.	Não desenvolveu nenhuma atividade no Ifal por causa da pandemia.	Apresentou para os alunos da turma alguma atividade que desenvolveu lá (cobrança da Coordenação de Relações Internacionais do Ifal-CRI).	Apresentou o que aprendeu sobre ensino híbrido aos professores do curso do Ifal (cobrança da CRI).
	Diferença da maneira de ensinar entre as	Estrutura física; Laboratório mais equipados em Portugal; “No Brasil, a gente fica mais limitado aos livros, à sala de	“No Ifal, falta laboratório, não tem muita prática” <input type="checkbox"/> ou o IPB mais puxado que o Ifal; “No Ifal, os	Sente que no <input type="checkbox"/> os professores são mais pontuais e mais rígidos; “Eles não valorizam só a prova, eles	“A parte prática deixa a desejar no Ifal”.

	instituições	aula”; “No Brasil, o aluno tem inúmeras provas, trabalhos, em Portugal, as provas são no final do semestre”; “O conteúdo, em Portugal, não era fragmentado igual é no lfal”; “Em Portugal, no final do semestre tinha uma prova, dividida em parte teórica e prática, englobando todo o assunto da disciplina”.	professores não estão se reciclando”; Sente que as disciplinas no lfal estão defasadas.	valorizam o processo” .	
	Participar de uma outra mobilidade académica	Tanto faria que já está em Portugal para fazer o doutoramento.	Faria novamente.	Faria novamente.	Faria novamente, mas não no momento porque constitui família.

		E	F	G
E N S I N O	Aproveitamento das disciplinas	Acredita que o ensino do Ifal é mais rigoroso que em Portugal.	Em termos de ensino, o Ifal vai muito bem; “Eu acho que o Ifal não deixa nada a desejar”.	“Excelente”; Teve aulas com professores que atuam em outros países.
	Uso de língua estrangeira	Usou o inglês para interagir com outros colegas estrangeiros.	“O inglês em Portugal é fundamental”; Não fez curso extra em Portugal porque já tinha feito no Brasil: Praticou bastante o inglês durante a mobilidade.	“O inglês é fundamental”; Se destacou perante os portugueses porque falava em inglês.
	Atividades extra curriculares	Participou do projeto Dêmola.	Participou do projeto Dêmola; Participou de eventos na Associação Portuguesa de Educação Ambiental.	Em Portugal participou de visitas técnicas.
	Atividades desenvolvidas ao retornar ao Brasil	Não desenvolveu nenhuma atividade no Ifal por causa da pandemia;	Apresentou o relatório de intercâmbio (cobrança CRI); Não teve muito sucesso na elaboração de projetos por falta de contribuição dos professores.	Sentiu que o Ifal não o acolheu bem quando ele retornou; Não conseguiu repassar o conhecimento que ele adquiriu na mobilidade pro falta dos professores; Se sentiu frustrado em não poder desenvolver projetos no Ifal após a mobilidade.
	Diferença da maneira de ensinar entre as instituições	Acha que no Ifal tem mais conteúdo, mas ficou em dúvida se era por causa das aulas em Portugal terem sido online por causa da pandemia.	Acha que em termos de sala de aula, não tem diferença entre as instituições; Acha diferente na forma como os professores de Portugal têm o compromisso com os alunos; “Dentro do Ifal, os professores não dão tanto respaldo para a gente, e em Portugal, não sei se eles são mais cobrados, porque eles dão mais atenção a gente”.	Acha que os professores de Portugal são bem qualificados; “No Ifal, alguns professores são acomodados”.
	Participar de uma outra mobilidade acadêmica	Faria novamente.	Está em Portugal para fazer a graduação.	Faria novamente.

CATEGORIA: PONTOS NEGATIVOS

P O N T O S N E G A T I V O S		A	B	C	D
	Saudade da família	Sentia muita saudade; Conversava por telefone.	Mantinha contato através de vídeo chamada.	Fazia chamada de vídeo; Estava sempre em contato com a família; “A distância deixa a gente um pouquinho triste, mas faz parte do processo”.	Fazia contato por telefone, vídeo chamada, pelo menos 3 X por semana.
Aspecto financeiro	Teve ajuda do Ifal, mas teve que ter muito controle para pagar as despesas; “O câmbio é uma coisa complicada”.	Não teve ajuda financeira do Ifal; Pagou com suas economias.	Teve ajuda financeira do Ifal.	Teve ajuda financeira do Ifal.	

P O N T O S N E G A T I V O S		E	F	G
	Saudade da família	Fazia contato por telefone ou vídeo chamada.	“Eu tinha tanta vontade de estar em Portugal, de viver a mobilidade que eu não dei possibilidade para sentir essa saudade, eu sentia muita felicidade de estar vivendo aquilo que era como um conto de fadas”; Em outro momento relatou que tinha saudade da família sim.	Fazia contato por telefone, WhatsApp; Não sentia tanto porque tinha muita coisa para conhecer, vivenciar.
Aspecto financeiro	Não teve ajuda financeira do Ifal.	Teve ajuda financeira do Ifal.	Teve ajuda financeira do Ifal.	

CATEGORIA: PONTOS POSITIVOS

		A	B	C	D
P O N T O S P O S I T I V O S	Amizade com estrangeiros	Fez amizades com estrangeiros.	Fez amizades com estrangeiros e alguns estrangeiros querem visitar o Brasil; Ainda continua acompanhando os acontecimentos da cidade; “É como se fosse meu segundo lar”.	Fez amizades com estrangeiros e ainda continua com 2 portugueses.	Fez amizades com estrangeiros e ainda tem contato.
	Mudança Na vida pessoal	Amadurecimento muito grande; Acha que está mais adulto e independente; Consegue distinguir claramente o antes e depois da mobilidade.	Passou a ver o mundo de uma forma diferente; “Tem que ir com cabeça aberta e ser proativo”.	“Me tornei uma pessoa mais influente”; “Me tornei uma outra pessoa, a forma de ver a cultura, de não julgar as pessoas e passei a confiar mais no outro”.	Achou que a possibilidade de poder conviver com pessoas de diferentes culturas, marcou a vida dela; “Consigo motivara as pessoas a progredir nos estudos porque vale a pena”; Sente que está mais confiante; “Às vezes eu não acreditava que poderia chegar tão longe, eu não acreditava que isso poderia acontecer comigo”.
	Contribuição para a vida acadêmica/profissional	Percebeu que poderia chegar mais longe (doutoramento); “Expandi meus horizontes e minha visão de possibilidades”.	Aprendeu muito; Teve acesso a outras culturas.	Foi o pontapé para entrar no mestrado.	Entrou no mestrado.

P O N T O S P O S I T I V O S		E	F	G
	Amizade com estrangeiros	Fez amizades com estrangeiros e ainda tem contato.	Fez amizades com estrangeiros e ainda tem contato.	Fez amizades com estrangeiros e ainda tem contato através das redes sociais.
	Mudança Na vida pessoal	Acha que a mente ficou mais aberta; “A convicção que eu fui capaz de fazer uma mobilidade, posso fazer qualquer outra coisa fora”.	Desenvolveu a inteligência emocional; “Você trabalha os seus medos”; Assumiu uma postura diferente a até voltou para Portugal; “Vejo um degrau gigantesco entre o que eu era antes e o que sou agora”; “Às vezes, nem me reconheço amis. Mudei totalmente, ganhei uma independência que eu nunca imaginei que fosse ter”.	Achou que a mobilidade foi uma oportunidade única; Amadurecimento muito grande; Enriquecimento cultural.
	Contribuição para a vida acadêmica/profissional	Ajudou no currículo; “As pessoas que leem meu currículo, perguntam como foi a mobilidade”.	Achou que o currículo ficou globalizado; Aumentou o networking; Conseguiu voltar para Portugal e cursar uma graduação.	Auxiliou a adquirir o estágio; Foi valorizado na seleção para o estágio; Enriquecimento cultural; “É como participar congresso com os palestrantes no dia-a-dia”.

CATEGORIA: CIDADANIA GLOBAL

C I D A D A N I A G L O B A L		A	B	C	D
	Ser cidadão global	Se sentiu mais livre, mais sem raízes; “Depois que eu vim realizar o intercâmbio, qualquer país, qualquer região, não se tornou mais uma coisa impossível, tornou uma possibilidade, uma coisa muito mais palpável”; “viajar para outros lugares, morar em outros lugares, não me parece mais aquela coisa tão distante, tão dificultosa”.	“Eu não me considero cidadão global não, pretendo viajar mais pra me tornar um cidadão global”.	Acha que sim; Consegue orientar outras pessoas sobre o intercâmbio.	“Global é quando se refere que viajou para vários lugares?”; “Eu acho que aflorou mais quando eu voltei da mobilidade, porque a gente reconhece tanta coisa que a gente precisa ver e aprender, conhecer...”.

C I D A D A N I A G L O B A L		E	F	G
	Ser cidadão global	“Não me considero não”. “Porque mesmo que ele viaje, tudo assim, eu fico muito apegada aqui ao local, então tenho muita vontade de voltar a viajar, e até morar fora, mas sempre me sinto presa ao local que estou.	Se considera uma cidadã global; “Eu acho que antes já me considerava um pouco porque sempre li muito coisas de outros países, eu já tinha conseguido fazer uma viagem ao exterior antes, mas eu acho que sim”; “Eu moro fora do meu país, eu convivo com outras nacionalidades”.	Se considera um cidadão global; “Porque eu me considero uma pessoa de mente aberta, não tenho preconceitos contra nacionalidades e, assim, eu sempre fui muito curioso e sempre quis aprender sobre essas outras nacionalidades e culturas”.

Anexo I – Declaração para autorização da recolha de dados no campo da pesquisa



Campus de Guaitar
4710-057 Braga – P

Universidade do Minho
Instituto de Educação
Departamento de Ciências Sociais da Educação

DECLARAÇÃO

José Augusto Branco Palhares, na qualidade de Diretor do Curso de Mestrado em Ciências da Educação e simultaneamente na qualidade de Coordenador da área de especialização em Sociologia da Educação e Políticas Educativas do referido mestrado, declaro que **Carla Cristina Real Vieira de Andrade** está a desenvolver um projeto de dissertação intitulado *Percursos estudantis de mobilidade académica internacional: Um estudo exploratório sobre experiências dos estudantes do Instituto Federal de Alagoas*. Este projeto enquadra-se no Protocolo de Cooperação entre a Universidade do Minho (Portugal) e o Instituto Federal de Alagoas (Brasil) e visa a capacitação científica e académica dos servidores do IFAL. A pesquisa irá incidir, particularmente, junto dos estudantes do IFAL que estiveram envolvidos em percursos de mobilidade académica internacional. Prevê-se que a supramencionada estudante tenha necessidade de aceder a informações de natureza institucional, pelo que muito agradecemos a Vossa colaboração e a disponibilização de dados que venham a ser requeridos. Trata-se de um estudo pertinente, com fins meramente académicos, destinando-se apenas à conclusão do grau de mestre. Sendo um estudo que eu também supervisiono, no que respeita ao trabalho de campo e no subsequente tratamento dos dados serão escrupulosamente salvaguardados os princípios éticos e deontológicos da pesquisa em ciências sociais e educação. Serão acautelados o anonimato e a confidencialidade das fontes.

Neste sentido, solicita-se a colaboração das Direções e demais estruturas diretivas e pedagógicas dos *campi* onde irá decorrer a pesquisa, assim como dos professores e servidores que aí exercem a sua atividade educativa, para que o trabalho de campo decorra com a normalidade prevista e que no final se traduza em mais conhecimento sobre o quotidiano da Instituição e dos seus educandos.

Saudações Cordiais,

Braga, Portugal, Instituto de Educação da Universidade do Minho

20 de abril de 2021

(José Augusto Palhares)
(Prof. Auxiliar)

Anexo II – Declaração autorizando a realização da pesquisa no Instituto Federal de Alagoas



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Alagoas
Reitoria

AUTORIZAÇÃO PARA A REALIZAÇÃO DE PESQUISA

Eu, CARLOS GUEDES DE LACERDA, CPF: 475.046.174-15, RG: 1061753-SSP/PB, Reitor do Instituto Federal de Alagoas, autorizo a realização da Pesquisa intitulada: PERCURSOS ESTUDANTIS DE MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE EXPERIÊNCIAS DOS ESTUDANTES DO INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS, que tem por objetivo analisar a mobilidade acadêmica internacional como possível aquisição de um novo capital simbólico, o capital cultural.

Estou ciente de que a pesquisa será realizada sob a responsabilidade de Carla Cristina Real Vieira de Andrade e concordo que a mesma seja realizada no período de maio a dezembro de 2021.

Declaro ter conhecimento do projeto de pesquisa, conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 466/12 e 510/16. Esta instituição está ciente de suas responsabilidades como Instituição envolvida no projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Esta autorização condiciona o início da pesquisa e coleta de dados à apresentação do Parecer Favorável a execução da pesquisa emitido pelo sistema CEP/CONEP e a entrega de uma cópia do parecer.

Maceió, 28 de março de 2021.

Atenciosamente,

CARLOS GUEDES
DE LACERDA:
47504617415

CARLOS GUEDES DE LACERDA
REITOR

Anexo III – Declaração do Parecer do Comitê de Ética em pesquisa



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE DE
ALAGOAS - UNCISAL



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Percursos Estudantis de Mobilidade Acadêmica Internacional: um estudo exploratório sobre experiências dos estudantes do Instituto Federal de Alagoas

Pesquisador: CARLA CRISTINA REAL VIEIRA DE ANDRADE

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 45040921.1.0000.5011

Instituição Proponente:

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.744.718

Apresentação do Projeto:

O objetivo deste pré-projeto é desenvolver uma pesquisa de mestrado com o tema de internacionalização, analisando a mobilidade acadêmica internacional como possível aquisição de um novo capital simbólico, o capital cultural/conhecimento.

A título de esclarecimento adicional, capital cultural é um conceito criado por Bourdieu para explicar como a cultura se transforma numa espécie de moeda que as classes dominantes utilizam para acentuar as diferenças entre as classes dominadas. Já o capital simbólico é a representação social dos outros tipos de capitais, por exemplo, um diploma é um capital cultural para quem possui, mas também se torna um capital simbólico porque é algo que denota que a pessoa que o possui representa uma “pessoa importante” ou “de valor” para a sociedade. Bourdieu afirma que “toda diferença reconhecida, aceita como legítima, funciona por isso mesmo como um capital simbólico que obtém um lucro de distinção” (Bourdieu, 2013, p.111).

Nessa perspectiva, a pesquisa tem em vista inquirir o percurso dos alunos que fizeram a mobilidade acadêmica a fim de constatar o que mudou na vida deles.

Nesse sentido, a pesquisa se dará com dez (10) estudantes do Instituto Federal de Alagoas (Ifai) que cursaram um semestre acadêmico no em Portugal, como mobilidade acadêmica internacional.

Assim, para o levantamento dos dados, será realizado um trabalho junto à Pró-reitoria de Ensino do Ifai para coleta de informações relativas a esses estudantes no que diz respeito ao contato

Endereço: Rua Jorge de Lima, 113

Bairro: PRADO

CEP: 57.010-300

UF: AL

Município: MACEIO

Telefone: (82)3315-6787

Fax: (82)3315-6787

E-mail: cep@uncisal.edu.br



Continuação do Parecer: 4.744.718

peçoal (infere-se aqui que muitos já não estudam mais no Ifal), perfil acadêmico e socioeconômico, que serão a base do esquema quantitativo da pesquisa.

A técnica de coleta de dados para a análise qualitativa será por meio de entrevista presencial com perguntas semiestruturadas seguindo um roteiro.

Objetivo da Pesquisa:

PRIMÁRIO

O objetivo geral é investigar qual impacto que a mobilidade acadêmica internacional causa na vida pessoal, acadêmica e profissional desses alunos no regresso ao seu país levando em conta os aspectos sociais.

SECUNDÁRIOS

- Identificar os motivos pelos quais os alunos querem fazer mobilidade acadêmica internacional;
- Analisar o impacto na vida profissional e acadêmica do aluno após o regresso ao seu país;
- Identificar as dificuldades enfrentadas pelos alunos durante a mobilidade acadêmica;
- Descrever como os alunos reinvestem as experiências de mobilidade acadêmica nas suas comunidades após regresso ao seu país.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

RISCOS

Garantir o sigilo de dados dos estudantes participantes da pesquisa, utilizando os mesmos exclusivamente para a finalidade da pesquisa, aliás, o material será guardado em lugar seguro. Apenas o pesquisador do projeto, terá acesso aos dados e não fará uso destas informações para outras finalidades. Além disso, qualquer dado que possa identificar o participante será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa; Os entrevistados assinarão um Termo de Consentimento, esclarecendo sua participação na pesquisa com o detalhamento dos procedimentos que serão adotados durante as entrevistas.

BENEFÍCIOS

Os benefícios deste trabalho é ter dados que sirvam de base para consulta para novos rumos da

Endereço: Rua Jorge de Lima, 113
Bairro: PRADO CEP: 57.010-300
UF: AL Município: MACEIO
Telefone: (82)3315-6787 Fax: (82)3315-6787 E-mail: cep@uncisal.edu.br



Continuação do Parecer: 4.744.718

internacionalização do Instituto Federal de Alagoas no futuro. Ademais, espera-se que este trabalho possa contribuir para que Políticas de Internacionalização sejam implantadas/adequadas a fim de contribuir para o crescimento da instituição, promovendo a qualidade de vida da sociedade e garantindo uma educação pública para todos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O presente estudo se encontra de acordo com a Resolução 466/12.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Sem pendências

Recomendações:

Na última folha do TCLE, antes das assinaturas do participante e do pesquisador principal, deve estar claramente descrito, em fonte normal o nome do pesquisador principal, endereço residencial, número de telefone, e-mail e outro campo contendo: Nome da Instituição Proponente, endereço, formas de contato.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências

Considerações Finais a critério do CEP:

Nesta oportunidade, lembramos que o pesquisador tem o dever de durante a execução do experimento, manter o CEP informado através do envio a cada seis meses, de relatório consubstanciado acerca da pesquisa, seu desenvolvimento, bem como qualquer alteração, problema ou interrupção da mesma.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_1720267.pdf	11/05/2021 09:24:38		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Consentimento_Livre_e_Escl arecido_TCLE_novo.docx	11/05/2021 08:51:00	CARLA CRISTINA REAL VIEIRA DE ANDRADE	Aceito
Outros	Carta_Resposta_Parecer_10_maior.docx	11/05/2021 08:50:18	CARLA CRISTINA REAL VIEIRA DE ANDRADE	Aceito
Outros	Instrumento_coleta_de_dados_entrev	17/04/2021	CARLA CRISTINA	Aceito

Endereço: Rua Jorge de Lima, 113

Bairro: PRADO

CEP: 57.010-300

UF: AL

Município: MACEIO

Telefone: (82)3315-6787

Fax: (82)3315-6787

E-mail: cep@uncisal.edu.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE DE
ALAGOAS - UNCISAL



Continuação do Parecer: 4.744.718

Outros	ista_reformulado.docx	17:36:34	REAL VIEIRA DE ANDRADE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Consentimento_Livre_e_Esclarecido_TCLE.pdf	17/04/2021 17:36:13	CARLA CRISTINA REAL VIEIRA DE ANDRADE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Consentimento_Livre_e_Esclarecido_TCLE.docx	17/04/2021 17:32:11	CARLA CRISTINA REAL VIEIRA DE ANDRADE	Aceito
Outros	Carta_Resposta_Parecer.docx	17/04/2021 17:28:41	CARLA CRISTINA REAL VIEIRA DE ANDRADE	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_pesquisa.docx	29/03/2021 19:17:36	CARLA CRISTINA REAL VIEIRA DE ANDRADE	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo_de_responsabilidade_e_compromisso_do_pesquisador.pdf	29/03/2021 19:14:04	CARLA CRISTINA REAL VIEIRA DE ANDRADE	Aceito
Declaração de concordância	Declaracao_de_Isencao_de_conflito_de_Interesses.pdf	29/03/2021 19:12:20	CARLA CRISTINA REAL VIEIRA DE ANDRADE	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_Instituicao.pdf	29/03/2021 19:09:55	CARLA CRISTINA REAL VIEIRA DE ANDRADE	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_assinada.pdf	22/03/2021 18:19:52	CARLA CRISTINA REAL VIEIRA DE ANDRADE	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MACEIO, 31 de Maio de 2021

Assinado por:

MARIA DO CARMO BORGES TEIXEIRA
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Jorge de Lima, 113

Bairro: PRADO

CEP: 57.010-300

UF: AL

Município: MACEIO

Telefone: (82)3315-6787

Fax: (82)3315-6787

E-mail: cep@uncisal.edu.br

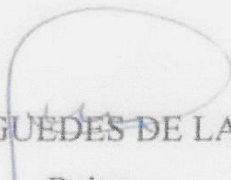
Página 04 de 04

Anexo IV – Declaração autorizando o uso do nome da Instituição



DECLARAÇÃO

Declaro, para os devidos fins, que estou de acordo com a utilização do nome do INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS- Ifal, por mim representado legalmente, nos termos do Decreto Presidencial de 10 de junho de 2019 (Diário Oficial da União nº 111, de 11/06/2019, Seção 2, p.1) na pesquisa intitulada “Percurso estudantis de mobilidade acadêmica internacional: um estudo exploratório sobre experiências dos estudantes do Instituto Federal de Alagoas”, submetida pela aluna Carla Cristina Real Vieira de Andrade, sob orientação do Prof. Dr. José Augusto Palhares, vinculada ao Programa de Mestrado em Ciências da Educação – área de Especialização em Sociologia da Educação e Políticas Educativas da Universidade do Minho/Portugal.


CARLOS GUEDES DE LACERDA
Reitor